



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social

Luiz Ricardo Prado de Oliveira

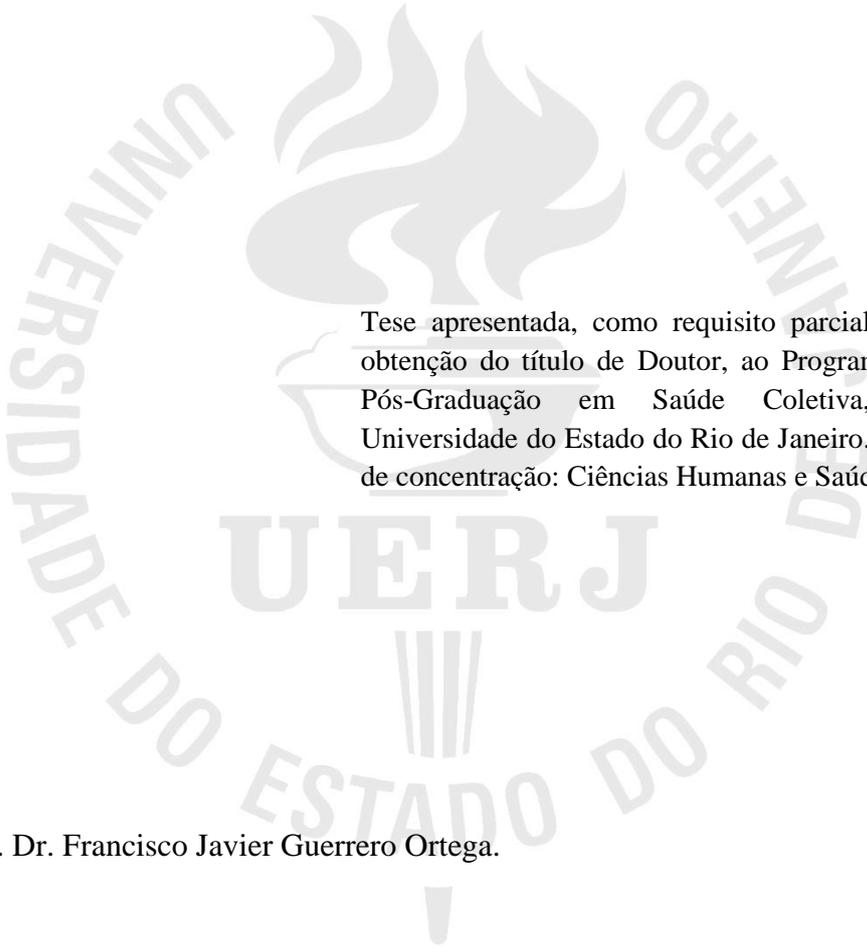
**O sentido da amizade em Ferenczi:  
uma contribuição à clínica psicanalítica**

Rio de Janeiro

2005

Luiz Ricardo Prado de Oliveira

**O sentido da amizade em Ferenczi:  
uma contribuição à clínica psicanalítica**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Javier Guerrero Ortega.

Rio de Janeiro

2005

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CB-C

O48 Oliveira, Luiz Ricardo Prado de.  
O sentido da amizade em Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica / Luiz Ricardo Prado de Oliveira. – 2005.  
154 f.

Orientador: Francisco Javier Guerrero Ortega.  
Tese (doutorado) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social.

1. Psicanálise – Teses. 2. Amizade – Teses. 3. Subjetividade – Teses. 4. Ferenczi, Sandor, 1873-1933 – Teses. I. Mguerrero Ortega, Francisco Javier. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 159.964.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada da fonte.

---

Assinatura

---

Data

Luiz Ricardo Prado de Oliveira

**O sentido da amizade em Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2005.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Francisco Javier Guerrero Ortega (orientador)  
Instituto de Medicina Social – UERJ

---

Prof. Dr. Jurandir Sebastião Freire Costa  
Instituto de Medicina Social – UERJ

---

Prof. Dr. Carlos Alberto Platino  
Instituto de Medicina Social – UERJ

---

Prof. Dr. Daniel Kupermann  
Instituto de Psicologia – USP

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Estrella D’Alva Benaion Bohadana  
Faculdade de Educação – UERJ

Rio de Janeiro

2005

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta tese a analistas criativos.

## AGRADECIMENTOS

A Paulo Sérgio Lima Silva, pelas conversas amistosas e incentivadoras.

À Cláudia Garcia, por tudo o que me ensinou.

A Daniel Kupermann, por ajudar a pensar uma psicanálise que seja criativa.

A Benilton Bezerra, pela acolhida no IMS/UERJ.

A Francisco Ortega, pelo interesse tanta vezes demonstrado, por tudo que pode oferecer de um saber sobre o tema da amizade, e ainda, pelo apoio sempre carinhoso.

A Carlos Alberto Plastino e a Jurandir Freire Costa, pelos questionamentos feitos quando da apresentação do projeto de qualificação, tão rigorosos quanto afetuosos.

Aos amigos da hora, como Bertine, Carlos Bezerra, Chaim Samuel Katz, Cristina Coelho Madeira de Freitas, João Paulo Vaz, Norma de Miranda Alonso, Odette Wildhagen, Sandra Mara de Mello Lopes e Vivian Arab.

À Mirian Felzenszwalb, por ajudar a me proteger de inimigos.

À Neyza Prochet, pela revisão atenta e respeitosa.

A meu irmão, Luiz Antônio Prado de Oliveira, pela disposição para travar combates, me auxiliando em alguns momentos extremamente difíceis, do ano de 2004.

A meus filhos, Joana e Pedro, pelos desafios que me levaram a enfrentar.

À minha esposa, Regina Célia, pelo carinho e alento, e pela paciência.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), pelo apoio financeiro, sempre pontual.

## RESUMO

OLIVEIRA, Luiz Ricardo Prado de. *O sentido da amizade em Ferenczi: uma contribuição à clínica psiquiátrica*. 2005. 154 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2005.

Esta tese examina o possível sentido atribuído por Ferenczi à amizade. São feitas considerações sobre o mesmo, a partir de um exame de relações pessoais de Ferenczi com alguns de seus pares, e no contexto de sua obra. A importância de uma reflexão sobre a amizade, sobretudo no campo psicanalítico da atualidade, se deve a uma preocupação sobre em relação aos desafios gerados no âmbito da clínica psicanalítica contemporânea. Considera-se que a liberdade dominante na cultura contemporânea contribui para a formação de subjetividades bastante resistentes à aceitação das condições mediante as quais a terapia psicanalítica costuma se desenvolver, ou seja, pela via da comunicação verbal. Por outro lado, a redução do senso de responsabilidade e da função crítica implicadas em escolhas e decisões, e observadas na contemporaneidade, se constituem em fatores adversos à situação analítica. Um dos aspectos da resistência então verificada deriva de uma formação egóica que pode ser caracterizada como tão plástica quanto rígida, cujo funcionamento opera de acordo com circunstâncias, e em função de os indivíduos não serem, na contemporaneidade, na verdade tão livres quanto a princípio se espera. Ferenczi, divergindo em parte de Freud, concede um maior destaque à importância dos afetos nas relações interpessoais, notadamente no âmbito terapêutico, de forma que enfatiza, por exemplo, a importância terapêutica da regressão e da contratransferência, para se lograr o equilíbrio da economia psíquica do analisado. Então, desde um destaque dado à implicação do afeto amizade em experimentações técnicas realizadas e nas considerações propostas por Ferenczi, esta tese situa o afeto amizade, experimentado pelo analista junto ao analisado, como uma variante importante na condução da cura analítica. Como suporte desta tematização, se recorre à Filosofia, no intuito de recensear alguns dos sentidos historicamente atribuído à amizade. O principal suporte bibliográfico utilizado é uma trilogia dedicada a este tema, publicada por Francisco Ortega, em que aquele é investigado desde a Antiguidade até a Contemporaneidade. Outros filósofos, aos quais este autor recorre, são Derrida e Foucault. Assim, conclui-se ser recomendável que o analista não se mantenha alheio às condições culturais e aos valores que influem nos processos de subjetivação, nem tampouco distanciado do que envolve o sofrimento de seu analisado, não se furtando, portanto, a apresentar-se, em certa medida, como um artigo. Compreende-se, então, que é preciso que o analista se implique cada vez mais no processo analítico, apresentando-se também como um amigo, à medida que esta postura possa se revelar terapêutica.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade. Clínica psicanalítica. Ferenczi. Amizade. Processo de subjetivação.

## ABSTRACT

OLIVEIRA, Luiz Ricardo Prado de. *The meaning of friendship in Ferenczi: a contribution to the psychoanalytic practice*. 2005. 154 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2005.

This thesis looks into the possible meaning ascribed by Ferenczi to friendship. Considerations are made starting from an exam of Ferenczi's personal relationships with his peers, and in his work. The importance of a reflection on friendship, especially in the present-day analytic field, comes from a concern with the challenges created in the scope of the contemporaneous psychoanalytic practice. The author regards the liberalism prevailing in contemporaneous culture as contributing to the shaping of subjectivities that are fairly resistant to the acceptance of conditions by means of which psychoanalytic therapy usually develops, namely, through verbal communication. On the other hand, decrease in sense of responsibility and in critical thought nowadays, implicit in choices and decision-making, appears as an adverse circumstance to the analytical situation. One of the aspects of resistance arises from ego formation which we can characterize as both, plastic and rigid, the functioning of which works according to circumstances, since individuals are not, truly, as free as one is led to expect in the present times. Ferenczi, dissenting partially from Freud, gives prominence to the importance of affection in interpersonal relationships, notably in the therapeutic sphere, so that he emphasizes the importance of regression and countertransference in the analytical process, in order to achieve a point of equilibrium on the patient's psychic economy. Therefore, starting from the importance given to the implications of friendship in Ferenczi's technical experiments and in the considerations he made, this thesis places it as an important variant in conducting analytical treatment. As a support to this theme, the author resorts to Philosophy, to get a broader view of the meanings historically attributed to friendship. The main bibliographical support for this conclusion is a trilogy published by Francisco Ortega, in which is explored this theme, from Antiquity to contemporaneity. Other philosophers, from whom this author has gathered insights, are Derrida and Foucault. As a conclusion, it is advisable that the analyst takes into consideration the cultural background and ethical values influencing the patient's process of subjectivation, and refrains from remaining oblivious to the suffering of the patient; in fact, the analyst should not abstain from showing himself as a friend of the patient, to a certain degree. With this, it is understood that analyst must involve himself more and more in the analytical process, also coming forward as a friend, provided it would be therapeutic.

**Keywords:** Contemporaneity. Psychoanalytic practice. Ferenczi. Friendship. Processes of subjectivation.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
1	<b>REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE AMIZADE</b> .....	8
1.1	<b>Derrida</b> .....	22
1.2	<b>Foucault</b> .....	37
2	<b>FERENCZI: UM SIGNO PARA A PSICANÁLISE</b> .....	50
2.1	<b>A importância dos pares no campo psicanalítico</b> .....	57
2.2	<b>Intercessão com Rank</b> .....	82
2.3	<b>Intercessão com Groddeck</b> .....	92
3	<b>A TEORIA DA TÉCNICA</b> .....	99
3.1	<b>Transferência como um “novo começo”</b> .....	110
3.2	<b>Contratransferência e identificação</b> .....	119
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	134
	<b>REFERÊNCIA</b> .....	148
	<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</b> .....	153

---

## INTRODUÇÃO

Transcorridos cerca de cem anos desde que Freud chamou a atenção para a importância da sexualidade na constituição da subjetividade e sua implicação nas diversas patologias mentais, a psicanálise se encontra desafiada por condições originadas no âmbito da cultura e que vêm se consolidando na contemporaneidade devido à produção de efeitos bastante problemáticos no que diz respeito à formação da subjetividade.

Apesar de ocorrer na atualidade o oposto do que ocorria no contexto repressivo do início do século XX, uma vez que a cultura contemporânea tem a liberalidade como uma de suas características dominantes, pode-se notar que esta influi na formação de quadros psicopatológicos complexos, sendo os mesmos refratários, em geral, a uma abordagem terapêutica unidirecionada, isto é, com base em considerações relacionadas exclusivamente à compreensão da dinâmica intrapsíquica<sup>1</sup>.

Diferentemente do que se verificava à época em que Freud advertiu para os efeitos psíquicos provenientes do excessivo recalçamento das pulsões sexuais<sup>2</sup>, a subjetividade contemporânea se destaca por ser dotada de uma plasticidade mesclada a uma rigidez, configurando uma ambigüidade que lhe confere, por vezes, a aparência de uma autonomia que é na verdade bastante frágil; o que se evidencia, nesses casos, é uma tendência nos indivíduos à submissão ou ao isolamento, que não implica necessariamente experimentar sofrimento ou, ao menos, ter a consciência do sofrimento. Essa ambigüidade, caracterizada então por uma plasticidade/rigidez, tem sua origem em uma espécie de intensificação pulsional que se mantém congelada no indivíduo, impedindo a consciência do sofrimento, de tal forma que o compele à ação irrefletida. No caso desta última modalidade de funcionamento, da ação compulsória, a consciência do sofrimento não ocorre apesar de haver uma pressão pulsional. É como se as ações envolvidas em descargas acompanhadas de pouco senso crítico dissessem respeito a um imperativo determinado desde um outro eu idealizado como todo-poderoso, o que resulta, inclusive, numa redução do senso de responsabilidade pelos próprios atos. Ao se sentirem também pouco responsáveis por seus destinos, os indivíduos contemporâneos não interagem de forma positiva com um tempo

---

NOTA. As traduções de trechos extraídos de livros editados em língua estrangeira, e que se encontram relacionados nas referências bibliográficas, foram feitas por este autor.

<sup>1</sup> O que aqui se considera, são as abordagens psicodinâmica e bioquímica que se restringem à perspectiva do indivíduo, não levando em conta a rede de relações em que o mesmo está situado, como família, amigos, organizações e a própria tessitura cultural em que este é formado.

<sup>2</sup> Ferenczi, em continuidade ao pensamento de Freud, nesta questão, chega a supor que poderia ocorrer no futuro o “desenvolvimento de uma orientação ‘individualista-socialista’ que leve em conta as diferenças naturais entre os indivíduos, suas aspirações à independência e à felicidade, assim como a necessidade de uma organização que a vida em comum impõe, mas que é difícil suportar” (FERENCZI, 1922a, p. 168).

que lhes escapa ao controle – necessariamente, em certa medida –, e com as frustrações que são inerentes à vida, de forma que experimentam invariavelmente muita angústia.

Ocorre, portanto, que a subjetividade contemporânea se caracteriza por se sustentar no estabelecimento de arranjos intersubjetivos que adquirem formas ao mesmo tempo rígidas e facilmente mutáveis, resultando daí, ao fim e ao cabo, um considerável potencial (auto)destrutivo<sup>3</sup> que se manifesta sob a forma de uma insuficiência no índice de autonomia no Eu e no fortalecimento da cultura de massa. Neste sentido, observa-se que a relação deste Eu com o outro se reveste invariavelmente de um caráter compulsório utilitarista, o que não implica, necessariamente, a consumação de atos destrutivos no plano da realidade<sup>4</sup>, mas contribui, no entanto, para a produção de dependências de toda natureza. Mesmo no caso do indivíduo ‘ativo’, aparentemente independente, a dependência se encontra presente, pois a relação com o outro só costuma ser estabelecida num enquadre em que ocorre uma significativa limitação das experiências relacionais possíveis. Neste caso, a dependência está relacionada ao estabelecimento de condições que garantam o domínio sobre o outro. A um exame mais minucioso, verifica-se que o quadro psicopatológico típico da contemporaneidade reúne em si próprio, de maneira mais ou menos alternada, ao menos duas modalidades de configurações subjetivas, que podem ser classificadas como portadoras de uma ‘síndrome da ação’, ou seja, alternam inibição da ação (depressões) e exacerbação da ação (compulsões).

Este quadro decorre, dentre outros fatores, da expansão da liberdade tornada possível desde o advento da Modernidade, momento histórico em que se verificam conquistas tecnológicas e, por conseguinte, a progressão de grandes anseios nos homens. Tais anseios se intensificaram ao longo das últimas décadas, resultando nos problemas apontados, e isto tanto no que diz respeito à formação das subjetividades como no que se

---

<sup>3</sup> Revelam-se serem bastante pertinentes, então, as considerações de Birman (1999) sobre o “pacto masoquista” estabelecido na modernidade. O autor argumenta que se produziu na modernidade, de maneira muito significativa, uma perda de referenciais identitários, de forma que os indivíduos tornaram-se presas fáceis do fascínio por um outro que parece ser todo-poderoso. A tendência a se inclinar no sentido da servidão, sem experimentar angústia, se apresenta, então, em consequência de um forte sentimento de desamparo desenvolvido no processo contemporâneo de subjetivação. Cabe também considerar a situação originada mediante a formação de redes sado-masoquistas decorrentes da expansão da Internet verificada na contemporaneidade. Esta proposição de Birman deve ser complementada com algumas teses formuladas por um emérito sociólogo, Bauman, relativas ao que foi estabelecido de maneira singular na modernidade e na pós-modernidade. As contribuições deste autor interessam devido à maneira como desenvolve sua reflexão, em que são ressaltadas as condições históricas – conflitos e lutas – que terão propiciado a produção de um processo de subjetivação bastante peculiar a estes novos tempos.

<sup>4</sup> A relação de dominação/dependência pode se desenvolver apenas no plano da virtualidade do ‘ser’, de forma que seus efeitos se manifestam primordialmente no âmbito psicológico, caracterizando-se pela formação de ‘automatismos’ que estão relacionados à formação do traço de caráter dócil e apaziguador da angústia.

refere ao equacionamento da vida social; diga-se de passagem, apesar de ser esperado que o progresso da civilização proporcione um maior bem-estar ao homem e, portanto, uma maior harmonia no contexto da vida social. Pode-se considerar, portanto, que o avanço no campo tecnológico ocorrido contribuiu para que se formasse uma fixação de natureza ilusória no homem contemporâneo, influenciando na expansão de um sentimento de onipotência que ou o paralisa ou o compele à ação de imediato, resultando no agravamento de problemas no âmbito da vida afetiva e no da formação de laços sociais.

Neste contexto, a clínica psicanalítica contemporânea se encontra desafiada com frequência, pois se trata de um quadro clínico fortemente resistente à abordagem psicanalítica ortodoxa que privilegia demasiadamente a esfera do verbal. É importante esclarecer que o que se compreende por ortodoxia psicanalítica é relativo a um complexo de princípios que implicam, dentre outras variantes, a atenção preferencialmente concedida à linguagem verbal, à noção da pulsão de morte relacionada ao 'auto-ataque' que pode dominar o indivíduo desde seu interior e, finalmente, à própria concepção determinista/individualista/unipessoal do indivíduo, compreendendo-se este, então, como uma substancialidade infensa a transformar-se tendo em vista a concepção de sua estruturação definida desde a infância.

Essa situação conduz à propriedade de se refletir sobre questões de natureza teórica-política-ética-clínicas, suscitadas a partir da exploração de um tema encontrado em Sándor Ferenczi, um neuro-psiquiatra húngaro contemporâneo de Freud e um de seus grandes amigos.

Dentre muitos dos temas abordados por Ferenczi, o da amizade pode ser destacado devido a sua importância na condução da prática analítica, pois este afeto se relaciona à sensibilidade requerida ao analista para que este consiga se posicionar favoravelmente em relação a diversas modalidades de funcionamento subjetivo. Um componente afetivo importante como este, relacionado a um modo de o analista se conduzir em sua prática clínica sob a forma de um amigo, pode se constituir em uma das variantes que podem auxiliar o analista a enfrentar resistências bastante complexas no curso das análises, como as que se apresentam nas subjetividades formadas na contemporaneidade. A relevância de tal tema se justifica, ainda, devido à importância que deve ser dada, na contemporaneidade, a valores morais integradores, como cooperação e solidariedade, tendo em vista observar-se o perigo da intensificação de conflitos em face do avanço tecnológico obtido, com a conseqüente invenção de 'máquinas de guerra' dotadas de alto poder de destruição. De fato, a violência gerada no contexto

contemporâneo é bastante preocupante, e se configura cada vez mais aguda, pois ocorre uma certa banalização da mesma, em parte alimentada pelo fato de o 'outro' ser correntemente despercebido em sua condição humana. Decorre daí, portanto, ser importante uma mobilização, inclusive entre psicoterapeutas, no sentido de que estes se disponham a elaborar estratégias clínicas como formas de combate ao que se apresenta em decorrência do incremento do individualismo acentuado desde o advento da Modernidade, uma vez que se compreenda que o trabalho analítico não deve ser desvinculado de uma luta mais ampla pela preservação de um sentido ético-político que atue em defesa da preservação da própria condição humana<sup>5</sup>.

Cabe ainda considerar que a tematização da amizade é também indispensável à atualidade psicanalítica, uma vez que se observa haver uma certa dominância, neste campo, de uma perspectiva que se dirige ao sofrimento psíquico privilegiando excessivamente o 'saber', sendo a esfera intelectual apresentada como elemento central e norteador da prática psicanalítica<sup>6</sup>. Nesta perspectiva, a prática psicoterápica se processa excessivamente voltada para um indivíduo considerado de forma unívoca, posto que reduzido à esfera restrita do intrapsíquico. Sustentando-se, então, na contramão desta tendência, este estudo compreende uma proposta que implica dimensões clínica, ética e política, em oposição ao que uma ideologia do individualismo engendra nas subjetividades e no laço social.

A argumentação proposta nesta pesquisa se origina, portanto, da convicção de que é de suma importância que os psicanalistas procedam a uma reflexão sobre uma disposição afetiva desta natureza – amizade/solidariedade –, considerando-a situada na interseção entre a técnica e a ética psicanalíticas, e também como um dos vértices constitutivos da prática analítica, à medida que se a compreenda como norteadora por uma essência

---

<sup>5</sup> Vide, a respeito da questão da importância da solidariedade na contemporaneidade, Bauman (1998, p. 246-257; 1999, p. 287-297). O autor apresenta uma denúncia contundente relativa a um déficit de solidariedade, como também propostas, a partir de uma extensa e minuciosa crítica relativa à intolerância e à farsa da liberdade, geradas na modernidade e na pós-modernidade. Vide, ainda, os livros de Arendt (1993), "A dignidade da política: ensaios e conferências", em que esta autora – mais uma vez – procura ressaltar a importância da política e do espaço público, em especial o capítulo "Compreensão e política" (p. 39-53), dedicado ao exame de algumas das condições nada evidentes em si mesmas, que dariam origem ao totalitarismo, e de Sennett (2001), "Autoridade", em que o autor apresenta o problema de os "vínculos de autoridade ou de fraternidade [envolverem aspectos] ambíguos e constantemente mutáveis..." (p. 23). E ainda, Sontag (2003), "Diante da dor dos outros". Acrescente-se, ainda, que a tematização relativa ao que se encontra implicado na formação de 'novas subjetividades' foi elaborada por este autor, em trabalho apresentado no VI Fórum Brasileiro de Psicanálise, realizado em São Leopoldo/RS em 2001, com o título "Novas subjetividades: um desafio à psicanálise".

<sup>6</sup> Em sentido oposto a esta concepção da prática clínica, vide carta de Ferenczi para Groddeck, de 5/10/ 1923, em que o artigo escrito em parceria com Otto Rank, "Perspectivas da psicanálise" (1924a), é definido como um "trabalho técnico-político-científico" (DUPONT *et al.*, 1982, p. 91).

revolucionária constitutiva do saber psicanalítico, em articulação com a prática do ‘cuidado de si’<sup>7</sup>. Esta consideração se justifica ao se verificar que este saber surge, em sua origem, comprometido com o questionamento das modalidades de ação psicoterapêutica vigentes no final do século XIX/início do século XX, no intento de se obter a cura de formações psicopatológicas que derivariam do poder exercido pela repressão e outros mecanismos defensivos que atuariam nessas formações, questionando-os, então – a repressão e os mecanismos defensivos –, em seus efeitos, seja no âmbito do indivíduo seja no da cultura.

Uma vez clarificadas essas considerações, que visam a destacar a importância do sentido da amizade em Ferenczi, sobretudo em se considerando o contexto contemporâneo, torna-se oportuno recorrer à filosofia, uma vez que se pode verificar que esta oferece subsídios importantes para a reflexão sobre o tema da amizade. De fato, podem ser encontradas indicações no pensamento de alguns filósofos que possibilitam aprofundamentos bastante enriquecedores em relação a este tema. Tomando como ponto de partida contribuições do filósofo espanhol Francisco Ortega, cujos estudos minuciosos sobre a amizade remetem a sua relevância no que diz respeito às relações interpessoais na contemporaneidade – tendo em vista sua abordagem abranger todo um campo ético-político-filosófico –, obtém-se suficiente esclarecimento quanto ao interesse, para a prática clínica, de uma temática não raras vezes encontrada no legado deixado por Ferenczi aos psicanalistas. A pesquisa filosófica sistematizada por Ortega<sup>8</sup> oferece claros subsídios para se pensar a contribuição de Ferenczi, sendo também acrescida, nesta pesquisa, de questões formuladas por dois filósofos franceses, acerca do tema: Derrida e Foucault.

Um dos assinalamentos de Ortega, fundamentais para a compreensão da importância do aporte concedido pela filosofia a esta temática – da amizade –, tem como ponto de partida uma reflexão de Deleuze (1992, p. 154-159) sobre o que este define como “intercessores”. Deleuze é considerado por Ortega um “alterego” de Foucault, um amigo, portanto. No entender daquele filósofo, é preciso haver intercessores para que haja criação, sejam eles fictícios ou reais, de tal forma que se constitua uma série ou uma comunidade, mesmo que pequena. Um dos estudos realizados por Ortega, dedicado ao pensamento de

---

<sup>7</sup> Esta é uma noção a que Foucault dá relevo em sua obra, como se pode verificar no primeiro capítulo desta pesquisa, e que merece ser considerada por psicanalistas, tal como o aponta Birman em “Entre cuidado e saber de si: Foucault e a psicanálise” (2000, p. 97-100).

<sup>8</sup> Trata-se, em Ortega (1999; 2000; 2002), de uma trilogia dedicada à questão da amizade, cujo foco de interesse principal é a revalorização de práticas sociais, na contemporaneidade, que envolvam a valorização de um laço afetivo destinado a ser potencialmente questionador de normas e preconceitos estabelecidos. Trata-se também de pensá-lo capaz de fomentar o restabelecimento da vida em comunidade e da política, compreendidas como relacionadas à liberdade, à realização humana e, portanto, à promoção da felicidade no homem.

Foucault, “tem como objetivo principal o desenvolvimento de uma ontologia da amizade, ao lado da tentativa de realçar as dimensões agonística e intersubjetiva do cuidado de si, relacionando-as com a análise da amizade” (ORTEGA, 1999, p. 25). O estudo filosófico da amizade também tem a intenção de se contrapor ao “apego exacerbado à interioridade, à ‘tirania da intimidade’<sup>9</sup>, [que] não permite o cultivo de uma distância necessária para a amizade” (ORTEGA, 2002, p. 161). Estas considerações já evidenciam, em certa medida, a riqueza do que o campo da filosofia pode propiciar à discussão desenvolvida ao longo deste estudo.

Acredita-se, então, que uma leitura atenta do que Ferenczi deixou indicado sobre a questão da amizade promete fornecer indícios importantes para se pensar desafios colocados por certas patologias na contemporaneidade, sobretudo no que diz respeito à questão da neutralidade do analista. É desde esta perspectiva, portanto, que se pretende demonstrar a importância do afeto amizade – seja no que diz respeito à relação entre os pares, no campo psicanalítico, seja na clínica psicanalítica, entre analistas e pacientes –, de forma a contribuir para o estabelecimento de parâmetros que implicam uma compreensão bastante singular da prática psicanalítica e do desenvolvimento de seu saber, correlacionando-a assim a um estatuto ético-político que compreende a importância da sensibilidade e do senso de responsabilidade no exercício do ofício da psicanálise. Assim, pretende-se contribuir para que a prática psicanalítica se habilite de forma mais promissora ao enfrentamento de desafios que a provocam, na contemporaneidade, mobilizando-a no sentido da elaboração da formulação de estratégias de cura o mais possível eficazes.

Obviamente, não se pretende definir diretrizes de ordem técnica. Trata-se apenas de dar destaque à posição do psicanalista em face da trama dos afetos emergentes na experiência analítica, na tentativa de que este possa compreendê-los o mais possível, buscando com isso possibilitar que a evolução do processo analítico influa de maneira bastante consistente na subjetividade do analisando, como Ferenczi se propôs em sua prática clínica, ao longo de toda a sua vida, mesmo antes de tornar-se psicanalista.

---

<sup>9</sup> Expressão forjada pelo sociólogo americano Richard Sennett, para caracterização da sociedade contemporânea: ‘tirania da intimidade’ diz respeito à “vida pessoal desequilibrada e uma esfera pública esvaziada” (ORTEGA, 2000, p. 109).

---

## **CAPÍTULO 1**

### **REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE A AMIZADE**

As reflexões filosóficas sobre a amizade, que operam como um substrato desta pesquisa, derivam principalmente de contribuições oferecidas por Francisco Ortega. Ortega é autor de uma obra em que se encontra uma sistematização admirável – um estudo filosófico –, dedicada a este tema: são destacadas pelo autor, sobretudo reflexões de Arendt, Derrida e Foucault. Para efeito das considerações que interessam a esta pesquisa, ou seja, passíveis de serem relacionadas à noção de amizade encontrada em Ferenczi, são abordadas a seguir, de forma mais detida, e em duas seções, apenas algumas das proposições extraídas de parte da obra dos dois últimos filósofos citados. Antes, no entanto, cabe explicitar algumas questões de interesse desta pesquisa, que estão apresentadas no contexto do estudo realizado por Ortega.

Autor de uma trilogia dedicada à amizade, Ortega não visa apenas à reflexão filosófica relacionada ao tema, mas, fundamentalmente, estabelecer uma aproximação desta modalidade de relação intersubjetiva com os diversos aspectos encontrados nos discursos filosóficos que a tematizam, no intuito de articulá-los a práticas sociais e a uma politização que ele entende serem indispensáveis, sobretudo no contexto contemporâneo. Seu estudo implica, portanto, a realização de um percurso histórico desde a Antiguidade até a Modernidade, como forma de evidenciar, dentre outras coisas, um processo político que dá ensejo a que se constitua “no século XIX a hegemonia da família nuclear e o declínio das práticas e da reflexão sobre a amizade na sociedade moderna” (ORTEGA, 2002, p. 15), implicando um certo esvaziamento da esfera pública.

Na perspectiva elaborada por este autor, “o declínio da amizade nas sociedades contemporâneas está ligado aos processos de despolitização e familiarização do privado” (ORTEGA, *loc. cit.*); sua argumentação evolui no sentido de advertir para os riscos deste processo, notadamente no que diz respeito à produção de totalitarismos na esfera política. Assim, desde logo se pode constatar a relevância de suas considerações para o campo psicanalítico, à medida que os psicanalistas se encontram convocados para uma tarefa bastante difícil, que envolve uma busca de viabilização da prática clínica com modalidades de configurações subjetivas, que se mostram marcadas por uma significativa ausência de conflito, por se manterem isoladas e subjugadas – tendo em vista a dominância do individualismo –, ou ainda, por se manterem fortemente vinculadas a seus objetos primários de satisfação: as figuras parentais. Essas configurações subjetivas encontram-se, portanto, numa condição de dependência que as esvazia de um quantum de angústia

indispensável para o desenrolar de um processo de cura, ou então, para uma inicial mobilização para que seja feita uma demanda de análise.

Ortega destaca quatro aspectos importantes, extraídos do exame de concepções filosóficas relacionadas ao laço de amizade, que interessam, em certa medida, à discussão encaminhada nesta pesquisa: relação das partes envolvidas com a Verdade e o Bem (Platão)<sup>10</sup>, amizade como uma benevolência recíproca (Aristóteles) – em que o amigo “é um fim em si mesmo e não um meio para atingir algum fim” (*ibidem*, p. 40) –, hospitalidade como “forma de se relacionar com o estrangeiro” (*ibidem*, p. 18) e civilidade – como forma de favorecer o cultivo da democracia mediante o desenvolvimento da comunidade de interesses (Aristóteles). Estes aspectos, cujos fundamentos foram elaborados por discursos filosóficos da Antiguidade, conforme o demonstra um inventário realizado por Ortega, sobretudo no último livro de sua trilogia, implicam particularidades que não interessam discutir a fundo no contexto desta pesquisa, mas que devem ser evidenciadas, uma vez que demonstram convergir para aspectos manifestos no discurso e na prática de Ferenczi, auxiliando, assim, na elucidação do sentido contido em sua compreensão do laço de amizade.

Há que se destacar, em primeiro lugar, que o filósofo está voltado para a elucidação do que é a Verdade e o Bem, e que esta elucidação envolve não apenas o voltar-se para si mesmo, no intuito do aprimoramento de si próprio, mas também a prática do diálogo com o outro. A associação entre o conhecimento e o desenvolvimento das virtudes constitui-se num traço proeminente no pensamento grego, como também o interesse pela construção da vida em comunidade. Neste sentido, dedicar-se a refletir e esmerar-se no cuidado de si são empreendimentos que estão intimamente relacionados ao desenvolvimento da comunidade humana. Isto, porque a reflexão, na Grécia antiga, implica focar a exterioridade, estabelecendo um diálogo com todos os elementos nela existentes. Desde aí, pode-se entender que é “a escolha do diálogo como forma de filosofar [que] testemunha a importância da *philia* para a filosofia” (ORTEGA, 2002, p. 25), sendo impossível dissociá-las.

A concepção aristotélica compreende o amigo como um ‘segundo eu’, ou um ‘outro eu’ (*cf.* ORTEGA, 2002, p. 40), pois, assim como Platão, Aristóteles também considera que o homem não é auto-suficiente, e que por isso necessita de amigos, ou seja,

---

<sup>10</sup> Platão não manifesta ter, segundo Ortega (2002, p. 29), “muito interesse em distinguir entre amor e amizade (...), pois é exatamente dessa fluidez conceitual que se originam os importantes deslocamentos que conduzirão à amizade como uma espécie de Eros sublimado”.

tanto para o desenvolvimento e cultivo de virtudes como para afastar-se da ignorância e alcançar a felicidade. A felicidade, por sua vez, consiste numa miragem que se elabora com base na importância dada ao cuidado de si – um objetivo de vida praticado pelos gregos –, tarefa esta que não envolve apenas a esfera do espírito nem tampouco a do indivíduo, já que este não é considerado como um ser que se forma alienado do outro. Na cultura grega, este cuidado de si concerne a uma prática que envolve necessariamente o outro e a cidade em que se habita. Por isso, relaciona-se a uma função terapêutica ou curativa, em que mente, corpo e afeto são concebidos de forma integrada. Assim, lê-se no “Banquete” – Discurso de Erixímano –, num momento em que a prática médica é descrita:

[a medicina] é a ciência do amor nos corpos, relativamente a sua repleção e evacuação, e aqueles que nesses movimentos conseguem estrear o bom do mau amor, esse é um bom médico. Aquele que suscita o aparecimento de amor onde não havia amor, e onde não era necessário, e elimina um amor existente, quando pernicioso – esse, inegavelmente, merece o título de excelente médico (PLATÃO, p. 116).

Nota-se, então, que na Antiguidade o homem é considerado como uma unidade corpo/mente e como um ser social, cujo desenvolvimento se dá de maneira orgânica com o outro, posto que “a consciência de si, a identidade pessoal, se dá através do outro” (ORTEGA, 2002, p. 41). A noção grega relativa à subjetividade era diferente da nossa; a introspecção não era conhecida, de forma que a consciência não era compreendida como reflexiva e individual, mas sim como existencial e universal, voltada para fora e, portanto, para o outro. Esta condição, relativa a uma interdependência compreendida como imanente nos indivíduos, implica que, na concepção grega, um “eu” deve compartilhar a procura do conhecimento com “outro eu”, o que se relaciona, por sua vez, à construção da vida em comum e ao cultivo da amizade, considerando-se que, para tanto, é preciso que haja uma ‘benevolência recíproca’ entre as partes envolvidas, sem qualquer intuito de uso e exploração.

A vida em comum, que também suscita questões relativas a relações de hospitalidade para com os estrangeiros, é regida pelo ideal de uma vida comunal que se reflete na preocupação com os modos de organização do Estado e com as leis, sendo assim articuladas amizade e política. No entanto, como o demonstra Ortega, Platão e Aristóteles não excluem a família deste complexo de aspectos relacionados à amizade, muito pelo contrário, pois, se o que se pretende é o estímulo a trocas entre os indivíduos é necessário processá-las à margem do poder exercido pelo Estado. Neste sentido, se postula que tanto a família quanto o grupo de amigos (deste, ficando excluídos os indivíduos estrangeiros,

considerados então como inimigos) devem se constituir nos espaços mais apropriados ao desenvolvimento de diálogos que se direcionem para a descoberta de verdades.

Buscar verdades e o conhecimento de si (Sócrates) remetem à aceitação das próprias faltas e carências, e a verdadeira sabedoria consiste em aceitar a própria ignorância. Para tanto, é preciso que o indivíduo se abra para o que é diferente de si próprio, o que requer que ele liberte-se de dogmas e de princípios da autoridade, ao menos até certo ponto. Não se admite, então, a distinção entre as figuras do mestre e do discípulo, compreendendo-se ambos como amigos que são capazes de estabelecer trocas, sem que isso implique qualquer esmaecimento de diferenças e hierarquias. Com a crescente formação de uma cultura própria à *polis*, distinta da que se caracteriza enquanto cultura do clã e da aldeia, o senso da mobilidade social é ampliado ao longo do processo civilizatório, e é desta forma que é favorecido o surgimento de classes sociais diversas e de novos vínculos emocionais entre os indivíduos (*cf.* ORTEGA, 2002, p. 23). Neste sentido, Ortega indaga quais seriam as verdades envolvidas no afeto amizade, e quais seriam as continuidades e descontinuidades formadas ao longo do desenvolvimento da civilização ocidental, a ponto de serem gerados, na atualidade, certos modos de relacionamento com o outro e do viver coletivo?

É com base num inventário de diversos discursos contemporâneos sobre a amizade, inspirando-se sobretudo em considerações formuladas por Arendt, Derrida e Foucault, e outros pensadores interessados em pensar a esfera do político, e ainda, mediante um exame minucioso do que se desenrola no espaço público ao longo da história da civilização, e em detrimento do que desenvolve no âmbito do privado<sup>11</sup>, que Ortega conclui que a tradição filosófica ocidental se caracteriza por atribuir ao espaço público uma modelagem de natureza familiar. Em seu ponto de vista, esta modelagem familiar foi influenciada por uma tradição do pensamento que resulta de uma discutível associação estabelecida entre camaradagem e fraternidade, por esta atuar no sentido da exclusão do que não é familiar e semelhante. Essas representações encontram-se presentes no modo como se costuma pensar correntemente o vínculo de amizade, o que se constitui em problemas no âmbito da sociabilidade.

---

<sup>11</sup> Em “Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault” (2000), Ortega argumenta no sentido de que a teoria política de Arendt e os pensamentos de Deleuze, Derrida e Foucault visam à “recuperação do espaço público [sendo], a política compreendida como atividade de criação e experimentação”. Desde este ponto de vista, Ortega compreende a “amizade (...) como (...) um apelo a experimentar formas de sociabilidade e comunidade (...)” (p. 23-24). Trata-se, portanto, de considerá-la um *modus operandi* do laço social.

O último livro da trilogia de Ortega, “Genealogias da amizade” (2002), é dedicado ao exame de nuances importantes, sempre presentes nos discursos sobre a amizade, para finalmente apontar que é somente a partir de reflexões elaboradas por alguns filósofos dedicados a pensar acontecimentos originados desde o advento da Modernidade, como o fenômeno do totalitarismo, que o ‘desvio’ produzido por uma ideologia familialista impregnada de fundamentos da vida em comunidade pode ser denunciado de maneira contundente, dando lugar a uma outra compreensão das relações de amizade e a se pensar outros fundamentos para um laço social que norteie o (con)viver democrático dos indivíduos em comunidade. Desta forma, este derradeiro livro da trilogia consolida a intenção do autor de reabilitar o espaço público mediante a proposição de uma estilística da amizade que se configure ser um experimento social e cultural plausível (*cf.* ORTEGA, 2002, p. 162), cogitando que sua invenção possa contribuir para o agenciamento de novas configurações do viver em comunidade.

Um dos problemas observados na vida em comunidade, e que se relaciona a conflitos gerados pelo confronto de diferenças, já fora detidamente abordado por Ortega no primeiro livro de sua trilogia, “Amizade e estética da existência em Foucault” (1999). Trata-se, seguindo o desenvolvimento de suas reflexões, de esclarecer fundamentos que possam contribuir na elaboração de uma ética que se ofereça como norteadora de novas formas de subjetivação, o que implica considerar que é preciso subtrair-lhe eventuais resíduos morais, tão comumente encontrados nos padrões de relacionamentos correntes estabelecidos desde a Modernidade. Em prefácio escrito por Jurandir Freire, neste livro, lê-se:

(...) se trata de conceber um modo de vida no qual o Bem e o Bom não se contradigam e o Um e o Outro não se sujeitem à heteronomia de um Grande Outro que oculta suas origens mundanas, sob regras transcendentais, princípios formais ou universalidades racionais apriorísticas” (ORTEGA, 1999, p. 11).

Ortega evolui, neste trabalho – sempre orientado pelo pensamento de Foucault, como o título do livro o designa –, em direção ao exame da “dimensão intersubjetiva da autoconstituição ética do sujeito” (*ibidem*, p. 123). Esta autoconstituição ética supõe, por sua vez, a “conjunção do micronível (individual) e do macronível (coletivo)” (ORTEGA, *loc. cit.*), de forma que se pode compreendê-la como efeito de um complexo de forças que são, na verdade, de natureza supra-individual, sendo que esta natureza é refletida no modo pelo qual o próprio Ortega desenvolve suas reflexões. Como Foucault deixa inacabado o seu último projeto – que seria relativo ao tema da amizade (*cf.* ORTEGA, 1999, p. 21) –,

Ortega se oferece, então, como seu alter-ego, e assim, seguindo as pegadas de Foucault, dedica-se a pesquisar o tema de forma genealógica, concluindo, por fim, que há uma “concepção agonística da intersubjetividade nas análises foucaultianas da cultura de si” (ORTEGA, 1999, p. 124). Segundo Ortega:

A noção extrovertida de subjetividade, a consciência orientada para fora, o caráter reflexivo de si mesmo descrito pelo movimento do ‘desprender-se de si’, correspondem a esta experiência agonística da intersubjetividade. O encontro do outro produz ‘uma prova transformadora de si’, em vez de ‘uma apropriação simplificadora do outro com o fim da comunicação’ (ORTEGA, *loc. cit.*).

Foucault refere a ‘agonismo’ em diversos momentos de sua obra, quando foca a problemática do sujeito. Em “*Dits et écrits*, v. 4” (1994, p. 239), por exemplo, assinala que “a relação de poder e a insubmissão da liberdade não podem ser separadas. (...) Ao invés de um ‘antagonismo’ essencial, seria melhor falar de um ‘agonismo’ – de uma relação que é ao mesmo tempo de incitação recíproca e de luta”. Focando por um novo viés a questão do poder, afirma que “no coração da relação de poder, provocando-a sem cessar, há a teimosia do querer e a intransitividade da liberdade” (FOUCAULT, *loc. cit.*).

É esta compreensão da importância de uma ‘dimensão agonística’, portanto, necessariamente presente numa verdadeira amizade – só possível, à medida que se vá decididamente ao encontro do outro –, a ser cultivada por indivíduos voltados não só para sua autotransformação, mas também para a transformação da vida social, que faz com que Ortega a conceba, então, como um estilo de existência, também se inspirando em Foucault. Preocupado com a despolitização e o esvaziamento do espaço público, verificados desde o advento da Modernidade, tendo em vista ter ocorrido “uma progressiva familiarização do privado” (*cf.* ORTEGA, 2002, p. 161), que também influi desfavoravelmente na possibilidade de se compreender a amizade com base em outros parâmetros que não o da fraternidade, Ortega procura contribuir, com suas reflexões, para que se torne plausível “um experimento social e cultural”, acreditando que mediante “novas redes de amizade” o político possa ser reinventado, de modo a favorecer a produção de uma efetiva autotransformação dos indivíduos. Estas considerações apontam para questões relativas à interface existente entre a formação de subjetividades e a esfera do social, colocando em destaque a importância de trocas intersubjetivas, o que torna conveniente se recorrer a alguns psicanalistas, cujas reflexões também evoluem neste sentido.

Jurandir Freire, por exemplo, chama atenção para os efeitos nefastos provocados no âmbito da subjetividade, por um certo modo do viver comunitário característico da

contemporaneidade. Estes efeitos são refletidos, em suas palavras, pela “perda do interesse pela vida pública, praticamente reduzida a questões de mercado, [com isso provocando] um enorme retraimento dos sujeitos para a vida privada, com a conseqüente exaltação das expectativas amorosas” (COSTA, 1998, p.19). Estas ‘expectativas amorosas’ podem ser associadas à expectativa da cura ou do apaziguamento do sofrimento pelo amor, uma vez que este afeto é correntemente associado a uma força que impele o indivíduo a transformar-se mediante um revigoração proporcionado ao eu<sup>12</sup>. Além disso, como a relação amorosa está também relacionada à intimidade, e com isso se produz o retraimento, eventualmente podem ser gerados efeitos nefastos, decorrentes da exaltação daquele afeto. Esta idealização da relação amorosa está relacionada, por sua vez, a uma cultura que é voltada para o consumo tanto de objetos quanto do outro, sendo este considerado, então, estritamente como um mero objeto. O que se procura evitar, neste contexto, é a dimensão agonística envolvida na existência de um outro que se posicione autonomamente.

Não raro, se observa que a reciprocidade requerida entre os parceiros e a simetria estabelecida na negociação de interesses que permeiam as relações amorosas, assim constituídas, resultam em problemas, de tal forma que fica prejudicado o efetivo apaziguamento do sofrimento. Isto ocorre devido aos conflitos serem evitados, apesar de que estes costumam emergir, mais cedo ou mais tarde; o que ocorre, então, na verdade, é uma temporária ocultação dos fatores que geram o sofrimento, mediante a ilusão oferecida pelas negociações envolvidas nos interesses inicialmente convergentes. Neste sentido, o agravamento do sofrimento, que cedo ou tarde ocorre, remete os indivíduos a buscarem, por vezes, e finalmente, os recursos terapêuticos considerados por eles mais eficazes, de forma que a clínica psicanalítica, por exemplo, costuma ser convocada a confrontar-se com forças que se encontram respaldadas em modos de funcionamento comprometidos ao mesmo tempo com a produção e a ocultação do que se encontra envolvido no sofrimento. A cultura do consumo se constitui, então, num fator que auxilia na formação de resistências à procura da análise, requerendo, portanto, que os psicanalistas se situem de forma efetivamente favorável, na tentativa de tornarem possíveis a sensibilização e a compreensão dos elementos históricos e emocionais envolvidos na problemática vivida pelos que os procuram.

Assim, o analista, ao ser convocado como um pesquisador interessado em fenômenos que compreendem elementos próprios à época atual, e que o tornam, portanto,

---

<sup>12</sup> Há que se levar em conta, aí, que uma relação amorosa propicia também uma perspectiva de satisfação ao eu corporal, à medida que se encontra incluída a satisfação sexual.

interessado em melhor habilitar-se no sentido da sensibilização dos que o procuram, ele também contribui, em alguma medida, para a reabilitação do espaço público. Uma vez que se considere que a introspecção requerida no curso do processo analítico faz com que o método psicanalítico seja comumente representado como um dispositivo destinado à indagação sobre a ‘estranheza’ do sintoma, e ainda, devido ao fato de o retraimento demasiado, habitualmente verificado entre os que necessitam de auxílio terapêutico, não favorecer esta indagação, torna-se indispensável pensar as condições éticas e emocionais – atmosfera analítica – mediante as quais possa se dar o desenrolar de um processo analítico, temas esses que são, por sinal, fartamente encontrados ao longo de toda a obra de Jurandir Freire. É neste sentido, então, que se pode compreender que o estabelecimento de uma atmosfera analítica deve incluir a perspectiva de formar-se um laço de amizade entre analista e analisando, de forma a contribuir como um fator importante na redução de resistências à análise.

É verdade que Freud posiciona-se no sentido de que a psicanálise não deve se envolver na elaboração de uma visão de mundo, mas é preciso considerar que o saber psicanalítico penetrou de tal forma nas subjetividades e na cultura contemporânea – e foi, também influenciado por esta –, que não é mais possível que os psicanalistas mantenham-se indiferentes, seja com relação ao que este saber ajudou a produzir, como a liberalização da sexualidade, por exemplo, assim como resistências originadas desde o imperativo cultural do gozar da sexualidade, seja com relação aos distúrbios verificados naqueles que sofrem psiquicamente. Neste sentido, há que se considerar que, de certa forma, novos fatores de natureza cultural podem ter passado a contribuir na formação de uma maior resistência à psicanálise, observada na atualidade. A possibilidade de o analista conceder, efetivamente, uma atenção necessária a certas questões que influem no processo de cura, está relacionada à condição de ele experimentar uma liberdade em relação ao saber que o informa, e que foi estabelecido desde os primórdios da inauguração deste saber, no intuito de ele próprio não resistir ao que o desafia, eventualmente, em sua prática clínica. Concebê-lo livre, por sua vez, remete também a problemas relativos ao fenômeno contratransferencial produzido em sua prática clínica, já anteriormente abordado de forma mais detida, mas que cabe aqui retomar, devido a uma interface com questões de natureza filosófica, nele envolvidas, pois que dizem respeito à proximidade existente entre o individual e o social, como também entre o individual e o existencial.

Algumas das características da contratransferência, tal como apontadas por Pontalis em “A força de atração” (1991), a confirmam como a outra face da transferência,

apontando então para um interjogo que ocorre na situação analítica, e que suscita considerações indispensáveis a uma reflexão sobre a amizade na situação analítica. Este autor apresenta uma ótica que bem esclarece a importância deste fenômeno na condução da cura, ao tempo em que o associa a temáticas que são bastante caras à filosofia, como paixão, amor, liberdade, alteridade e modos de vida. A tese defendida por este psicanalista francês apresenta alguns elementos que dizem respeito à necessidade de que a experiência analítica contemple a possibilidade de ambos os protagonistas sentirem afetos com liberdade, visando à expansão do horizonte daquele que sofre, de tal forma que é interessante abordá-los, ainda que sucintamente, neste momento introdutório de considerações extraídas do âmbito da filosofia, pois que podem contribuir para o esclarecimento do compromisso da psicanálise com a perspectiva do devir do indivíduo e dos seres humanos em geral, um posicionamento que é bastante manifesto em Ferenczi.

Num contexto em que assinala poderem ser relacionados quatro “registros”<sup>13</sup> distintos e atuantes no fenômeno da contratransferência, Pontalis chama atenção para o que designa “dominação” (*ibidem*, p. 102). Nesta altura, cita Ferenczi, justamente, em suas reflexões relacionadas a pacientes que suscitam no analista “uma paralisia de pensamento, uma imobilização da psique, que pode também acarretar a do corpo” (*ibidem*, p. 103). Prosseguindo no exame de uma problemática que é central em Ferenczi<sup>14</sup>, particularmente no que diz respeito à importância de a prática analítica focar a questão do caráter formado no paciente, Pontalis assinala que, em certos casos:

Nada se move, nada tem mais direito de mover-se, tudo está sob interdição: ausência de pensamentos, de representações, contração corporal. Dessa vez, eu diria que se é atingido [o analista] não em carne viva, mas morta. (...) Cada um, nessa área, só pode fazer apelo à sua experiência singular, a experiência de uma *alteridade* fundamental em que somos ultrapassados por aquilo, que, *em nós, acontece* (PONTALIS, *loc. cit.*, grifos do autor).

Pontalis propõe, assim como Ferenczi<sup>15</sup>, que o analista não deve temer enlouquecer (deixando-se ficar relativamente passivo em face da loucura do paciente), para entrar em contato com algo que é da ordem de um ‘congelamento’, e que se reitera em ‘repetições infundáveis’, pois, “é na mudança de estado que reside a mola da análise (...),

<sup>13</sup> Os três primeiros são: empresa, surpresa e posição. ‘Empresa’ se refere ao que levou o analista a tornar-se analista e a continuar a sê-lo, ‘surpresa’ se refere a movimentos (idéias, emoções) despertados no analista por ser ele, também, um paciente, e ‘posição’ se refere a um lugar imposto pelo paciente ao analista, do qual é difícil se desprender (*cf.* PONTALIS, 1991, p. 99-102).

<sup>14</sup> Como também da filosofia.

<sup>15</sup> Conforme Ferenczi: “Caso se possua uma certa confiança na própria capacidade de no fim de contas só ser impressionado pela verdade, é possível [ao analista] decidir-se pelo sacrifício, de aparência aterradora, de se entregar ao poder de um louco” (FERENCZI, 1990, p. 132).

que é para os dois protagonistas uma evidência e uma realidade indiscernível” (*ibidem*, p. 105). Ele desenvolve, então, toda uma reflexão sobre o que atua no analista, questionando o que possa encontrar-se instituído em sua subjetividade, para propugnar em defesa da emergência do ‘estranho’ na situação analítica, processo que não qualifica como relativo à criação, necessariamente, mas sim a um “acontecimento real” (*ibidem*, p. 111). É esta dimensão de acontecimento real que envolve, então, a perspectiva de a análise dever se constituir num dispositivo capaz de gerar um novo começo, o que implica a consideração da possibilidade de que ambos os protagonistas escapem da dominação do que se encontra instituído na subjetividade – eventualmente, esta ‘dominação’ pode ocorrer na subjetividade de ambos os protagonistas da situação analítica –, para que possa tornar-se efetivamente representável e lembrada por uma das partes (*cf.* HAYNAL, 1987, p. 46). Em se considerando a busca decidida, da parte do analista, de que a análise suscite a emergência de acontecimentos reais, aí sim, pode-se esperar que horizontes sejam efetivamente expandidos, no analisando. A articulação entre o pensar e o agir na situação analítica não costuma atrair a atenção de muitos dos analistas, sendo até mesmo evitada, talvez porque, como Pontalis adverte:

(..) a transferência agida, experimentada na análise, produzida por ela, não se transfere [pois] será esquecida, como no sonho, nos movimentos que a percorreram – sua escansão de queixas, prantos, ressentimento e prazer, seus altos e baixos –, ela é inesquecível no acontecimento, no advento que ela foi. Tal é sua força de atração (*ibidem*, p. 111-112).

Se a transferência, como aponta Pontalis – e Ferenczi a compreende – porta a força de uma ‘paixão/atração’, de forma análoga ao que ocorre em sonhos, ela também implica, em certa medida, um desejo de liberdade necessariamente inesquecível, o que faz com que se manifeste, inicialmente, sob a forma de uma repetição que é também capaz de promover algo novo (*ibidem*, p. 82 em diante). Neste sentido, ela não pode ser recusada pelo analista de nenhuma forma, ou seja, nem mesmo sob a forma de interpretações, que, neste caso, ocorrem fora do tempo; isto porque, a transferência implica a realidade de um acontecimento presente na própria essência da razão de ser da situação analítica, tendo em vista o movimento psíquico ensejado pela mesma. Esta perspectiva, relativa a um acontecimento presente fundamental, mobilizado pela situação analítica, implica não considerar a transferência como derivada apenas do passado, mas também, por exemplo, como relativa a um laço de amizade estabelecido entre o analista e o analisando no presente, tal como Ferenczi o assinala em diversos momentos de sua obra, sendo que esse laço se forma à medida que o analista se comprometa verdadeiramente com a

transformação da economia libidinal do analisando. Se tal coisa ocorre, posto que o dispositivo analítico compreende a tentativa de se produzirem brechas que possibilitem a transformação do que resiste – daí a importância do *acting in/out* –, e que apontem para a elaboração de um futuro, e não apenas para o passado, isto implica, dentre outras coisas, a necessidade de o analista atribuir-se a si próprio a tarefa de apresentar-se como um ‘eu’ que assume a figura do amigo. Nesta perspectiva, o laço de amizade compreende a condição de possibilidade de o analista assumir condutas em certa medida compatíveis com as de um simples habitante da *polis*, ou seja, de uma comunidade cujas representações e imagens necessitam ser permanentemente questionadas e repensadas.

Estas considerações envolvem a necessidade de se pensar e repensar, permanentemente, tanto os valores e insígnias que regem a cultura em geral quanto a própria psicanálise, em especial, de tal forma que o recurso à filosofia torna-se bastante conveniente. Daí importar o que Pontalis ressalta, aliás, com muita propriedade, ao afirmar que psicanálise é “um movimento, mais do que uma instituição, mais do que uma história: *um movimento que, como a terapia, avança por desvios, inflexões, procede por espirais, tem paradas e progressos*” (*ibidem*, p. 107, grifos deste autor).

Esta dimensão da psicanálise como um movimento que comporta ‘desvios’ – diga-se de passagem, na própria experiência analítica, inclusive – pode responder a um questionamento feito por Jurandir Freire ao elaborar o Prefácio de “Amizade e estética da existência em Foucault” (ORTEGA, 1999, p. 13 e sgs.) e colocar em discussão as noções foucaultianas da ‘amizade prazerosa’ e da ‘estilística da existência’, e o risco observado na ‘cultura californiana’ narcísica<sup>16</sup>, característica dos tempos contemporâneos. Tal risco pode ser evitado, no caso da experiência psicanalítica, se ‘prazer’ e ‘estilo’ forem relacionados ao sentido de uma amizade que pode ser experimentada contratransferencialmente, pelo analista, ou seja, sendo esta experiência compreendida num sentido ético, como relacionada à demanda do analisando de que o analista o auxilie na promoção de algo novo e resolutivo em sua subjetividade traumatizada. Tal coisa implica considerar a importância de se estabelecer uma atmosfera afetiva na situação analítica, que aqui se caracteriza como relacionada ao laço de amizade, como efeito de uma posição analítica que se oriente por uma ética da liberdade, no presente. Neste sentido, pode-se entender que caiba ao analista contrapor-se, por vezes e em certa medida, ao que se impõe no analisando, porque estabelecido desde uma trama libidinal fixada no passado, assim como também desde o

---

<sup>16</sup> Produção, na cultura contemporânea, de uma certa banalização das práticas sexuais, tendo em vista estas passarem a ser utilizadas como moeda-corrente nas relações entre os indivíduos.

que é instituído na cultura. Pode-se também compreender que a atribuição ao analista da tarefa de tentar ser livre em relação a tudo que rege sua conduta técnica habitual envolve, inclusive, a necessidade de ele ser capaz de posicionar-se criticamente, seja em relação à cultura californiana do narcisismo seja em relação ao narcisismo engendrado pela própria condição de ele ter-se tornado analista, não se furtando então, até mesmo, a deixar que o paciente conheça qualquer parcela de uma face crítica sua, se for o caso.

Avançando um pouco mais em algumas questões suscitadas tanto por psicanalistas quanto por filósofos, sendo as destes últimos mais detidamente examinadas nas seções que se seguem, cabe ainda considerar o assinalamento feito por Jurandir Freire, quanto à importância de se fazer uma distinção entre sexualidade e amizade, como de resto, também o propõe Foucault<sup>17</sup>. Jurandir Freire assinala:

Foucault pretendia conciliar, em suma, o melhor da Grécia e de Roma com o sentido da liberdade presente no sujeito ocidental contemporâneo. Sua noção de amizade aludia a uma espécie de teia de relações fluidas, flexíveis, em que os sujeitos pudessem sempre escapar das normas que fixam “identidades sociais”, elaborando novos experimentos de subjetivação (COSTA, 1998, p. 31).

Seguindo as argumentações de Foucault e Ortega, Jurandir Freire adverte, então, para o fato de que “as regras de realização [das relações amorosas] exigem igualmente dos indivíduos um desempenho contraditório em muitos aspectos”<sup>18</sup>, e que “a ética da amizade só se tornará culturalmente plausível se puder ser percebida como uma alternativa aos dilemas do amor-romântico” (*ibidem*, p. 33-34), o que envolve concebê-la orientada por outros valores morais, bastantes diferentes dos que a norteiam habitualmente, e que estão relacionados ao romantismo. Ao que parece, Jurandir Freire se mobiliza em função de se elaborar uma certa sinonímia entre amizade e amor, o que não é conveniente num processo analítico, e talvez nem mesmo no amor.

Devido ao fato de ocorrer uma progressiva queda de valores, ocorrida desde o advento da Modernidade, como o da felicidade conjugal sustentada na dependência e suposta fragilidade da mulher, por exemplo, há que se cogitar da importância de serem elaborados outros parâmetros interacionais, na contemporaneidade, e isto também envolve se repensar a conjugalidade. Da mesma forma, como ocorrem expectativas relacionadas à necessidade de apaziguamento do sofrimento, no âmbito da interação terapêutica desenvolvida no curso de um processo analítico, talvez seja interessante se proceder a uma

<sup>17</sup> Em “*Dits e écrits*, v. 4” (1994, p. 677-678).

<sup>18</sup> Ele aqui afirma basear-se em sua experiência clínica, como analista, e numa pesquisa feita com jovens universitários entre 18 e 25 anos, no Rio de Janeiro.

reavaliação do enquadre psicanalítico, como esta pesquisa propõe, ao focar um tema relacionado à flexibilização da interação estabelecida pelo analista com seu analisando, de forma que regras como neutralidade, abstinência e frustração não sejam praticadas de modo rígido, e amizade e amor também não sejam confundidos como uma mesma coisa. É neste sentido, então, que aqui se enfatiza a importância de contribuições oferecidas por filósofos à psicanálise contemporânea, pois se entende que há necessidade de serem encontradas alternativas para sua viabilização, na contemporaneidade, sem que isso implique, por exemplo, praticar na situação analítica a cultura californiana de prazeres banalizados, cultivados em miscelâneas formadas por amizades e amores.

Foucault não concebe o prazer de forma dissociada de um cuidado de si, ou seja, de um auto-aprimoramento, mas sim num contexto em que “sujeito e objeto se formam e se transformam” (FOUCAULT, 1994, p. 634). Para Foucault, o sujeito não consiste numa abstração ou numa pura objetivação, de tal forma que tomá-lo como um objeto do conhecimento implica investigar as práticas concretas mediante as quais ele se constitui e é constituído, confrontando-as, inclusive, com muitos outros modos de constituição do sujeito. Proceder assim é indispensável numa prática em que se cuida de si. Neste sentido, um exame genealógico dos processos de subjetivação, tal como Foucault realiza, possibilita a elaboração de uma ética comprometida com a busca da verdade, sendo que tal proposição não se confunde com a superficialidade presente na cultura californiana da obtenção de prazeres, a serem obtidos por um ego “fascinado e arrebatado por uma verdade perdida” (FOUCAULT, 2001, p. 515). O cuidado de si, ou seja, “o melhor da Grécia e de Roma”, valorizado pelo pensamento foucaultiano, não concerne a uma busca narcísica, pois que se orienta no sentido do controle de representações, sejam estas atraentes ou aversivas – mediante um trabalho de introspecção vigilante –, para que os indivíduos não se deixem normatizar por universais (*cf.* ERIBON, 1996, p. 178) produzidos por uma cultura midiática. Foucault faz uma escrita da história que muito auxilia neste tipo de combate, e o faz desconstruindo a história oficial. Desta forma, oferece elementos críticos que se configuram como um verdadeiro *ethos* foucaultiano, propondo-se a influir na cultura “como uma força progressista e emancipadora” (*loc. cit.*), que, portanto, não se confunde com a obtenção de prazeres fáceis e superficiais, como os relacionados ao corpo ou ao desenvolvimento de uma razão pensada como um dispositivo atemporal. Assim, Foucault se insere numa tradição filosófica rigorosa, pois que seu pensamento é norteado pela relação que o filósofo estabelece com a verdade, e isto desde a Antiguidade, ou seja, propondo-se à reflexão meticulosa sobre o que acontece a si próprio

e no seu entorno, relacionando-o rigorosamente ao desenrolar do processo histórico. Esta postura pode ser associada à que atribui importância ao fato de o analista levar em conta a emergência da contratransferência, e o interjogo da mesma com a transferência, já que se trata da dimensão de alteridade latente na situação analítica, que também deve ser considerada em sua singularidade e relacionada ao movimento libertador suscitado pelo processo analítico.

As considerações, até aqui apresentadas, importam bastante, à medida que concedem destaque a problemas relacionados a uma prática clínica que se norteia, desde sua origem, por dar ênfase à questão da sexualidade, suas formas de manifestação, e aos destinos possíveis, daí derivados, o que pode resultar, infelizmente, no entendimento de que a psicanálise se constitui num dispositivo que estimula a obtenção de prazeres e a baixo custo emocional. Cabe notar que a busca de satisfação e de uma performance podem até mesmo resultar em fatores indutores de escravização, o que se constitui num verdadeiro paradoxo, tendo em vista a expansão da liberdade notavelmente disseminada em todas as esferas da vida contemporânea. Ocorre também que, muitas vezes, o que se encontra inibido nas subjetividades contemporâneas está relacionado a injunções relacionadas a Eros, que não envolvem, necessariamente, a esfera da sexualidade genital. Pode-se observar, por exemplo, que a formação de laços de amizade e de redes de relacionamento e de convivência não contribui necessariamente para que sejam efetivamente propiciadas liberdade e criatividade aos indivíduos, constituindo-se certos tipos de encontros, mais propriamente, em meras virtualidades que fornecem prazeres visuais. Neste sentido, como se pode notar, desde o entrelaçamento até aqui estabelecido entre considerações filosóficas e psicanalíticas, há que se proceder a um avanço no que diz respeito à compreensão da temática da amizade, tal como o sugere as contribuições de Ortega e de outros autores, de forma a contribuir para se pensar uma psicanálise que se oriente por uma luta comprometida com o enfrentamento dos dilemas e resistências que se apresentam nos tempos atuais.

## **1.1 Derrida**

As reflexões de Derrida (1930-2004) sobre o tema da amizade são apresentadas, notadamente, em seu livro *“Politiques de l’amitié”* (1994), que decorre, por sua vez, de um seminário dado nos anos 1988-89. Na verdade, o foco central deste livro é a esfera do

político, sendo que Derrida procura pensá-lo orientando-se por outras leis (ou fundamentos éticos) que não as correntes; para tanto, adota o tema da amizade como uma referência, no intuito de lançar alguma luz sobre esta questão. A intenção política deste autor, evidenciada no título, deriva de uma preocupação com a democracia e sua construção no cotidiano, o que o leva a desenvolver uma pesquisa histórica relativa ao valor da amizade, articulando este afeto a um exame da esfera do político, também considerado numa perspectiva histórica.

Nascido argelino, Derrida sofre discriminação desde cedo, devido ao fato de ser judeu; ele conclui seus estudos na França, para onde sua família se muda em 1949, ingressando na *École Normale Supérieure*, em 1952. Torna-se professor desta escola em 1965. Pode-se considerar, portanto, que é uma condição de discriminação que o move em direção a preocupar-se, mais tarde, com a questão da democracia.

Conhecido como ‘filósofo da desconstrução’ – método proposto por Derrida –, o método aplicado por deste filósofo destaca-se pela introdução de modos de leituras ou de traduções originais, numa metodologia análoga à utilizada pela psicanálise. Tendo em vista o sentido original da palavra ‘análise’, que etimologicamente significa ‘desfazer’, ‘desconstruir’, seu método se caracteriza exatamente pela busca de sentidos diversos, na intenção de evitar o domínio de uma significação sobre outra. Neste sentido, ‘desconstruir’ não implica ‘destruir’, muito pelo contrário, pois o que se visa a evitar é que exclusões de sentidos sejam feitas e que limites sejam arbitrariamente estabelecidos, comprometendo, assim, a abertura possivelmente existente nos discursos. O trabalho de desconstrução, em que se procura identificar tudo o que possa estar contido no discurso, deriva de uma proposta de resistência de Derrida à “redução do político, inclusive da ética, à ontofenomenologia” (DERRIDA, 1994, p. 23). Neste sentido, não interessa a Derrida, apenas, fazer uma reflexão sobre a esfera do político focando um tema, como o da amizade, mas também lançar um olhar sobre o sujeito que discursa e os sujeitos imanentes neste que discursa, porque se trata de procurar ampliar questões que não devem ser consideradas simplesmente acadêmicas, ou que se situem fora do mundo.

Numa época em que utopias de esquerda encontravam-se abaladas em toda a Europa, Derrida, como outros filósofos, inclina-se no sentido de pensar questões relacionadas ao âmbito da ética e das subjetividades, que, em seu entendimento, podem contribuir para um renascimento da esquerda, condição ideológica mais identificada, historicamente, com a promoção da justiça social. Definindo-se como “homem de esquerda”, então, Derrida se propõe a refletir, no intuito de que “determinados elementos

da desconstrução (...) sirvam para politizar ou repolitizar a esquerda em relação a posições que não são simplesmente acadêmicas” (ORTEGA, 2000, p. 50). Cabe ressaltar, ainda, que apesar de que sua militância seja fundamentalmente de natureza intelectual, seu posicionamento não é apenas acadêmico nem tampouco apenas filosófico, sendo que os fundamentos de sua metodologia de trabalho são inspirados em noções psicanalíticas, em larga medida, de forma que as questões propostas em seu pensamento podem ser relacionadas a uma proposta de ação terapêutica.

Dentre as diversas questões apresentadas por Derrida, neste livro, cabe destacar a desconstrução da figura familiar fraternalista, correntemente associada à noção de amizade, feita no intuito de serem apresentados novos referenciais que auxiliem na elaboração de outras práticas relacionais e sociais, propícias à promoção de inclusões e não de exclusões, ou seja, que sejam abertas ao novo, à diferença e à heterogeneidade. Assim, Derrida propõe-se a contribuir para a construção de um mundo mais justo e equânime, aproximando-se bastante de uma preocupação também presente em Ferenczi.

Seguindo a metodologia de trabalho da desconstrução, Derrida inicia “*Politiques de l’amitié*” indagando o que estaria contido no vocativo atribuído a Aristóteles, por Montaigne: “Ó meus amigos, não há amigos”. A análise parte de um fragmento de discurso, para se dirigir a todos os elementos possíveis, e talvez impossíveis, que o conhecimento e a imaginação possam apresentar à mente do filósofo. Percorrendo os significados estabelecidos ao longo dos tempos e trazendo à luz importantes elementos que permanecem silenciados ou excluídos dos discursos e das práticas sociais, de alguma forma, Derrida pretende introduzir a possibilidade – ou impossibilidade – da construção de uma democracia que, em seu entendimento, deve ser compreendida como um “por vir”. Nesta perspectiva, elabora uma reflexão sobre a amizade relacionando-a a uma alteridade radical entre o eu e o outro, signo de uma conjunção que se deseja possível entre liberdade e igualdade. Seu método é aplicado, então, visando a uma reflexão sobre o laço de amizade formado entre o ‘eu’ e o ‘outro’ que lhe é estrangeiro, pois se trata de pensar “a identidade como necessariamente aberta para a alteridade” (ORTEGA, 2000, p. 51). Para tanto, Derrida estabelece interlocuções com outros filósofos e pensadores, como Montaigne, Heidegger, Carl Schmitt, Nietzsche, Blanchot e Foucault, que também se dedicam ao tema da amizade, nelas incluindo outras vertentes de considerações, como distância, assimetria, irreciprocidade, divisão e esquecimento (cf. ORTEGA, 2000, p. 79), que não estariam contidas nas representações familiarista e androcêntrica do amigo compreendido como um irmão.

Dentre as várias questões apontadas, Derrida chama atenção para a negação presente na frase citada mais acima, do que existe à medida que somente afirmado pelo discurso, pois, afinal, é feito um apelo mediante a expressão “meus amigos”, para em seguida se concluir pela sua inexistência. Desde esta perspectiva, concluindo haver aí duas teses, Derrida supõe manifestarem-se dois sujeitos: um que está relacionado a quem é dirigido o apelo, e o outro, que é referido na citação de uma frase emitida por outro sujeito, tido como ‘exemplar’ pelo falante, que constata então a inexistência de amigos. Assim evolui o método da desconstrução, para evidenciar, em diversos momentos, a figura do amigo representado como uma pura expressão do narcisismo daquele que apela por encontrar-se ameaçado em sua existência, procurando ‘sobreviver’ a confrontos, como entre presença e ausência, vida e morte. Este apelo é feito, segundo Derrida, mediante “o projeto, a antecipação, a perspectiva, a pró-evidência de uma esperança que se projeta iluminando o futuro” (DERRIDA, 1994, p. 20), de cujas incertezas se pretende escapar. Pensar o futuro, então, mas articulando-o a armadilhas formadas desde o passado, constitui-se na estratégia político-discursiva utilizada por Derrida, ao longo deste livro. Assim é iniciado o percurso trilhado em “*Politiques de l’amitié*”, no intuito de ultrapassar e transpassar tudo que seja tomado como evidência, para convocar à compreensão dos diversos sentidos inerentes ao laço afetivo da amizade, manifestos ao longo da história ocidental.

Outra evidência apontada pelo autor, e que se situa numa interface entre a filosofia e a política, deriva das noções do bem e do mal que se encontram latentes na enfática evocação aos amigos. Ao assim manifestar-se o sujeito falante, são suscitados também os que se apresentam na condição de inimigos, uma vez que o pessimismo sugerido pela constatação da inexistência de amigos está relacionado ao imaginário da existência daqueles. Neste contexto de reflexão, Derrida introduz o pensamento de Carl Schmitt (1888-1985), um jurista alemão que se torna o teórico máximo do nazismo. Considerado um dos pensadores mais controversos do século XX, por procurar associar a filosofia, a política, a teologia e o direito, Schmitt adquire um estatuto cuja importância histórica faz com que Derrida o inclua de forma bastante extensa em suas considerações, para pensar a questão da hostilidade recalcada ou não, e sempre operante em uma certa concepção da amizade.

Schmitt faz uma articulação entre teologia e fundamentos jurídico-políticos, apontando o político como prioritário em relação ao direito, no intuito da racionalização do papel do Estado numa sociedade pensada em constante conflito. O conceito de político, tal

como o aplica, “corresponde sem dúvida, como conceito, ao que o discurso ideal pode pretender enunciar de mais rigoroso sobre a idealidade do político” (*ibidem*, p. 473). O discurso ideal, Derrida o adverte, não provém de um sujeito qualquer; trata-se neste caso, nada mais nada menos, de um jurista historiador teólogo político, que está imbuído da tarefa de fornecer conceitos que norteiem a vida do homem em sociedade, e que o faz mediante o assinalamento da importância de se fazer uma identificação dos que são amigos e dos que são inimigos.

É importante considerar que o pensamento de Schmitt constitui-se como efeito de um processo histórico-cultural, em que a questão da amizade comparece de forma proeminente, e sendo pensada de modo bastante curioso. Sua proposição é a de que a identificação de amigos e inimigos deve estar alicerçada numa pura objetividade, sendo concebida, por sua vez, como requisito de uma metodologia puramente científica. Para Schmitt, a guerra e a revolução se constituem em manifestações da hipertrofia de uma tensão natural que ocorre entre amigos e inimigos, que é ocasionada pelo desconhecimento da importância de diferenças também naturalmente radicais, e que ocorrem nos processos sociais. A definição de identidades e a política implicam uma guerra, portanto, e devem estar permanentemente orientadas no sentido da construção racional de um Estado que necessita ser forte, devido ao perigo proporcionado por uma hostilidade intrínseca a homens que vivem necessariamente em luta pela preservação de suas vidas. Schmitt concebe haver uma similaridade entre a guerra contra o inimigo estrangeiro e a guerra civil, sendo que o inimigo surge, neste último caso, por causa do enfraquecimento do Estado. Ou seja, a hostilidade é um mal que existe indiscutivelmente nos homens, devendo ser combatida com as armas do mal, cuja posse soberana deve ser do Estado.

Schmitt é um pessimista, obviamente, o que faz com que Derrida se lembre de Freud, em suas premissas de que os homens descendem de uma geração de assassinos e da ambivalência originária, as quais, em seu entendimento, resultam necessariamente na realização de guerras, tal como se verifica ao longo da história da civilização<sup>19</sup>. No limite, adverte Derrida, “eu não poderia amar amigavelmente senão um mortal, minimamente exposto à morte quicá violenta, posto que eventualmente provocada por mim” (*ibidem*, p. 143). Daí sua conclusão de que “nós já somos mortos um para o outro” (DERRIDA, *loc. cit.*). Trata-se, então, no reverso desta perspectiva pessimista, de pensar a amizade como

---

<sup>19</sup> Uma conclusão explicitada em “Considerações atuais sobre a guerra e a morte” (1915).

relacionada a Eros, o que requer que a formação da *polis* seja despsicologizada, sem manter qualquer relação com uma hostilidade pura.

O que Derrida demonstra é que Schmitt toma partido – logrando seu intento de forma significativa, uma vez que reconhecido como uma autoridade no campo do saber –, não só em favor de uma certa forma de conceber o político, mas também de uma forma de se fazer política, despolitizando-a, pois seu pensamento evolui, na verdade, em direção a uma dissipação da eventualidade dos conflitos que podem levar à guerra, o fazendo com base na “inumanidade de uma guerra sem guerra” (*ibidem*, p. 154). Desta forma, não se verificam traços da presença efetiva de sujeitos que, na verdade, apenas eventualmente vivem em conflito. O reconhecimento alcançado por Schmitt só pode ser atribuído, por sua vez, ao fato de que o que é por ele apresentado encontra afinidade, em alguma medida, com uma forma histórica e recorrente de se pensar as relações humanas e sociais, ou seja, como submetidas a uma potência superior que assim as regula.

Em “*Théologie politique*” (1922), Schmitt atribui à guerra o sentido de um pecado original, posto que considera que “a idéia de Estado de direito moderno se impõe com o deísmo, com uma teologia e uma metafísica que rejeitam o milagre fora do mundo e recusam a ruptura das leis da natureza” (SCHMITT, 1922, p. 46). Conseqüentemente, sendo o homem concebido como um ser fraco, tanto bom quanto mau, há que ser estabelecida uma força que deve ser desenvolvida sob a forma do Estado, para que se obter uma comunidade coesa, ou seja, unificada num só pensamento e território, e desde uma hierarquia claramente estabelecida.

Schmitt elabora uma modernização do pensamento de Hobbes, colocando-se em defesa do Absolutismo, para pensar os pressupostos da formação do Estado moderno, dentre os quais, como já assinalado, importa destacar a distinção amigo-inimigo, tal como se pode encontrá-la em “*La notion de politique*” (1932): “a pedra de toque teórica e prática do pensamento político e do instinto político é aquela atitude de discernimento do amigo e do inimigo” (SCHMITT, 1932, p. 112). Não se trata aqui, necessariamente, do inimigo em sua condição de estrangeiro em relação a um determinado território, mas de todo aquele que não se submeta ao poder de comando de um soberano representante de um Estado unitário. Neste sentido, Schmitt combate qualquer concepção pluralista subjacente à formação do Estado, como também qualquer acolhimento à formação de agrupamentos e associações diversas em seu âmbito, justificando este combate como sendo devido a ameaças a sua unidade, que eventualmente ocorrem.

Apesar de Julien Freund,<sup>20</sup> afirmar que “o fato de que C. Schmitt tenha se comprometido com o nazismo após 1933 não signifique que se possa qualificar sua obra anterior como nazista” (SCHMITT, 1932, p. 26), não se pode desconhecer que há coerência entre os fundamentos encontrados em suas argumentações e as decisões políticas posteriormente verificadas. Derrida, por exemplo, não acompanha esta tese. Em sua compreensão, a idéia da oposição, em que amigos e inimigos são pensados intrinsecamente associados, é derivada de uma posição que atua em favor da morte. Por outro lado, em sua perspectiva, trata-se de conceber a possibilidade de se pensar a amizade para além deste tipo de enfoque político, ou seja: “o *phileîn* para além do político ou uma outra política para amar, uma outra política a amar” (DERRIDA, 1994, p. 144).

Derrida procura evidenciar, portanto, que a idealização na amizade é companheira da hostilidade. O trabalho de desconstrução, como vem sendo apontado, implica o desfazer-se de um pensamento que evolui apoiando-se em oposições metafísicas, como entre o bem e o mal, presença e ausência, sacro e profano, refletindo cada coisa em oposição à outra e promovendo exclusões e recalcamientos, tal como se encontra desde Platão até a virada na filosofia promovida por Nietzsche. Considerado um “filósofo do limite e do porvir, do limite na transformação do agora num porvir tão próximo quanto possível” (NASCIMENTO, 2001), Nietzsche é um dos inspiradores da metodologia derridiana. Assim como Nietzsche, Derrida se propõe a pensar uma ética descontaminada da idéia de um Deus e de toda e qualquer moral, desterritorializada, portanto, para que dela sejam expurgados quaisquer vestígios de conceitos do humano, que derivam, na verdade, de valores gerados num ocidente marcadamente colonialista e que é contaminado pela intenção da dominação ou por uma necessidade de ser dominado. A empreitada libertadora, proposta por Derrida, e realizada em continuidade ao pensamento de Nietzsche, faz com que se possa identificar seu trabalho intelectual como orientado decididamente para a transformação do *status quo* e do mesmo. Combatendo hierarquias que operam na manutenção de um homem para sempre acovardado ou dócil, Derrida alia-se a Nietzsche, em sua concepção da importância da produção errante do conhecimento, pois, como este pensador afirma, “o homem do conhecimento não precisa somente amar seus inimigos, precisa também poder odiar seus amigos”, (NIETZSCHE, 1888, p. 413). Trata-se, então, de contestar as hierarquias atemporais e de decretar a morte da noção de lei enquanto um dispositivo transcendente, “pré-existente à ordem dos indivíduos – humanos,

---

<sup>20</sup> Prefácio da edição francesa de 1971, de “*La notion de politique*”.

animais e outros” (NASCIMENTO, 2001, p. 5), para situar sua elaboração (das leis ou de uma Lei) como dispositivos particulares e contingenciais que se justifiquem historicamente, e que sejam agenciadores de novas formas de subjetivação, tendo em vista o propósito da construção de uma democracia por vir. Neste sentido, deve-se considerar que uma amizade que compreenda a impossibilidade do conflito mediante o recalçamento do ódio não contribui para qualquer libertação.

A hostilidade pode ser manifestada de formas diversas, como Derrida o demonstra, ao situá-la como o efeito radical de uma agressividade que se trai em sua face viril, que é evidenciada nos discursos sobre a amizade, desde a Antiguidade; por isso, ele a designa falocêntrica. Desta forma, Derrida chama a atenção para a exclusão das mulheres, ou das irmãs, encontrada nos discursos fraternos sobre a amizade, sendo que estes, apesar de familialistas, sempre configuram um entendimento de que trata-se de um assunto/afeto que diz respeito aos homens, exclusivamente, e que devem ser cultivados em segredos. Esta exclusão das mulheres implica a dissipação da esfera do político, se este for considerado um espaço em que os diferentes tanto se encontram quanto se desencontram.

Para Derrida causa estranheza, ao serem lidos textos de diversos filósofos, que o amigo seja freqüentemente associado à figura do irmão, pois, como “apagar a memória do nascimento ‘real’, sensível, e de uma mesma mãe, portanto, identificável” (DERRIDA, 1994, p. 171). A impossibilidade de a mãe ser identificada como um dos seres responsáveis pela geração de uma vida leva Derrida a atribuir a Freud uma “cegueira falocêntrica” (*ibidem*, p. 172), manifesta, por exemplo, em sua tese de que a ascensão do patriarcado está relacionada ao progresso da razão e ao desenvolvimento da cultura. Além disso, além de haver um silêncio sobre a figura da irmã, o mesmo ocorre em relação ao papel desempenhado por mulheres nas guerras de libertação, o que o faz Derrida pensar na figura do outro, ou melhor, na radicalidade de uma diferença que seja irredutível ao Mesmo. Conhecido como pensador da *différance*, em que se concebe a heterogeneidade se constituindo na afirmação da vida, sempre em movimento, num para além do para além do princípio do prazer freudiano – em que é situada a questão da destruição –, Derrida coloca em pauta, então, as questões da diferença sexual e da importância do trabalho de transformação necessariamente realizado pelo inconsciente, as quais são, de resto, bastante caras aos psicanalistas. Pensar a radicalidade da diferença como algo que se relaciona à criatividade leva Derrida, então, a apontar a possibilidade e até mesmo a necessidade de se cogitar a existência de territórios subjetivantes, que estão para sempre desconhecidos.

Derrida examina o tema de forma minuciosa, e com base em discursos diversos, concluindo que há uma concepção da amizade em que desproporções, desmutualização e dissimetria infinita dão a tônica, para a obtenção de uma segurança por parte do indivíduo. Esta concepção se desenvolve desde uma definição originada em Aristóteles, da amizade como “uma alma em dois corpos”, e consolida-se com o cristianismo, quando a imagem do outro em si próprio passa a ser relacionada a Deus e às virtudes dele emanadas. Por outro lado, com base na filosofia nietzschiana, Derrida destaca a importância de uma problemática apontada pelo grande filósofo alemão e evidenciada desde uma crítica feita à religião cristã: trata-se da noção de que o amigo concerne à figura do próximo, ao que acompanha o indivíduo marcado por uma certa solidão, na qual ele próprio se encerra, constituindo-se, assim, a condição da impossibilidade do político. Capturado numa problemática de natureza narcísica, este indivíduo se dirige a um outro que o confirme e que, para tanto, é em tudo a ele semelhante, ao menos em seu imaginário. Avançando na companhia deste entendimento, e fazendo-lhe alguns acréscimos, Derrida argumenta que há uma continuidade que se manifesta ao longo da história da civilização ocidental, desde a Antiguidade, inclusive: o amigo terá sido sempre representado como o que acompanha, o próximo, o familiar, e, na verdade, se este sentido se consolida cada vez mais, isto se deve à formação de uma mentalidade desenvolvida desde a figura do estranho considerado sempre como um inimigo. Ou então, Deus passa a ser a figura do amigo sempre próximo.

Servindo-se de Freud, em suas considerações sobre o *unheimlich*, Derrida assinala que o estranho pode aludir tanto ao mais familiar e conveniente quanto ao absurdo, ao louco ou inconveniente, mas isso não significa que o estranho seja um inimigo. É verdade que a “amizade foi freqüentemente definida desde a conveniência [...] que convém à familiaridade” (*ibidem*, p. 202), mas isto a torna engessada a uma natureza que é em si mesma bastante problemática, como Freud inclusive o aponta. Derrida propõe, então, que não deve caber um lugar à amizade, ou seja, o âmbito da família, de tal forma que este laço seja caracterizado mediante os parâmetros sobre os quais aquela se forma, para que se possa evoluir no sentido de uma outra política, ou seja, estabelecida com base numa outra concepção da vida social e da esfera do político, desde a qual se pretende que os habitantes da *polis* tornem-se capazes de suportar uma tensão irreduzível. Para tanto, é importante não identificar a amizade com as figuras do próximo e do irmão, para que tensões não sejam concebidas como efeitos de inimizadas.

A irreduzibilidade da diferença observada entre o eu e o outro – o efetivamente outro – coloca em pauta, por sua vez, a amizade como relacionada à distância, e não mais

ao familiar e ao próximo. Percorrer outro território e tornar-se outro implica distanciar-se do que está na origem. Da mesma forma, adentrar o território do inconsciente implica a destituição do eu em sua soberania, para que seja dado um lugar efetivo ao radicalmente outro, em um movimento no sentido da autotransformação, configurando-se, assim, uma proposta de luta que parece utópica, sem dúvida, mas que nem por isso deixa de ser indispensável, cada vez mais, no entender de Derrida. Sem procurar disfarçar um certo espanto diante de certos silenciamentos, Derrida proclama, finalmente:

A questão principal, que se apresenta, justamente, refere-se à hegemonia de uma norma filosófica (...). Como foram excluídos o feminino o a heterossexualidade, a amizade entre mulheres ou a amizade entre homem e mulher? Por que não se pode considerar o essencial das experiências femininas ou heterossexuais da amizade? Por que esta heterogeneidade entre *érōs* e *philia* (*ibidem*, p. 308)?

A parceria conjugal estaria relacionada apenas à procriação e ao prazer sexual, portanto, à medida que dela fica excluída a amizade? A ausência manifesta no feminino não teria nada a dizer sobre a vida, nada a partilhar junto à presença do falo? A partir de considerações desta natureza, Derrida denuncia o que considera ser a manifestação de uma homossexualidade viril, pensada como constitutiva de um laço de amizade relacionado à conveniência e à hierarquia, e que estaria na base da estratégia político-institucional utilizada por Freud e por outros tantos pais fundadores psicanalistas.

Trata-se, aqui, de uma problemática – a homossexualidade – que interessa a esta pesquisa, e que já foi abordada anteriormente; seu comparecimento nas reflexões de Derrida, em que são feitas certas considerações, sugere a importância de que sejam destacadas algumas das questões por ele apontadas, ainda que estas possam ser classificadas como tendenciosas, já que são desconsiderados desdobramentos posteriores, entre Ferenczi e Freud. Derrida identifica haver em Freud um componente homossexual que se caracteriza por uma virilidade auto-afirmativa, sendo que, por sua vez, esta se apresenta recalcada nos que se comportam como filhos, levando-os a uma passividade servil; além disso, tudo se passa num contexto em que as mulheres são excluídas. Para comprová-lo, Derrida examina uma carta de Ferenczi, endereçada a Freud em 26/12/1912. Trata-se de uma época em que o discípulo ainda encontrava-se muito encantado com o mestre. Derrida a relata quase que na íntegra, para apontar alguns problemas que denotam haver dificuldades importantes, geradas, a seu ver, desde o contexto da institucionalização da psicanálise, que então se iniciava. À medida que esta carta é bastante extensa, sua

reprodução está reproduzida apenas em partes, a seguir, pois somente interessa que sejam destacadas as questões propriamente pertinentes ao que aqui se pretende discutir.

O comportamento de Jung é de uma impertinência inaudita. Ele se esquece de que foi ele que exigiu a 'comunidade analítica' dos alunos e o tratamento dos alunos como pacientes. Mas quando, porém, se trata dele, ele não quer mais fazer valerem essas regras. A análise mútua é um absurdo e também uma impossibilidade. Cada um deve ser capaz de suportar uma autoridade sobre si, da qual aceita as correções analíticas. O Sr. é mesmo o único que se pode permitir renunciar ao analista, na verdade, porém, isto não representa nenhuma vantagem para o Sr., isto é, para a sua análise, mas uma necessidade: o Sr. não tem à disposição um analista seu igual ou ainda superior, pois pratica a análise há quinze anos a mais do que todos os outros e armazenou experiências que ainda nos faltam. (...)

Jung ainda não chegou ao autodomínio, como o Sr. Ele recebeu os resultados já prontos e os aceitou a todos com entusiasmo, sem tê-los experimentado em si mesmo. (...) Quer queira, quer não: também no futuro, o Sr. precisará contentar-se com a auto-análise, que já rendeu frutos tão preciosos à ciência. Quanto ao restante de nós, devemos nos considerar felizes que o Sr. nos auxilie a dominar os nossos afetos da única maneira eficaz, quer dizer, de maneira analiticamente justificada, e que nos dê indicações que chamam nossa atenção para os pontos fracos de nossa organização psíquica. Eu também passei por um período de revolta contra o seu 'tratamento'. Agora compreendi e acho que o Sr. tinha razão em tudo e que não poderia ter me prestado melhor serviço que o de nem sempre ter-se deixado guiar, em minha 'educação', pelo sentimento, mas, com frequência, pela percepção analítica.

Jung é o típico rebelde e fundador de religião. O pai, na sua nova obra, não tem quase valor algum; um espaço muito maior ocupa a comunidade cristã de irmãos. O efeito de seu livro sobre mim é terrivelmente negativo; seu conteúdo e sua forma repugnam-me: a astúcia supérflua, a superficialidade, seu tom poético adocicado me fazem detestá-lo (FALZEDER *et al.*, 1995, p. 103-104).

Derrida conclui citando trechos de dois sonhos relatados por Ferenczi, ao final da carta, em que aparecem as figuras do feminino e da castração relacionadas a um coito, sendo a fecundação representada como algo que deve ser evitado. Trata-se aqui, no entender de Derrida, da representação de uma dupla exclusão do feminino, o que é bastante importante, no contexto de uma argumentação relativa à manifestação de homossexualidade: ou seja, a mulher é excluída em sua condição de sujeito desejante e procriador. O filósofo ainda destaca o endereçamento de Ferenczi a um pai soberano todopoderoso, em que pouco se apresenta disfarçada a raiz cristã que resiste à psicanálise propriamente dita (*cf.* DERRIDA, 1994, p. 311). Haveria aí, Derrida interroga, a manifestação de uma soberania invariavelmente associada à figura do Deus-pai criador, protetor e temido ao mesmo tempo, e que, por sua vez, se relaciona a uma concepção familiarista e intimista do laço de amizade? Sua intenção é assinalar alguns problemas

produzidos no campo psicanalítico, que, a seu ver, são originados desde o paradigma formado na compreensão psicanalítica relacionada à origem da sociedade humana: o parricídio e a aliança entre irmãos. Os irmãos passam, então, a se considerarem iguais, de modo que é formado um complexo de elementos fundadores, estabelecidos pelo saber psicanalítico, todos eles implicados na postulação de uma lei igualitária que tem por origem a interdição do assassinato. Com isso, o medo passa a ser considerado um afeto primordial que concede sustentação ao vínculo formado entre os irmãos, ao mesmo tempo em que a figura do pai passa a ser dotada de um poder superior, posto que o assassinato implica a formação do sentimento de culpa nos filhos/irmãos. Portanto, fica definido o alicerce moral, sobre o qual é fundada a sociedade patriarcal e falocêntrica, ainda que o pai seja tido como morto pela psicanálise, adverte Derrida.

Derrida relaciona alguns temas que interessa serem destacados, por dizerem respeito a problemas gerados num campo psicanalítico que se constituiu norteadado, desde sua origem, por uma hierarquia que se sustenta na figura de um pai soberano, excluindo-se, então, em alguma medida, o compartilhamento de experiências e a construção coletiva do saber. Para Derrida, o campo psicanalítico deve compreender algo bem diferente, ou seja, a perspectiva de haver indivíduos diferenciados entre si e que possam dialogar de forma amistosa, mas não necessariamente desprovida de conflitos:

o desafio psicanalítico à lógica ‘mutualista’ de toda comunidade democrática, portanto, à *philia* por excelência, a dissimetria das relações analisando/analista, a heterogeneidade entre a transferência (como ‘amor’, dizia Freud) e toda amizade possível (...), a transcendência irreversível da posição paterna aos olhos de uma comunidade fraterna, singularmente na sua forma cristã, a resistência estrutural do cristianismo à psicanálise, a teoria da exceção soberana como poder do pai (da psicanálise) a se auto-analisar por si mesmo e pela ‘primeira vez na história da humanidade’, tudo isso assumido de forma muito séria por um de seus discípulos, sem a menor ironia, num endereçamento ao pai que levamos também muito a sério (...) (*ibidem*, p. 311).

É certo que, ao se considerar o que se desenvolve entre Ferenczi e Freud bem mais adiante, boa parte das conclusões de Derrida quanto ao campo psicanalítico não são confirmadas, ao menos amplamente, mas é inegável que podem ser encontradas indicações nesta carta bastante interessantes, sobre o que Ferenczi formula como amizade, e também sobre o que ele propõe ao campo psicanalítico, uma vez que se pode notar que sua prática de vida corrobora o que ele expressa não poucas vezes.

As considerações de Derrida merecem ser examinadas com atenção, sem dúvida, dada a temática proposta nesta pesquisa e, especialmente, dada a interface aqui

considerada, entre filosofia e psicanálise. O filósofo adverte que, tendo em vista o que Ferenczi manifesta na referida carta, se algo não acontece no âmbito da psicanálise até aquele momento, é importante frisar, é justamente a psicanálise. Derrida considera que a psicanálise não pode acontecer no contexto de uma cadeia de gerações de pais fundadores que pretendam outorgar a si o monopólio sobre um saber, abstendo-se do diálogo com o outro. Desta forma, são colocadas sérias dificuldades ao encaminhamento de questões relativas ao pensar e ao viver, já que estas funções devem ser compreendidas como sucedâneos que se originam de uma abertura radical ao estranho e ao novo, configurando-se, assim, uma contigüidade necessária entre os diferentes que se encontrem implicados num processo de análise.

Cabe registrar, no entanto, que Ferenczi se posiciona, nesta carta, em defesa de um respeito que reputa ser devido a Freud, tendo em vista sua autoridade formada desde a condição de fundador do saber psicanalítico e sua auto-análise praticada há quinze anos, reconhecimento este que se constitui, sem dúvida, num elemento de verdade. Pode-se entender, afinal, que a crítica de Ferenczi à impertinência de Jung, ainda que manifesta com certa severidade, por este desejar realizar uma análise mútua com o mestre, não implica posicionar-se exclusivamente em favor de uma hierarquia ou assimetria entre analista e analisando, ou em favor de um distanciamento irrevogável, mas somente a manifestação de um reconhecimento à autoridade de Freud. Afinal, este reconhecimento é importante, num momento em que se pretende que o saber psicanalítico progrida, progresso este que, em verdade, encontra uma certa resistência da parte de Jung, que se comporta na oportunidade, por sinal, como um típico filho de pastor. Isto fica evidente no momento da carta em que Ferenczi adverte para o problema de Jung não aceitar a condição de analisando, posicionando-se como um igual numa comunidade de irmãos leigos. Ao contrário, Jung prefere contestar a autoridade de Freud. Não estaria havendo, neste momento, uma contestação dirigida ao pai Freud, devido ao fato de este vir a tomar o lugar do pai da religião de Jung? Há que se levar em conta, também, que Ferenczi assinala ser problemático o fato de Freud não ter a sua disposição “um *analista seu igual* ou ainda superior” (grifos deste autor). Pode-se supor, portanto, que Ferenczi está atento à questão da religião e ao problema do pai todo-poderoso e soberano. Ao mesmo tempo, há que se considerar que este se encontra de qualquer forma em destaque, dado o posicionamento de Freud, que se apresenta de um certo modo num universo que pode se constituir numa nova religião, sendo apenas aparentemente mantido numa posição secundária em relação à comunidade dos irmãos psicanalistas. Afinal, é sabido que todos os corpos são reunidos

numa só alma, no universo religioso, porque todos se orientam em direção ao Deus-pai, a quem deve ser devotado todo o respeito. Como fica evidente ao longo do tempo, o projeto de Freud não se desdobra de forma exatamente diversa. Por isso mesmo, pode-se verificar, mais adiante, que a postura adotada por Ferenczi em relação a Freud demonstra ter-se formado nele próprio uma luta para tornar-se independente de um mestre/pai poderoso, no que parece ter sido razoavelmente bem-sucedido.

Tudo indica, dada a questão discutida por Derrida ao longo de seu livro, que todo o problema resulta de uma perspectiva assimétrica rígida, proposta a uma produção de verdades, o que causa, certamente, dificuldades sérias à produção da psicanálise, uma vez que se compreenda que esta não pode ser nordeada pela revelação emanada de um ser superior que subjuga a todos. Esta assimetria rigidamente estabelecida se constitui de fato numa variante importante no movimento psicanalítico, tendo sido diversas vezes problematizada entre os contemporâneos de Freud, e por ele próprio; não poucas vezes, Freud manifesta ter a intenção de formar uma comunidade fraterna reunida em torno de sua figura enquanto pai. Por isso, e não sem alguma razão, Derrida considera haver problemas neste modo de produção de verdades, atribuindo a Ferenczi, finalmente, a condição de apresentar-se de forma religiosa diante de Freud, o que também é verdade. Afinal, dentre outras características positivas atribuídas por Ferenczi à psicanálise, encontra-se a de esta ser “um método analítico-ascético” (FALZEDER *et al.*, 1996, p. 357), isto em 1919, num momento em que ele ainda manifestava estar fortemente ligado a Freud. Da mesma forma, pouco tempo antes, ou seja, numa carta endereçada a Freud, datada de 13 de junho de 1917, Ferenczi manifesta concordar com o fato de a psicanálise colocar em evidência a “raiz homossexual da amizade (...) [considerando que] os amigos tornam-se *um pelo outro* mãe e filho” (*ibidem*, p. 245, grifos do autor).

Assim, pode-se encontrar, de fato, algum traço de religiosidade em Ferenczi, compreensível num relacionamento tão intenso, iniciado há tão pouco tempo, como ocorre de resto entre mãe e filho, e mesmo mais tarde, sem dúvida, mas isto também se deve ao fato de sentir-se grato ao que Freud lhe proporciona, ou seja, ‘frutos tão preciosos à ciência’, e não apenas à atmosfera afetiva formada devido à afinidade surgida entre ambos. Não é intenção de Ferenczi, entretanto, pelo que se pode deduzir das relações estabelecidas com outros pares, e com o próprio Freud, mais adiante, acreditar que a elaboração do saber seja estabelecida somente mediante uma estrita admiração, que, na verdade, acaba por tornar-se contraproducente por não admitir sinceridade. Por firmar a importância de os afetos serem dominados, sendo este domínio relacionado ao objetivo da análise e a sua

eficácia, e ainda, considerando-se sua forma de exercer a prática clínica, pode-se concluir que Ferenczi não dispensa algo, que é a seu ver muito importante na busca do conhecimento, e que não é levado em conta por Derrida, nesta ocasião: a autonomia do indivíduo. Enfim, pode-se notar que há um conjunto de possibilidades interpretativas indicadas nesta carta, e que boa parte da história da psicanálise confirma a pertinência da preocupação de Derrida, mas deve-se considerar, também, que Ferenczi não se mantém alheio ao que envolve uma relação estrita de admiração.

Sabe-se que a psicanálise supõe que uma vez elucidado o complexo de fatores que resultam na fragilidade do ego, e fortalecida a organização psíquica, o indivíduo passa a ter condições para abrigar-se dos poderes soberanos, de modo a poder se diferenciar numa comunidade em nada assemelhada à comunidade de irmãos; a crença nesta possibilidade é patente no modo como Ferenczi passa a trilhar sua trajetória, enquanto psicanalista, alguns anos mais à frente do momento em que acontece a referida carta. Os acontecimentos seguintes, as atitudes tomadas por Ferenczi em relação a Freud, indicam que aquele procura abrigar-se da forma soberana mediante a qual Freud costuma se posicionar. Amizades diversas e circunstanciais, algumas das quais examinadas nesta pesquisa, e que são desenvolvidas por Ferenczi sem que resultem em rupturas – à medida que pautadas, tanto por convergência de interesses quanto por diferenças, sempre reconhecidas –, podem ser consideradas na demonstração desta verdade. De fato, o problema apontado por Derrida é encontrado de maneira acentuada no campo psicanalítico, sendo evidente que Freud contribui para a formação deste, dadas as suas características pessoais. No entanto, se Derrida aponta um problema de fato existente no campo psicanalítico, é importante notar que o que se desenvolve entre Ferenczi e Freud não confirma de todo a conclusão de se formar uma resistência à própria psicanálise, ao menos em Ferenczi.

Como afirma Ortega, inspirando-se em Derrida, “a atividade desconstrutiva aspira a uma nova política da amizade para além da fraternidade – isto é, além da compreensão comum da democracia” (ORTEGA, 2000, p. 68), e tudo indica que Ferenczi torna-se adepto deste tipo de política. No entanto, em que consiste exatamente esta “nova política da amizade”, proposta por Derrida? Ao que parece, como se pode acompanhar a seguir, o pensamento foucaultiano fornece algumas pistas para se pensar uma certa concepção da amizade, a ser elaborada com base em parâmetros que prometem ser bastante interessantes.

## 1.2 Foucault

Foucault (1926-1984)<sup>21</sup> não elabora uma reflexão sistematizada sobre a amizade, mas podem ser encontrados ao longo de sua obra, notadamente em seu terceiro momento de problematização, relacionado ao sujeito e a sua autoconstituição ética, indicadores relevantes para pensá-la, em continuidade, inclusive, com algumas das questões formuladas por Derrida.

Em “*Dits et écrits*, v. 4” (1994), lê-se a seguinte declaração de Foucault, feita em 1982, dois anos antes de sua morte:

(...) procurei estudar – é o meu trabalho em curso – a maneira mediante a qual um ser humano se transforma em sujeito; orientei minhas pesquisas no sentido da sexualidade, com base na maneira pela qual o homem aprendeu a se reconhecer como sujeito de uma ‘sexualidade’. Não é o poder, portanto, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minhas pesquisas (FOUCAULT, 1994, p. 223).

Interessado em facetas diversas relacionadas a formas de subjetivação e de existência dos sujeitos, Foucault declara, neste mesmo ano, que “o problema da amizade é uma coisa que [lhe] interessa hoje em dia”; ainda afirma que “após haver estudado a história da sexualidade, deveríamos tentar compreender a história da amizade, ou das amizades” (*ibidem*, p. 744). Foucault chama a atenção para a concomitância entre o desaparecimento da amizade nas “sociedades masculinas”, a partir do século XVI, e a proibição de relacionamentos homossexuais. Seu interesse central, ao conceder destaque a esta problemática, refere ao poder disciplinar exercido por instituições como a escola e o exército, a cujo avanço atribui a fragilidade dos laços sociais, observada na contemporaneidade, fenômeno este que, no seu entender, se reflete no “fracasso de todos os programas sociais e políticos”, ocorrido desde a segunda guerra (*ibidem*, p. 746).

No segundo volume de sua “História da sexualidade”, publicado em 1984, ao abordar a questão do prazer e justificar o interesse voltado para o sujeito, considerando-o na perspectiva da relação com o prazer, Foucault afirma que “convinha pesquisar quais são as formas e as modalidades da relação consigo através das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito” (FOUCAULT, 1998, p. 11). Fica claro, então, que o viés da sexualidade é utilizado, neste terceiro período de sua obra, para fazer uma aproximação – ainda maior, cabe ressaltar – do que possa se revelar como constitutivo do sujeito em sua

<sup>21</sup> O texto que segue, sobre Foucault, compreende não só suas reflexões enquanto historiador do pensamento, mas também um pouco de sua biografia e modo de vida; assim, se pretende refletir seu propósito enquanto um filósofo mais do que interessado na “desconstrução da filosofia do sujeito” (BIRMAN, 2000, p. 11).

singularidade. Além disso, ele situa sempre a análise do sujeito em relação às condições históricas envolvidas em sua existência, sobretudo, sendo este agora pensado como dotado de um quantum de liberdade que lhe possibilita ao menos resistir ao poder disciplinar característico da forma soberana de exercício do poder. Isto porque Foucault não concebe pensar o sujeito como uma substância, um corpo erógeno, por exemplo, mas como formas sempre intercambiantes entre si, evidenciadas no foco direcionado, a partir de certo momento de sua obra, para a relação do sujeito consigo mesmo e com o outro, numa perspectiva pragmática que não se restringe a uma atenção voltada para a esfera da autoconsciência.

Seguindo uma trajetória de pesquisa, que tem como ponto de partida o eixo dos poderes a que os indivíduos estão submetidos, Foucault direciona suas reflexões, por fim, no sentido da formulação de parâmetros que reputa serem libertários. Este percurso é coerente com sua concepção inicial de que as relações sociais são estabelecidas como um permanente confronto de forças, o que sugere a importância de se fazer seu exame desde uma perspectiva ao mesmo tempo política e histórica; desta forma, Foucault adverte que esses parâmetros devem ser elaborados no contexto de uma análise crítica das diversas formas de subjetivação, observadas ao longo da história da civilização. Esta estratégia de pesquisa parece ter relação, muito provavelmente, com seu interesse derradeiro por uma história da amizade, conforme ele mesmo menciona algumas vezes, isto após ter realizado a pesquisa direcionada para o tema da sexualidade (*cf.* FOUCAULT, 1994, p. 744-746), pois Foucault se preocupa sempre com o esvaziamento da vida pública e os fracassos das propostas políticas de transformação das sociedades. Neste sentido, pode-se considerar que o interesse pelo tema da amizade está relacionado ao interesse pelo fortalecimento dos sujeitos, mediante a valorização da criatividade e iniciativa, mas sempre os considerando inseridos em comunidades e insistindo num certo enfoque, que é extremamente relevante para o contexto político contemporâneo.

Por não se preocupar em distinguir conceitualmente as noções de sujeito, indivíduo e si mesmo, Foucault contribui inadvertidamente para que se produzam confusões interpretativas de sua obra (*cf.* ORTEGA, 1999, p. 32), mas, talvez, esta indistinção conceitual se deva ao fato de ele implicar-se a si próprio na tarefa de pensar o sujeito produzido na modernidade. Ao que tudo indica, este terceiro momento de sua obra reflete também a libertação de um autor que se coloca em busca de sua própria individuação, o que sugere a importância de se examinar algumas das condições

biográficas mediante as quais se dão os desenvolvimentos e experiências que terão levado Foucault a destacar, por fim, a importância de uma história da amizade.

Filho de médico e, mais do que isso, descendente em uma linhagem de médicos, Foucault tenta ingressar na Escola Normal Superior em 1945, mas é reprovado. A partir de então, volta-se para a Filosofia, licenciando-se em 1948. No ano seguinte, licencia-se em Psicologia. Neste período, ocorrem algumas tentativas de suicídio, e Foucault se insurge contra o poder estabelecido no Partido Comunista Francês, onde ingressara em 1950, permanecendo a ele ligado por pouco tempo. Desde então, se envolve cada vez mais com a vida acadêmica, publicando seu primeiro livro em 1954: “Doença mental e psicologia”. Interessado sempre em lutas políticas – micros e macros – e em dinâmicas sociais, Foucault procura conhecer de perto disputas políticas ocorridas no Irã e na Turquia, e fica maravilhado com o apoio dado à liberdade intelectual nos Estados Unidos, onde tem a oportunidade de passar por experiências amorosas e sexuais marcantes no início dos anos 80, além, obviamente, de ter a satisfação de ver suas idéias serem objeto de uma boa recepção.

Esta breve síntese de sua biografia sugere a presença de uma variante que merece ser considerada como um elemento importante na elaboração de suas tematizações: trata-se da associação entre reflexão e prática. As vicissitudes sofridas na condição de homossexual, por exemplo, e a elaboração de sua própria autoconstituição como sujeito, encontram-se suficientemente explicitadas em sua declaração: “meus livros foram sempre meus problemas pessoais para com a loucura, a prisão, a sexualidade (FOUCAULT, 1994, p. 748)”, de forma que se pode verificar que a noção foucaultiana da tarefa do filósofo envolve reflexão, pesquisa e luta, o que faz com que a trajetória de vida deste grande filósofo se defina como uma sucessão de lutas de libertação. O comentário feito por Foucault, que se segue, evidencia com clareza este juízo:

(...) a análise crítica do mundo em que vivemos constitui, cada vez mais, a grande tarefa filosófica. (...) o problema ao mesmo tempo político, ético, social e filosófico que se nos propõe hoje em dia, não é o de tentar libertar o indivíduo do Estado e de suas instituições, mas de nos libertar a *nós* do Estado e do tipo de individualização a este relacionada. É preciso promover novas formas de subjetivação, recusando o tipo de individualidade que nos foi imposta durante muitos séculos (*ibidem*, p. 232, grifo do autor).

Portanto, em continuidade a um trabalho de pesquisa em que foca a questão do saber, e no intuito de ir mais além da problemática dos dispositivos repressivos e das técnicas de dominação, em seus efeitos de sujeição e controle dos indivíduos, e ainda,

dando-se conta de que a analítica empregada, até então, está referida a um sujeito concebido enquanto substância, em certa medida, Foucault acaba concluindo ser necessário se interessar por formas de subjetivação. Essas formas de subjetivação dizem respeito a práticas de si, que a princípio são consideradas como meras formas de resistência. No entanto, a pesquisa histórica e o engajamento pessoal o levam a concluir que as práticas de si constituem “um fenômeno muito importante em nossa sociedade desde a época greco-romana” (*ibidem*, p. 709), período histórico em que eram mais autônomas, de tal forma que ele passa a dedicar-se a seu estudo. A conquista da autonomia pelo sujeito se constitui, portanto, num fator que atrai o interesse de Foucault, e isto se reflete no último período de sua obra<sup>22</sup>.

Segundo Foucault, se praticava o cuidado de si (*epimeleia heautou*) na Grécia antiga, mas este cuidado não significa o indivíduo interessar-se somente por si mesmo, excluídos todo interesse e preocupação pelo que se encontra fora de si. Foucault esclarece que *epimeleia* “designa o trabalho, a aplicação, o zelo por qualquer coisa” (*ibidem*, p. 622-623), como ocorre com o médico em relação aos doentes, e com o monarca em relação aos súditos. O exercício da responsabilidade envolve necessariamente conhecimento, e este se articula às coisas do mundo, na Antiguidade, numa perspectiva ao mesmo tempo cósmica e singular do sujeito, pois se trata, nesta época, de os indivíduos dedicarem-se à elaboração de “práticas de liberdade”, algo bem distinto, por exemplo, de “processos de liberação” (*cf.* Foucault, 1994, p. 710), praticados posteriormente. As práticas de liberdade implicam as esferas da ética e da estética, sendo que estas se expressam mediante a dedicação a si próprio, estabelecendo-se, então, formas ou modos de ser que são produzidos a partir de esforços de eliminação de estados de dominação. Esses modos de existência concernem à existência de um sujeito considerado ativo e capaz de autonomia, sendo este objetivo manifesto desde os primórdios de sua existência em sociedade. Foucault passa a demonstrar, portanto, que os gregos inventaram a subjetivação, “e isso porque seu regime, a rivalidade entre os homens livres, o permitia” (DELEUZE, 1996, p. 142).

As atividades que têm por finalidade a conquista da liberdade de si concernem à ascese, tal como praticada na Antiguidade, pois, neste período histórico, diferentemente da renúncia preconizada com o advento do período cristão, na Idade Média, trata-se de se buscar usufruir prazeres com moderação. Ascese consiste no desenvolvimento de práticas que se destinam à preparação e habilitação dos indivíduos, sustentando-se aquela numa

---

<sup>22</sup> Segundo DELEUZE (1996, p. 140), em seus dois últimos livros Foucault faz uma “homenagem aos gregos”, apresentando uma “visão muito clara e original” dos mesmos.

relação do si mesmo consigo. Pouco a pouco, e, sobretudo a partir do período cristão, a prática de si passa a ser regulada pela renúncia a si mesmo e pela expectativa da revelação de uma palavra verdadeira, que só pode ser enunciada por um Outro (*cf.* FOUCAULT, 2001, p. 312-313), a quem o sujeito deve se submeter.

Interessado na explicitação dessas práticas de si, do cuidado de si, sobretudo no que se refere àquelas em que trabalho e prazer se articulam entre si, Foucault avança sua reflexão inicial focada no saber/poder, direcionando-se para considerações sobre a existência possível de mobilidade nas relações de poder. Assim, ele atribui às partes envolvidas a utilização de estratégias diversas, que devem ser capazes de influir na dinâmica dessas relações, sem que se estabeleçam bloqueios ou imobilizações, necessariamente, nem mesmo qualquer captura do indivíduo numa determinada relação. Por isso, ele não ignora que processos de liberação ocorram, por vezes, mediante condições políticas ou históricas específicas, de forma a tornar possíveis as práticas de liberdade, mas considera que aqueles não são suficientes, por si só, para que seja criado um modo próprio de vida, seja de um povo seja do indivíduo, que configure o exercício efetivo de uma autonomia.

Verifica-se, portanto, que a autonomia implicada em modos próprios de vida se constitui num problema que atrai o interesse de Foucault, sobretudo nos últimos anos de sua vida. Relações de poder e modos de vida concernem, por outro lado, a um enfoque dado à questão do governo dos outros, desde a analítica centrada na questão do poder, eixo de análise que se desloca, pouco a pouco, para o problema do governo de si, considerado como uma estilística da existência. Segundo Ortega,

sem o deslocamento no eixo do poder – o qual conduz à questão do governo – não teria sido possível [em Foucault] a passagem para o outro eixo, o do sujeito. Pois somente depois de ter sido realizado o deslocamento Foucault pode passar do *governo dos outros* ao *governo de si* a fim de introduzir a temática da autoconstituição (ORTEGA, 1999, p. 37, grifo do autor).

Como se pode notar, pelo até aqui exposto, a prática de si e sua importância no processo de autoconstituição do sujeito relaciona-se ao destaque dado a um sujeito não mais constituído por poderes que lhe são externos. O sujeito passa a ser considerado, então, como um agente constituinte, pois que dotado ele próprio de poder, o que não implica, no entanto, concebê-lo dissociado do outro. Esta problemática é abordada de forma consistente, no último curso dado por Foucault no Collège de France, em 1981/1982, dois anos antes de uma morte ocasionada por complicações derivadas de AIDS. Segundo

Frédéric Gros, editor de “*L’herméneutique du sujet*” (2001), os últimos anos da vida de Foucault são o teatro de uma tensão cada vez mais forte, em que é evidenciado “o projeto de escrever uma história da sexualidade antiga, reordenada em torno da problemática das técnicas de si e, de outro lado, a tentação crescente de estudar essas técnicas” (FOUCAULT, 2001, p. 495). Assim, pode-se notar, mais uma vez, que a pesquisa de Foucault não é empreendida desde uma mera curiosidade intelectual; sua evolução deriva, mais precisamente, de uma atmosfera psicológica impregnada de um desejo que concerne a uma verdadeira ‘tentação’, de tal forma que se torna evidente seu ponto de vista de que o conhecimento não deve estar orientado por conveniências, para poder suscitar transformações; estas só se tornam possíveis a partir do enfrentamento do sujeito com o desconhecido. Por isso, Foucault assinala que o filósofo exerce também uma ascese, “um exercício de si”, ainda que este se desenvolva na esfera do pensamento (FOUCAULT, 1998, p. 13). Portanto, a pesquisa desenvolvida por Foucault compreende uma visão inicial panorâmica da produção do mesmo, que o leva a interessar-se por deslocamentos ocorridos ao longo do desenvolvimento civilizatório. Se ele elabora, inicialmente, uma concepção da subjetividade formada por códigos morais normatizantes, que cumprem a finalidade de subtrair ou expandir nos indivíduos, em graus variáveis – e em épocas precisas –, a autonomia e criatividade necessárias a um processo de transformação e elaboração de seus modos de vida ou de existência, pouco a pouco a concebe em luta permanente pela autonomia. É por isso que Foucault considera que os modos de vida seriam sempre engendrados ou produzidos de forma livre, em maior ou menor grau.

Uma vez que o interesse de Foucault se desloca do eixo do saber/poder para o do cuidado de si, como vem sendo apontado, é importante notar que este último é considerado uma ‘arte da existência’ por excelência. Conforme já assinalado, o questionamento inicial de Foucault está centrado no problema derivado do controle, da disciplina e da renúncia, considerando-os agenciamentos provenientes da hegemonia exercida pelo saber, nas subjetividades, e que tendem a cumprir a função de homogeneizá-las. Os problemas envolvidos na hegemonia exercida pela saber e por sua concomitante na prática, a renúncia, no âmbito da constituição da subjetividade, são decisivos, tanto para a pesquisa de Foucault quanto para o saber psicanalítico. Na verdade, trata-se de uma questão “crucial” colocada pelo campo da filosofia, que convoca a psicanálise a refletir sobre o primado dado a um imperativo que é, na verdade, de origem platônico-socrática: o imperativo do conhecer a si próprio (*cf.* BIRMAN, 2000, p. 98). A presente pesquisa, consubstanciada nesta dissertação, compreende, justamente, o interesse em articular este

imperativo do conhecimento com a tradição ética do cuidado de si, e também se propondo a fazer esta articulação com a clínica psicanalítica. Fazer articulações que envolvem um tal grau de complexidade implica fazer um trabalho à moda grega antiga, já que há que se fazer um esforço de elaboração de interlocuções. Isto porque, conforme já foi assinalado anteriormente, Foucault não escreve uma história da amizade, como Derrida, nem tampouco reflete sobre a amizade de maneira extensa. No entanto, este esforço se justifica, pois os assinalamentos feitos por Foucault são sem dúvida nenhuma muito importantes, tendo em vista as verdades enunciadas em seu pensamento.

Como aponta Birman, em uma abordagem relativa às aproximações e conflitos de Foucault com a psicanálise, há que se considerar a relevância de suas questões, pois:

(...) talvez se pudesse constituir uma outra modalidade de *clínica*, em cujo fundamento estaria o cuidado de si, em que as figuras do louco, do enfermo, do criminoso e do erotismo seriam restituídas nas suas potências de saber, como modalidades positivas de afirmação de si mesmas. Dessa maneira, a inscrição da psicanálise na tradição trágica talvez fosse possível, rompendo esta as suas ligações perigosas com a tradição crítica e reconhecendo que a inconsistência ontológica da subjetividade, enunciada por Freud com o conceito de inconsciente, seria o signo mais eloqüente da experiência trágica que marca a subjetividade (BIRMAN, *loc. cit.*, grifo do autor).

Birman enumera de forma sucinta, mas precisa, em “Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise” (2000), os inúmeros questionamentos feitos por Foucault à psicanálise, mas uma noção foucaultiana coincide com algo enunciado pelo saber psicanalítico, ou seja, a inconsistência ontológica do sujeito. A divergência de Foucault, no que tange a esta noção, se situa em relação à consideração de que a subjetividade evolui e adquire configurações específicas e definitivas desde as variantes do complexo de Édipo e de castração. Desta forma, a definição de uma prerrogativa que adquire o estatuto de uma invariante central, na estruturação subjetiva, e que se relaciona ao complexo paterno, torna-se algo inaceitável, do ponto de vista de Foucault. Para Foucault, o que existem são formas de subjetivação ou formas de produção do sujeito, historicamente modeladas segundo “tecnologias de si”, um outro termo utilizado por ele, e que se relaciona à prática de si e à técnica de si<sup>23</sup>.

Uma das formas de produção do sujeito, evidenciada pela pesquisa de Foucault, concerne à relação do sujeito com a figura do mestre, no contexto da *parrhêsia*, tema tratado minuciosamente, sobretudo em “*L’herméneutique du sujet*” (2001). A prática de si,

<sup>23</sup> As tecnologias de si são “práticas refletidas e voluntárias mediante as quais os homens não apenas determinam as regras de condutas, mas procuram se transformar a si próprios, se modificar seu ser singular, e fazer de suas vidas uma obra” (FOUCAULT, 2001, p. 60).

nela compreendida a ascese, implica a tarefa do exame de consciência, e isto se processa de formas diversas: leituras, anotações, meditação, rememoração e revisão do dia no momento de dormir, do que foi feito ou não, do que foi bem-sucedido ou do que precisa ser corrigido, tudo isso norteado pela figura próxima ou não do mestre. O que precisa ser corrigido remete à presença de um “doce mestre”, considerado “um amigo que é caro, [a] um amigo com quem são mantidas relações afetivas bastante intensas” (FOUCAULT, 2001, p. 157). Segundo Foucault, a prática de si na Antiguidade compreende uma “relação social (...) sempre possível entre os indivíduos (...) [tendo se desenvolvido] uma ética do relacionamento verbal com o outro” (*ibidem*, p. 158), conhecida como *parrhêsia*. Este termo é traduzido, em geral, como franqueza, uma condição que, por sua implicação na autoconstituição do sujeito, em seu endereçamento ao outro, leva Foucault a pensá-la como formada por “regras de jogo”. É importante esclarecer o sentido dado a ‘jogo’, por Foucault: trata-se de “um conjunto de regras de produção da verdade” (FOUCAULT, 1994, p. 725). Mas, a ‘verdade’, como Foucault a define?

A verdade é pensada, por Foucault, em relação à subjetivação, sendo esta compreendida como algo que se produz no contexto do cuidado de si, relacionando-se, portanto, a um processo de individuação em que regras são estabelecidas de acordo com finalidades específicas (*cf.* DELEUZE, 1996, p. 143). Uma das finalidades em que o cuidado de si é aplicado diz respeito ao exercício da *therapeuein*, uma “espécie de terapia da alma”, mas que pode também significar o “serviço que um servidor presta a seu mestre” ou um culto a uma divindade (FOUCAULT, 2001, p. 10)

A questão da produção da verdade e sua relação com formas diversas de subjetivação, e, sobretudo, as pesquisas sobre éticas diversas, implicadas na autoconstituição dos sujeitos, derivam da preocupação de Foucault com os “efeitos de dominação que podem estar ligados às estruturas de verdade ou às instituições que são encarregadas da verdade” (*ibidem*, p. 724). Pode-se, assim, compreender que a importância dada por Foucault, posteriormente, a relações pessoais voltadas para o exame de consciência, para a prática de si, e para as regras nelas implicadas, em que a franqueza cumpre um papel de destaque, assim como a questão da reciprocidade em relação a um outro, definido por um “laço de implicação essencial” (FOUCAULT, 2001, p. 169), denotam uma preocupação em relação aos movimentos políticos e sociais contemporâneos ao filósofo, que é sempre dirigida a um incitamento para a criação de modos de existência libertários. Por isso, Deleuze identifica o último período de sua obra como um “apelo à paixão” (DELEUZE, 1996, p. 144), o que, no entanto, não é suficiente para justificar a

advertência feita por Jurandir Freire, antes mencionada, ao destacar os riscos de se focar a relação do sujeito amoroso com o prazer. Na verdade, tendo em vista o conjunto de sua obra, é “pouco plausível afirmar que Foucault prefere um si mesmo isolado, nas suas investigações sobre a ética grega e romana” (ORTEGA, 1999, p. 124). Além disso, deve-se considerar que, ao que tudo indica, ao problematizar a autoconstituição ética de si, no contexto da relação com o outro, a filosofia foucaultiana estabelece aproximações com a psicanálise que interessam sobremaneira, inclusive, à questão da amizade na clínica psicanalítica.

Cabe ainda ressaltar, que Foucault procura demonstrar, em sua pesquisa direcionada para as formas de condução das relações humanas na Antiguidade, o percurso mediante o qual a filosofia constitui sua identidade. Segundo ele, o “centro de gravidade” da filosofia compreende a *teknê tou biou*, ou “a arte, o procedimento refletido da existência, a técnica de vida” (FOUCAULT, 2001, p. 171). Uma das preocupações dos antigos refere, por exemplo, a “como é que eu devo transformar meu próprio eu para ser capaz de aceder à verdade” (*ibidem*, p. 172). Daí se desenvolvem, então, as regras do ‘conhece-te a ti mesmo’, mote com o qual a filosofia passa a ser identificada, ao longo dos tempos, ou seja, pelo viés da racionalidade, mas também a ‘ascese’, a ‘catarse’, a ‘conversão’, dentre outras, configurando a formação de uma “cultura de si” (FOUCAULT, *loc. cit.*) que se expande pelas sociedades antigas, e que compreende valores universais acessíveis a apenas uma parcela de indivíduos que se comportam de forma regrada e precisa, pois que lhes são requeridos esforços e sacrifícios. Uma das componentes desta cultura é a salvação; ou seja, a salvação é considerada como uma variante do cuidado de si mesmo, sendo também objeto de uma preocupação que se situa, no contexto da Antiguidade, no âmbito da relação do indivíduo consigo mesmo, a ser cultivada mediante as práticas de si e, eventualmente, o recurso a terapeutas. No entanto, como o demonstra Foucault, pouco a pouco, ao longo da constituição das formas diversas de subjetivação, e, sobretudo, desde o primado da racionalidade estabelecido com Descartes, ‘salvação de si’ e ‘salvação dos outros’ se desconectam, assim como catarse e política, o que resulta em problemas. Nesta altura de sua pesquisa, e não por acaso, certamente, Foucault introduz a questão da amizade, fazendo considerações com base na filosofia epicurista.

Epicuro, filósofo grego nascido em Atenas, provavelmente em 341 a.C., atribui uma função terapêutica à filosofia, ao mesmo tempo em que problematiza a falta de liberdade experimentada em seu tempo. Segundo Epicuro, a filosofia deve sugerir aos homens os meios mediante os quais a felicidade pode ser alcançada, compreendendo-se

esta como relacionada à liberdade e independência interior, consideradas viáveis uma vez que os homens se libertem de seus grandes temores. Foucault assinala que Epicuro exalta a amizade como um modo de alcançar a felicidade, e que seus textos a apresentam sempre derivada da utilidade (cf. FOUCAULT, 2001, p. 185). No entanto, de quê utilidade se trata? A amizade epicurista se constitui numa forma do cuidado de si, e, como tal, porta o sentido de algo desejável, a ser elaborado no curso de um processo que implica regras e sacrifícios, conforme já foi esclarecido, não comportando, portanto, qualquer vislumbre de satisfação imediata, como a idéia de utilidade sugere inicialmente. Foucault adverte que a utilidade, na amizade epicurista, constitui-se numa das condicionantes estabelecidas, sendo também considerada a questão da reciprocidade, o que rebate o entendimento de haver aí a injunção de qualquer egoísmo. No entanto, deve-se compreender que a singularidade do que possa ser experimentado como felicidade, por um e por outro indivíduo, é algo que diz respeito à interioridade de cada um. Foucault assinala, então, o deslocamento ocorrido desde o platonismo, do eixo da preocupação com o outro, com o bem-estar da *polis*, fundamentalmente, em direção ao eixo da preocupação do si-mesmo consigo, resultando na modalidade da prática de si conhecida como ‘conversão’, a qual adquire uma forma mais elaborada e rígida por ocasião do advento do cristianismo. No entanto, o princípio geral de que não se pode cuidar de si mesmo sem o auxílio de um outro, reconhecido como uma autoridade, encontra-se sempre presente ao longo dos tempos. A questão que se coloca, para Foucault, é o quanto conhecimento e prática evoluem dissociados entre si, em função da transcendência atribuída à revelação da Verdade por um Outro, e o quanto discurso e prática se distanciam entre si.

Como se pode notar, desde o resumo feito até aqui, dos diversos elementos trazidos à luz pela pesquisa e pelo pensamento de Foucault, o foco central dado ao sujeito na condição de “cidadão do mundo” é acompanhado pela tematização do cuidado de si, sendo este considerado um fator propiciador da apreensão de um “princípio regulador da atividade, de nossa relação com o mundo e com os outros”, como esclarece Frédéric Gros, editor de *“L’herméneutique du sujet”* (FOUCAULT, 2001, p. 519). Ou seja, não mais se pensa o sujeito como necessariamente passivo, subordinado ou dominado. Devido ao fato de o cuidado de si compreender a busca de associação do prazer com a introspecção vigilante, Gros conclui que ele não compreende qualquer “gozo narcísico”, mas a “hipocondria doentia” (*ibidem*, p. 515). A perspectiva do sofrimento implicado em algo marcado por uma certa transitoriedade, já que comprometido com a busca de liberdade e autonomia, sugere, por sua vez, a presença da figura do agonismo, tanto no âmbito do

cuidado de si quanto no da amizade, tal como Ortega o aponta em “Amizade e estética da existência em Foucault” (1999).

Em “História da sexualidade, 3: o cuidado de si” (1984), ao abordar o declínio das cidades-Estado enquanto entidades autônomas, ocorrido a partir do século III a.C., Foucault introduz o problema de se “pensar a organização de um espaço complexo: muito mais vasto, muito mais descontínuo, muito menos fechado do que poderia ser os espaços das pequenas cidades-Estado” (FOUCAULT, 1999b, p. 89). Neste sentido, “a constituição do sujeito ético se torna ainda mais problemática” (*ibidem*, p. 91), e é fortalecida a cultura de si. A nova configuração do espaço político requer homens que saibam governar a si próprios, que tenham clareza de suas responsabilidades, mas também de suas vontades. Numa sociedade agonística, sujeita a crises, deve-se elaborar formas diversas de ser, até mesmo antagônicas entre si, num mesmo contexto, como no caso do matrimônio, em que se requer a prática tanto da reciprocidade quanto da desigualdade. Em meio a outras contradições, se o indivíduo da Antiguidade já necessitava se esforçar no intuito da “reelaboração de uma ética do domínio de si”, é cada vez mais conveniente se considerar que “deve-se, antes de qualquer coisa, pensar numa crise do sujeito, ou melhor, da subjetivação” (*ibidem*, p. 101). Esta problemática, minuciosamente refletida por Foucault, leva Ortega a propor a existência de uma “concepção agonística da intersubjetividade nas análises foucaultianas da cultura de si” (ORTEGA, 1999, p. 124), conforme já assinalado, pois esta se apresenta desprovida de qualquer perspectiva orientada no sentido de seu (do sujeito) retraimento ou da busca imediata do prazer.

Apoiando-se na pesquisa de Foucault, orientada para a autoconstituição ética do sujeito, e na qual o outro comparece em sua diferença e cumpre um papel importante e indispensável, pois que cooperando na formulação de uma proposta permanente da reelaboração do si mesmo, e ainda tendo por base o pensamento de outros filósofos, como Heidegger e Lévinas, Ortega argumenta em favor da construção de uma sociabilidade contemplada pelo discurso da pluralidade no lugar do discurso do liberalismo. Em respeito ao princípio ético da relação/encontro com o outro, a proximidade do outro é considerada indispensável, como é indispensável o expor-se a este outro tolerando inevitáveis tensões. A relação intersubjetiva é forjada, portanto, com base tanto numa assimetria quanto num face-a-face; na verdade, as condições relacionais, mediante as quais se pretende que o sujeito se desprenda de si mesmo, podem ser várias, e até mesmo antagônicas entre si, a princípio. É justamente desde este contexto de reflexão que uma das condições relacionais que desperta o interesse de Ortega é a amizade.

Ortega cita uma história narrada por Didier Eribon em “Michel Foucault e seus contemporâneos” (1996), com o propósito de destacar a importância da amizade para Foucault. A referida história culmina com a referência a uma carta escrita por Althusser e endereçada tanto a Foucault quanto a outro amigo comum, padre Breton<sup>24</sup>, em que este menciona “como, na École Normale, Foucault sobreviveu a várias tentativas de suicídio graças ao equilíbrio que a amizade representa” (ORTEGA, 1999, p. 151). Com base em inúmeros argumentos, portanto, desenvolvidos a partir da investigação genealógica da Antiguidade, empreendida por Foucault, e em sua própria trajetória de vida, pode-se corroborar a conclusão de Ortega de que o percurso trilhado por aquele filósofo “não constituiu uma mera análise histórica, tendo antes o caráter de um programa ético-político” (*ibidem*, p. 152). Percebe-se, assim, o quanto o esforço e a luta de Foucault, no sentido da elaboração de um programa ético-político aberto atraem o interesse de Ortega, um outro colega filósofo, igualmente interessado neste tipo de questões, tal como Deleuze, os quais se confrontam, portanto, com os mesmos inimigos (*cf.* DELEUZE, 1996, p. 109). Segundo Ortega, Foucault teria tido a intenção de atualizar a estética da existência, situando-a no “contexto sobreindividual da amizade” (ORTEGA, *loc. cit.*), o que se reflete na declaração encontrada em “*Dits et écrits*, 4” (1994, p. 388), que Ortega traduz e transcreve:

A minha pergunta é a seguinte: podemos nos dar uma ética das ações e de seus prazeres suscetível de considerar o prazer do outro? É o prazer do outro algo que pode ser integrado em nosso próprio prazer – sem relação à lei, ao matrimônio e a não sei que mais? (ORTEGA, 1999, p. 159-160).

A integração sugerida na reflexão acima não pode suscitar qualquer impressão de facilidade, porque o outro é considerado por Foucault, fundamentalmente, na perspectiva da alteridade. Trata-se, portanto, e mais exatamente, de cogitar que a amizade pode consistir numa forma de elaboração da individualidade, considerando-a como um processo que se dá num contexto coletivo de subjetivação, em que a busca do prazer e o senso de responsabilidade pelos próprios atos e em relação aos interesses do outro ocorrem de forma conjugada. Se a questão da amizade, em Foucault, é em geral relacionada à da homossexualidade – e a sua própria homossexualidade, inclusive –, isto se deve a um combate travado desde cedo contra o regime erótico tradicional normalizante, que tem por base a conjugalidade heterossexual, assim como a sua própria luta por sobrevivência. Assim, é importante notar que, pautado em parte em suas lutas, Foucault não se filia a qualquer movimento dos homossexuais, como se estes fossem seus camaradas, porque a

---

<sup>24</sup> Breton é membro da ordem Passionista e professor nas faculdades católicas de Lyon e de Paris.

camaradagem está relacionada à identidade masculina, e, portanto, a formações viris politicamente totalitárias que correspondem a intenções opostas a dos movimentos engendrados por laços de amizade, conforme os parâmetros atribuídos a este último, por Foucault (*cf.* ORTEGA, 2002, p. 149-150).

Nas sociedades contemporâneas ocidentais, a prática da *parrhêsia* “se transformou na prática da confissão, a relação institucionalizada com o confessor ou com o psicanalista substituiu a relação de amizade” (ORTEGA, 1999, p. 162), contribuindo para o esvaziamento da vida pública e para a privatização dos afetos, assim como para o revigoramento do familialismo, na verdade nunca abandonado, sendo esta uma das questões que levam Ortega a elaborar sua trilogia dedicada à questão da amizade. Como se pôde demonstrar, Foucault também se posiciona decididamente contra esta linha de força que influi no esvaziamento da micropolítica, fornecendo pistas para se pensar e viver novas formas relacionais e de comunidade, e por que não dizer, de praticar a psicanálise, pois que seu pensamento evolui com base numa perspectiva (da intersubjetividade) relacional comprometida com a produção de bens comuns, mas não universalizáveis. À medida que relacionada à incitação para uma luta que compreende questões que afetam a existência de todo indivíduo, e o impulsionam a uma autotransformação indispensável, compreende-se a amizade, então, como relacionada a um processo de natureza agonística. Conhecer a verdade, dizer a verdade e praticar a verdade, se norteando sempre por afetos experimentados, em que não se prescinde da escuta e da consideração dirigidas ao outro, se constitui na arte da existência que o pensamento de Foucault sugere ser importante no contexto da contemporaneidade, e que se coloca como uma sublimação necessária ao risco de perda envolvido em relações de amizade de natureza agonística. Por isso, em consonância com seu pensamento, Ortega argumenta, com muita propriedade, que “o espaço da amizade é o espaço entre os indivíduos, do mundo compartilhado – espaço de liberdade e de risco –, das ruas, das praças, dos passeios, dos teatros, dos cafés, e não o espaço de nossos condomínios fechados e nossos *shopping centers*” (ORTEGA, 2002, p. 161-162).

Os próximos capítulos visam a evidenciar como essas considerações filosóficas apresentam-se na vida e obra de Sándor Ferenczi. Um confronto entre diferenças observadas entre este e Freud, algumas vezes acentuadas por este autor sobretudo no próximo capítulo, auxilia a conceder maior visibilidade à interpretação que se deseja sugerir do sentido da amizade para Ferenczi, seja em relação aos pares seja no que se refere à prática clínica.

---

## **CAPÍTULO 2**

### **FERENCZI: UM SIGNO PARA A PSICANÁLISE**

Eu ansiava ter uma relação de camaradagem pessoal, desinibida e alegre com o Sr. (...) É verdade que talvez eu tenha feito uma idéia exagerada do que seria a camaradagem entre duas pessoas que dizem a verdade uma à outra sem indulgência, sacrificando toda e qualquer consideração (carta de Ferenczi a Freud, 3/10/1910. In: FALZEDER *et. al.*, 1994, p. 276).

Após a decepção sentida com relação aos pais, professores e outros heróis, as crianças ligam-se entre si e estabelecem vínculos de amizade. (Deve a análise acabar sob o signo de uma tal amizade?) (FERENCZI, 1990, p. 91)<sup>25</sup>.

Seja no início de seu percurso pelas trilhas da psicanálise seja nos últimos anos de sua vida, Ferenczi (1873-1933) manifesta com freqüência um interesse especial em relação ao laço de amizade.

Tanto no que concerne ao relacionamento mantido com os pares quanto no que concerne à preocupação em fazer progredir o processo analítico – observada nas descrições da sua prática clínica –, se nota serem inúmeras as ocasiões em que Ferenczi utiliza o termo *amizade*, ou algum outro similar, para fazer referência à importância do afeto na promoção das trocas interpessoais. Na verdade, o componente afetivo intrínseco a estas trocas constitui-se sempre como um de seus temas preferenciais, o que deriva de sua preocupação, não poucas vezes demonstrada, de que se constitua uma espécie de pacto norteador das relações entre os homens, de tal forma que é requerido um esforço, da parte do psicanalista, no sentido de tentar influenciar na visão do mundo e no modo de agir dos indivíduos<sup>26</sup>. Esta preocupação é refletida numa persistente preocupação em relação ao posicionamento ético do médico – e mais tarde do psicanalista –, marcante em sua obra e trajetória de vida, em boa parte originada na leitura de Kant e em reflexões sobre os valores da Verdade, do Bem e do Belo (*cf.* LORIN, 1993, p. 67).

Se o surgimento da psicanálise em Viena, na virada do século XIX para o XX, pode ser associado ao “surgimento do individualismo” (RIDER, *apud* BRABANT, 1994, p. 25) e ao cultivo da introspecção, desenvolvidos em articulação com propostas científicas interessadas em minorar o sofrimento psíquico proveniente dos efeitos provocados pela

<sup>25</sup> Neste trecho, Ferenczi refere-se ao analista e ao paciente como sendo duas “crianças” que, em certo momento da análise, experimentam um sentimento de desamparo em face de sucessivas quedas de idealizações. Também assinala que o laço de amizade se constitui numa decorrência possível, desde a resolução das transferências e contratransferências suscitadas no curso do processo analítico.

<sup>26</sup> Cabe ressaltar que Freud, ainda que um tanto descrente, chegou a supor, em “Por que a guerra?” (1933[1932], p. 250), a possibilidade de ser estabelecida “uma autoridade central”, identificada como “Liga das Nações”, o que coincide com proposta feita por Kant, em “Sobre a paz eterna”, em 1795 (*cf.* GAARDER, 1996, p. 364). Diga-se de passagem, que Freud e Ferenczi foram leitores atentos de Kant.

massificação que o desenvolvimento urbano, a rigidez da educação e o incremento da industrialização produzem nas subjetividades, essas condições já não se desenvolvem exatamente da mesma maneira em Budapeste (Hungria), cidade em que o húngaro Ferenczi se estabelece a partir de 1897, após concluir seus estudos de Medicina em Viena (1894); isso, aos vinte e um anos. Os valores estabelecidos no contexto histórico-filosófico húngaro – em se considerando que as características dos intelectuais e da sociedade húngara são distintas das da Áustria (Viena), à medida que naquela acontecem movimentos em defesa da liberdade de expressão e das minorias – têm influência, certamente, sobre a formação intelectual de Ferenczi, e de maneira bastante significativa. Esta situação, marcante em Budapeste, propicia a defesa de proposições e contribui para posturas bastante singulares, no que diz respeito a questões relacionadas ao reconhecimento da diferença do outro, à importância concedida ao espírito comunitário e à complexidade e tensão envolvidas necessariamente na vida social.

No intuito de melhor obter uma compreensão quanto ao ambiente cultural existente em torno de Ferenczi, quando este recém inicia sua vida profissional em Budapeste, cabe conceder destaque ao fato de ocorrer um considerável engajamento dos intelectuais em lutas políticas e sociais, no império austro-húngaro em geral, ao longo do século XIX. Este engajamento deriva da importância do valor dado à liberdade na cultura então vicejante em Budapeste, enquanto que os costumes em Viena se mantêm mais controlados por esta ser uma cidade cosmopolita, centro da Europa, e encontrar-se sob o domínio da corte imperial dos Habsbourg e de uma tradição cultivada pela elite burguesa nascente. Neste sentido, os artistas e músicos, assim como os médicos vienenses, se destacam como agenciadores de um progresso que não implica propriamente qualquer perturbação da ordem social estabelecida. Segundo uma observação feita por Mark Twain, em 1897, os vienenses podiam dançar a valsa, distantes de uma preocupação com guerras ou revoluções, enquanto que a realidade era bastante diversa em outras cidades do império. Conforme Twain: “*C’est la dés-union qui a pu maintenir l’union de notre empire durant des siècles*” (LIEBERMAN, 1991, p. 56)<sup>27</sup>.

A Hungria moderna surgida no final do século XIX repercute, na verdade, um conflito corrente em outros países, entre os conservadorismos da aristocracia e da Igreja e o progresso promovido pelo desenvolvimento econômico, social e cultural, comandado pela classe burguesa em formação, concentrada nas capitais, bem como por cientistas,

---

<sup>27</sup> “É a des-união que pôde manter a união de nosso império durante séculos” (TWIN, M. *Stirring times in Austria: literary essays*. In: \_\_\_\_\_. *Writings* 22. New York: Harper & Brother, 1897. p. 200-249).

intelectuais e artistas. Neste contexto da Europa, a cidade de Budapeste torna-se um dos centros irradiadores de uma nova mentalidade, aproximando-se da que também desponta na Alemanha, França e Suíça, enquanto Viena – capital da Áustria –, e berço de Freud e do desenvolvimento de seu pensamento, se caracteriza por ser fortemente conservadora. Além disso, o fato de a monarquia dos Habsbourg ter desmoronado, no final de 1918, propicia que a Hungria, na prática uma colônia austríaca, até então, se torne um país efetivamente independente e livre. Daí acontecer que, enlevada por ventos liberais – pouco duradouros, é verdade –, em Budapeste são criadas condições para que ocorra uma significativa inserção da psicanálise na Universidade, pela primeira vez, no ano 1919, oportunidade em que Ferenczi se torna o primeiro psicanalista detentor de uma cátedra universitária.

Os acontecimentos até aqui arrolados indicam, portanto, que a atmosfera cultural e os valores dominantes em cada região geográfica contribuem, em alguma medida, para as tendências desenvolvidas no âmbito do pensamento científico vicejante entre os intelectuais. Da mesma forma, pode-se compreender que o vocabulário utilizado e os próprios objetos ou temas norteadores das pesquisas científicas mantêm uma relação estreita com a mentalidade dominante na cultura, em cada região e época.

Esta atmosfera ‘ambiental’, que implica apenas um aspecto envolvido nas diferenças existentes entre Freud e Ferenczi, obviamente, pode ser ainda mais explicitada, em se considerando uma observação feita por Mezan, em que é apontada uma diferença importante entre as personalidades de Freud e de Ferenczi:

Ao contrário de Freud, que em Viena levava uma vida voltada essencialmente para seu trabalho e sem qualquer conexão com os principais criadores em outras áreas, Ferenczi é amigo de muitos intelectuais húngaros, escreve em suas revistas, frequenta suas casas e os cafés onde se reúnem, e toma parte ativamente no debate de idéias ao seu redor” (MEZAN, 1993, p. 20).

Assim, ao serem considerados os movimentos de contestação política e filosófica, e inúmeros outros ligados às artes, que vicejam na monarquia austro-húngara estabelecida ao final do século XIX e início do século XX (1867-1918), em que se destaca uma certa mentalidade – principalmente em Budapeste – impregnada por questões relativas à vida social, e que evidenciam que os intelectuais se envolvem na vida social de maneira participativa, torna-se compreensível o fato de Ferenczi tornar-se um militante ativo em defesa dos discriminados socialmente, logo no início de sua carreira como médico, bem como mais tarde, um militante ativo em prol da causa psicanalítica, sem abster-se, contudo,

de uma preocupação intensa e constante durante toda sua vida: a busca da eficácia terapêutica com vistas à redução do sofrimento humano.

É interessante registrar o fato, por exemplo, de que Ferenczi é indicado para representar o Comitê Humanitário Internacional para a Defesa dos Homossexuais, fundado em 1897, numa época em que se encontra com pouco tempo de exercício da neurologia. Nesta oportunidade, ele atua em defesa de reformas legais que se fundamentam no questionamento das teses de Krafft-Ebing e de Möbius, por estas conceberem a homossexualidade como uma enfermidade degenerativa. Se a homossexualidade masculina é objeto de discriminação, então, a feminina implica um verdadeiro tabu, mas, apesar disso – ou exatamente por isso –, esta última se constitui no tema de um artigo escrito por Ferenczi em 1902, com o título “A homossexualidade feminina”.

Neste texto, Ferenczi reafirma uma linha de pensamento desenvolvida no sentido da identificação de acontecimentos significativos ocorridos na biografia de uma analisanda homossexual, em que se evidencia a continuidade de um processo que resulta, finalmente, na constituição de uma estrutura psíquica (*cf.* LORIN, 1993, p. 92). Essas noções, bastante familiares ao pensamento psicanalítico, ainda que desenvolvidas de forma incipiente por Ferenczi, pois que sujeitas a uma postura marcadamente neuropsiquiátrica dominante no início de sua vida profissional, concedem visibilidade, no entanto, a uma parcela dos fatores que contribuem para que ele se torne simpático à psicanálise. Na verdade, Ferenczi ainda se encontra, nesta ocasião, fortemente influenciado pela medicina positivista, então dominante, cujas práticas são orientadas pelo imperativo da formulação de um saber fundamentalmente comprometido com o domínio e controle das doenças. Assim, apesar de defender o direito de as portadoras da doença da homossexualidade poderem experimentar o gozo de “uma liberdade suficiente”, possibilitado mediante o abrigo em “casas especialmente adaptadas”, Ferenczi conclui, neste texto, por se perguntar como poderia a sociedade “impedir tais pessoas de se reproduzirem” (FERENCZI, 1902, p. 155).

No entanto, esforços intelectuais no sentido da libertação de uma racionalidade mecanicista e fria dominante nas teses e práticas neuropsiquiátricas no século XIX e no início do século XX levam Ferenczi a identificar aí uma condição repressora inaceitável e a interessar-se pelo artigo escrito por Freud e Breuer sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos, bem como pelos métodos associativos cronometrados elaborados por Jung, e, finalmente, pelo livro que pode ser considerado um alicerce da psicanálise, “A interpretação dos sonhos” (FREUD, 1900), dando curso, então, a leituras que o

influenciam e atraem seu interesse, uma vez que se constituem de fato em linhas de pesquisa inovadoras<sup>28</sup>.

A solicitação de um contato pessoal com Freud,<sup>29</sup> junto a Jung,<sup>30</sup> mediado pelo amigo Dr. Stein, ocorre justamente em um momento em que Ferenczi se compromete a transmitir as teses freudianas a um público médico, em Budapeste, por compreendê-las bastante revolucionárias e interessantes. Ao solicitar o encontro, Ferenczi alega estar “prestes a ter de falar sobre o conjunto de suas descobertas [de Freud] para um público médico que é, em parte, ignorante e, em parte, mal-informado sobre o assunto” (FALZEDER *et al.*, 1994, p. 62).

Sabe-se que questões relacionadas à complexidade e tensões inerentes não só à esfera do indivíduo – posto que compreendido como um ser dotado de razão e afeto –, mas também à esfera do complexo cultural/social implicado em sua constituição, orientam a atenção tanto de Freud quanto de Ferenczi, de forma que suas reflexões a este respeito encontram-se marcadamente presentes na origem do pensamento psicanalítico, destacando-se mais tarde sobretudo entre os psicanalistas que privilegiam o campo da intersubjetividade<sup>31</sup>. Assim, tendo em vista o até aqui relatado, pode-se concluir que muitas das questões teóricas e técnicas apresentadas e elaboradas por Ferenczi, ao longo de sua prática clínica, derivam não apenas da influência do pensamento inaugurado por Freud, mas também de um vínculo estreito com seu ambiente cultural, e das experiências vividas ao longo de sua própria trajetória de vida.

Este conjunto de fatores, que podem ser compreendidos como formadores de ‘laços’, contribui decisivamente para o desenvolvimento desta pesquisa sobre a existência de uma possível univocidade entre os sentidos atribuídos por Ferenczi à questão da amizade. Desta forma, poder-se-á notar que suas experiências e manifestações em relação à amizade – tanto no que diz respeito ao relacionamento estabelecido com os pares quanto no que concerne ao preconizado em relação à clínica psicanalítica – adquirem o estatuto de

---

<sup>28</sup> Lorin (1993, p. 41) procura demonstrar que muitos dos textos do período pré-psicanalítico, escritos por Ferenczi, contêm o germe do que o leva a entregar-se à pesquisa em psicanálise, sendo que, exatamente por isso, um amigo – Dr. Stein – lhe sugere enfaticamente que procure ler o livro de Freud, “A interpretação dos sonhos” (1900), já que ele o desprezara, inicialmente. O interessante é que o mesmo desinteresse inicial, em relação a este livro, ocorre no caso de Jung (*cf.* McGUIRE, 1976, p. 15).

<sup>29</sup> Registrado em carta escrita a Freud, por Ferenczi, datada de 18/01/1908 (FALZEDER *et al.*, 1994, p. 62).

<sup>30</sup> Cujo interesse entusiasma pela psicanálise, associado ao de Bleuler, que assume a direção do Hospital de Burghölzli, em Zurique (Suíça), em 1898, já se desenvolve desde 1902 (*cf.* McGUIRE, *op. cit.*, p. 15).

<sup>31</sup> Em sua dimensão de diferença, o *outro* implica uma exigência de trabalho psíquico importante no desenvolvimento da subjetividade. Uma sucinta, porém suficiente, abordagem da concepção psicanalítica relacionada à importância do ‘outro’ é feita por Kehl (2000), em uma tematização relativa à função fraterna que muito interessa, portanto, à pesquisa aqui proposta.

uma postura ética, que se encontra, por sua vez, na origem de posicionamentos adotados em vários setores de sua vida: tanto pessoal como profissional. Assim, pode-se apreender um pouco mais da riqueza envolvida nesta temática, tal como Ferenczi demonstra compreendê-la, ou seja, a partir de relacioná-la aos questionamentos teóricos e técnicos a ela associados, e discutidos por este grande psicanalista, cuja obra permanece, ainda hoje, relativamente pouco conhecida.

Retomando, então, a questão apresentada na introdução desta pesquisa, relativa à existência de um certo desafio na contemporaneidade com o qual a clínica psicanalítica se defronta – tendo em vista uma certa tendência à produção de uma gama de transtornos no âmbito da subjetividade que concernem, principalmente, à dificuldades relacionadas ao estabelecimento de vínculos afetivos que resultam na dominância de ‘patologias da ação’ no âmbito do social –, cabe ressaltar, mais uma vez, a importância de uma tematização que implica considerações relativas ao campo fenomenológico formado entre o analisando e o analista. Isto porque, não é desconhecido o fato de que algumas das normas técnicas consagradas na clínica psicanalítica costumam constituir-se em dificuldades à tolerância ao processo analítico, por parte de muitos dos que necessitam de auxílio psicoterapêutico. Neste sentido, há que se questionar, em alguma medida, as regras da neutralidade do psicanalista e de sua orientação predominante no sentido da interrogação verbal ao analisando, ambas norteadas pela importância dada ao silêncio do analista, em face das indispensáveis interrogações que devem ser endereçadas ao analisando, bem como a da atenção primordialmente concedida ao que é verbalizado por este, e às interpretações então suscitadas, no analista, e comunicadas ou não ao analisando. Essas considerações se justificam porque é comum se ouvirem queixas dos analisandos, relacionadas a uma certa frieza e distanciamento dos psicanalistas.

Com base nestas reflexões, portanto, e cabe ressaltar, que se impõem sobretudo nos dias de hoje, Ferenczi e sua obra portam características que justificam atribuir-lhe a condição de um signo no campo psicanalítico, desde o que também se justifica a presente proposta de se examinar a questão da ‘amizade’, situando-a a partir do que pode ser considerado um acontecimento bastante instigante, pois se trata de um afeto que é experimentado tanto em sua relação com os pares como em sua prática clínica.

## 2.1 A importância dos pares no campo psicanalítico

A formulação freudiana do aparelho psíquico, em que se destaca a importância da sexualidade, do inconsciente e da dinâmica pulsional, com base numa perspectiva dualista e no conflito entre os opostos pulsões de vida (Eros) e de morte (Tânatos), representa indubitavelmente uma revolução no seio do pensamento científico interessado nos problemas da subjetividade e estabelecido no final do século XIX.

Freud é um pesquisador que procura se dispor à escuta de pares que o auxiliem a fazer avançar um saber, cujos fundamentos são definidos, fundamentalmente, por ele próprio desde a realização de sua auto-análise, inclusive, mas que também se deixa ser influenciado no curso da troca estabelecida com aqueles. O fato de se colocar na posição de fundador e de se empenhar na defesa da construção e preservação de um saber singular contribui, certamente, para que se verifique nele, em muitos momentos, uma postura prepotente e beligerante com relação aos pares<sup>32</sup>. Quanto a esta postura, deve-se levar em consideração a força das resistências experimentadas por Freud nos meios cultural e médico, de forma que se deve reconhecer que as mesmas só podem ser vencidas mediante a realização de interlocuções que não podem passar ao largo da produção de confrontos. Desde estas considerações, pode-se compreender que tais interlocuções não podem deixar de culminar em rupturas, eventualmente<sup>33</sup>. Todavia, é importante notar que o desenlace ocorrido no relacionamento entre Freud e Ferenczi não chega a se constituir propriamente numa ruptura, de tal forma que os fatores envolvidos nas discordâncias ocorridas entre ambos convocam à importância de se fazer uma reflexão sobre os sentidos da amizade em Ferenczi.

No entanto, antes do exame de algumas questões envolvidas no relacionamento de Freud e Ferenczi, é importante conhecer alguns aspectos concernentes à compreensão estabelecida pelo primeiro com relação à amizade, desde a realização de sua auto-análise

---

<sup>32</sup> Este posicionamento é manifesto, por exemplo, em “A história do movimento psicanalítico” (1914c), onde Freud combate as teses dissidentes de Adler e de Jung, decididamente, por não aceitarem a centralidade da libido (energia sexual) na constituição da subjetividade.

<sup>33</sup> Como exemplo da fecundidade das interlocuções empreendidas por Freud, cabe citar o famoso “Caso Anna O.” (1893), que dá ensejo à tese freudiana da etiologia sexual das neuroses, em contraposição ao organicismo dominante à época. As idéias elaboradas por Freud, na ocasião, envolvem o contexto de uma amizade intensa e íntima estabelecida com Breuer, por mais de dez anos. Esta amizade se desenvolve antes da auto-análise de Freud, realizada no contexto de uma estranha, mas entusiasmada amizade com Fliess, cujo período mais intenso vai de 1895 a 1900. Ambas as relações ensejam rupturas devido a claras resistências de Breuer e Fliess quanto às proposições teóricas formuladas por Freud, justamente desenvolvidas a partir das trocas estabelecidas com aqueles. No entanto, pode-se também levar em conta, no caso destas rupturas, que certas particularidades da subjetividade de Freud contribuem para tanto, como é apontado mais adiante, nesta tese.

com Fliess, pois suas elaborações desenvolvidas nesta ocasião influem certamente na forma como se desenrolam algumas de suas amizades, daí por diante.

Uma das interlocuções estabelecidas por Freud <sup>34</sup> nos primórdios de suas formulações sobre a psicanálise implica a realização de uma auto-análise empreendida com o auxílio de Fliess, um médico berlinense que muito o atrai por suas idéias exóticas, sobretudo com relação à importância por ele concedida à sexualidade. Freud identifica-se bastante com Fliess e o interesse mútuo pode ser debitado a uma identificação sustentada num caráter especulativo e revolucionário presente em ambos (cf. GAY, 1989, p. 67-68). A amizade com Fliess culmina num rompimento, por fim, numa oportunidade em que se manifesta haver se formado um forte laço emocional entre ambos, algo que é bastante curioso, de resto, dentre outros fatores, por envolver uma ambivalência de sentimentos – amor e ódio – despertados em Freud. O reconhecimento por parte de Freud, no curso de sua auto-análise, de um dos fatores que se encontrariam na origem de sua dificuldade de fazer rupturas, mantendo-o oscilante num conflito notavelmente ambivalente, é apontado como intolerável, sendo abordado em uma passagem de “A interpretação dos sonhos”:

(...) minhas ternas amizades, bem como minhas inimizades com contemporâneos remontam às minhas relações na infância com um sobrinho que era um ano mais velho que eu (...) Todos os meus amigos foram, num certo sentido, reencarnações dessa primeira figura (...) Sempre fui capaz de reabastecer-me de ambos [amigos e inimigos] e não infreqüentemente aconteceu que a situação ideal da infância foi reproduzida de forma tão completa que amigo e inimigo reuniram-se num único indivíduo (FREUD, 1900, p. 516).

Trata-se, na verdade, de John, filho do meio-irmão de Freud, Emanuel, que, segundo relato de Freud, “(...) provavelmente me maltratou bastante e eu tive que me defender corajosamente contra meu *tirano*” (apud ROAZEN, 1986, p. 32-33, grifo deste autor).

Assim, Freud argumenta no sentido de que somente ao dominar a corrente da dependência em relação ao outro (semelhante) mais velho, subjacente a um conflito ambivalente estabelecido entre o amor e o ódio, se torna possível a ele libertar-se, para dar

---

<sup>34</sup> Quanto à relação entre Freud e Breuer (1880-1896), Jones declara que “Breuer exerceu sobre Freud uma influência considerável enquanto homem, graças aos encorajamentos necessários dedicados a ele em uma época crítica (...)” (JONES, 1970, p. 245). Esta declaração coincide com a seguinte afirmativa de Freud: “Breuer tornou-se meu *amigo* e meu *suporte* nas condições de vida difíceis em que eu me encontrava” (*idem*, p. 246, grifos deste autor). A condição de *suporte* se deve a Breuer, então bem mais velho que o *amigo*, ter enviado a ele pacientes e emprestado dinheiro durante muitos anos, e quando este deseja reembolsar o empréstimo, em 1898, já com a relação estremecida devido às divergências teóricas, Breuer não o aceita, o que resulta, finalmente, numa decidida ruptura de Freud com Breuer. A este respeito, ver Roazen (1986, p. 71-78) e Lieberman (1991, p. 381-382).

impulso a suas próprias idéias, correr o risco de expô-las às críticas alheias e tolerar a perspectiva de uma solidão eventualmente decorrente de incompreensões ou rejeições<sup>35</sup>.

Freud nomeia este conflito, em seu entender universal, por “complexo de irmão”,<sup>36</sup> e concede especial atenção, ao longo de toda a sua vida, à realização do desejo de tornar-se uma ‘autoridade’ entre os pares e na sociedade em geral. Esta idéia também é estabelecida em relação à importância da figura da autoridade/analista junto ao analisando, encontrando-se manifesta, por exemplo, em uma de suas comunicações proferidas a convite da Clark University, em 1909 (FREUD, 1910[1909], p. 27).

Quanto ao “complexo do irmão” – também denominado “complexo fraterno”, em um artigo escrito em homenagem ao 50º aniversário de Ferenczi –, na perspectiva defendida por Freud, sua elaboração deveria dar lugar a um posicionamento hierarquicamente superior, nos casos das subjetividades afetadas por este complexo (FREUD, 1923, p. 334-336). Assim é que, neste artigo, Freud alude ao fato de Ferenczi ser filho do meio, de modo que, tendo lutado contra “um poderoso complexo fraterno, tornou-se, sob a influência da análise, num irmão mais velho irrepreensível (...)” (*ibidem*, p. 334). Depreende-se daí, então, o sentido atribuído por Freud à amizade constituída entre pares que se identificam entre si: ou seja, ele a compreende como algo da ordem da utilidade e um meio para que determinados fins sejam alcançados, e ainda a subordina, portanto, a interesses contingentes e momentaneamente compartilhados entre as partes envolvidas, de maneira que rupturas devem ser esperadas, sendo até mesmo desejáveis, na perspectiva da realização de um desejo legítimo de poder e norteador das decisões daquele que pretenda tornar-se uma ‘autoridade’.

Desta forma, o sentido da amizade, para o Freud da maturidade, implica fundamentalmente a conquista da adesão de pares, sendo seu cultivo importante, devido a seu interesse em evoluir no sentido do fortalecimento dos próprios ideais e de suas descobertas. Assim, pode-se compreender o porquê de Freud dedicar-se denodadamente à obtenção de reforços para a causa psicanalítica, se preservando de posicionar-se demasiadamente receptivo para com o outro, ao mesmo tempo em que privilegiando o outro a princípio desconhecido, mas presente em seu próprio inconsciente.

---

<sup>35</sup> Uma abordagem sobre conflitos com parceiros, e a interpretação de Freud elaborada mais tarde, no âmbito da teorização, no sentido de que impulsos homossexuais estariam em jogo neste ‘complexo’, pode ser encontrada numa carta dirigida a Ferenczi, em 6/10/1910 (FALZEDER *et al.*, 1994, p. 281), assim como em duas outras oportunidades: numa carta de Jung dirigida a Freud, em 28/10/1907, e em outra, de Freud para Jung, em 15/11/1907 (*cf.* McGUIRE, 1976, p. 137 e 141, respectivamente).

<sup>36</sup> A este respeito, por exemplo, ver cartas trocadas entre Freud e Ferenczi, de 3/04/1910 e 5/04/1910 (FALZEDER *et al.*, 1994, p. 216-219, respectivamente).

Em consonância com o entendimento da função exercida por um outro (inconsciente) que, em seu entendimento, o faz resistir a avançar na formulação de um conhecimento sobre si próprio – que pode ser estendido a um conhecimento sobre a dinâmica que rege o funcionamento da alma humana –, e movido pela convicção de que a morada deste outro se localiza em seu próprio inconsciente, Freud se encontra sempre disposto a fazer rupturas eventualmente necessárias, ao identificar a presença de ameaças a suas teses principais pouco a pouco formuladas. Pode-se considerar, portanto, que a convicção experimentada na elaboração progressiva de idéias desenvolvidas com base na própria auto-análise e o desejo de construção de uma lógica própria ao funcionamento do aparelho psíquico, concebido de maneira totalmente singular, se encontra na origem, certamente, do fato de Freud tornar-se um homem inclinado a experimentar rupturas e a conviver relativamente bem com a condição da solidão que suas aspirações implicam <sup>37</sup>.

Roudinesco (1989, p. 111-130) apresenta o problema vivido por Freud em relação às resistências encontradas no meio científico e o modo como sua concepção de uma relação de amizade opera – num relato em que destaca as condições que o levam a desenvolver o interesse em estender a psicanálise ao campo da psiquiatria –, levando-o a buscar uma aproximação de Jung, um psiquiatra suíço, de maneira até certo ponto obstinada <sup>38</sup>. Não apenas Jung, mas outros médicos suíços, como Bleuler, já reconheciam a importância da sexualidade na etiologia das demências, no início do século, mas o faziam com reservas, compreendendo sua influência na formação das patologias de maneira diversa da de Freud. Segundo esta autora, estas reservas prevalecem na postura adotada por Jung em relação a Freud, coisa que, acrescida da obstinação deste último, acaba por resultar em um conflito incontornável, posto que este não se dá apenas no plano da teoria. A argumentação de Roudinesco conclui que este relacionamento só se sustenta durante um bom tempo devido à formação de “uma relação transferencial impossível de se dissolver de um lado e do outro”: de um lado Freud, tentando posicionar-se como um “mestre sem mando” ou “pai impossível” <sup>39</sup>, de outro Jung, oscilando entre a revolta e a submissão (*ibidem*, p. 123). Esta situação revela, por outro lado – e mais uma vez –, o sentido

<sup>37</sup> A título de exemplo de pressões sofridas por Freud, vide o relato de Jones de uma comunicação feita pelo ‘mestre’ na Sociedade vienense de Psiquiatria e de Neurologia, sobre “A etiologia da histeria”, em maio de 1896. Ao final, Freud ouviu de Krafft-Ebing, que preside a sessão, o seguinte comentário: “Isto lembra um conto de fadas” (JONES, 1970, p. 290).

<sup>38</sup> Alguns dos fatores que levam Freud a aproximar-se de Jung são: interesse em internacionalizar a psicanálise – já bem aceita na Suíça, na ocasião –, constituir um herdeiro não-judeu – cabe ressaltar que Jung era cristão e filho de um pastor – e contornar as divergências enfrentadas em Viena, no plano teórico.

<sup>39</sup> Por experimentar um obstinado desejo de ‘conquistar’ filhos que contribuam para a expansão e continuidade de sua ‘obra’.

estratégico da amizade, estabelecido na subjetividade de Freud desde sua auto-análise e, evidentemente, as limitações envolvidas nesta significação, contribuindo para obstar uma efetiva resolução de complexos. Como já foi apontado – desde a interpretação formulada por Freud com base numa vicissitude experimentada na infância, assim como desde o contexto das amizades estabelecidas com Breuer e Fliess –, uma relação de amizade consiste, em sua concepção, numa estratégia a ser desenvolvida de acordo com a contingência de interesses estritamente pessoais. Ou seja, Freud passa a entender, na maturidade, que a relação de amizade pode ser estabelecida mediante a existência de um conflito fundamental entre as partes envolvidas e que este deve ser o mais possível contornado à medida que for pautado no interesse próprio, de tal forma que, uma vez conquistada uma certa posição de superioridade, esta prevalece ao afeto envolvido na relação<sup>40</sup>. Esta concepção é marcante, por exemplo, no que diz respeito ao início e à duração do relacionamento entre Freud e Jung, ainda que se evidencie haver todo o tempo distintas abordagens, por parte de ambos, em relação ao problema da demência precoce<sup>41</sup>. É importante notar que, apesar disto, Freud se entusiasma com a eleição de Jung para a presidência da primeira gestão da Associação Psicanalítica Internacional, criada em 31 de março de 1910, e procura de muitas formas contornar as divergências existentes e evidentes entre ambos, durante um bom tempo.

Na verdade, como o demonstra Roudinesco, a psiquiatria dinâmica<sup>42</sup>, área do conhecimento de Jung, e a psicanálise recém-inventada por Freud, nunca se entenderam em relação à importância da sexualidade na formação das demências. Em suas pesquisas, Freud conclui que o afastamento da realidade por parte desses doentes se manifesta, dentre outras razões, devido a uma fixação intensa da pulsão sexual no estágio do auto-erotismo, enquanto Jung oscila quanto a esta proposição, seguidamente, deixando entrever que esta oscilação envolve, na verdade, uma estratégia de poder semelhante à utilizada por Freud.

---

<sup>40</sup> Daí a enorme importância, na subjetividade de Freud, de que ele consiga quitar o empréstimo de dinheiro, feito por Breuer, dívida esta que envolve, também, um outro grande auxílio prestado pelo amigo, devido a este indicar para Freud muitos pacientes, no início de sua carreira. O fato de Breuer não aceitar o reembolso faz com que Freud rompa a amizade de maneira bastante agressiva. A este respeito, ver os relatos e análises de Roazen (1986, p. 71-78) e de Lieberman (1991, p. 381-382).

<sup>41</sup> Este é o nome dado à psicose, no contexto do organicismo dominante na época, em que se relaciona certo tipo de doença mental à destruição das capacidades mentais, enquanto a psicanálise nascente postula uma imobilização maciça da afetividade. Bleuler, psiquiatra suíço que estuda com Charcot, a denomina esquizofrenia e aplica a esta as hipóteses freudianas, em uma monografia redigida em 1908 (*cf.* ROUDINESCO, 1989, p. 122).

<sup>42</sup> A psiquiatria dinâmica compreende a idéia da origem orgânica, hereditária ou tóxica da enfermidade mental, inovando apenas em relação a uma concepção dinâmica da relação médico-paciente, em que a escuta da loucura ganha destaque.

Finalmente, Jung se decide por assumir um postulado teórico desde sempre presente em suas reflexões, posto que com base na tese da ‘universalidade dos simbolismos’, concluindo por abraçar, finalmente, a idéia de um poder superior indutor<sup>43</sup>. Neste sentido, a singularidade dos referenciais teóricos seguidos por Jung e a problemática transferencial estabelecida entre ambos, ou mais precisamente por Freud em relação a Jung – que é a que interessa a esta pesquisa, fundamentalmente –, leva este último a denunciar a presença de um ‘complexo’ em Freud. Jung faz esta denúncia de modo bastante incisivo, o que resulta, em 1913, na ruptura do relacionamento estabelecido entre ambos<sup>44</sup>. Após o rompimento, e tomado por uma revolta, ao que parece, Jung atribui a Freud apenas a responsabilidade por chamar a atenção para os sonhos, ignorando seus achados em relação ao papel da sexualidade na etiologia das neuroses, e passa a deixar de mencionar a palavra psicanálise (cf. McGUIRE, 1976, p. 626). O fato é que o desenlace ocorrido em mais esta relação de amizade sugere pensar que, para Freud, a elaboração de um saber próprio não inclui efetivamente a participação de um outro independente, sendo que, na verdade, e mais uma vez, o que aí estaria em jogo é mais propriamente uma recusa da amizade (cf. KUPERMANN, 1996, p. 55)<sup>45</sup>.

Do lado de Freud, talvez não por acaso, dá-se um período extremamente produtivo, para o qual as discussões estabelecidas com Jung muito contribuem. Suas idéias são fortalecidas e isso se manifesta na produção de dois artigos bastante marcantes, como “Totem e tabu” (1913[1912-1913]) e “Sobre o narcisismo: uma introdução (1914b). É nesta medida, justamente, que se pode compreender algo para o qual Roudinesco chama a atenção. Esta autora demarca um período que vai de 1906 a 1912, em que se verifica a “expansão da doutrina freudiana para o exterior, acompanhada de uma profissionalização cada vez mais acentuada da prática analítica” (*ibidem*, p. 131), desde o que se pode constatar que a estratégia freudiana do uso da amizade cumpre de fato – e mais uma vez – sua finalidade, uma vez que Freud se encontra, desde certo momento de sua vida, na

---

<sup>43</sup> Em carta de Jung para Freud, de 31/03/1907, ele se refere às resistências vigorosas de Bleuler aos postulados psicanalíticos, mormente em relação à concepção da primazia da sexualidade na determinação das psicoses, mas pode-se notar que tanto Bleuler resiste quanto Freud insiste (cf. McGUIRE, *op. cit.*, p. 65-68).

<sup>44</sup> A carta de Jung para Freud, de 18/12/1912, é exemplar. Nesta, Jung afirma, dentre outras coisas, que a “técnica [de Freud] de tratar os discípulos como pacientes é uma asneira. Desse modo o senhor produz os filhos servis e impudentes (Adler-Stekel e todo o bando insolente que agora muda de rumo em Viena)” (McGUIRE, *op. cit.*, p. 606).

<sup>45</sup> Ao examinar a conduta de Freud em algumas amizades muito importantes, Kupermann propõe que há nelas um forte componente transferencial, e que há evidências de haver em Freud, na verdade, uma recusa da amizade.

condição de pai e de sujeito viril, e é desta forma que se torna capaz, então, de exercer um comando.

Um episódio ocorrido quando de uma viagem realizada aos Estados Unidos, em 1909, em que Jung e Freud analisam entre si os seus sonhos, é exemplar de como desde cedo, ainda nos primórdios do movimento psicanalítico, Freud se posiciona de forma bastante característica em sua compreensão do laço de amizade, estabelecida desde sua auto-análise, ou seja, repercutindo o sentido de que amizades envolvem estratégias e pretensões claramente utilitárias, relacionadas à ambição da realização de um projeto fundamentalmente pessoal. Em suas “Memórias”, Jung relata que, após interpretar um sonho comunicado por Freud e tentar obter alguns detalhes de sua vida particular, obtém a seguinte resposta da parte de Freud: “mas eu não posso arriscar a minha autoridade!” (*apud* McGUIRE, 1976, p. 596-597)<sup>46</sup>. O obstinado empenho de Freud em garantir esta posição de autoridade também pode ser esclarecido desde a leitura de uma carta endereçada a Jones, em 8/12/1912, em que é abordado um episódio ocorrido num encontro em Munique, entre vários analistas, dentre os quais Jung e Jones. O assunto tratado neste encontro envolve muita tensão, até que Freud se aborrece devido a uma contestação feita por Jung, e desmaia. Segundo relato de Jones, ao voltar a si Freud declara: “Como deve ser agradável morrer!”, concluindo, mais adiante, que há “no fundo de todo aquele acontecimento um problema homossexual não resolvido” (JONES, 1970, p. 348-349)<sup>47</sup>.

Portanto, a ‘cura’ para o que se revela ser uma fraqueza insistente, do ponto de vista de Freud, parece não ter sido ainda obtida, nesta época, pois a situação vivenciada, do desmaio, não compreende, obviamente, um desenlace satisfatório. Este desenlace suscita, como se pode constatar no comentário feito por Freud, uma reiterada preocupação quanto ao que ele tenta superar desde a auto-análise realizada com o auxílio de Fliess. Não por acaso, ou seja, na tentativa de firmar um êxito que deve ser alcançado, Freud assinala, em carta escrita a Ferenczi, em 6/10/1910, e em resposta a queixas feitas por este outro amigo

---

<sup>46</sup> Sennett (2001, p. 75-88) estabelece uma relação interessante entre o surgimento do paternalismo – um novo tipo de autoridade – e o capitalismo, que auxilia a pensar o que esta postura de Freud, não rara, influi no contexto do movimento psicanalítico. Sennett afirma que “os paternalistas empresariais tentaram unir simbolicamente a família e o trabalho, através de imagens deles mesmos como autoridades. Ao fazê-los, estavam em busca da coesão comunitária, e queriam obter índices mais altos de produtividade dessas comunidades estáveis de trabalhadores. Tanto obtiveram êxito quanto fracassaram [pois] criaram um vínculo de rejeição com seus empregados (...)”.

<sup>47</sup> Cabe destacar que tanto a característica viril quanto a fraqueza, manifestas na atuação de um homem em relação a outro, são relacionadas por Freud à homossexualidade; por outro lado, esta questão também é examinada algumas vezes, por Ferenczi, e não por acaso, certamente, este a nomeia de forma diversa: ‘homerotismo’.

– de que ele (Ferenczi) não experimentara um esperado e desejado acolhimento da parte de Freud –, que:

Desde o caso Fliess, durante a superação do qual o Sr. justamente me viu ocupado, essa necessidade [de uma amizade sincera e de franqueza, ainda que esta gere alguma ofensa, nos termos propostos por Ferenczi, em carta a Freud, de 2/10/1910] exauriu-se em mim. Uma parte do investimento homossexual foi retirada e empregada na ampliação do meu próprio Eu. *Tive sucesso onde o paranóico fracassa*” (FALZEDER *et al.*, 1994, p. 281, grifos deste autor)<sup>48</sup>.

Nesta ocasião, Ferenczi contesta o que considera ser uma “dissimulação supérflua”, argumentando no sentido de que sua (de Ferenczi) “mania de sinceridade (...) possui um núcleo saudável [e que] nem tudo o que é infantil deve ser recusado veementemente, por ex., o desejo de verdade da criança, que só é limitado por influências educativas erradas (Ver Freud, “Leonardo da Vinci” e também suas considerações a respeito do esclarecimento sexual das crianças, etc.)”<sup>49</sup>. Mais tarde um pouco, ao teorizar sobre este tema em “O homoerotismo: nosologia da homossexualidade masculina” (1914), Ferenczi afirma que “(...) é surpreendente ver a que ponto se perdem, nos homens de hoje, o dom e a capacidade de ternura e de amabilidade recíprocas. Reinam abertamente em seu lugar, entre os homens, a rudeza, o antagonismo e a rivalidade”, advertindo a seguir para a “falta de compensação suficiente para a perda do amor do amigo (...) [tornando-se em parte] heterossexuais compulsivos [que] para se desligarem do homem, tornam-se servos das mulheres” (FERENCZI, 1914, p. 127-128).

Assim, verifica-se que Freud se esforça no sentido de uma auto-afirmação de si e que por isso se porta como um sujeito viril que oscila entre Jung e Ferenczi, ao passo que Ferenczi posiciona-se de outra forma, em relação à questão da amizade entre os homens. Alguns outros dados podem corroborar esta tese: em outra carta escrita para Ferenczi, em 17/10/1910, Freud enfatiza seu entendimento do que se encontra implicado na condição de sua própria cura, ênfase esta que suscita alguma suspeita quanto ao que se encontra envolvido em tanta insistência. Nas palavras de Freud: “(...) aprovo a superação de meu homossexualismo, tendo como resultado uma maior autonomia” (FALZEDER *et al.*, *op. cit.*, p. 285-286). Finalmente, em carta de 17/11/1911, ou seja, um ano depois, Freud manifesta sentir-se inteiramente à vontade na condição de pai e autoridade, dirigindo-se a Ferenczi

<sup>48</sup> Afirmação esta que envolve um componente autobiográfico, portanto, e ao mesmo tempo teórico-analítico, pois que a importância do recalçamento e da sublimação do componente da libido homossexual, como formas de superação do narcisismo patológico, é evidenciada na teorização freudiana relativa à formação da paranóia, publicada em 1911.

<sup>49</sup> Carta de 12/10/1910 (FALZEDER *et al.*, 1994, p. 283-285).

como um “querido filho”, e propondo-lhe, ainda, que “um homem não deve querer exterminar seus complexos [no caso, de revolta e de submissão ao pai], mas entrar em acordo com eles – eles são os dirigentes legítimos de seu comportamento no mundo” (*ibidem*, p. 369). Ou seja, Freud propõe que cabe a Ferenczi seguir se comportando como filho de um pai que deseja legitimar-se mediante uma sedução coercitiva, orientada para a produção de uma transferência cega<sup>50</sup>. Assim, pode-se cogitar que a auto-affirmação da virilidade de Freud, implicada numa persistência em exercer uma função paterna e soberana, permanece como condição suspeita de uma homossexualidade não resolvida.

Em pesquisa minuciosa elaborada por Daniel Kupermann, em “Ousar rir: humor, criação e psicanálise” (2003), em que a trajetória ferencziana relativa a suas experimentações técnicas e a concomitante preocupação com as diversas formas de o masoquismo se manifestar é apresentada, é destacado o ponto de vista de Freud sobre a amizade. Esta é considerada, basicamente, como uma “atitude passiva ‘realista’ para com o substituto paterno – o analista” (KUPERMANN, 2003, p. 276). O interesse central de Kupermann não concerne à noção da amizade em Ferenczi, nem tampouco em Freud, abordando apenas ligeiramente o ponto de vista apresentado, por este último, sobre a manifestação deste afeto numa relação analítica, tal como se encontra em “Análise terminável e interminável” (1937). Neste artigo, Freud menciona a hipótese de poder se formar uma amizade entre analista e analisando, considerando-a como um meio de tornar viável o encaminhamento do final da análise. Neste contexto, a amizade é apresentada como um laço afetivo que pode contribuir para que o vínculo analítico possa caminhar em direção a uma boa resolução de seu final. Considerações sobre o tema da amizade podem ser encontradas aqui e ali, na obra de Freud, mas o fato é que este não só não considera este laço afetivo do ponto de vista teórico (*cf.* GAMA, 1998) como adota uma postura pouco interessada em relação a este, enquanto uma experiência afetiva, como vem sendo demonstrado.

Em “Amizade e sociabilidade: um estudo do vínculo amistoso na constituição da subjetividade” (1998), Jairo Gama demonstra que, por estar centrado fundamentalmente na dinâmica psíquica de indivíduo e conceber seu desenvolvimento como um movimento orientado no sentido da separação do grupo primário (família) e do coletivo, o pensamento freudiano evolui em harmonia com a concepção moderna do “indivíduo atomizado,

---

<sup>50</sup> Cabe aqui, novamente, chamar a atenção para uma consideração de Sennett (2001, p. 260): “pretender que o poder seja protetor e restrito é irreal – ou, pelo menos, essa é a versão da realidade que nossos dominadores inculcaram em nós”.

desvinculado e independente” (*ibidem*, p. 67). Esta atomização do indivíduo está relacionada, por sua vez, à perspectiva liberalizante suscitada no advento da Modernidade. Ao conceber o vínculo da amizade associado a uma parcela de inibição psíquica e atuando ao lado do mecanismo de sublimação das pulsões sexuais, este autor considera que não se pode também concebê-lo como um “laço agonístico, em que haja identificação sem desaparecimento das diferenças, ao contrário, incentivo ao auto-enriquecimento” (GAMA, *loc. cit.*). Assim, torna-se importante lembrar a atenção dada por Freud ao componente homossexual envolvido nas amizades, constituindo-se até mesmo numa preocupação originada em suas experiências relacionais pessoais, como já foi demonstrado, o que acaba contribuindo para que se forme em sua mente uma idéia muito pessoal da estrutura deste vínculo. O relato de um período importante de sua vida, em que fica claro o modo como ele procede em relações pessoais de amizade, também pode ser encontrado em “*Le cas Schreber*” (1979), um livro de autoria de Luiz Eduardo Prado de Oliveira.

Oliveira examina o bastidor do cenário em que evolui o interesse de Freud pelo caso Schreber, particularmente no que diz respeito ao relacionamento mantido com Jung e Ferenczi, concomitantemente. Seu argumento é que, indicando o contrário do que Freud propõe estar solucionado na ocasião em que desvenda os fatores envolvidos na psicose de Schreber – ou seja, o componente de homossexualidade não recalcada –, o desenvolvimento da reflexão freudiana e as atitudes adotadas por Freud em relação aos amigos refletem, justamente, a não resolução de um componente homossexual latente, ao menos nesta ocasião. A pesquisa realizada por Oliveira aponta a influência do manancial transferencial compartilhado entre Freud, Jung e Ferenczi, argumentando ser este manancial importante na elaboração freudiana em favor da identificação de uma problemática homossexual central em Schreber, o que configura, em seu entendimento, a participação de um mecanismo projetivo da parte de Freud. Concordando com a tese de Oliveira, Azouri (1991) evolui em direção ao desvelamento do que ele considera ser efetivamente importante em Schreber, ou seja, a questão do poder paterno sobre o mesmo, ao qual se encontra associada a impossibilidade de Schreber tornar-se dono de seu destino. Assim, pode-se notar o por quê de Freud fazer uma associação do analisando Ferenczi com a figura do amigo/filho Ferenczi, atribuindo à relação estabelecida entre ambos o sentido de uma relação de amizade caracterizada por uma formação hierárquica claramente definida, de forma a protegê-lo das próprias pulsões homossexuais.

Em sentido oposto ao considerado por Freud, seja em relação à amizade seja em relação à sociabilidade, já que as considera desde uma ótica simpática à afetividade

envolvida em relações de amizade, pode-se observar ao longo da obra de Ferenczi que este utiliza a noção de amizade em diversos momentos, tomando-a, por exemplo, como um afeto que pode ser experimentado pelo analista junto ao analisando. Ferenczi o considera indispensável, tanto no que se refere ao avanço do processo analítico quanto ao das relações de modo geral, podendo ser notado, inclusive, que este se encontra no cerne de sua preocupação com a importância da preservação da liberdade de ambos os indivíduos envolvidos na situação analítica, à medida que o relaciona à sinceridade e à franqueza. Estas virtudes, por sua vez, são consideradas indispensáveis no que concerne à descoberta das verdades, que se faz necessária em todo processo vital. Assim, pode-se entender a ocorrência de simetria entre analista e analisando, por vezes encontrada nas descrições clínicas feitas por Ferenczi, como também a ocorrência de transgressões aos princípios de abstinência e frustração, por ele cometidas, ao passo que estes são preconizados por Freud como requisitos indispensáveis para que a análise transcorra sem os atropelos habitualmente causados pela intensificação da transferência amorosa.

Em meio a tantos conflitos com os pares, sucessivamente verificados, e de certa forma compreensíveis, já que Freud se empenha no sentido de tornar-se o pai fundador e uma autoridade zelosa no exercício de um comando<sup>51</sup> –, tendo em perspectiva que aqueles são inevitáveis e até mesmo desejáveis na medida em que o impulsionam na formulação de suas teses –, é interessante verificar como a trajetória de Ferenczi como psicanalista e sua própria trajetória de vida demonstram haver um posicionamento bastante diverso em relação às amizades.

Em obituário escrito em homenagem a Miksa Schächter, (FERENCZI, 1917), a importância concedida à amizade ao longo da vida, por Ferenczi, pode ser percebida com bastante clareza. Schächter, um médico húngaro prestigiado no meio universitário, é uma figura exemplar de autoridade, por ser, inclusive, redator-chefe de uma das principais revistas médicas – *Gyógyászat* – da Hungria, sendo que ele fornece um apoio fundamental no início da carreira de Ferenczi, auxiliando em sua projeção no meio médico ao apresentá-lo como um instigante pesquisador.

A importância concedida às idéias de Ferenczi, por Schächter, auxilia no início da afirmação intelectual de um espírito que se delinea como bastante inquieto, no meio

---

<sup>51</sup> A este respeito, as questões apontadas por Chawki Azouri, em “*J’ai réussi là où le paranoïaque échoue*: la théorie a-t-elle un père?” (1991), são da maior importância, ao se considerar a articulação entre a produção da teoria e o anseio de Freud com relação à paternidade da mesma, ou seja, como uma elaboração exclusivamente sua. Esta tese pode ser associada a uma crítica feita por Derrida aos ‘pais fundadores da psicanálise’, que será examinada mais adiante.

científico; a recepção inicial às idéias de Ferenczi é bastante difícil, dado que um de seus interesses, nesta ocasião, se encontra direcionado para pesquisas relacionadas aos ‘fenômenos ocultos’ – como eram denominados os fenômenos psíquicos inexplicáveis, na época –, a partir das quais Ferenczi supõe poder elucidar o modo de funcionamento das funções psíquicas inconscientes. O obituário escrito em homenagem a Schächter evidencia, em certo momento, a fecundidade experimentada em uma tensão que envolve um complexo afetivo que Ferenczi acredita poder e até mesmo dever existir entre pares que se apreciam e que também se conflitam, sem que isso implique, necessariamente, qualquer dano à admiração e ao respeito mútuo:

Era sempre interessante discutir com ele, era mesmo um verdadeiro prazer. Até quando eu estava seguro de conhecer o meu assunto a fundo, ele conseguia sempre me apanhar em falta, de sorte que me via obrigado a mobilizar toda a minha energia para fazer-lhe frente. Com seu talento dialético, lograva encurralar-me até quando eu tinha razão, mas, nesses casos, ele cedia em seguida sorrindo, reconhecendo que simplesmente se divertira procurando argumentar comigo (*ibidem*, p. 315).

Ferenczi torna-se amigo e profundo admirador do caráter de Schächter, então, sobretudo no que concerne a seu compromisso com a verdade e a moral médicas. Talvez se deva a estas características, justamente, o fato de Schächter não se opor ao tipo de pesquisa desenvolvida por Ferenczi, e isto apesar de ele próprio ser profundamente religioso; ao contrário, sempre concede todo apoio ao jovem médico, mesmo à medida que vai se desenvolvendo, neste, uma crescente disposição ao questionamento da religião. Esta concepção da relação de amizade, relacionada à gratidão e ao reconhecimento – em que a abertura para a aceitação do outro e a busca do esclarecimento, tecidas a partir de uma curiosidade despida do desejo de um poder que se pretenda soberano, posto que interessadas no esclarecimento de fatos enigmáticos no campo da subjetividade, e que por isso mesmo se constituem em experiências vitais importantes – é também associada por Ferenczi (carta a Freud, de 3/10/1910) ao tipo de relacionamento que ele mantém com a esposa; em sua descrição, este relacionamento goza de “uma franqueza absoluta” (FALZEDER *et al.*, 1994, p. 276), sendo esta uma condição indispensável ao estabelecimento da relação entre a mulher e o homem. A faculdade da ‘franqueza absoluta’ é relacionada à perspectiva de a mesma se constituir na condição de possibilidade da “ampliação da razão a regiões até então inconscientes”, ou seja, com vistas à descoberta de verdades para que seja possibilitada a expansão da subjetividade e do próprio indivíduo, e, portanto, sua libertação – por isso, pode-se considerá-la uma concepção ética –, mesmo

“que se tenha que dizer um ao outro tudo aquilo que é *desagradável*” (*ibidem*, p. 277, grifo deste autor).

Retornando a 1909, verifica-se, então, que a parceria estabelecida entre Freud e Ferenczi progride rapidamente – tendo em vista a forte adesão de Ferenczi às teses psicanalíticas –, o que revela ter sido bem-sucedida a intuição do mestre, que o levava a convidar o novo amigo para acompanhá-lo, juntamente com Jung, em viagem destinada a fazer as conferências proferidas na Clark University, em Worcester, Massachussets, nos Estados Unidos da América, em comemoração ao vigésimo aniversário de fundação desta instituição. Dentre outros fatores que influem na realização de um convite que envolve uma convivência bastante íntima, na oportunidade, pode-se considerar o fato de surgir em Freud algum reconhecimento em relação a uma identificação com os parceiros de viagem, e destes entre si. Esta identificação compreende a inclinação de Freud no sentido do interesse por superstições, já de há muito manifesta desde a correspondência trocada com Fliess, como um antigo interesse de Ferenczi por ‘fenômenos ocultos’, registrado em um artigo datado de 1899, intitulado “O espiritismo”. Além disso, a aproximação verificada entre estes pesquisadores também tem origem no interesse de Jung, manifesto em um trabalho publicado sobre os fenômenos ocultos, em 1902, que deriva, por sua vez, de uma tese de doutorado em psiquiatria (*cf.* McGUIRE, 1976, p. 18; ROAZEN, 1986, p. 163)<sup>52</sup>. No entanto, todos estes fatores não são superiores ao interesse de Freud em divulgar a psicanálise, que o leva, então, a procurar a companhia de amigos que atendam a seu interesse em desenvolver algo que se encontra em formação em sua mente. Deste modo, Freud posiciona-se junto aos amigos, com a disposição de fazer com que a psicanálise nascente se transforme num saber singular, mas de cunho positivista, e, para tanto, se empenha de forma aguerrida para que tenha condições de ser útil à humanidade; assim, nota-se que todo seu empenho evolui no sentido de que o saber psicanalítico se desenvolva mediante a realização de uma verdadeira campanha.

Pode-se depreender, mediante um minucioso exame das cartas trocadas entre Freud e Ferenczi, no período de 1908 a 1911, que este último experimenta a progressão de uma postura submissa e de adoração ao mestre, inicialmente, e que esta trama se

---

<sup>52</sup> A paranóia e a demência precoce (designação preferida por Jung), e o papel da libido na formação de psicopatologias mais graves, vêm sendo objeto do interesse dos três ‘amigos’, nesta época. Do ponto de vista de Freud, expresso em “Notas psicanalíticas sobre a autobiografia de um caso de paranóia: *“Dementiae Paranoides”* (1911), a luta contra a homossexualidade estaria na origem do delírio persecutório. Desta forma, o problema da homossexualidade, sua fonte e seu destino, constitui-se num tema central abordado por Freud, Jung e Ferenczi, e secundariamente por Abraham, que ocorre em auxílio à tese de Freud. Ver, a este respeito, Azouri (1991).

desenvolve no contexto de um interjogo transferencial mobilizado entre ambos os parceiros; na verdade, isto ocorre em parte devido à forma ‘política’ de Freud agir. Não apenas Jung e Ferenczi são ‘associados’ na trama urdida por Freud, no sentido de fazer avançar o movimento psicanalítico com determinação, mas Abraham, Rank e Jones (*cf.* ROAZEN, 1986; LIEBERMAN, 1991), dentre outros tantos personagens que se destacam no movimento psicanalítico então nascente, também são envolvidos em tramas.

O resultado do desenvolvimento das referidas tramas se evidencia em certo momento, quando, em carta dirigida a Jung, Ferenczi reconhece ser afetado pelo mesmo problema que por diversas vezes norteia a atenção de Freud, ou seja, por uma fraqueza, “confessando com franqueza o (...) complexo de irmão”, cuja confissão narra em carta escrita para Freud, em 7/12/1909<sup>53</sup>. Assim, ao que parece, a intenção manifesta de renunciar a algo faz com que Ferenczi se dirija aos dois com muita franqueza (e fraqueza), conforme sua ética o exige, posicionando-se por fim no sentido de que, depois de Freud, deveria caber a Jung o comando do movimento psicanalítico<sup>54</sup>. Pode-se considerar, portanto, que esta atitude de Ferenczi é coerente com uma docilidade, que nele se destaca na ocasião, o que é bastante favorável ao desejo de Freud de atuar como uma eminência parda na institucionalização da psicanálise, de forma a poder manter-se à margem de uma área propícia a conflitos, o mais possível<sup>55</sup>.

Atitudes desta natureza, ou seja, dóceis, tanto da parte de Ferenczi quanto de Rank<sup>56</sup> (*cf.* LIEBERMAN, 1991), bem como de outros psicanalistas contemporâneos de Freud, e que Jung chega a denunciar de maneira veemente, como se pode observar em carta anteriormente citada<sup>57</sup>, ocorrem de maneira consentânea ao desejo de Freud de conquistar adeptos para uma causa que se norteia por um saber dirigido ao desconhecido e estrangeiro, cuja recepção satisfatória começa a indicar a necessidade e possibilidade de se expandir mediante a fundação de uma associação internacional destinada ao exercício de um comando no âmbito do coletivo. No entanto, fatos ocorridos mais adiante, sobretudo na segunda década dos anos 1900, não confirmam a facilidade de se obter tais adesões, muito pelo contrário. Conflitos ocorrem e vários deles resultam em rupturas, mas é interessante notar, contudo, que tal coisa não ocorre entre Freud e Ferenczi.

---

<sup>53</sup> FALZEDER *et al.*, 1994, *op. cit.*, p. 173

<sup>54</sup> Lieberman (1991, p. 161), por exemplo, manifesta esta opinião.

<sup>55</sup> A este respeito, ver Oliveira (1994).

<sup>56</sup> Cujas participação no movimento psicanalítico, na condição de amigo de Freud e Ferenczi, é examinada mais adiante.

<sup>57</sup> Vide nota de rodapé número 44, na página 62.

No final da primeira década de 1900 o movimento psicanalítico se encontra flagrantemente em expansão, e com o auxílio importante de Ferenczi. Fundações de instituições psicanalíticas ocorrem sucessivamente. Em 1910, Ferenczi faz a exposição de “A história do movimento psicanalítico”, no II Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Nuremberg, em que defende e discute minuciosamente a idéia de agrupar os que praticam verdadeiramente a psicanálise, assinalando o risco das freqüentes patologias que se desenvolvem em associações. Jung, diretor da Faculdade de Medicina de Zurique, é eleito presidente da Associação Psicanalítica Internacional, fundada nesta ocasião; Freud é o presidente do grupo de Viena; Karl Abraham, o de Berlim; C. Seif, o de Munique; Maeder, em Zurique; James J. Putnam, professor da Universidade de Harvard, em Boston, é o presidente de toda a Associação norte-americana; A. A. Brill, do grupo de Nova York; Ernest Jones, do grupo de Toronto; Ferenczi se incumbem de organizar o grupo em Budapeste<sup>58</sup>.

Pode-se verificar, é verdade, que os psicanalistas envolvidos no movimento psicanalítico, que então se desenvolve, não mantêm sob restrita reserva o que ocorre entre si, nem mesmo em relação ao que se passa nas análises dos candidatos a se tornarem analistas. A progressão do saber psicanalítico se faz, então, em meio a condições francamente favorecedoras de paranóias, posto que permeadas por rivalidades, ambições desmedidas, ambigüidades e manipulações, o que leva Ferenczi a afastar-se mais tarde do movimento, mas isto ocorre pouco a pouco. Ou seja, Ferenczi reduz, na verdade, sua inserção no processo de institucionalização da psicanálise, enquanto Freud segue sempre se posicionando como um engenhoso político interessado em garantir os fundamentos do que ele entende caracterizar a psicanálise efetivamente, para protegê-la de desvirtuamentos<sup>59</sup>.

É neste contexto de luta, então, em torno da garantia de uma fidelidade a princípios estabelecidos em relação à teoria psicanalítica (desejo sexual infantil, recalque, complexo de Édipo, castração e inconsciente), por um pai/mestre/autoridade, que, se por um lado Jung e outros tantos rompem com Freud de maneira por vezes virulenta, Ferenczi prossegue alinhado entre os psicanalistas, caracterizando-se pela inclinação a realizar, permanentemente, um auto-exame de suas questões pessoais – relacionando-as, dentre

---

<sup>58</sup> Ver, a este respeito, nota de pé de página, em Ferenczi (1910, p.154).

<sup>59</sup> O episódio em que Freud aceita o ingresso de Victor Tausk no movimento psicanalítico – em 1908 –, um jurista croata formado na Universidade de Viena, que ele acredita ser doutor em medicina, denota a presença de um mecanismo paranóide na origem do movimento psicanalítico. Tausk, em 1919, ainda com quarenta e dois anos, se suicida, suscitando algumas questões embaraçosas no que tange a seu envolvimento com Freud, ou de Freud em relação ao sofrimento de Tausk. A este respeito, ver mais detalhes no relato de Roazen (1986, p. 245-256), e uma breve descrição em Lieberman (1991, p. 197-198).

outros fatores, a sua passividade frente à forma autoritária de Freud exercer o poder – e por se dispor a obter êxito na cura de seus analisandos. Este auto-exame se caracteriza como uma auto-análise continuada, que se evidencia, por exemplo, na formulação de questões que se encontram explicitadas em cartas trocadas com Groddeck (agosto de 1921 a março de 1933)<sup>60</sup> – em que se encontram revelados aspectos significativos de sua vida – e em anotações feitas durante o período de 7 de janeiro a 2 de outubro de 1932. Essas anotações resultam numa edição em língua francesa, publicada em 1985, muito após sua morte, portanto: este livro se destaca por ser um documento predominantemente clínico, mas não apenas. O “Diário clínico” (1990)<sup>61</sup> se constitui numa prova da notável ‘atividade’ intelectual de Ferenczi, sendo que seu conteúdo possibilita concebê-lo, também, como uma realização que envolve sua libertação do poder opressor de Freud. Torna-se evidente, então, desde sua leitura, a mudança de posição subjetiva verificada em Ferenczi, a partir de certa época, sem que isto resulte em ruptura ou afastamento dos fundamentos da psicanálise. As questões apontadas por Ferenczi e a mudança ocorrida em sua subjetividade envolvem, fundamentalmente, a decisão de percorrer sua própria trilha, mas mantendo-se sempre como um pesquisador atento a idéias formuladas tanto por seus colegas psicanalistas quanto por seus pacientes, e mesmo por pesquisadores de áreas afins, mormente no que se refere ao âmbito da biologia e das Ciências da Natureza em geral<sup>62</sup>.

A forma de escrita das anotações encontradas no “Diário clínico” e os fatores emocionais emergentes em Ferenczi, que se encontram na origem dessas anotações, todo o seu conteúdo, enfim, suscita a impressão de que se trata de um modo de elaboração semelhante ao do cuidado de si característico na Grécia antiga. Havia entre os gregos o costume de escrever anotações em cadernetas com a finalidade de servirem como guias de conduta; eram anotadas, então, reflexões pessoais ou pensamentos de pessoas cultas, anedotas e aforismos, constituindo-se assim um “tesouro acumulado para a releitura e a meditação ulterior” (FOUCAULT, 1994, p. 625). Chamavam-se *hupomnêmata* e, segundo Foucault, não se pode confundir este tipo de escrita com um diário íntimo, pois não se trata

---

<sup>60</sup> Georg Groddeck, doutor em medicina em 1899, na Alemanha, começa a interessar-se pela psicanálise em 1913, ao ler “A psicopatologia da vida cotidiana” e “A interpretação dos sonhos”. Escreve uma carta a Freud em 27/05/1917 visando a um intercâmbio entre ambos. Freud se dirige a Ferenczi em 3/06/1917, comentando ser a mesma “a mais interessante que eu já recebi de um médico alemão, cujo conteúdo envolve numerosas convergências com suas patoneuroses e o pensamento lamarquiano” (FALZEDER *et al.*, 1996, p. 238).

<sup>61</sup> Diferentemente do que ocorre em todas as outras publicações de autoria de Ferenczi, a identificação desta, por este autor, passará a ser feita pelo ano da edição em português.

<sup>62</sup> O saber da física é também considerado, e toda a complexidade de suas teses psicanalíticas, conjugadas a estes saberes, cuja síntese Ferenczi define como “bioanalítica”, resulta no livro “Thalassa, ensaio sobre a teoria da genitalidade” (1924). O título da edição húngara, publicada cinco anos mais tarde, é “Catástrofes no desenvolvimento do funcionamento genital. Um estudo psicanalítico” (*cf.* BUKANOWSKI, 2000, p. 60).

de uma confissão de si voltada para a revelação de algo oculto; *hupomnêmata* consiste em organizar e enfatizar o que já foi dito ou escrito, no intuito de se proceder ao cuidado de si e a sua transmissão através do ensino. Se bem que as anotações clínicas feitas por Ferenczi contenham considerações relativas a afetos muito íntimos, experimentados em relação a Freud, de forma a lembrarem um ‘diário íntimo’, elas compreendem, fundamentalmente, reflexões relativas à esfera do saber psicanalítico desenvolvido com base em valores éticos pessoais, adquirindo, assim, o sentido de um “tesouro acumulado” destinado à leitura e releitura de psicanalistas interessados na clínica psicanalítica.

No que se refere à prática clínica de Ferenczi, cabe ressaltar um dos momentos em que se destaca um distanciamento crescente ocorrido entre ele e Freud, estabelecido desde posturas terapêuticas distintas entre ambos. Em uma conferência realizada em Madri, em 1930, Ferenczi preconiza a importância de que se firme uma “amizade tácita” entre o analista e o analisando, que sirva de suporte, no seu entender, para permitir “ao analista e ao analisando colaborar na revelação do inconsciente” (FERENCZI, 1930b, p. 217). Tal coisa implica o oposto das regras da abstinência e da frustração preconizadas por Freud, e situa a amizade como um combustível indispensável à análise.

A amizade, tal como preconizada por Ferenczi nesta ocasião, envolve a consideração da importância de haver uma proximidade do analista em relação ao analisando, com vistas ao objetivo de não colocar “o chapéu do nosso pai, de sua bengala e de seu ar de importância” (*ibidem*, p. 218), evitando-se, desta forma, que a presença do analista se manifeste de maneira insensível devido a uma busca de proteção em seu próprio narcisismo. Segundo Ferenczi, o narcisismo do analista pode ser suscitado em face da manifestação de severas resistências ao tratamento, por parte do analisando, que estariam relacionadas a formações de seu caráter, necessitando, portanto, serem apontadas com “simpatia e compreensão”, pelo analista, mas sem temor e com determinação. Esta reflexão decorre da responsabilidade que Ferenczi atribui a si próprio, na condição de “médico” (FERENCZI, *loc. cit.*), ou seja, tomando a si próprio como um indivíduo cujo saber e prática devem contribuir para torná-lo capaz de compreender e lutar contra as mais variadas formas de resistência ao processo psicanalítico. No texto acima citado, Ferenczi enfatiza a importância de o analista ser dotado da ambição de ir ao âmago – ao caráter – do núcleo gerador de opções patológicas de vida, mesmo as que não se configuram como sendo muito perturbadoras.

Pouco tempo antes, em agosto de 1929, em comunicação apresentada no XI Congresso Internacional de Psicanálise realizado em Oxford, com o sugestivo título

“Progresso da técnica psicanalítica”, publicada em 1930 com o título “Princípio de relaxamento e neocatarse”, Ferenczi afirma que deveriam:

existir meios de tornar perceptível ao paciente a nossa atitude *amistosamente benevolente* (*freundlich wohlwollende*) durante a análise, sem abandonar por isso a análise do material transferencial, nem, é claro, cair no erro daqueles que tratam o neurótico com uma severidade ou um amor fingidos e não de acordo com o modo analítico, ou seja, com uma total sinceridade (FERENCZI, 1930a, p. 60, grifos deste autor).

Interessado em formas de subjetividade que compreendem dentre outros problemas o da fragilidade do Eu, cuja formação resulta em posicionamentos tanto extremamente dóceis quanto rebeldes, no curso do processo psicanalítico, Ferenczi manifesta-se então, e não poucas vezes, no sentido de que a psicanálise deve estar compromissada sobretudo com a sinceridade, considerando esta como algo indispensável para o alcance da verdade e da cura. É neste sentido, portanto, de um engajamento em que verdade e cura são consideradas elementos indissociáveis, que Ferenczi utiliza expressões que criticam claramente a postura de Freud. Sua oposição à figura do pai/mestre/autoridade também se reflete na defesa de uma postura oposta a que este adota em relação aos pares, conforme já foi apontado nesta pesquisa; o mesmo se verifica, no que diz respeito ao que ele aplica em sua própria prática clínica, a partir da qual se define progressivamente uma divergência em face da então consolidada ortodoxia psicanalítica, ou seja, notadamente no que diz respeito ao âmbito das prescrições técnicas. Esta divergência também envolve a formulação de concepções relativamente diversas, no que diz respeito ao infante, às figuras parentais, aos fatores traumáticos relacionados ao complexo de Édipo, à transferência e à presença do analista na situação analítica. No que diz respeito a esta última, Ferenczi a compreende fundamentalmente como uma ‘atividade’ que deve ser capaz de gerar uma experiência singular, de tal forma que esta possa tornar-se regeneradora da subjetividade<sup>63</sup>.

A contundência do questionamento de Ferenczi à formulação teórico-técnica freudiana não possibilita, no entanto, que se o situe fora do campo psicanalítico; deve-se destacar, por exemplo, que a ‘benevolência’ preconizada ao analista é caracterizada por Ferenczi como de natureza materna, por diversas vezes, de forma que a relação terapêutica é articulada com o passado do analisando. Ao mesmo tempo, deve-se considerar que em diversos momentos e contextos, Ferenczi se utiliza simplesmente da palavra

---

<sup>63</sup> O alcance das idéias de Ferenczi, na atualidade, pode ser verificado na seguinte frase de Fédida: “(...) é preciso que sua participação ativa [do analista] no trabalho com o paciente (...) seja tal, que ele torne possível uma verdadeira *regressão transferencial* (FÉDIDA, 2002, p. 153, grifo do autor). A importância da regressão no processo analítico, em Ferenczi, é examinada num capítulo específico, mais adiante.

*freundlichkeit*<sup>64</sup> (FERENCZI, 1933b, p. 101), como se encontra em “Confusão de línguas entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão” (1933)<sup>65</sup>. Há que se considerar, também, que a compreensão da natureza materna envolvida na noção da ‘benevolência’, como Ferenczi apresenta por vezes, deriva de uma divergência em relação a um pensamento freudiano centrado na importância da figura paterna, em que esta é situada como central na constituição da subjetividade e como o lugar transferencial que deve ser ocupado preferencialmente pelo analista. Assim, pode-se considerar que o destaque dado a uma carga afetiva, tal como o expressa a utilização do termo *freundlichkeit*, diz respeito a divergências de Ferenczi, formadas em relação a proposições estabelecidas de forma absoluta por Freud, sendo uma delas o valor significativo dado por aquele à amizade, considerando-a inclusive como uma forma de construção do saber em parceria. A evolução dessas divergências pode adquirir clareza mais adiante, ao se examinar a proposta ferencziana relacionada à noção de ‘regeneração’<sup>66</sup> no âmbito da subjetividade, firmada com base numa proposição ética do compromisso do ‘médico’ com a cura.

O sentido implicado no afeto amizade, tantas vezes mencionado por Ferenczi, indica, portanto, a conveniência de que sejam elaboradas considerações clínicas de outra ordem, que coloquem em pauta a questão da amizade envolvida na transferência. Há indícios em Ferenczi que apontam para a propriedade de concebê-la como relacionada a uma manifestação de forças psíquicas que evoluem num campo intersubjetivo, e que envolvem, fundamentalmente, o reconhecimento da necessidade de haver uma disposição psíquica no analista que o capacite a atuar no sentido de tornar possível o processamento de inscrições de investimentos libidinais (do analisando) os mais inacessíveis. Neste sentido, como a prática clínica de Ferenczi o sugere, há que se considerar que o analista deva se dispor como um amigo, em certa medida, para que esta amizade contribua para a instauração de uma dinâmica que se impõe por vezes numa situação analítica; é justamente nesta medida, então, que se pode compreender que a situação analítica seja caracterizada

---

<sup>64</sup> Termo que pode significar amabilidade, cordialidade, gentileza, boa-vontade, amizade, afeição, afeto ou bondade.

<sup>65</sup> Com o título original “As paixões dos adultos e sua influência sobre o desenvolvimento do caráter e da sexualidade da criança”, é destinado a ser apresentado no XII Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Wiesbaden, em setembro de 1932; diga-se de passagem, sem a aprovação de Freud.

<sup>66</sup> Ver, por exemplo, no “Diário clínico” (1990, p. 259), onde Ferenczi se refere a “um novo começo e uma nova decolagem, por assim dizer”.

por Ferenczi como uma transmissão/recepção que se desenrola entre as partes envolvidas, e que envolve muito mais do que o que Freud se dispõe a reconhecer<sup>67</sup>.

O que importa destacar, por ora, como uma introdução ao que se encontra desenvolvido no capítulo relativo à teoria da técnica, é que os questionamentos feitos por Ferenczi, relativos ao requisito de haver da parte do analista uma grande disponibilidade para com os analisandos – à medida que se sentindo responsável e se mantendo em busca da cura, ou ao menos no sentido de minorar seu sofrimento –, contribuem para que sua clínica se caracterize pelo atendimento a patologias muito difíceis. De fato, Ferenczi não se furta a posicionar-se de maneira singular e corajosa no campo psicanalítico, aduzindo com frequência, e veemência, à necessidade de que o analista adote posturas e metodologias específicas sempre que necessárias, pois que o trabalho clínico só se justifica com vistas à luta pela obtenção da cura. Com isso, pode-se considerar que o pensamento clínico de Ferenczi compreende, em certa medida, a possibilidade do agonismo.

Freud, por sua vez, faz referência a laços de amizade, seja em relação a sua vida pessoal seja em relação à situação analítica, conforme já relatado, mas de maneira superficial ou sem muita simpatia, e tudo indica que isso se justifica por ter sido formada uma compreensão da amizade que lhe é bastante própria, e que o leva a optar pela adoção de um posicionamento viril (ou narcísico) que terá se consolidado desde a realização de sua auto-análise. Este posicionamento também se deve ao lugar de comando que ele deseja ocupar no campo psicanalítico, com vistas a um futuro que almeja para si próprio, em certa medida<sup>68</sup>.

Uma abordagem de natureza apenas aparentemente positiva, relativa à amizade, é apresentada por Freud, em “Análise terminável e interminável” (1937), um artigo escrito, por sinal, após a morte de Ferenczi. Esta abordagem já foi aqui examinada, mas é importante retomá-la para fornecer mais clareza ao que se pretende cotejar entre os pontos de vista de Freud e de Ferenczi sobre a amizade. Neste artigo, Freud refuta as queixas de um ‘homem’ – ele não menciona o nome – que afirmara não ter sido bem analisado por

---

<sup>67</sup> A reflexão desenvolvida por Ferenczi com relação à dinâmica da introjeção, em “Transferência e introjeção” (1909) e em “O conceito de introjeção” (1912), coloca em destaque a função do ego de autopreservação, em conexão com o interesse libidinal auto-erótico; isto, na origem da vida psíquica, o que implica tanto a possibilidade permanente do deslocamento da libido quanto a responsabilidade do analista na condução da cura. Esta leitura, aqui proposta, coloca em relevo a atuação do analista e os sentidos atribuídos por este às atitudes, aos gestos e a tudo, enfim, que provém do paciente, bem como a própria maneira de o analista se comunicar com o paciente.

<sup>68</sup> A respeito deste tema, vide Derrida (2001, p. 11.), em uma proposta de exame dos sentidos da palavra *arkhê* (arquivo): primeiramente, os sentidos físico, histórico e ontológico (originário, primeiro, principal, primitivo) e, por outro lado, os sentidos normológico e de comando.

ele, por não ter experimentado uma “análise completa”<sup>69</sup>. De fato, em certo momento Ferenczi responsabiliza Freud por não ter dado atenção ao componente hostil e à agressividade, manifestos em sua experiência analítica com o mestre. Freud, por sua vez, argumenta que “nem toda boa relação (...) deve ser considerada como uma transferência [e que] também podem existir relações amigáveis fundadas sobre bases reais e que são viáveis na vida” (FREUD, 1937, p. 253). Além disso, ainda afirma que a introdução de um “tema” ou de um “complexo” que “não estivesse presente no momento, no próprio paciente, [teria se constituído num] comportamento inamistoso por parte do analista” (FREUD, *loc. cit.*).

Ora, ao que parece, Freud não só não pode se questionar a si próprio, uma vez que enredado em uma contratransferência narcísica<sup>70</sup> – obviamente no interesse suspeito por uma amizade estratégica<sup>71</sup> –, como concede ênfase à idéia de ter havido uma amizade entre ambos, na citada ocasião. Tudo indica que Freud se encontra cego, na verdade, quanto ao perigo envolvido na transferência positiva intensa – ou transferência negativa, na perspectiva de Ferenczi, tendo em vista a compreensão de que a docilidade excessiva envolve a manifestação de uma submissão masoquista<sup>72</sup> –, em virtude de uma disposição contratransferencial que o faz posicionar-se como um pai todo-poderoso e dedicado a um filho que ele deseja manter obediente: é nesta condição, justamente, e somente nesta condição, que Freud compreende ter-se firmado entre ambos uma amizade, já que a supõe relacionada à docilidade, ao respeito e à cordialidade, então experimentados por Ferenczi. O que Freud não pode entender com relação ao questionamento feito por Ferenczi, e que é bastante compreensível, é que ‘seu amigo’ argumenta que a admiração excessiva, a obediência e a passividade do analisando se constituem em manifestações importantes, sem dúvida, mas à medida que cumprem a função de verdadeiras resistências formadas junto à

<sup>69</sup> Esta crítica foi feita em carta escrita por Ferenczi a Freud, em 17/01/1930, em que o autor assinala que a condição de Freud ter-se constituído num “respeitável professor e um inatingível modelo, no qual ele se abrigou”, de forma que essas “condições desfavoráveis não possibilitaram a conclusão de minha análise em sua plenitude” (FALZEDER *et al.*, 2000, p. 382). Esta carta é importante para o esclarecimento da interpretação que se segue, sobre o ponto de vista de Ferenczi.

<sup>70</sup> No “Diário clínico”, Ferenczi aponta o narcisismo de Freud como um fator que não permitiu a sua análise “avançar o bastante em profundidade” (FERENCZI, 1990, p. 97).

<sup>71</sup> Tendo em vista sua concepção pouco positiva do laço de amizade.

<sup>72</sup> Toda uma reflexão relativa à presença de uma resistência subjacente à postura dócil do paciente pode ser apreendida na análise do debate entre Freud e Ferenczi, que se encontra em cartas trocadas entre ambos (FALZEDER *et al.*, 2000, p. 380-388), durante o mês de janeiro, em 1930. Veja-se, também, em “Reflexões sobre o ‘prazer da passividade’ ” (FERENCZI, 1933c). Cabe ainda citar Kupermann (2003, p. 262-271), outra fonte importante dirigida a este tema. Vide também uma nota de rodapé em LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 498, em que é citada a tese de Lagache sobre o que devem ser considerados ‘efeitos positivos e negativos da transferência’; ou seja, cabe considerar se os efeitos provenientes da transferência são favoráveis ou desfavoráveis à condução da cura, sendo somente nesta medida que a transferência pode ser classificada como positiva ou negativa.

impossibilidade de se manifestar uma agressividade, sendo este um afeto cujo reconhecimento ele considera ser indispensável no desenrolar de um processo analítico. Adotando uma outra ótica, pode-se considerar que a transferência positiva, uma vez estabelecida de maneira excessiva, compreende uma negatividade, já que sua incidência não possibilita ao processo analítico suscitar transformações satisfatórias na economia psíquica. No empenho de que a análise promova efetivamente essas transformações, Ferenczi pretende, então, ao que parece, ressaltar que a experiência analítica implicada na transferência negativa ‘verdadeira’ (hostilidade) é de suma importância para a problematização de uma dependência que pode se consolidar indesejavelmente ao longo do processo psicanalítico. Esta sua preocupação se evidencia, por exemplo, quando ele se dedica a pensar a “desabitução da análise”, ao considerar que o paciente pode experimentar a análise como a “reedição de sua infância feliz” (FERENCZI, 1925, p. 356).

Daí, então, pode-se mais uma vez depreender o porquê de a amizade não poder implicar um sentido diverso, para Freud, ou seja, ao de uma relação de admiração, respeito e obediência, uma vez que essas características são indispensáveis, no seu entender, à consecução de interesses estratégicos de exercício soberano do poder. Esta perspectiva sobre o laço de amizade, de resto muito própria, como já demonstrado, provém também de tendências contratransferenciais evidentemente relacionadas ao desejo de ‘criar’ filhos pródigos, como, aliás, Ferenczi até chega a tornar-se de fato, durante certo tempo. Nesta medida, não pode mesmo ocorrer a Freud ter um “comportamento inamistoso” e perceber a presença de uma transferência negativa em um filho que acaba sendo o último tido como príncipe. A verdade é que o exercício de um ‘comando’ mesclado à sedução exerce grande influência em vários dos seguidores de Freud, e ainda exerce nos tempos atuais,<sup>73</sup> mas Ferenczi não avança nesta direção, a ponto de não se deixar subtrair em sua inteligência, pertinácia, criatividade e coragem, mesmo ficando bastante abalado, em certos momentos, ao experimentar não poucas decepções face àquele que tanto deseja ter como um de seus melhores amigos.

O que Freud não pode perceber, e que é importante enfatizar – já que o complexo homoerótico envolvido em lutas que implicam uma sucessão infindável de vitórias e de perdas constitui-se num dos fatores constitutivos da amizade, e a experiência de desejá-la não implica experimentar, necessariamente, qualquer sentimento significativo relacionado à ameaça –, é que Ferenczi aponta, na carta citada, que a obediência dedicada a um pai que

---

<sup>73</sup> A esse respeito, e em certa medida em continuidade ao pensamento de Derrida, conforme citado em nota de rodapé anterior, ver também Kupermann (1996, p. 55-63).

se apresenta como todo-poderoso consiste, justamente, numa espécie de transferência negativa, à medida que este tipo de laço afetivo e associativo é de natureza auto-erótica, e não implica, portanto, a realização efetiva de um amor objetal, que compreende, por sua vez, a existência óbvia de áreas de conflito, mas também um objetivo a ser alcançado por toda análise (cf. FERENCZI, 1910, p. 150).

Indo mais além, já que o problema da homossexualidade se constitui numa preocupação pessoal e analítica da parte de Freud, e num questionamento analítico da parte de Ferenczi, cabe assinalar o fato de que este último distingue, então, duas categorias de homens homoeróticos<sup>74</sup>: de um lado, o “homoerótico ativo ou objetivo”, que “sente-se homem sob todos os aspectos, é com freqüência muito enérgico, ativo e nada existe nele de efeminado” (FERENCZI, 1914, p. 119). Este homoerotismo se dirige a “rapazinhos delicados, de modo afeminados, e revela, a respeito das mulheres, uma antipatia acentuada, às vezes uma aversão pouco ou nada dissimulada” (FERENCZI, *loc. cit.*); de outro lado, o “homoerótico passivo ou subjetivo” é o que sofre verdadeiramente uma “inversão”, pois “sente-se de preferência atraído por homens maduros, fortes, e mantém com as mulheres relações amistosas, por assim dizer, fraternas” (FERENCZI, *loc. cit.*). Ferenczi ainda atribui ao “homoerótico ativo ou objetivo” o sofrimento de uma “inversão do objeto de amor, [caracterizando-se, na verdade, como um] homoerótico de objeto” que se atormenta, incessantemente, “pela consciência de sua anomalia”, e que sofre por isso, mais propriamente, de uma neurose obsessiva (*ibidem*, p. 120-121). Talvez não se deva a um mero interesse de natureza intelectual, que Ferenczi se dedica a este tema de maneira tão minuciosa; este interesse também se manifesta desde a discussão estabelecida com Freud em torno do ‘caso Schreber’ e da tese freudiana do problema homossexual envolvido na formação da paranóia, como também nas diversas ocasiões em que Freud recusa aproximar-se demasiadamente dos pares, ou seja, de maneira verdadeiramente franca e amistosa<sup>75</sup>.

É importante destacar, por outro lado, com relação às considerações apresentadas até o presente momento, que o ato analítico sustentado na importância do afeto da amizade

---

<sup>74</sup> Em “O papel da homossexualidade na patogênese da neurose” (1911), Ferenczi concluiu ser melhor utilizar este termo, pois preconceitos seriam evitados, a seu ver, podendo então ser mais bem esclarecida a diversidade de manifestações homoeróticas.

<sup>75</sup> Em anotação publicada no “Diário clínico” (1990, p. 232), encontra-se a afirmação de Ferenczi, relacionada a Freud, de que o problema da homossexualidade encobre o da agressividade “que visa à castração mútua”, o que acaba por resultar numa “relação harmoniosa entre pai e filho”, ou seja, sem conflito. Ferenczi considera que, movido na verdade por uma homossexualidade não elaborada, o pai Freud não tolera o crescimento do filho Ferenczi, que o ameaça, devido a ele próprio não ter elaborado sua castração.

entre o analista e o analisando, tal como sugerido por Ferenczi em algumas passagens de sua obra, desloca o analista do lugar parental para o fraterno, em certa medida, o que implica pensar a subjetividade não mais exclusivamente centrada na castração e, portanto, ancorada na figura paterna exclusivamente, mas sim como suscetível de ser marcada também, e igualmente, pela figura materna, ou por outras pessoas importantes e não imediatamente identificadas pela criança, em seus primeiros anos de vida. Além disso, há que se considerar a relevância de experiências que ocorrem ao longo de um processo identificatório estabelecido desde o nascimento, e que se desenrola permanentemente na vida de todo indivíduo, uma vez que se compreenda que há sempre, em certa medida e felizmente, uma salutar insuficiência do Eu, que move o indivíduo tanto em direção à busca de satisfações quanto a elaborações sublimatórias de suas demandas libidinais.

Tal compreensão implica a crença na possibilidade de poder se dar sempre alguma mudança significativa no campo da subjetividade e do modo de existir de cada indivíduo, no caso de ele se dispor à análise ou a algum tipo de influência marcante, que tenha por base, por exemplo, uma amizade sustentada em semelhanças e diferenças existentes entre as partes envolvidas. A possibilidade de o Eu vir a ser auxiliado, dada sua insuficiência frente à excitação sensorial que o atormenta e a percepção objetiva de um outro que parece ser 'mau', apenas a princípio, é apontada por Ferenczi como elementos que atuam no desenvolvimento da faculdade do pensamento: este, por sua vez, se caracteriza pela aptidão a “relacionar uma coisa com a outra” (FERENCZI, 1990, p. 151). Para tanto, há que tornar possível, no curso da análise, a aniquilação do “interesse pelo ego”, no analisando, que opera no âmbito estrito do prazer-desprazer, o que pode ser favorecido pela suspensão do interesse narcísico do analista, o qual se manifesta, por exemplo, quando ele posiciona-se por demais ancorado em sua teoria, utilizando-a como um suporte que visa tão somente a lhe garantir um prazer. Assim é que Ferenczi compreende que a progressão da análise – e da teoria da técnica elaborada no contexto de cada experiência – depende de que os 'Eus' nela envolvidos possam abnegar-se de suas próprias vontades, e sem medo, de forma a conseguirem operar as transformações necessárias à continuidade da vida.

Esta noção da 'abnegação' como indispensável à construção do Eu, sendo esta considerada um efeito do trauma causado pelo contato com “outras vontades além da minha” (*ibidem*, p. 150), encontra-se registrada em anotação de 29 de maio de 1932, um dos momentos em que Ferenczi manifesta interesse pelo sentimento de ódio despertado – e por conflitos – no Eu, quando o mesmo se defronta com 'outros Eus'. No prolongamento desta nota encontra-se o título “Um modo científico de conhecer a verdade”, em que

Ferenczi indica que a aquisição do conhecimento supõe a possibilidade da tolerância ao conflito, o que significa, portanto, a afirmação de sua importância no avanço do conhecimento, definindo-se aquele, então, como relativo à tensão que se situa na matriz do pensamento em geral. Somente a princípio, portanto, conflito e identificação – entendida aqui esta última como efeito do ‘relacionamento de uma coisa com a outra’ – não parecem poder resultar numa convergência. Ferenczi entende que isso é possível, e postula que esta convergência deve poder ocorrer na situação analítica. No intuito de verificar o fundamento desta compreensão, cabe elucidar um pouco a noção ‘identificação’, cuja importância para a clínica é examinada no próximo capítulo.

O fenômeno da identificação é apontado por Freud em diversos momentos de sua obra, e é a partir de sua consideração que Ferenczi pode propor, em alguns momentos, o afeto da amizade como um laço afetivo importante, a ser experimentado, seja entre os pares seja na prática clínica. Como tem sido demonstrado, Ferenczi empreende uma reflexão sobre a importância dos laços emocionais movido pela crença – dentre outras – na possibilidade de o analista se identificar com os fatores implicados no sofrimento do analisando, tendo em vista empenhar-se na busca resoluta da cura, desde o que chega a propor a importância de haver uma aproximação significativa entre ambos, preconizando a experiência da contratransferência como algo indispensável à obtenção da cura. Afinal, como Balint assinala ao final do Prefácio encontrado no segundo volume da edição brasileira das Obras completas de Ferenczi,

(...) a questão que se impõe é a de se saber se, em certos casos, de uma estrutura mais rígida, mais resistente, não seria mais eficaz, mais terapêutico para o paciente, que o analista fosse mais além do controle da contratransferência e intervisse voluntariamente, tentasse influenciar a interação entre a transferência do paciente e a sua própria contratransferência, modificando esta última num sentido preciso (p. XII).

Esta perspectiva, orientada em direção à atribuição de um outro sentido para a contratransferência, justifica a conveniência de destacá-la como tema em uma das seções do próximo capítulo desta pesquisa.

Antes da conclusão deste capítulo, destinado fundamentalmente à questão da amizade entre pares, tanto no campo institucional quanto no da prática psicanalítica, são examinadas algumas parcerias significativas estabelecidas por Ferenczi, uma vez que estes acontecimentos possibilitam que se torne evidente a presença de uma condição emocional peculiar neste último, considerando-se que esta se encontra associada, certamente, ao fato de ele tornar-se um pesquisador obstinado que muito se importa com o apaziguamento do

sofrimento do outro, e, além disso, em íntima relação com o direcionamento de sua atenção para o seu próprio sofrimento.

No intuito de evidenciar traços relevantes da personalidade de Ferenczi, são abordados adiante, então, alguns aspectos envolvidos em sua aproximação de Groddeck (cf. DUPONT *et al.*, 1982) e do vienense Otto Rank, tido como um outro 'filho pródigo' de Freud, com quem Ferenczi chega a escrever um artigo em parceria, que gera, por sinal, grande repercussão e polêmica à época, no movimento psicanalítico, uma vez que sugere uma 'virada' na concepção do ato psicanalítico.

## 2.2 Intercessão com Rank

Rank (1884-1939), um judeu vienense, torna-se um psicanalista bastante respeitado nos anos 20, ao fazer sucesso nos Estados Unidos e na França. Originário de uma família pobre, não se forma em medicina e tampouco se orienta no sentido do estudo desta disciplina após aproximar-se de Freud, e isto por recomendação deste último; torna-se, portanto, o primeiro analista leigo da primeira geração de psicanalistas. Aproximando-se de Freud na primavera de 1905 (cf. LIEBERMAN, 1991, p. 88-89) e tornando-se um dos filhos diletos deste último<sup>76</sup>, durante muito tempo, Rank ingressa na Universidade de Viena em 1908 para estudar filosofia e língua alemã, também por influência daquele (*ibidem*, p. 150).

À semelhança do que se desenrola entre Freud e Ferenczi, a divergência entre Rank e Freud evolui por quase dez anos, desde 1923, mas neste caso acaba resultando de fato num rompimento, uma vez que Rank se inclina de maneira acentuada em direção ao desprezo à análise dos acontecimentos passados da infância, na condução da cura, posicionando-se no sentido de que a análise deve dar ênfase ao desenvolvimento das forças do Eu, e isso implica que o trabalho analítico não deve favorecer, sobremaneira, a regressão e a associação livre; ou seja, a proposta clínica elaborada por Rank despreza acentuadamente o exame das demandas pulsionais infantis e os sonhos, dois dos pilares da psicanálise.

O que interessa examinar, no contexto desta pesquisa, mais propriamente, refere-se à forma e às questões envolvidas na aproximação estabelecida entre Ferenczi e Rank. Assim, pode-se verificar que o trabalho intelectual desenvolvido por Ferenczi, em trocas

---

<sup>76</sup> Rank é o discípulo favorito de Freud, e Ferenczi é o segundo (cf. LIEBERMAN, 1991, p. 93).

feitas com outros pares, compreende uma postura que procura contribuir para que se estabeleça uma atmosfera afetiva eivada de franqueza e entusiasmo, algo semelhante ao que se desenrola entre ele e Freud. Esta postura influi, certamente, não só na expansão da esfera do conhecimento sobre os mistérios da vida psíquica, mas também na elaboração de possibilidades terapêuticas diversas (*ibidem*, p. 88).

Como já se encontra indicado pouco antes, sob a influência de Freud a personalidade de Rank se inclina cada vez mais no sentido da literatura, das artes e da filosofia. No entanto, é importante notar que, dedicado à escrita de um diário desde os dezoito anos e meio, Rank empreende desde cedo uma espécie de auto-análise, em que se destaca um grande afeto experimentado por seu único irmão, mais velho, afeto este que se desloca, naturalmente, tanto em direção a Freud quanto em direção a seus pares<sup>77</sup>. Sendo o primogênito mais favorecido pelo estímulo do pai no sentido de uma formação universitária, desenvolve-se em Rank um certo retraimento pessoal, que o faz dedicar-se de forma intensa a leituras e à análise da vida de personalidades que admira, de modo que é sob a forma de uma busca incessante que ele procura encontrar um amparo fundamental a sua existência. Empenhado em adquirir uma formação técnica profissionalizante que lhe permita sobreviver por sua própria conta desde cedo, Rank se interessa, ao mesmo tempo, pela leitura de Nietzsche, Schopenhauer, Dostoïevsky, Stendhal e outros. Aos dezenove anos rompe os poucos laços mantidos com o judaísmo, já que seus pais não são religiosos praticantes, abolindo o sobrenome de Rosenfeld, de origem judia, e passa então a adotar o de Rank. Esta espécie de ruptura com o pai e os ancestrais judeus dá início a uma proposta de elaboração de uma nova personalidade e à responsabilização pelo próprio destino (*cf.* LIEBERMAN, 1991, p. 45), ensejando o desenvolvimento de um tema que será objeto de atenção central na elaboração teórica rankiana, e que se encontra ausente na psicanálise freudiana: a vontade.

A influência de Nietzsche sobre as teses de Rank é notória, de tal forma que parte deste a introdução do pensamento do filósofo em reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena, nos anos de 1908-1909. O interesse de Rank pela questão da vontade encontra apoio na tese de Freud relacionada à terapia ativa, manifesta no início de suas reflexões sobre a técnica, ou seja, por volta de 1908, quando se cogita da necessidade de o analista adotar determinadas atitudes, em face de analisandos que teriam sofrido pouco (*cf.* LIEBERMAN, 1991, p. 158), provavelmente, e se acredita que por isso se encontram

---

<sup>77</sup> Uma segunda irmã falece com poucos meses de vida.

inibidos em seu desenvolvimento. No entender de Rank, o trabalho analítico deve estar comprometido com o desenvolvimento da criatividade e da autonomia, de forma que é preciso trabalhar a questão da vontade mediante injunções que estimulem o indivíduo para que este consiga se desprender do conforto propiciado pela Mãe Natureza (vida uterina), o que o conduz a considerar a importância de colocá-lo em contato com a experiência da angústia ocasionada no momento do nascimento. Assim, Rank alinha-se com os analistas que se pautam pelo deslocamento do centro do interesse psicanalítico da figura do pai para a da mãe (*ibidem*, p. 160), e que se interessam por pensar os afetos envolvidos nas vivências mais primitivas, o que implica, inclusive, considerar o período vivido no interior do corpo da mãe.

Ferenczi também se interessa pelas vivências primitivas, assim como pelo que é expresso corporalmente, procurando alcançar o sentido simbólico aí contido, de forma que, por haver afinidades de problematizações entre ambos, não tarda a ocorrer uma colaboração mútua. Uma aproximação entre os dois, que se pode considerar relevante por envolver um trabalho desenvolvido em conjunto, ocorre por ocasião da fundação de um jornal destinado à difusão da psicanálise, e que se apresenta como mais identificado com o pensamento freudiano comprometido com a pesquisa interessada nas singularidades encontradas nos fenômenos psíquicos, sendo proposto como uma alternativa em face de um outro jornal ainda dirigido por Stekel, embora este já houvesse deixado a Sociedade Psicanalítica de Viena, em novembro de 1912. Um pouco antes, em janeiro de 1912, um grupo de doze psicanalistas, dentre os quais Rank e Ferenczi, funda o Comitê Secreto, destinado a garantir a pureza do saber elaborado por Freud e a fortalecer a soberania por ele exercida no movimento psicanalítico. As idéias elaboradas por Jung e Adler fazem com que a psicanálise se encontre continuamente ameaçada, por esta época, enfrentando problemas que não podem ser explicados apenas como resistências, como Freud prefere de resto interpretar. Par e passo, rivalidades, ciúmes e ambições refletidas em atitudes pouco honradas, ocorridas neste grupo, influem na progressão de um afastamento que leva à ruptura entre Freud e Rank, muitos anos depois (*cf.* LIEBERMAN, 1991, p. 202). A carga afetiva envolvida neste desenlace é apontada por Lieberman, em "*La volonté en acte: la vie et l'œuvre d'Otto Rank*" (1991)<sup>78</sup>; ao que parece, traços bastante negativos, presentes no caráter de Jones, terão contribuído para causar fortes decepções em Rank. De fato, tudo indica que Rank experimenta fortes aborrecimentos em relação a Ernest Jones, um gaulês

---

<sup>78</sup> A primeira edição é inglesa, e data de 1985.

que retorna dos Estados Unidos em 1911, para encarregar-se da difusão da psicanálise em Londres. Esses aborrecimentos evoluem em sintonia com a forma política conciliadora de Freud posicionar-se em face do conflito entre Rank e Jones, tendo em vista seu interesse em garantir a internacionalização da psicanálise. Aliás, diversas questões geram conflitos dentro do Comitê, como a liberação ou não da prática analítica a não médicos e homossexuais, o anti-semitismo e a telepatia. O acirramento de divergências leva Freud a declarar, em 1922, que Jones revela ser um incapaz (*cf.* LIEBERMAN, 1991, p. 221), mas manifestações isoladas deste tipo não reverterem uma tendência política cujo fortalecimento culminará com a escolha do próprio Jones, em 1920, para ser justamente o secretário do Comitê.

Em 1921, Rank estabelece uma separação entre a teoria e a terapia por considerar o processo analítico como essencialmente não intelectual, colocando em segundo plano a esfera da teoria psicanalítica, e isto não por acaso. Suas discordâncias das interpretações freudianas relativas ao complexo afetivo envolvido no desenvolvimento humano não são recentes, como aponta Lieberman. Há que se considerar, no entanto, que a importância dada por Rank ao trauma do nascimento está ligada a uma consideração de Freud, expressa em “A interpretação dos sonhos” (1900), de que o nascimento resulta na primeira experiência de angústia, constituindo-se, assim, em fonte prototípica de outras irrupções de angústia. Ocorre que Rank experimenta, a partir desta época, ressentimentos sucessivos em relação às decisões implicadas nas atitudes adotadas por Freud junto a Jones e Abraham, críticos mordazes de suas idéias. Assim, ele decide adotar uma postura mais agressiva<sup>79</sup>, enfatizando o compromisso da psicanálise com a terapêutica e minimizando o saber já consolidado, o que o coloca em relativa sintonia com preocupações compartilhadas por Ferenczi.

De fato, Ferenczi faz uma exposição sobre o método da técnica ativa, em setembro de 1920, no Congresso de Haia, Amsterdã<sup>80</sup>, oportunidade em que Georg Groddeck e Melanie Klein comparecem pela primeira vez a um evento desta natureza, realizado durante quatro dias. Há que se considerar que ambos são personalidades cujas reflexões e questionamentos relacionados à prática psicanalítica também se destacam, no movimento psicanalítico, por apresentarem idéias inovadoras e relativamente diversas das de Freud.

---

<sup>79</sup> Jones (1969, p. 64), em mais uma manifestação de hostilidade em relação a Rank, assinala, em 1923, que este se encontra numa “fase hipomaniaca”.

<sup>80</sup> “Prolongamento da ‘técnica ativa’ em psicanálise” (FERENCZI, 1921).

O interesse de Ferenczi pelo tema da técnica provém de algum tempo. Em 1918, por exemplo, ele apresenta uma conferência em Budapeste, cujo título é “A técnica psicanalítica”<sup>81</sup>, em que advoga a necessidade de o analista dispor de “uma liberdade e uma mobilidade dos investimentos psíquicos, isentos de toda inibição” (FERENCZI, 1919, p. 367), tendo em vista o problema da compulsão à repetição no analisando e seus efeitos de resistência à análise. A partir de certa época, portanto, mobilizados em torno da necessidade de o analista desenvolver uma liberdade associativa<sup>82</sup>, os dois analistas se debruçam juntos sobre o papel do analista na cura, compreendendo-o “como um participante ativo que dirige e coloca limites tanto quanto escuta e interpreta” (LIEBERMAN, 1991, p. 210). Um outro elemento importante na aproximação ocorrida entre ambos diz respeito à importância dada ao ego, em detrimento das pulsões. A redação de um artigo conjunto sobre a técnica terapêutica<sup>83</sup>, em 1922, em preparação para o VIIº Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Berlim, reflete mais uma vez a identificação estabelecida entre Ferenczi e Rank, ao mesmo tempo em que os conflitos de Jones com este último se adensam. O fato de Rank não ser médico e de escrever artigos em que demonstra grande erudição, procurando discutir temas e situando-os numa interseção entre a psicanálise, a cultura e o social, com grande senso crítico em relação às idéias conservadoras, contribui para que ele se torne um alvo fácil da hostilidade de Jones, e também de Abraham, um analista médico berlinense, a ponto de Freud sugerir, em certo momento, que Ferenczi sirva de mediador entre aqueles.

Ferenczi fora analista de Jones, o que faz com que Freud acredite que ele possa ter uma ascendência sobre o colega, mas a dubiedade manifesta reiteradamente em suas atitudes não ajuda e, ao contrário, contribui para a intensificação da hostilidade de Jones. Ao mesmo tempo, deve-se considerar que justamente por ter sido analista de Jones, não seria recomendável que Ferenczi se prestasse a executar este papel de intermediário. No entanto, ainda tentando atuar ele próprio como mediador, e dando a Rank um certo apoio, Freud afirma, em carta dirigida ao Comitê em 1922, que “não se pode evitar as diferenças, mesmo no seio de uma família, mas no fundo se pode ter certeza que não é possível deixar o outro, e que ele (Jones) não deseja mesmo partir” (*ibidem*, p. 222). Assim, a atitude paternal tão característica em Freud, e seu desejo de tornar a psicanálise respeitável, o mantém interessado em Jones, tendo em vista o que este pode oferecer ao movimento

---

<sup>81</sup> Esta conferência é publicada em 1919.

<sup>82</sup> Entre si, enquanto pares, e no plano das idéias.

<sup>83</sup> “Perspectivas da psicanálise” (FERENCZI, 1924).

psicanalítico; assim, seus interesses não lhe permitem se decidir em favor de Rank e contra Jones. Uma das estratégias utilizadas por Freud para manter a adesão dos que interessam a ele é a freqüente associação do movimento psicanalítico à célula da família. Na verdade, também é por isso que conflitos evoluem no sentido da dissolução do Comitê, em 1927, pois o que Freud considera ser uma mera rivalidade entre irmãos progride a um nível insustentável.

Um dos acontecimentos mais centrais no acirramento dos conflitos diz respeito ao artigo escrito por Rank e Ferenczi. Este causa boa impressão em Freud, a ponto de ele propor uma premiação que encoraje a redação de um maior número de artigos sobre as influências mútuas da teoria e da técnica, mas seu ponto de vista não desperta a simpatia de analistas situados a sua direita, como Abraham e Jones. Obviamente, os analistas de direita não vêem com bons olhos a liberdade que se quer dar aos analistas em suas práticas, e mesmo as questões de natureza teórica formuladas por eles.

Em 1923 manifesta-se um câncer na boca de Freud, que resulta ser um acontecimento bastante perturbador que contribui para um aumento de tensão no relacionamento entre seus pares mais próximos. Nesta mesma ocasião, Rank publica “O traumatismo do nascimento”, e isto também contribui para um considerável aumento de tensão, num campo que se encontra em franca expansão nesta época. A vinculação proposta na tese de Rank, entre a teoria do trauma do nascimento e a técnica ativa, claramente expressa em “Técnica da psicanálise, I” (1926), em que este considera o processo vital implicado no nascimento como um fundamento biológico das neuroses em geral, sofre críticas de Ferenczi, manifestas de forma tão contundente quanto rigorosa, que são publicadas em “Crítica do livro de Rank: ‘Técnica da psicanálise’” (1926).

Em artigo escrito um pouco antes, intitulado “Contra-indicações da técnica ativa” (1926), Ferenczi já manifestara não se filiar inteiramente à tese de Rank, fazendo notar que o poder exercido pelo analista na aplicação da técnica ativa pode acarretar problemas na condução da cura. Além disso, em “As fantasias provocadas” (1924b) Ferenczi também manifestara encontrar-se concordante com a inclinação de Freud no sentido da ênfase dada à elaboração do saber, posicionando-se em favor do avanço do saber psicanalítico como forma de contribuir para o progresso da técnica psicanalítica. Isto porque Ferenczi acompanha Freud em sua teorização sobre a participação dos ideais na formação da parcela inconsciente do ego/superego, já que, inclusive, encontra-se atento ao que envolve a dócil assimilação da psicanálise e da figura do psicanalista pelos analisandos. Ferenczi relaciona

esta resultante transferencial à força dos ideais analíticos já difundidos amplamente, os quais considera poderem se estabelecer na esfera do inconsciente.

A elaboração freudiana apresentada em “O ego e o id” (1923), sobre o papel exercido pelos ideais, chama a atenção de Ferenczi, de forma que ele relaciona o que é descrito no novo mapeamento do aparelho psíquico ao fato de certos analisandos se entregarem docilmente às prescrições técnicas psicanalíticas, pois que o saber psicanalítico pode passar a ser assimilado como um novo ideal, de tal forma que pode coexistir, perfeitamente, ao lado dos ideais já existentes. Esta formação psíquica relativa a ideais pode permanecer inconsciente, sem que se consiga experimentar os necessários afetos agressivos em relação ao analista, indispensáveis à conquista da autonomia. O que se coloca em pauta, no entender de Ferenczi, não diz respeito exatamente à repressão outrora experimentada por crianças “bem educada demais”, que, por sinal, as tornam capacitadas a fantasiar normalmente, mas o que se desenvolve exclusivamente em uma parcela inconsciente de um ego que se forma completamente esmagado por “ideais educativos” também inconscientes (FERENCZI, 1924b, p. 248). Neste sentido, Ferenczi se volta para a possibilidade de o saber psicanalítico assimilado de forma intelectualizada poder contribuir para o fortalecimento dos ideais educativos, o que o leva a cogitar sobre a necessidade de que a técnica seja flexibilizada.

Considerações desta natureza, envolvendo não apenas a esfera da experiência clínica, mas também a reflexão teórica, levam Ferenczi a questionar a aplicação estrita da técnica ativa a todos os analisandos, e em todo o momento de um processo analítico. Suas considerações deslocam-se, então, para a conveniência de o analista se pautar por uma elasticidade técnica que se proponha, fundamentalmente, a propiciar relaxamento ao analisando. Por isso, ele se volta para a questão da liberdade, tomando-a como fundamental, tanto no que diz respeito ao que deve ser propiciado a este último, quanto ao que deve ser praticado pelo analista. Neste sentido, pode-se entender a razão de ser das inúmeras vezes que Ferenczi faz referência à amizade na experiência psicanalítica, pois, no seu entender, a presença deste laço afetivo compreende a possibilidade de o analista ser capaz de se conduzir de forma empática e com tato, na condução da cura, sem se deixar dominar por qualquer traço superegótico. É com esta preocupação, inclusive, que ele adverte para a possibilidade de os traços superegóticos estarem obscurecidos por hipocrisia e insinceridade. Além disso, deve-se levar em conta que suas considerações sobre a amabilidade do analista compreendem a necessidade de que este disponha de uma sensibilidade que o auxilie a posicionar-se de forma livre e ao mesmo tempo responsável,

tendo em vista a resistência implicada nos automatismos que freqüentemente se manifestam em todo tipo de doença psíquica.

Como já foi apontado anteriormente, Ferenczi e Rank se preocupam com o fato de os analisandos se manterem inibidos e regredidos, capturados num automatismo, portanto, e também com a possibilidade de que a análise se torne um processo meramente intelectual – e ineficaz – por se sustentar no “saber excessivo do analista” (FERENCZI, 1924a, p. 232). É importante notar que, a partir de certo momento, a divergência entre Rank e Ferenczi envolve, justamente, o que evolui como um saber/poder formado no analista, pois Rank se inclina, gradativamente, no sentido da elaboração de um pensamento diretivo, do qual se encontram excluídas considerações relativas à história específica de cada indivíduo, para propor uma prática clínica que se restringe a procurar levar o analisando a reviver o trauma do nascimento, dispensando quaisquer considerações sobre acontecimentos outros que não os envolvidos na ocasião do nascimento e relacionados à figura materna. Um dos aspectos da crítica feita por Ferenczi ao livro de Rank publicado em 1926, ou seja, à “A técnica da psicanálise”, refere justamente a sua inclinação no sentido de fazer exclusões, do tipo ou isto ou aquilo: por exemplo, ou a figura paterna, o falo e a castração se constituem em elementos importantes e decisivos, ou tudo se restringe ao vivido na relação com a figura materna. Ferenczi se opõe ao fato de Rank passar a adotar um referencial teórico único, voltado para uma universalização de procedimentos terapêuticos, acusando-o até mesmo de ser leviano ao fazer a interpretação do sonho de um analisando de Freud, o ‘homem dos lobos’, sem levar em consideração elementos da história pretérita do referido analisando. No entanto, é importante notar que toda a crítica feita às idéias de Rank é apresentada de forma criteriosa e transparente, sem subterfúgios ou adjetivações redutoras, fazendo-o sob a forma de um artigo, coisa que não costuma ocorrer no campo psicanalítico, à época, uma vez que boa parte das críticas costuma ser feita nos bastidores, em cartas trocadas entre os que pensam de forma semelhante. O fato é que a citada interpretação do sonho de um analisando de Freud, feita por Rank, deixa entrever seu questionamento ao movimento psicanalítico, feito em diversas ocasiões. Do ponto de vista de Rank, o saber psicanalítico é elaborado por uma cultura eivada de ficções que são forjadas desde o imaginário de Freud. Ou seja, Rank alude a algo que se situa bastante próximo ao que Ferenczi denuncia como hipocrisia psicanalítica.

Em seu livro, Lieberman assinala que as idéias de Rank não contemplam uma “interpretação literal da teoria do traumatismo do nascimento” (LIEBERMAN, 1991, p. 280) nem tampouco um desprezo pelo passado na sua totalidade, como geralmente se

pensa. Este autor assinala que o problema central se situa, no entender de Rank, na tendência a se interpretar tudo o que ocorre na situação analítica como derivado de transferências e resistências relacionadas ao passado, ignorando-se a repercussão no analisando das atitudes adotadas pelo analista; diga-se de passagem, esta tendência também é objeto da preocupação de Ferenczi. Além disso, Rank pretende “restaurar o valor da mulher” (*ibidem*, p. 281), tão somente, atribuindo a seu corpo a função precípua da criatividade e não apenas a função de anúncio da castração, de forma que, como tal, seja apenas relacionada à primeira experiência de angústia impressa no psiquismo em formação. Considerações rankianas de natureza ética e estética fazem com que Lieberman situe Rank e Ferenczi como os precursores da psiquiatria interpessoal criada por Harry Stack Sullivan, uma vez que este é colega de Clara Thompson – uma analista americana que se torna paciente de Ferenczi –, e sofre certamente a influência dos ensinamentos de ambos. Neste sentido, é de se esperar que tenha se formado uma ‘comunidade de idéias’ entre os analistas envolvidos. O importante, aqui, é notar que a proximidade existente entre os pensamentos de Rank e Ferenczi se reflete em desdobramentos, como os apontados por Lieberman, não totalmente coincidentes entre si, necessariamente, mas que resultam numa troca produtiva de idéias que se processa, por sua vez, numa atmosfera de respeito mútuo.

Retornando ao ano de 1924, antes da ruptura de Rank com Freud, e de sua saída do Comitê Secreto, ocorre que, não se sentindo acolhido em Viena e pelo mestre, mas identificando-se ainda como psicanalista, ele obtém sucesso em Paris e Nova York, atrai muitos seguidores, mas não chega a fundar uma escola psicoterapêutica. Rank dedica-se à prática clínica e a ministrar cursos e conferências nesses países, distanciando-se gradativamente de Viena, assim como dos princípios estabelecidos pelo mestre. É possível acreditar que Rank radicaliza e renega a psicanálise, em função da acidez de críticas recebidas e de decepções causadas por Freud e seus pares, o que se reflete, por exemplo, no artigo de 1926 criticado por Ferenczi. Ferenczi, por sua vez, reconhece haver uma atmosfera no meio psicanalítico em que se destaca um comportamento preconceituoso e inadequado em relação ao que o colega problematiza. A intimidade desenvolvida entre ambos o faz ser muito estimado por Rank, a ponto de tê-lo como seu melhor amigo. Esta amizade se encontra patente numa carta escrita por Rank, datada de 10 de agosto de 1924. Nesta, Rank aborda problemas relativos a um ambiente conturbado, encontrado por ele nos Estados Unidos, deixando transparecer o laço de amizade formado entre ambos, e um espírito crítico em relação a Freud.

Na verdade, salvei a psicanálise neste país, e talvez a vida de todo o movimento psicanalítico internacional. A maior parte dos analistas daqui não estavam curados e não estavam satisfeitos com suas análises com o Professor. (...) A maior parte dos psiquiatras importantes eram bastante favoráveis à psicanálise (...), mas constatavam manifestar-se nesses analistas uma fixação de ódio e amor em relação a Freud, de forma que cessaram de lhe enviar pacientes porque não percebiam nenhum sucesso nos mesmos. (...) Não era por culpa desses analistas, que apenas reproduziam o que Freud havia feito com eles, ao verem na transferência uma manifestação da libido em relação ao pai que dava lugar a uma fixação homossexual estabelecida com o analista, no caso dos homens, e uma fixação heterossexual no caso das mulheres” (*ibidem*, p. 290).

Portanto, não se pode desconhecer, como aponta Lieberman, que desde 1924 Rank já se manifesta fortemente ressentido e descrente em relação ao movimento psicanalítico, mas não em relação à psicanálise. Nesta época, Ferenczi também se distancia de seus pares, pouco a pouco, e de uma parcela dos ensinamentos de Freud. Não renega a psicanálise e tampouco a autoridade de Freud, seu criador, mas também não sofre as hostilidades sofridas por Rank. Ferenczi opta por adotar uma postura de distanciamento em relação a Freud e aos demais, e, como ele mesmo declara em certa oportunidade, prefere dedicar-se mais à pesquisa clínica. É verdade que suas idéias centrais não evoluem em direção contrária aos principais fundamentos propostos pelo saber psicanalítico, como ocorre no caso de Rank. Por outro lado, não se pode desprezar o fato de que a hostilidade e as decepções sofridas deixam Rank seriamente abalado, a ponto de, em 1925, realizar algumas sessões de análise com Freud<sup>84</sup>. No entanto, em 12 de abril de 1926 Rank faz uma visita a este último, de despedida, e lhe dá de presente uma edição recente das “Obras completas de Nietzsche”, publicada em 23 volumes encadernados com couro branco, com a intenção de fazê-lo reconhecer aquele que teria sido o mestre de ambos (*cf.* LIEBERMAN, *op. cit.*, p. 308). Por fim, Rank falece em Nova York, em 31 de outubro de 1939, ou seja, algumas semanas depois da morte de Freud, ocorrida em 23 de setembro.

As reflexões de Rank evoluem no sentido de destacar o componente ético na formação psíquica e enveredam por um terreno mais filosófico, enquanto as de Ferenczi evoluem no sentido da bioanálise e da busca de resolução do trauma psíquico, em seus analisandos, mediante a dedicação à prática clínica rigorosamente psicanalítica, pois que concedendo à escuta do analista uma função *princeps*. No entanto, pode-se considerar que a perspectiva rankiana da relação interpessoal como uma relação ética (*cf.* LIEBERMAN,

---

<sup>84</sup> Em carta a Groddeck, datada de 18/04/1925, Ferenczi declara que “Rank está em profunda depressão [enquanto] Berlim está em festa” (DUPONT, 1982, p. 96). Berlim refere-se a Abraham, um dos maiores opositores de Rank.

*op. cit.*, p. 330) aproxima-se da perspectiva ferencziana que atribui importância à amizade no exercício da clínica psicanalítica.

### 2.3 Intercessão com Groddeck

Apesar de estar situada num momento subsequente à seção em que é examinada a intercessão ocorrida entre Rank e Ferenczi, a estabelecida entre este último e Groddeck se reveste de maior importância, como se poderá verificar.

Georg Groddeck (1866-1933), um médico alemão dirigente de um sanatório em Baden-Baden, surge no cenário psicanalítico nomeando-se a si próprio como um analista selvagem, sendo o seu ingresso no movimento saudado por Freud com entusiasmo (*cf.* LIEBERMAN, 1991, p. 208). A elaboração da segunda tópica por Freud, consagrada em “O ego e o id” (1923), é inspirada em algumas idéias de Groddeck, conforme Freud manifesta em carta escrita para Rank, em 4 de agosto de 1922 (LIEBERMAN, 1991, p. 218). A experiência clínica de Groddeck o leva a considerar a doença física como uma reação simbólica do corpo a traumas, interpretando-a como efeito de uma criatividade que ele identifica, a partir de certo momento de suas pesquisas, como relacionada à existência de um Id que se constitui como um complexo de forças que governam a vida; por guardarem certas diferenças, convencionou-se designar o Id freudiano como Isso. Basicamente, o Isso groddeckiano compreende tudo o que diz respeito à vida, sendo que as distintas manifestações, como vida e morte, alma e corpo, masculino e feminino se encontram nele integradas. Nesta medida, o pensamento groddeckiano compreende alguma afinidade com a concepção ferencziana do método *utraquista*<sup>85</sup>. Como Groddeck é declaradamente monista, pode-se cogitar que o interesse de Ferenczi por suas idéias envolve, também, alguma simpatia pela concepção monista do universo. Afinal, se Groddeck chega a ser considerado pioneiro da medicina psicossomática (*cf.* FALZEDER *et al.* 1996, p. 238), deve-se levar em conta que as pesquisas de Ferenczi relacionadas à bioanálise, por exemplo, compreendem uma perspectiva integrada dos elementos da natureza.

Em 1912, Groddeck escreve uma novela em que ataca a psicanálise no que diz respeito à ênfase dada por esta à sexualidade. Mais tarde, declara tê-lo feito sem conhecê-la a fundo. Sua aproximação de Freud se dá mediante uma carta enviada em 27 de maio de

<sup>85</sup> Em que se relativiza as substancialidades, em favor de pensá-las, preferencialmente, como misturas que se processam em variados e indeterminados níveis de complexidade.

1917, à qual Freud responde com entusiasmo, reconhecendo como psicanalítica a terapêutica praticada por Groddeck; em 1920, Groddeck torna-se membro da Sociedade Psicanalítica de Berlim. Ao contrário da posição adotada por Freud em relação a Groddeck, nos primeiros contatos mantidos, Ferenczi o recebe com reservas, considerando-o inclinado “a seitas e ao misticismo” (*ibidem*, p. 244). Freud argumenta em favor de Groddeck, declarando que “nós temos um interesse pessoal em atraí-lo para o círculo de nossos colaboradores, mantendo-nos atentos quanto ao que desvia de nossos esquemas de pensamento sem deles se afastar fundamentalmente” (*ibidem*, p. 268).

Um dos fatores de discordância entre Groddeck e Freud diz respeito à concepção monista defendida pelo primeiro, a qual é duramente criticada sob o argumento de manter afinidade com o misticismo. Herdeiro de uma tradição médica mais relacionada ao romantismo alemão, Groddeck opta por entender a vida como efeito de um jogo complexo de forças, não dialetizável, portanto, o que dá margem a uma dificuldade de elaboração teórica no âmbito do pensamento freudiano. A concepção de um Isso (ou Id) mais forte do que o Eu, em todo e qualquer caso, é decididamente combatida por Freud, que só consegue atribuir, com muita boa-vontade, um fundamento filosófico a esta forma de pensar.

Em agosto de 1921 Ferenczi inicia uma correspondência com Groddeck que se prolonga até março de 1933, mês em que ocorre o falecimento do primeiro. Em capítulo introdutório à edição francesa desta correspondência, Dupont destaca o fato de que Ferenczi se desloca, muito rapidamente, do tratamento formal e pomposo, ‘Caro honorável Colega’, para ‘Caro Amigo’, e depois para ‘Caro Groddeck’, ao mesmo tempo em que Groddeck responde com um ‘Caro Sándor’, fazendo parecer “que esses dois homens, tão diferentes em suas origens, sua evolução e seu modo de pensar, eram verdadeiramente feitos um para o outro” (DUPONT, 1982, p. 25). Afinal, apesar de haver algumas diferenças entre ambos, e uma reserva inicial por parte de Ferenczi, o fato é prevalecem alguns traços que contribuem para a formação de uma forte identificação entre ambos, como por exemplo, a atribuição da responsabilidade curativa à medicina e à psicanálise, e a inclinação a transgredir regras técnicas. Uma outra afinidade diz respeito à simpatia pela análise mútua, “na origem, uma idéia de Groddeck” (*ibidem*, p. 26), por ambos entenderem que a cura não pode ocorrer sem que a pessoa do analista nela se implique.

A intenção no sentido de haver uma aproximação entre ambos, manifesta por Ferenczi em carta endereçada a Groddeck, datada de 17/08/1921, é referida como um interesse em conhecer o modo como este último aplica a psicanálise às doenças orgânicas, mas rapidamente são apresentadas questões em que se verificam traços de uma demanda

de tratamento<sup>86</sup>. É possível constatar em suas cartas endereçadas a Groddeck, que Ferenczi concede ênfase, por exemplo, a sentimentos experimentados em relação a Freud, e que estes são relacionados a sua história de vida. Neste sentido, fica claro que dar continuidade a sua análise é também sua intenção.

Segundo This, a razão mais íntima envolvida nessa procura, refere ao recente falecimento da mãe de Ferenczi: “Todas as noites, Ferenczi acordava sem fôlego, com a pele enregelada, quase sem pulso, com dores cardíacas, (...) o que o fazia perder toda a confiança no futuro. Estava vendo chegar seu fim, sem jamais haver recebido da mãe a tão esperada ternura” (THIS, 1995, p. 82). Groddeck cumpre, em certa medida, portanto, o papel de analista, a ponto de levar Ferenczi a manifestar-se concordante em relação à interpretação de que sua “angústia de morte pode, ao menos em parte, estar ligada a um desejo de morte contra a mulher” (*ibidem*, p. 62). Em paralelo a considerações deste tipo, Ferenczi oferece descrições detalhadas de processos orgânicos sofridos, dando a impressão de que não busca apenas a cura de seus males físicos, mas também dos psíquicos, e ainda, oferecer subsídios ao desenvolvimento das pesquisas realizadas pelo colega. Assim, nota-se que há um certo caráter de sedução/demanda de afeto, nas cartas endereçadas a Groddeck, de tal forma que as trocas estabelecidas entre ambos contribuem para que se processe uma considerável transformação na subjetividade de Ferenczi.

O elemento transferencial contido nessas cartas é evidente. No Natal de 1921, Ferenczi declara que “jamais se exprimiu tão francamente com um homem, mesmo junto a ‘Siegmund’ (Freud). (...) eu não podia me abrir livremente com ele; ele inspirava muito desse ‘respeito pudico’, era excessivamente grande para mim, era excessivamente pai” (*ibidem*, p. 56), para em seguida avançar, mais uma vez, numa demanda de análise direcionada a um de seus sintomas, a inibição no trabalho.

Afinal, o que em Groddeck atrai o interesse de Ferenczi? Neste mesmo ano, Groddeck publica um romance, “O explorador da alma”, que resulta, inclusive, na elaboração de um artigo escrito por Ferenczi, intitulado “Georg Groddeck: o explorador da alma” (1921). A apresentação de Ferenczi, relativa ao artigo de Groddeck, é minuciosa e contém diversos elogios, não deixando passar despercebida uma crítica feita pelo autor à psicanálise, com a qual, de resto, Ferenczi certamente compartilha, pois se refere a

---

<sup>86</sup> Em “Princípio de relaxamento e neocatarse” (1930), Ferenczi apresenta Groddeck como um “corajoso precursor da psicanálise dos distúrbios orgânicos, a quem me dirigira por causa de uma doença orgânica” (FERENCZI, 1930a, p. 66).

dogmatismos. Este compartilhamento de uma aversão a dogmatismos pode ser verificado no trecho seguinte:

Não penso, porém, que [Groddeck] tenha tido por objetivo principal conquistar assim a glória literária; apenas encontrou no romance a forma que lhe pareceu a mais apropriada para exprimir as conseqüências últimas de suas opiniões sobre a vida e a morte, os homens e as instituições. Como provavelmente não tem muita confiança na capacidade de seus contemporâneos para aceitar o novo e o inabitual, Groddeck achou necessário atenuar a singularidade de suas idéias com a ajuda do cômico e da narrativa divertida, seduzindo de algum modo o leitor com um brinde de prazer. Não sou um homem de letras e não posso me permitir julgar o valor estético desse romance, mas creio que um livro que, como esse, consegue cativar o leitor do começo ao fim, apresentar graves problemas biológicos e psicológicos sob uma forma espirituosa, e que logra encobrir com um humor delicado cenas cruas, suscetíveis de chocar em sua nudez, não pode ser ruim (FERENCZI, 1921, p. 132-133).

O estilo humorístico, a criatividade e a ousadia se constituem em fatores que colaboram na grande afinidade formada entre os dois, e que Ferenczi tem a oportunidade de reconhecer em Groddeck desde a leitura de livros de sua autoria<sup>87</sup>. Por outro lado, é importante notar o valor dado por Groddeck a esta amizade, então nascente. Em carta dirigida a Ferenczi, datada de 12/11/1922, ele manifesta acreditar que consideráveis diferenças existentes entre os dois contribuem para a duração da amizade, pois haverá sempre muitas coisas em torno das quais debaterem. Conforme Groddeck:

(...) você admite que a transferência paterna é necessária para o sucesso da análise. Mas porque a transferência materna, ou para os camaradas, ou para a mamadeira, ou o ritmo (...) seriam menos úteis? Eu amo o indeterminado, prefiro duvidar, e antes de tudo, deixo as pessoas à vontade para cuidarem de mim. É por isso que a descoberta do Isso é tão confortável para mim. Tenho a impressão que você gosta de rir, coisa que eu também gosto de fazer. Então, por que devemos levar tão a sério o que se considera científico? (DUPONT, 1982, p. 77).

Fica clara, portanto, a opção adotada por ambos no sentido de se deixarem livres para fazerem confidências entre si – sobretudo no caso de Ferenczi –, mesmo que isso implique se confrontarem em suas divergências. Também fica clara a afinidade formada desde o bom humor e a criatividade existentes em ambos, coisa que Ferenczi reconhece em Groddeck desde o início, ao defini-lo como um “fantasista” (FALZEDER, *et. al.*, 1996, p. 244). Estadias de Ferenczi e sua esposa no sanatório de Baden-Baden passam a ocorrer anualmente, sendo consideradas, por Ferenczi, “férias analíticas” (*apud* GROTTJAN, 1981, p. 358). Em certas ocasiões, ele também se faz acompanhar por seus alunos e analisandos,

<sup>87</sup> O famoso “*Das buch Von Es*” (“O livro do Isso”) é publicado em 1923.

certamente com as finalidades concomitantes de conhecerem a terapêutica aplicada por Groddeck e dela se beneficiarem.

Inicialmente orientado somente para a aplicação de “massagens especiais, dietas e banhos de água quente” (NETTO, 1984, XII), pouco a pouco Groddeck passa a aplicar o método analítico orientado para a verbalização. A propósito do interesse na elaboração do saber, um dos motivos da aproximação verificada entre Groddeck e Ferenczi, é interessante notar que este assinala, em certo momento, que Groddeck opta por acreditar que o conhecimento sobre as coisas é sempre inacessível, enquanto que ele, Ferenczi, quando se depara com o inacessível, insiste em “reagrupar e reordenar as pequenas acessibilidades cujo conhecimento proporciona prazer, e a experiência demonstra que este passatempo não se configura inútil” (DUPONT, 1982, p. 81). De fato, Groddeck experimenta uma desconfiança em relação à primazia dada à razão por Freud e outros contemporâneos seus, optando por se posicionar como um metafísico e clínico claramente impregnado de fundamentos do movimento romântico alemão, e, como um partidário da medicina romântica, se dispõe a “captar e compreender os princípios que regem o organismo do mundo e a força que unifica o homem ao Organismo Total” (ANDRADE, 2000, p. 107).

Em 1929, ou seja, após haver decorrido um bom período de trocas, no célebre artigo – já citado – apresentado no XI Congresso de Psicanálise realizado em Oxford, publicado no ano seguinte com o título “Princípio de relaxamento e neocatarse”, Ferenczi enumera, mais uma vez, os fatores que suscitam o abandono da técnica ativa e faz uma menção esclarecedora à importância dada às teses de Groddeck e à influência deste em sua trajetória de vida e como psicanalista. A importância desta influência pode ser apreendida na seguinte declaração, em que é evidenciado um sentido libertário na vida que muito os atrai, e que é suscitado em uma convivência que se torna bastante significativa, indiscutivelmente. Diga-se de passagem, na verdade o artigo em seu todo pode ser identificado com a figura da liberdade. Ferenczi declara, enfim, que sua

posição pessoal no movimento psicanalítico fez da *minha pessoa uma coisa intermediária entre aluno e professor*, e esta dupla posição autoriza-me e habilita-me, talvez, a sublinhar esse gênero de perspectivas unilaterais e, sem renunciar ao que há de bom na novidade, defender uma justa apreciação do que foi confirmado pela experiência (FERENCZI, 1930a, p. 54, grifos do autor).

Ou seja, a possibilidade de oscilar entre duas posições é considerada, por Ferenczi, como sendo uma condição que possibilita dialogar seja com os analistas os mais

criativos e ousados, como Groddeck, seja com Jones, Abraham, e outros. Com respeito a Groddeck, Ferenczi declara:

(...) fui influenciado, sem dúvida, pelo meu encontro com Groddeck, o corajoso precursor da psicanálise dos distúrbios orgânicos, a quem me dirigira por causa de uma doença orgânica. Aprovei-o quando quis encorajar seus pacientes a darem provas de uma ingenuidade infantil, e pude constatar os resultados assim obtidos. Por minha parte, permaneci fiel à aplicação, a par do procedimento groddeckiano, da técnica clássica da frustração na análise, e procurei alcançar o meu objetivo servindo-me com tato e compreensão das *duas* técnicas (FERENCZI, 1930a, p. 66, grifo do autor)<sup>88</sup>.

O objetivo de Ferenczi é o de defender sua própria proposta, no momento relacionada à crença na conveniência de haver uma elasticidade na técnica, orientada no sentido de possibilitar, ao analisando, “desfrutar junto do analista de uma liberdade infantilmente irresponsável, de uma forma que por certo lhe é recusada na realidade” (*loc. cit.*); nada mais parecido com a proposta terapêutica groddeckiana. De fato, tanto Ferenczi quanto Groddeck ocupam o lugar de último recurso terapêutico, a que recorrem os colegas psicanalistas quando se deparam com casos supostamente incuráveis (*cf.* VAGUERÈSE, 1995, p. 123). Neste sentido, é legítimo concluir que as experimentações técnicas empreendidas por Ferenczi desde a segunda metade dos anos 20 sofrem uma forte influência deste relacionamento.

Finalmente, após mais de dez anos de amizade, Ferenczi torna-se um caso incurável. Em carta dirigida aos Groddeck, em 20/03/1933, em que se refere à anemia perniciosa, Ferenczi a relaciona com a causa psíquica originada numa decepção em relação a Freud, sobre “a qual você tem igualmente conhecimento” (DUPONT, 1982, p. 127), apontando algo semelhante ao que ocorrera com Rank, portanto. Ou seja, Ferenczi sugere que Groddeck tem plena noção de todo o processo de seu adoecimento, como ele próprio já pudera notar em relação ao ocorrido com Rank. Em 19/02/1934, quase sete meses depois da morte de Ferenczi, Groddeck escreve para a viúva Gizella, afirmando que o amigo fora

vítima de seu espírito de pesquisador, um destino do qual somente a insuficiência de minha sede de saber me poupou. (...) Diante de mim ele utilizou a expressão: eu atomizo a alma. Mas tal atomização não se conclui, se for seriamente tentada, senão por uma dissolução de si mesmo, pois o ser humano é, de resto, para nós um mistério; não podemos atomizar senão nossa própria alma, e isso nos destrói. (...) Aqui e ali, tentei chamar sua atenção para o perigo do caminho que ele havia adotado (*ibidem*, p. 129).

<sup>88</sup> Convém substituir “permaneci fiel à aplicação, a par do procedimento groddeckiano” por uma melhor tradução: “ao lado do procedimento groddeckiano”, como se encontra na edição francesa da correspondência (DUPONT, *op. cit.*, p. 115).

This aponta a importância da ação terapêutica de Groddeck sobre Ferenczi, numa oportunidade – em 1922 – em que aquele questiona o amigo sobre seu casamento com uma mulher oito anos mais velha. De fato, Ferenczi se casa com Gizella em 1919, após anos de noivado. Então com 46 anos, ao esposar uma mulher com 54 praticamente renuncia a ter filhos naturais. Em 1911, Ferenczi havia sido analista de Elma, uma das filhas de Gisella que, nos seus 24 anos – Ferenczi está então com 38 anos – o leva a apaixonar-se de tal forma que acabam contraindo noivado. Na ocasião, Freud desaprova terminantemente a relação, e Ferenczi acata a determinação do mestre. Por fim, Elma se dispõe a procurar Freud como analista. A propósito do sofrimento ocasionado em Ferenczi, por este acontecimento, pode-se ler numa carta sua para Groddeck, de 27/02/1922:

O Professor Freud usou uma ou duas horas para cuidar de minhas aflições; ateve-se a sua opinião expressa anteriormente, a saber, que o elemento principal em mim seria meu ódio em relação a ele, ele que (exatamente como o pai de outrora) impediu meu casamento com a noiva mais jovem (atualmente enteada). Daí minhas intenções homicidas a respeito dele, que se exprimem por cenas de óbitos noturnos (...) Devo confessar que me fez bem poder, ao menos uma vez, falar desses movimentos de ódio perante o pai tão amado (THIS, 1995, p. 84).

This relata que Groddeck se surpreende com essa situação, não só pelo que implica de violência ao desejo de Ferenczi de ter filhos como também porque o próprio Groddeck se casa com uma ex-paciente em 1923, após esta se decidir a permanecer no Sanatório para “aprender a técnica salvadora” (THIS, *loc. cit.*) responsável por sua cura. Assim, pode-se notar que, em boa medida, os tratamentos proporcionados por Groddeck não apenas contribuem para que Ferenczi se torne relativamente independente de Freud, como também para a progressão de suas reflexões teóricas e, sobretudo, para a adoção da nova técnica empregada a partir da segunda metade dos anos 20.

Em maio de 1934, um ano depois da morte de Ferenczi, Groddeck falece em consequência de um ataque cardíaco, numa cidade próxima de Zurique.

---

## **CAPÍTULO 3**

### **A TEORIA DA TÉCNICA**

A importância do sofrimento psíquico no outro e a disposição a experimentá-lo em si próprio, caso isso se mostre necessário para a obtenção da cura, ou seja, tomando a situação analítica como um ‘mais além da transferência’, significa a implicação da pessoa do analista no desenrolar do interjogo que ocorre entre a transferência e a contratransferência, sobretudo quando se trata de analisandos que apresentam grande dificuldade de acesso ao inconsciente, em função de resistências que se opõem à prática da associação livre. Considerações desta natureza fazem, então, com que Ferenczi elabore sua teoria par e passo com as experiências vividas no curso da prática clínica.

A argúcia da observação do que ocorre no âmbito da fisiologia do corpo, desde a prática como neuropsiquiatra, bem como a compreensão de processos relativos ao campo da Biologia, compreendida como uma das Ciências Naturais, contribuem para que Ferenczi conceba o corpo e a mente em estreita inter-relação na constituição do processo de subjetivação, e as implicações daí derivadas na produção dos transtornos experimentados no curso da vida.

É bastante elucidativo, no contexto das reflexões até aqui apontadas, o exame de uma das teses defendidas por Ferenczi, que pode ser compreendida como a que funda sua teoria da técnica: a importância de que o psicanalista elabore uma “metapsicologia dos processos psíquicos do analista durante a análise” (FERENCZI, 1928, p. 34-35). Esta metapsicologia, proposta por Ferenczi, implica “um rigoroso controle do [seu] próprio narcisismo, mas também a vigilância aguda das diversas manifestações afetivas” (*ibidem*, p. 32), em prol do estabelecimento efetivo de uma “elasticidade da técnica”. Esta preocupação com os processos psíquicos que ocorrem no analista, durante a prática clínica, pode ser percebida, por exemplo, na forma ao mesmo tempo tolerante e sincera com que Ferenczi sempre se posiciona em relação a seus pares, como se procurou demonstrar no capítulo anterior. Em certa altura de suas reflexões auto-analíticas, após as experiências analíticas vividas com Freud<sup>89</sup>, e após um determinado tempo de relacionamento amigável com este, Ferenczi experimenta situações bastante desagradáveis com alguns colegas, que podem ser relacionadas a um progressivo enrijecimento verificado no campo psicanalítico, derivado, dentre outros fatores, da institucionalização da psicanálise, que ele mesmo chega a propor em certo momento, como forma de garantir o progresso deste novo saber. A

---

<sup>89</sup> A primeira experiência analítica de Ferenczi com Freud ocorre durante um breve período de quinze a vinte dias, em 1914; a segunda ocorre no período de 14 de junho a 5 de julho de 1916; e a terceira ocorre entre 26 de setembro e 9 de outubro de 1916.

ambição pelo poder cresce entre os seus contemporâneos, desde o início dos anos 20, e se agrava com o crescimento do número de analistas médicos no movimento psicanalítico. Estes tentam excluir os não-médicos da psicanálise, com o que Ferenczi decididamente não concorda, a ponto de serem geradas fortes desavenças nos sucessivos Congressos Internacionais de Psicanálise.

Ferenczi assume a presidência da Associação Psicanalítica Internacional, em 1918, no V Congresso Internacional realizado em 28 e 29 de setembro, em Budapeste, numa situação bastante adversa devido a infortúnios causados pela primeira guerra mundial (cf. FALZEDER *et al.*, 1996, p. 326-327)<sup>90</sup>. Freud, por sua vez, vive tempos muito difíceis em Viena (cf. JONES, 1972, p. 204-205), de forma que a perspectiva da realização deste Congresso e a esperança depositada na liderança de Ferenczi tornam-se consideráveis. Meses depois, Ernest Jones sucede a Ferenczi, devido a dificuldades de comunicação geradas pela guerra, e esta substituição já está definida na ocasião do Congresso seguinte, realizado em setembro de 1920, em Haia. Esta indicação deve-se a uma sugestão de Freud, uma vez que interesses políticos indicam ser Jones conveniente para o movimento, devido a sua influência e prestígio junto à imprensa, em Londres, e ao fato de haver uma escassez de recursos provocada pela guerra em outras partes da Europa.

Jones, que havia sido analisado de Ferenczi nos idos de 1913, é importante destacar, também é um dos mais ardorosos defensores da preservação da psicanálise, sendo que sua luta se destaca pelo questionamento dos que são considerados ‘analistas selvagens’ pelo *establishment* psicanalítico (cf. BOKANOWSKI, 2000, p. 24-31). Parte de Jones<sup>91</sup>, justamente, em carta escrita a Freud, em 30/07/1913, a proposta de criação de um ‘Comitê Secreto’, que então se constitui formado por Freud, Ferenczi, Abraham, Rank, Sachs e ele próprio, para zelar pela ‘pureza da psicanálise’. Mais tarde, em outubro de 1919, Freud propõe o ingresso de Max Eitingon no Comitê, sendo que este, por sinal, se distingue dos demais por possuir uma fortuna pessoal fabulosa, coisa rara no campo psicanalítico (JONES, 1972, p. 172). Definem-se, assim, três vias de poder para a promoção da psicanálise: a que emana do Comitê Secreto, a que se produz desde a realização de congressos e que se consubstancia na escolha dos dirigentes da API, e a que é irradiada

<sup>90</sup> Jones (1972, p. 211) relata que a guerra dificultou a realização deste Congresso e afirma não se poder considerá-lo um congresso “realmente internacional, [mas que], entretanto, decidimos considerá-lo como oficial e aceitar suas decisões”. Relata ainda que quarenta e dois analistas e simpatizantes estiveram presentes, oriundos da Polônia, Holanda e Alemanha; não havia nenhum suíço e a grande maioria era austro-húngara. Estranhamente, parte da literatura sobre a história da psicanálise, como no caso de Jones, não registra a presidência da API, exercida por Ferenczi.

<sup>91</sup> A necessidade de se estabelecerem condições que possam ‘proteger’ a psicanálise, devido a problemas originados pelas teses de Jung, também é discutida entre Freud e Ferenczi.

desde a forte personalidade de Freud. O empenho de Freud em arregimentar elementos e promover condições que possam garantir mais do que a sobrevivência da psicanálise é sempre notável. No entanto, será que a formação de tantas vias de poder pode de fato garantir um controle suficiente sobre o perigo da ocorrência de ‘desvios’ no âmbito da teoria e da técnica psicanalíticas? Será que é efetivamente desejável, para a psicanálise, que tais desvios sejam irrevogavelmente banidos?

Sem dúvida, a idéia da formação do Comitê se desenvolve a partir de uma conversa inicial ocorrida entre Jones e Ferenczi, a propósito do conflito estabelecido entre Jung/Adler e Freud. Ferenczi pensa ser necessário que Freud dê curso a uma espécie de análise didática destinada à formação de vários analistas, de forma a propiciar a habilitação dos mesmos e a conseqüente expansão segura da psicanálise por diversos países (*cf.* JONES, 1969, p. 162). Esta proposta se contrapõe, em seu entender, ao tipo de encaminhamento político constantemente empreendido por Freud, e que culmina na ousada tentativa, de resto mal-sucedida, de atrair Jung para o movimento psicanalítico. No caso de Freud, manifestações de curiosidade intelectual e simpatia pela psicanálise são suficientes, para que ele atribua com presteza, a este novo interlocutor, o título de psicanalista. Já a ousadia de Ferenczi parece manter-se restrita ao exame crítico de suas próprias convicções psicanalíticas, sendo que ele as compreende formadas pouco a pouco – daí a proposição da análise didática. O desenvolvimento das convicções, em Ferenczi, se processa sob a égide do que pode ser considerado se constituir numa marca de suas inclinações tanto intelectuais quanto afetivas, como tem sido apontado no decorrer desta pesquisa: a sinceridade comprometida com a busca do encontro. O fato é que o enrijecimento das normas estabelecidas pelo ‘Comitê’, a continuação da estratégia política de Freud e a ascensão ao poder de psicanalistas pouco criativos são alguns dos fatores que contribuem para o afastamento gradual de Ferenczi do movimento psicanalítico, que passa então a dedicar-se cada vez mais à própria clínica, procurando teorizá-la de forma independente, mas consentânea com os fundamentos estabelecidos por Freud.

O distanciamento de Ferenczi do poder central formado no campo psicanalítico pode ser exemplificado com um fato exemplar, já que envolve seu modo pessoal de dedicar-se à produção teórico-clínica. Trata-se de uma experiência bastante prazerosa, de resto, quando da redação de um artigo – “Perspectivas da psicanálise” (1924) – ‘a quatro mãos’, em parceria com Otto Rank, tornada possível sob a condição de se realizar sob a forma de um ‘desvio’, já que se dá sob a forma de uma transgressão realizada em face de uma combinação estabelecida entre os membros do Comitê Secreto, que define que

qualquer um de seus membros só pode publicar um livro com o consentimento dos pares (cf. BOKANOWSKI, 2000, p. 24). Apesar de o artigo ser recebido por Freud<sup>92</sup> com alguma reserva, especialmente no que se refere à exposição da ‘teoria do trauma do nascimento’ proposta por Rank, um importante trecho da carta em que constam suas impressões torna evidente o quanto ele se encontra, nesta ocasião, bastante interessado em incentivar a pesquisa relacionada à clínica, o que, de alguma forma, contribui para uma certa tolerância a esta transgressão.

A mim me parece fora de cogitação que tanto você quanto Rank, em suas excursões independentes, virão a abandonar algum dia o fundamento da análise. Portanto, porque vocês não teriam o direito de tentar e verificar se algo não se passa de maneira diversa do que pretendi. Se vocês cometerem um erro ao agirem assim, então vocês o notarão em algum momento por si mesmos, ou eu terei a liberdade de dizê-lo a vocês, tão logo o saiba por minha própria conta” (FALZEDER *et al.*, 2000, p. 123).

É uma época em que ocorre muita tensão, compreensivelmente, com relação ao conhecimento pretendido sobre as motivações inconscientes e a dinâmica psíquica, de um lado, e as resistências pessoais dos analistas, de outro, posto que se trata de analistas pouco analisados. Esta condição acaba por influir negativamente na necessidade de se proceder à experimentação no âmbito da técnica em função de uma especificidade clínica, e Freud manifesta ter clareza disso. Assim, é compreensível que ocorram dificuldades no âmbito da pesquisa clínica e que Freud se interesse por estimular seus colegas em geral, e em especial Rank e Ferenczi, já que estes são alguns dos poucos que demonstram, até então, serem estudiosos sinceramente dedicados ao progresso da psicanálise, considerando-a sob o ponto de vista da finalidade terapêutica. Além disso, a inclinação no sentido do trabalho estritamente intelectual, mais característico em Freud, o leva a distanciar-se da prática clínica. Por isso, apesar de fazer algumas restrições ao que Rank e Ferenczi propõem, Freud não se furta a manifestar-se de forma receptiva junto aos colegas, deixando claro que, em sua avaliação, os artigos produzidos por aqueles, na época, são extremamente positivos, e que, inclusive, cabe aceitá-los em parte, sendo recomendável que os analistas “não formassem uma opinião muito rapidamente sobre as questões suscitadas, sobretudo uma opinião negativa” (cf. FALZEDER *et al.*, 2000, p. 127).

No entanto, as intrigas entre os discípulos de Freud seguem se avolumando e as disputas em torno do que se manifesta como sendo algo da ordem de um ‘lealdade ao chefe’ – já constituído como tal – não arrefecem, muito ao contrário; inclusive, porque vão

<sup>92</sup> Carta de Freud para Ferenczi, de 4/02/1924 (FALZEDER *et al.*, 2000, p. 122-123).

ao encontro dos próprios interesses do chefe. Esta situação, carregada de emoções e de um jogo político pouco louvável da parte de Freud<sup>93</sup>, acrescida de uma experiência clínica sempre acompanhada de muita reflexão, contribui, certamente, para que a obra de Ferenczi apresente duas características que podem ser consideradas de grande importância para o progresso da psicanálise. A primeira relaciona-se a algo que pode ser classificado como da ordem de uma esperança com relação à preservação da singularidade constitutiva do saber psicanalítico – inclui-se aí a questão das relações dos psicanalistas entre si –, encontrando-se manifesta em “Sobre a história do movimento psicanalítico” (1910) e, de forma ainda mais contundente, nas anotações que resultam na edição do “Diário clínico”. Esta esperança se encontra exemplificada no seguinte trecho de “Sobre a história do movimento psicanalítico”:

Os membros que receberam uma formação analítica seriam, portanto, os mais capacitados para fundar uma associação que reunisse as vantagens da organização familiar e o máximo de liberdade individual. Essa associação deve ser uma família onde o pai não detenha uma autoridade dogmática, mas somente aquela que suas capacidades e seus atos lhe conferem; onde suas declarações não sejam cegamente respeitadas, à semelhança de decretos divinos, mas submetidas, como todo o resto, a uma crítica minuciosa; onde ele próprio receba a crítica sem ridículas suscetibilidades e vaidade, qual um *pater familias*, um presidente de associação de nossos dias. Os irmãos mais velhos e mais moços agrupados em associação aceitarão sem ciúmes nem rancores pueris ouvir a verdade de frente, por mais amarga, por mais decepcionante que ela seja. Sem dúvida, a verdade deve ser comunicada sem infligir sofrimentos inúteis: isto é evidente no estágio atual da civilização e no segundo século da anestesia (FERENCZI, 1910, p. 150).

Outra característica diz respeito à ousadia de Ferenczi, ao deixar para a posteridade suas anotações clínicas. A questão da esperança, no que tange a possibilidade de trocas entre os analistas, já foi explorada por um certo viés, no capítulo anterior, em que se procura evidenciar o posicionamento de Ferenczi no sentido da defesa da liberdade entre os pares, em prol da pesquisa psicanalítica interessada na clínica, posicionamento este que se constitui num dos ideais norteadores de sua forma de pensar e viver.

A segunda questão importante diz respeito a uma crítica permanente quanto à rigidez, que se torna pouco a pouco dominante no *establishment* psicanalítico, e que se manifesta numa certa forma de compreender o ensinamento de Freud e de aplicar a técnica psicanalítica de maneira padronizada. Em algumas das anotações encontradas no “Diário

<sup>93</sup> Um relato de Jones (1969, p. 49-50) sobre o extremo cuidado de Freud quanto ao relacionamento entre os membros do Comitê, com vistas à preservação da psicanálise, concebida como “um produto de seu corpo, isto é, uma criança [e que] sua atitude em relação a nós portava mais o atributo da de um pai do que da de um colega de nossa idade”, é bastante reveladora deste ‘clima’.

clínico' pode-se verificar que Ferenczi atribui esta rigidez, dentre outros fatores, à hegemonia alcançada pela teoria devido a sua idealização – e do próprio Freud –, esclarecendo que esta resulta de uma formação superegóica que reflete uma intolerância do analista para com a singularidade de cada doente e o inusitado (*cf.* FERENCZI, 1990, p. 97). Ferenczi também considera que essa rigidez deriva de uma falta de “naturalidade e honestidade no comportamento” (*ibidem*, p. 32) do analista. Ambos os temas são de grande interesse para o encaminhamento desta pesquisa, pois sugerem haver em Ferenczi uma compreensão do laço de amizade como relacionado a uma postura ética norteadora da prática clínica.

A visão crítica de Ferenczi em relação ao predomínio de uma tendência no sentido da configuração da prática psicanalítica com base na definição de uma técnica padrão se encontra manifesta, por exemplo, em “A técnica psicanalítica” (1919), artigo que é considerado por Freud como sendo um “puro ouro psicanalítico” (JONES, 1972, p. 220). Neste, Ferenczi assinala sua percepção de que existem analisandos que abusam da liberdade de associação de idéias proposta pela técnica psicanalítica e considera que “os doentes nervosos são como crianças e querem ser tratados como tal” (FERENCZI, 1919, p. 365), ou seja, sendo respeitados na necessidade de serem compreendidos de maneira bastante simples. Desde esta perspectiva, que o leva a perceber a ocorrência de uma especial sensibilidade nos doentes, Ferenczi cogita de estes serem dotados da capacidade de “desvendar” o inconsciente do analista e submeter-se até mesmo a um desejo intrusivo – no caso do “abuso da liberdade de associações” –, ou então, de serem capazes de procurar contrariá-lo para se salvaguardarem de uma intrusão. Desde esta perspectiva, Ferenczi dirige sua atenção para a importância de o analista não fazer da contratransferência um sintoma, que se forma como uma reação, evitando assim que a esfera narcísica de seus próprios interesses influa no processo psicanalítico. Este posicionamento implica a consideração de que o analista deve considerar a contratransferência de uma maneira peculiar, de forma a auxiliar na elasticidade da postura clínica utilizada pelo analista. Mais rigoroso que o próprio Freud, surpreendentemente, Ferenczi preconiza que o analista não deve se exceder em simpatia ou mesmo “abandonar-se a seus afetos”, tampouco, concluindo em favor da proposição do estabelecimento de um controle da contratransferência que não implica, entretanto, manter-se frio, distante ou insensível; ou seja, o controle proposto por Ferenczi não refere a “tornar-se excessivamente duro e inacessível, o que retardaria ou mesmo tornaria impossível o surgimento da transferência, condição prévia de toda análise bem-sucedida” (*ibidem*, p. 366).

Essas considerações denotam um reconhecimento, pouco a pouco firmado por Ferenczi, da importância de se criar uma “atmosfera psicológica” (FERENCZI, 1930a, p. 60) que propicie o desenrolar da análise de uma forma não intelectual (*ibidem*, p. 55). Em 1930, sobretudo desde o estreitamento do relacionamento estabelecido com Groddeck – iniciado em 1921 –, e ainda, desde a parceria estabelecida com Rank, pode-se notar que Ferenczi já considera que uma “atitude amistosamente benevolente (*freundlich wohlwollende*)” (*ibidem*, p. 60) não prejudica a análise da transferência, muito ao contrário. Ferenczi considera que o complexo de forças fixadas no passado requer, para sua resolução efetiva, um ambiente analítico norteado por liberdade e sinceridade. É importante notar que ele adverte que a disposição amistosa mesclada à liberdade e sinceridade requer que o analista esteja disposto “corajosamente com sua ajuda para a repetição (sem temor), [sem o que] o paciente não evolui” (FERENCZI, 1990, p. 205).

A noção de que a situação analítica deve suscitar um progresso em direção à liberdade e à sinceridade, para que a repetição se torne possível – e com ela a regressão –, e que ambas as condições devem ser assumidas, sobretudo pelo próprio analista, já que ele próprio deve dar o exemplo, compreende também a preocupação quanto ao fato de que uma intensa e mera “disposição amistosa do analista” possa gerar uma dependência indesejável no paciente (*cf.* FERENCZI, 1990, p. 134). Assim, pode-se concluir que há em Ferenczi um entendimento que distingue ‘benevolência amistosa’ e ‘benevolência materna’, e que ambas as condições são consideradas imprescindíveis. Não há, na verdade, uma univocidade dos sentidos atribuídos a uma e a outra expressão, em Ferenczi. Suas reflexões teóricas relacionadas à prática clínica indicam que esta última estaria mais propriamente ligada à passividade no analista, atuando em favor da promoção de um movimento regressivo em direção ao passado – em decorrência do manejo apropriado da transferência –, no intuito de facilitar sua manifestação, enquanto a primeira estaria relacionada à mobilidade libidinal e à autotransformação no analisando pretendidas, sendo estas, por sua vez, relacionadas a um trabalho psíquico que é realizado sobretudo pelo analista, ao menos inicialmente. Supõe-se que a transformação na economia libidinal do analisando se torne possível desde uma autonomia relativa presente em ambos os parceiros, cabendo ao analista preservá-la, na direção da cura. Este sentido atribuído à amizade, em que se compreende que o analista deve preservar sua autonomia tanto em relação ao saber quanto em relação a uma técnica-padrão, e também em relação a automatismos dominantes em certas patologias, se relaciona a um norteamo – que se

apresenta de forma destacada em Ferenczi – relativo às decisões clínicas orientadas em direção a uma interface do presente com o futuro, e não apenas com o passado.

Ferenczi não se furta, portanto, a colocar a técnica psicanalítica constantemente em questão, considerando, inclusive, que seu enrijecimento está relacionado ao caráter do próprio analista. Sua convicção em relação à prática clínica é definida de maneira bastante clara desde a ocasião da parceria estabelecida com Rank, ou seja: a experiência analítica não deve compreender somente rememoração e verbalização, nem tampouco se deve compreender a transferência como relacionada apenas à repetição – ao passado, portanto –, como Freud aponta no artigo “Recordar, repetir e elaborar” (1914a). Divergindo sutilmente de Freud, então, Ferenczi se mantém em defesa de uma formulação teórica que não pode ser considerada antifreudiana, embora isto não signifique que não possa ser identificada a existência de uma divergência fundamental entre ambos; esta se relaciona à ênfase concedida, por Ferenczi, à veracidade do evento traumático, o que se deve às observações clínicas direcionadas para os possíveis males causados por sua repetição literal no próprio *setting* analítico. Esta compreensão deriva do fato de Ferenczi dedicar-se a pensar, de forma destacada, a inter-relação estabelecida entre o analisando e o analista, questionando-se quanto ao agravamento de resistências naqueles e considerando-as como relacionadas à rigidez da técnica psicanalítica – e do caráter analítico –, algo que, naturalmente, compreende a consideração de que pode haver formação de resistências no próprio analista.

Não são poucas as ocasiões em que Freud se manifesta refratário a sua prática clínica, mormente em situações em que ocorre uma significativa intensificação dos afetos suscitados pela própria natureza da experiência analítica. Esta se caracteriza, como se sabe, por ser palco de transferências (deslocamentos) de formações psíquicas estabelecidas desde a infância do indivíduo, que se impõem tenazmente na atualidade, de forma que, por vezes, são constituídos poderosos obstáculos à intenção do analista de desfazer o que se configura como relativo a uma síntese sintomática que opera no sentido da defesa e/ou destruição do presente e do novo<sup>94</sup>. A presença de resistências em Freud já foi apontada nesta pesquisa, ao serem evidenciados seus esforços no sentido da resolução do que ele considerava serem inclinações homossexuais inconvenientes. Os problemas relativos à técnica aplicada apresentam, em Freud, uma ambigüidade considerável, o que pode ser considerado um

---

<sup>94</sup> Inúmeros relatos de ocasiões em que Freud manifesta ser refratário a vivenciar demasiadamente a experiência analítica são encontrados em Haynal (1987, p. 13-33) de forma condensada, mas bastante elucidativa.

sintoma, sendo que uma de suas manifestações pode ser comprovada pelo fato de que “ele formula regras em seus escritos técnicos, enquanto parece desprezá-las em outros lugares” (HAYNAL, 1987, p. 14). A parcela positiva desta ambigüidade, e que pode ser considerada como relativa a uma flexibilidade indispensável ao avanço de descobertas e da criação, cumpre um efeito operante, sem dúvida, sobretudo no período em que Freud busca ter acesso a elementos que possibilitem a elaboração do que se constitui pouco a pouco nos fundamentos da teoria psicanalítica. No entanto, no que diz respeito à existência de um verdadeiro e duradouro interesse pela experiência analítica, pode-se distinguir o posicionamento de Freud do de Ferenczi da seguinte forma: “os progressos terapêuticos fazem avançar a teoria, dizia essencialmente Ferenczi: desenvolvendo a teoria, a terapêutica progredirá igualmente, teria provavelmente respondido Freud” (*ibidem*, p. 16). Quanto a uma caracterização da prática clínica de Ferenczi, chama a atenção a diversidade de “experimentações técnicas” (*cf.* HAYNAL, 1987, p. 38; BOKANOWSKI, 2000, p. 69) realizadas em função de “seus esforços no sentido da solicitude, da cura e, portanto, da terapêutica” (HAYNAL, 1987, p. 37).

As críticas e reflexões acuradas, desenvolvidas por Ferenczi em função de seu interesse pela terapêutica, se refletem até mesmo na preocupação com o vocabulário utilizado. Preocupado em firmar um outro vocabulário, por exemplo, mais consentâneo com seus próprios parâmetros conceituais e técnicos, e por isso relativamente diferenciado dos de Freud, Ferenczi elabora uma outra expressão em substituição ao termo “repetição”: “pôr em cena [os] conteúdos psíquicos” (FERENCZI, 1919, p. 361). Esta expressão indica, justamente, que Ferenczi começa a verificar que ocorrem situações traumáticas análogas às do passado, na vida presente dos pacientes, considerando, então, que estas também podem ocorrer na experiência analítica sem que o analista delas se dê conta, o que é obviamente inconveniente. Em sua compreensão, quando os eventos traumáticos experimentados pelos pacientes mobilizam conteúdos psíquicos no analista que repercutem de forma desfavorável em sua atitude terapêutica, à medida que este último se encontra protegido em seu narcisismo, a relação analítica fracassa<sup>95</sup>. Ou seja, em sua compreensão, para que a experiência analítica tenha uma boa resolução é preciso que o analista se exponha à “oscilação permanente entre o livre jogo da imaginação e o exame crítico da terapêutica: uma liberdade e uma mobilidade dos investimentos psíquicos, isentos de toda inibição”

---

<sup>95</sup> No caso, tratar-se-ia do analista que se limita a se comportar como uma figura paterna e distante, cuja função analítica implica apenas a repetição de interpretações calcadas em verdades teóricas dogmáticas ou a manutenção de uma postura insensível e hipócrita (*cf.* FERENCZI, 1930a).

(*ibidem*, p. 367), não se furtando, portanto, ao reconhecimento de seus próprios conteúdos psíquicos, eventualmente agidos na cena analítica.

Considerações desta natureza, em que é destacado o componente ‘inibição no analista’, reforçam a idéia de que não é propriamente a tese de Ferenczi relativa à teoria do traumatismo, em que eventos reais são considerados importantes, que se constitui no fator principal que leva Freud a com ele se indispor. Em verdade, a divergência central está relacionada às “experimentações técnicas” realizadas com analisandos gravemente regredidos, cabendo considerar, portanto, que o elemento central, no desenvolvimento de um conflito entre os amigos, se deve ao fato de que “a tolerância à regressão e o reconhecimento da função do analista tornaram difícil para Freud realizar suas aspirações de criar uma situação comparável à de um laboratório para satisfazer seus ideais científicos” (HAYNAL, 1987, p. 47). É desde esta perspectiva, então, que esta pesquisa concede destaque ao fenômeno clínico da regressão, mais adiante, associando-a com o sentido ferencziano dado à transferência e sua contrapartida, a contratransferência, ou seja, não se trata aqui de relacioná-las apenas à fixação da libido e à compulsão à repetição no paciente, como o faz Freud, mas sim à força – ou fragilidade – da libido presente em um analista que investe na busca da cura, o que coloca em pauta, por sua vez, a amizade na relação terapêutica.

Cabe destacar a importância dada por Ferenczi à questão da contratransferência, em se considerando sua fenomenologia como relacionada ao campo da intersubjetividade, tendo em vista que nela se encontra implicada a atmosfera psicológica que recobre o encontro do analista com o analisando, no ‘aqui e agora’ de um processo analítico. Como se pode perceber, pelo até aqui exposto, a concepção ferencziana relacionada à questão do ‘controle’ da contratransferência compreende a preocupação com a adequação da atitude analítica às necessidades do paciente, o que não significa, propriamente, procurar suprimir a contratransferência da cena terapêutica. Esta noção de cena terapêutica deriva da centralidade dada ao problema da contratransferência na clínica ferencziana, e se encontra manifesta com toda evidência, assim como o questionamento que lhe dá origem, em uma anotação de 1/05/1932, publicada no “Diário clínico”:

Eu acho, de minha parte, que, a princípio, Freud acreditava realmente na análise, que seguiu Breuer com entusiasmo, que se dedicou apaixonadamente, com devoção, à cura de neuróticos (ficando deitado no chão durante horas, se necessário, junto a uma pessoa em crise histérica). Mas deve ter ficado, primeiro abalado, depois desencantado com certas experiências, mais ou menos como Breuer no momento da recaída de sua

paciente, e pelo problema da contratransferência que se abria diante dele como um abismo” (FERENCZI, 1990, p. 131).

Como aponta Haynal, cabe reiterar, é desde uma perspectiva positivista e iluminista que a teoria freudiana consagra alguns princípios técnicos, considerando-os fundamentais ao bom exercício da psicanálise. Assim, pode-se compreender a importância das atitudes pessoal e terapêutica adotadas por Ferenczi, pois é desde a junção das esferas pessoal e profissional que transferência e contratransferência são compreendidas interligadas entre si, e que ele se decide a percorrer um caminho inverso ao adotado por Freud a partir de uma certa época, mantendo-se fiel às origens da psicanálise, no entanto, por tomar por base a prática psicanalítica tal como esta acontece em sua origem. Ou seja, Ferenczi privilegia a observação dos fenômenos, mas também se implica nos mesmos de maneira corajosa – o que sugere ser importante haver transferência do lado do analista –, visando a atuar de forma efetivamente terapêutica, para então evoluir em direção à definição de fundamentos teóricos que assegurem o desenrolar de uma prática que deve ser flexibilizada à medida que compromissada com a cura.

As anotações feitas por Ferenczi, e que resultam na edição do “Diário clínico”, podem ser consideradas uma evidência da forma de ele trabalhar e viver, constituindo-se por isso, justamente, num dos principais instrumentos de referência utilizados na elaboração do presente capítulo. Trata-se aqui, então, do interesse de se conceder uma atenção especial a uma teoria da técnica, tal como indicada por Ferenczi, uma vez que será deste um contexto de problematização e reflexão que a importância da questão da amizade na relação analítica emergirá com toda propriedade.

### **3.1 Transferência como um “novo começo”**

Diferentemente de Freud, “um ser cerebral, racional, sedentário (...) Ferenczi é nômade, sonhador e crédulo” (LORIN, 1993, p. 203). Por isso, por ser um ‘sonhador’, escreve “Thalassa, ensaio sobre a teoria da genitalidade” (1924), uma ficção bioanalítica sobre a origem e evolução da vida orgânica e, por consequência, da espécie humana. Para Ferenczi, portanto, o inconsciente é antes de tudo de natureza biológica (*cf.* LORIN, 1993, p. 200). Constitui-se num elemento de destaque o fato de a pesquisa feita por Ferenczi, neste livro, se voltar para a progressão da vida psíquica; isto decorre de uma característica sua, que é a de se dispor a fazer considerações bastante ousadas, as quais são estabelecidas, fundamentalmente, a partir da elaboração de uma teoria da simbolização e com base na

identificação de elementos simbólicos que se apresentam no curso de análises de seus analisandos (*ibidem*, p. 204)<sup>96</sup>. Cabe destacar esta inclinação em Ferenczi, ou seja, no sentido da importância decididamente concedida à simbolização, o que decorre do posicionamento de que o analista deve ser um observador da vida para auxiliar a viver, tanto no que diz respeito ao resgate no analisando de sua autonomia em relação aos outros seres que o cercam, quanto no que concerne a uma perspectiva em que o mesmo é compreendido como inserido sempre num contexto de trocas permanentes.

Ferenczi manifesta preocupar-se algumas vezes com possíveis entendimentos equivocados, gerados pela concepção dualista defendida por Freud, pois, em sua compreensão, interessar-se pelos processos vitais não comporta fazer segmentações muito definidas. Não raras vezes, portanto, manifesta uma certa reticência quanto à perspectiva dualista sobre o desenvolvimento da vida. Uma de suas preocupações, relacionada a este tema, deriva do entendimento corrente de que Freud preconiza o dualismo mente/corpo. Neste sentido, Ferenczi defende a posição, assim como Freud, de que a psicanálise deve buscar se integrar à biologia e à física (*cf.* FERENCZI, 1922b, p. 233). No entanto, sua certeza da possibilidade de uma convergência entre estas disciplinas não implica uma concepção do humano reduzido à matéria e, sobretudo, a uma única qualidade – como a pulsão sexual, por exemplo – e a uma forma racionalista de pensar a formação e o desenvolvimento da mente. Ao contrário, Ferenczi acredita haver na natureza inúmeras substâncias e diversas qualidades de complexos vitais que estão sendo sempre compelidos a transformarem-se devido a condições externas, o que o leva a refletir sobre uma dimensão de complexidade sempre presente na natureza, desde a qual se destacariam dois fatores ao menos: vida e universo (*cf.* FERENCZI, 1990, p. 75)<sup>97</sup>. Desde seus primeiros escritos, Ferenczi destaca a dimensão de uma complexidade envolvida nos fenômenos que atraem seu interesse, procurando então refletir sobre os parâmetros epistemológicos mais

<sup>96</sup> Esta leitura da epistemologia ferencziana também é apresentada por Abraham & Torok, em “A casa e o núcleo” (1995).

<sup>97</sup> Esta perspectiva pode ser relacionada à apresentada por Canguilhem, em “O normal e o patológico” (1995, p. 96-97), em sua consideração de que há uma “luta da vida contra os inúmeros perigos que a ameaçam [e que esta se constitui numa] necessidade vital permanente e essencial”. Também cabe destacar, nesta oportunidade, a reflexão apresentada por Honneth, em “Luta por reconhecimento” (2003). O autor apresenta a tese de que há necessariamente uma luta dos sujeitos por reconhecimento e que esta é inerente ao processo de evolução da vida, sendo que o lutar deriva de uma estrutura intersubjetiva presente na identidade pessoal. Com base no pensamento do ‘jovem Hegel’, Honneth considera que “a formação da identidade do sujeito deve estar vinculada (...) à experiência do reconhecimento intersubjetivo” (p. 78), sendo que este reconhecimento implica, necessariamente, a emergência de conflitos e, portanto, de ‘lutas’. Reflexões com estas contribuem para pensar a tênue fronteira existente entre a questão da assimetria entre os sujeitos implicados numa determinada relação e a assimetria requerida entre analista e paciente, na situação analítica, questão abordada na conclusão desta pesquisa, pois se pode compreender a assimetria entre os sujeitos como inerente a processos vitais em que lutas ocorrem necessariamente.

apropriados a sua abordagem. Assim, em artigo intitulado “Consciência e desenvolvimento”, escrito em 1900, lê-se que:

As conexões neuro-psíquicas das diferentes funções mentais não se limitam ao indivíduo. Isto porque os homens vivem juntos, associam-se, comunicam, criam laços uns com os outros. Eles interagem; é a partir dessas interações complexas que se constituem a *consciência de classe*, a *consciência de uma nação*, a *consciência da espécie humana* inteira, o todo constituindo uma espécie de unidade superior que se denomina *consciência da humanidade* (FERENCZI, 1900, p. 64, grifos do autor).

Esta compreensão, de natureza epistemológica, implica a subversão da ótica que compreende a compulsão à repetição como uma disposição psíquica estrita à esfera do indivíduo, e que deriva, por sua vez, da resistência suscitada na dinâmica transferencial e originada somente desde a trama das pulsões sexuais fixadas por ocasião da formação do narcisismo e consolidadas desde a vivência trágica de um complexo de Édipo indissolúvel. Como já foi apontado no capítulo anterior, a compreensão de Ferenczi acerca do compromisso da psicanálise com a vida, a liberdade e a criação, compreendendo-as como princípios éticos norteados por laços intersubjetivos e, inclusive, trans-subjetivos, encontra-se refletida, por exemplo, em sua proposta de substituição do termo ‘homossexualismo’ por ‘homoerotismo’, assim como de outros termos, pois ele considera ser importante que o analista se desvencilhe de algo que é carregado de preconceito, para com isso firmar o compromisso da psicanálise com a preservação da vida, simplesmente, e não propriamente com sua ‘normatização’. Neste sentido, propõe a necessidade de o psicanalista ser um observador rigoroso de tudo que possa estar envolvido nas trilhas percorridas por cada indivíduo, sem com isso dispensar sua própria faculdade imaginativa, para poder alcançar o que pode evoluir até mesmo numa esfera até certo ponto incompreensível, do ponto de vista da racionalidade lógica, uma vez que esta costuma ser subsidiada por conceitos formados no âmbito dos costumes. Assim, como afirma Ferenczi, num dos momentos em que aborda a questão da homossexualidade:

A relação sexual com o seu próprio sexo é apenas, com efeito, um sintoma, e esse sintoma tanto pode ser a manifestação de doenças e transtornos muito diversos do desenvolvimento, como uma expressão da vida psíquica normal (FERENCZI, 1914, p. 118).

A preocupação e a perspectiva próprias a Ferenczi, voltadas para a interpretação do que se manifesta na vida humana de maneira indissociada, entre corpo, mente e socius, o leva, portanto, a recorrer algumas vezes a terminologias que se encontrem descomprometidas com a perspectiva dualista. Neste sentido, sustentado numa perspectiva

até certo ponto monista, pois considerando, fundamentalmente, a existência de uma energia vital na natureza que se diversifica por ser sujeita a um constante processo de mudança, Ferenczi prefere utilizar um vocabulário como 'homoerotismo', 'anfierotismo'<sup>98</sup> e 'utraquismo'. Nesta terminologia se encontra contemplado o entendimento da existência de uma indeterminação no processo evolutivo e de uma sempre possível cooperação – ou atuação em conjunto, ainda que de maneira conflituosa – entre as diversas forças operantes em um determinado território. Assim, seja referenciado numa perspectiva metapsicológica relacionada ao dualismo pulsional seja na da complexidade implicada em elementos vitais que tanto se conjugam quanto se dispersam, o fato é que a leitura de Ferenczi dos fenômenos da natureza não compreende uma perspectiva voltada para substancialidades, tendo evoluído, mais exatamente, no sentido de uma teorização da intersubjetividade e da compreensão do complexo ecológico em que o homem se encontra imerso. É nesta perspectiva, também, que se coloca sua preferência pelo uso do termo utraquismo, ao invés de conceder ênfase às manifestações de pulsões de vida e de morte. Esta expressão provém do latim *uter*, 'aquele dos dois que' ou 'um ou outro'; ou seja, sua proposição teórica se relaciona a um projeto de realização da junção entre a psicologia e as demais ciências da natureza, sem com isso gerar qualquer subtração do grau de influência causado por quaisquer dos fatores envolvidos numa dada dinâmica.

A consideração da “natureza como um todo não só do ponto de vista do princípio do egoísmo, mas também a partir de uma direção pulsional oposta, a do altruísmo” (FERENCZI, 1990, p. 75) é relacionada a um pensamento direcionado para “a vida em todo o universo” (FERENCZI, *loc. cit.*) e, portanto, para a luta dos seres vivos por sua sobrevivência, seja se impondo seja conciliando com o que possa até mesmo destruí-lo, já que a suposição da plenitude de um ser por suposto auto-suficiente não é factível. Assim, pode-se considerar que Ferenczi elabora um pensamento mais freudiano que o produzido pelo próprio Freud, à medida que sustentado em interpretações psicanalíticas derivadas da faculdade da 'introspecção', que são, ao mesmo tempo, avessas a qualquer inclinação no sentido de uma normatização (*cf.* LANDA, 1999, p. 106-108) estabelecida a partir da definição de substancialidades distinguidas entre o Bem e o Mal.

---

<sup>98</sup> Anfimixia compreende uma perspectiva econômica, fundamentalmente, relativa às trocas realizadas entre pulsões parciais alocadas em órgãos específicos, que tendem a constituir-se progressivamente em unidades. Segundo Landa (1999, p. 47), “o conceito de anfimixia (...) é concebido com base em outro fato: o deslocamento”, mas deve-se ressaltar que Ferenczi também o compreende relacionado à 'qualidade' da pulsão.

Tendo em vista a consideração sobre esta indeterminação e as relações desenvolvidas, basicamente entre o familiar e o estranho (novo) que se encontram presentes no âmbito de uma subjetividade que vive em constante tensão, pode-se compreender que a dualidade só seja encontrada na psicanálise ferencziana à medida que esta se interessa pela construção da sociabilidade entre os indivíduos – diferenciação progressiva ocorridas entre os sexos, por exemplo –, assim como pela relação destes com a natureza, por considerar-se, então, que são muitas as relações de trocas possíveis e que estas se processam nos organismos sob a forma de transferências, ou seja, deslocamentos (*cf.* FERENCZI, 1924c).

É esta compreensão ferencziana da transferência, considerada enquanto um fenômeno relativo a trocas e ao que se passa entre sujeitos num campo que é inclusive de ordem trans-subjetiva, que possibilita, portanto, que a mesma seja pensada como algo da ordem de uma “fenomenalidade da transferência” (LANDA, 1999, p. 32); ou seja, enquanto a repetição na transferência, para Freud, se refere à pulsão de morte, a algo inato que se consolida fortemente junto a uma fixação da libido ocorrida em determinados modos de satisfação, para Ferenczi, refere-se à satisfação proporcionada pela descoberta do indivíduo, sobretudo quando em análise, de poder desfazer-se de afetos desagradáveis, fixados outrora ou ainda atuais.

Na verdade, ampliando a noção de Freud com respeito à transferência, Ferenczi a considera um mecanismo psíquico “que se manifesta em todas as circunstâncias de vida e abrange a maior parte das manifestações mórbidas” (FERENCZI, 1909, p. 78), mas, mais precisamente, este fenômeno decorreria de “uma quantidade variável de excitação livremente flutuante, centrífuga diríamos nós (“complexífuga”), a qual procura então neutralizar-se nos objetos do mundo externo” (*ibidem*, p. 83). Ferenczi também considera que “o primeiro amor, o primeiro ódio, realizam-se graças à transferência: uma parte das sensações de prazer ou de desprazer, auto-eróticas na origem, se desloca para os objetos que as suscitaram” (*ibidem*, p. 85). Nota-se aí, portanto, haver em Ferenczi uma compreensão que o orienta no sentido da consideração de que a dinâmica implicada no fenômeno da transferência compreende não somente um impulso em direção à origem da vida, mas também um puro movimento, porque viver implica orientar-se no sentido da própria sobrevivência.

Nesta perspectiva, à medida que a transferência está relacionada à noção da existência da possibilidade inerente às pulsões auto-eróticas de se deslocarem, Ferenczi adverte que “não basta mais [ao analista] encontrar alguma coisa que tenha ocorrido num

dado momento” (LANDA, 1999, p. 32), tornando-se necessário que o analista intervenha – de forma adequada, evidentemente –, para que possam ocorrer a “regressão e uma *nova partida*” (FERENCZI, 1933d, p. 278, grifos deste autor). Da compreensão da importância de uma “nova partida”, ou de um “novo nascimento” (FERENCZI, 1990, p. 259), a ser desencadeado pela experiência analítica, decorrem, justamente, as duas experimentações técnicas mais conhecidas, dentre as colocadas em pauta por Ferenczi: a técnica ativa (a partir dos anos 20) e a de relaxamento e neocatarse (final dos anos 20/início dos anos 30), cabendo considerar que, na verdade, tanto uma quanto a outra não são nunca abandonadas à medida que culminam “no que Ferenczi chama de ‘análise pelo jogo’” (cf. KUPERMANN, 2003, p. 265).

A compreensão de haver uma dupla tendência na transferência – o que implica considerar sua manifestação de forma fundamentalmente positiva, ou seja, desde os sentidos da repetição (regressão) e da criação conjugados na mesma fenomenalidade – encontra-se relacionada ao posicionamento de Ferenczi em favor de haver uma disponibilidade ímpar da parte do analista para o exercício da prática clínica. Aí também se manifesta sua epistemologia, pois Ferenczi parte do princípio de que há uma complexidade envolvida na vida de todo e qualquer ser, de tal forma que a formação de uma brecha para sua autotransformação torna-se possível. Esta complexidade implica considerar que, apesar da inadequação verificada numa atitude regredida, por vezes, há nela uma força regeneradora que pode levar o paciente a um “novo começo” – expressão cunhada por Balint<sup>99</sup> –, ou seja, considera-se que repetição e regressão podem significar condições favoráveis à autotransformação, ao serem acolhidas na situação analítica<sup>100</sup>.

A perspectiva ferencziana relacionada à regressão é relativamente diferenciada da freudiana (cf. RICAUD, 1998) devido à compreensão de que dela provém a possibilidade de a subjetividade se reconstruir<sup>101</sup> e se transformar, uma vez que esta é concebida como estando sempre dirigida ao outro, em alguma medida. Proceder a uma condição regredida, na perspectiva ferencziana, relaciona-se ao início de uma ruptura na ‘identificação’ com a potência superior, a *súbita*<sup>102</sup> formação do superego” (FERENCZI, 1990, p. 260, grifo do autor) ocorrida outrora, influenciando em favor de uma recomposição e/ou formação do próprio eu. Para melhor ilustrar a compreensão ferencziana da regressão, esta pesquisa recorre, a

<sup>99</sup> De certo, uma expressão bem mais moderada do que “novo nascimento” ou “nova partida”.

<sup>100</sup> Ferenczi apresenta uma reflexão sobre a dinâmica da doença que o leva à morte, em nota de 2 de outubro de 1932, publicada no “Diário clínico” (1990, p. 260), que bem evidência esta sua posição: “Terei neste ponto a escolha entre morrer ou me ‘reorganizar’ – e isso aos 59 anos?”

<sup>101</sup> Vide a descrição de uma sessão analítica, em “Diário clínico” (1990, p. 54-56).

<sup>102</sup> Precoce, portanto.

seguir, a um breve desenvolvimento deste tema a partir de algumas contribuições colhidas na obra de um outro psicanalista húngaro que foi aluno, analisando, companheiro e executor literário de Ferenczi. Sua reflexão sobre a questão da regressão, dentre outras, propicia uma clareza à questão do manejo da transferência, tal como Ferenczi o pratica em sua clínica, o que justifica a importância de se examinar algumas de suas considerações.

Michael Balint (1896-1970) é um médico húngaro que se torna analista em Berlim, para onde migra em 1920, após fazer uma primeira análise com Hanns Sachs. Aluno de Ferenczi na Universidade, em 1919, por um período de três meses, Balint retorna a Budapeste, em 1924, oportunidade em que se submete a uma segunda análise com Ferenczi, ao mesmo tempo em que se torna membro da Sociedade Húngara de Psicanálise. Mais tarde, Balint decide migrar novamente, em 1930, desta vez para a Inglaterra, ingressando então na Sociedade Britânica de Psicanálise. Chega a ser presidente da mesma por um período, tornando-se uma figura proeminente entre um grupo de psicanalistas que situam-se numa posição intermediária, no confronto teórico que ocorre nesta Sociedade, entre kleinianos e freudianos.

Balint pode ser considerado um pensador importante da psicanálise, sendo também notável sua tentativa de manter-se numa posição intermediária entre os pensamentos de Freud e de Ferenczi (*cf.* RICAUD, 1999); seu pensamento progride, portanto, em conformidade com o de Ferenczi (*cf.* HAYNAL, 1999, p. 5), sem se contrapor necessariamente ao de Freud. Dedicado à reflexão sobre a situação analítica e, obviamente, sobre a complexidade da trama afetiva envolvida na mesma, Balint concede destaque aos afetos experimentados pelo analista e comunicados de uma forma ou de outra ao analisando, assim como o faz Ferenczi.

Certa vez, no XII Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Wiesbaden, em setembro de 1932, oportunidade em que Ferenczi apresenta “As paixões dos adultos e sua influência sobre o caráter e a sexualidade da criança”, publicado no ano seguinte com o título “Confusão de língua entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão”, Balint apresenta o trabalho intitulado “*Character analysis and new beginning*”. Este trabalho é citado em nota de 7 de agosto de 1932, publicada no “Diário clínico”, num momento em que Ferenczi destaca a importância de a análise propiciar regressão “à época bem-aventurada de antes do trauma” (FERENCZI, 1990, p. 237), relacionando-a à perspectiva de que a mesma deve estar comprometida com a produção de um “novo nascimento” (FERENCZI, 1990, p. 259).

A atenção de Balint para com a importância da regressão se deve ao trabalho clínico realizado com analisandos considerados difíceis de serem diagnosticados, difíceis, enfim, de se manterem em análise, como os que são, de costume, encaminhados a Ferenczi. Estes analisandos sofrem, nas palavras de Balint, de “uma ansiedade especial (...) [que] ultrapassa qualquer outro sintoma” (BALINT, 1932, p. 152). São pessoas que têm medo de se sentirem excitadas, mesmo que prazerosamente excitadas, porque não podem aventurar-se de nenhuma maneira. Citando a pesquisa clínica empreendida por Ferenczi, Balint destaca o fato de que estes pacientes terão sido afetados, quando crianças, pelo “inconsciente de seus pais” (BALINT, *loc. cit.*), de tal forma que suas próprias necessidades tornam-se impossibilitadas de serem reconhecidas e de ganharem expressão. Como afirma Balint, “excitar-se na presença de outra pessoa implica perigo e, por conseguinte, resulta em ansiedade” (*ibidem*, p. 154). Então, é gerado um desafio à realização do trabalho analítico, pois é preciso que o analista crie condições para que o analisando torne-se capaz de fazer um *acting out*. Compreende-se aqui que é necessário que o analista torne possível um acontecimento real e significativo no curso da análise, atuando no sentido de auxiliar na reversão das inibições verificadas. Balint pergunta, então: “O que o paciente realmente repete, ou atua?” (BALINT, *loc. cit.*), interessando-se sobretudo pelo que compreende serem ‘traços de caráter’, que se manifestam mediante um estado de inibição acentuado, a tal ponto que fica impedido a essas pessoas experimentarem tanto o amor quanto o ódio, ao mesmo tempo em que, estranhamente, elas se tornam raramente desagradáveis na relação com os outros.

A importância dada por Balint à repetição na situação analítica, assim como a pensa Ferenczi, priorizando sua facilitação antes de ser formulada uma interpretação, é sustentada na noção de que é muitas vezes necessário que o analista seja ‘ativo’, a partir, evidentemente, da percepção de haver certas necessidades no analisando, intervindo, então, de forma a promover reações que auxiliem a gerar a possibilidade de se verificar um “novo começo” (*ibidem*, p. 156) em sua vida. Esta perspectiva compreende o entendimento de que a realização da tarefa analítica implica “libertar a pessoa de suas várias condições compulsórias e rígidas, de amor e de ódio” (*ibidem*, p. 162), e de que isto não pode ser realizado sem se considerar uma outra face da repetição, ou seja, a regressão. No entanto, para acompanhar ou levar o analisando à regressão é preciso que o analista consiga arriscar-se num campo em que se entrecrocaram forças de natureza transferencial, muitas das quais não estão, até mesmo, diretamente relacionadas a sua pessoa, e não são facilmente percebidas, por se dirigirem a objetos que compõem o *setting* analítico. Para

tanto, em face de uma carga transferencial indiscernível, e inspirado em Ferenczi, Balint concebe que o analista necessita ser hábil o bastante para “preservar sua passividade elástica” (BALINT, 1933, p. 169), posto que tudo no *setting* é passível de ser utilizado pelo analisando, o que requer que ele esteja muito atento ao que este necessita e toma como objeto de sua transferência. Balint chega a distinguir a existência de dois tipos de regressão, com a finalidade de esclarecer a conveniência terapêutica de o analista adotar uma ou outra atitude, no sentido da gratificação ao paciente ou da neutralidade: a regressão benigna e a maligna (cf. BALINT, 1968, p. 128-137). Ele entende, nesta medida, que o analista deve ser passivo ou não, na medida em que a problemática apresentada pelo analisando assim o recomende.

A proposição da passividade como forma de acolhimento, no que se refere ao analista, precisa ser esclarecida, devido a uma possível compreensão centrada apenas na noção da benevolência. Na verdade, Ferenczi sugere que esta condição deve estar associada a uma outra, caracterizada como elasticidade, de forma a ser propiciado o curso da regressão terapêutica no paciente, o que envolve, portanto, que o analista deve ser também capaz de se colocar em atividade, quando necessário. Cabe enfatizar, finalmente, que a regressão é concebida, por Ferenczi, como um processo dinâmico que perdura ao longo de toda a vida, desde o que se constitui a possibilidade de ela influir efetivamente no sentido da regeneração a que se propõe o processo psicanalítico<sup>103</sup>. No entanto, ao se levar em conta que a regressão pode ser bloqueada pelo incremento de ansiedade relacionada à excitação própria da esfera genital (cf. BALINT, 1932, p.163), mobilizada pela intromissão de conteúdos originados outrora a partir do inconsciente dos pais, e talvez do analista, é preciso cuidar para que este não reaja, simplesmente, aos afetos do analisando, fazendo-o de forma inconveniente. Quando isto ocorre no *setting* analítico – e não se dá a gratificação apropriada a emoções que são na verdade de natureza infantil – devido a padrões técnico-psicanalíticos que se associam a padrões transferenciais e traços de caráter formados no analisando, este último fica impedido de se regenerar.

Ora, como o analista encontra-se numa condição bastante delicada em meio ao jogo transferencial estabelecido, necessitando trabalhar com suas próprias emoções, ao

<sup>103</sup> Esta dimensão regeneradora da pulsão está relacionada à “pulsão de regressão materna”, conceituada em “Thalassa, ensaio sobre a teoria da genitalidade” (1924c, p. 275), o que possibilita a Ferenczi compreender o sentido regenerador manifesto num “retorno temporário ao seio materno (...) a repetição e o controle lúdicos de todos os perigos inerentes ao nascimento na luta de adaptação à vida” (*ibidem*, p. 286). Vide ainda Figueiredo (2002), em que são apontadas as articulações possíveis entre o pensamento ferencziano relacionado à concepção de uma pulsão de regressão materna ou *thalássica*, ou seja, regeneradora, e os pensamentos de Balint e de Winnicott.

mesmo tempo em que com as do analisando, para poder ter acesso “às manifestações da mente inconsciente” (BALINT, 1933, p. 177) deste último, daí advém a importância de ele ser dotado de uma elasticidade que se reflete numa diversidade de recursos técnicos utilizados, inclusive com o mesmo paciente. A elasticidade coloca em pauta a questão da atividade preconizada por Ferenczi no início dos anos 20, e nunca de fato abandonada. Balint, seguindo as trilhas abertas por Ferenczi, dedica-se sobremaneira a pensar a questão da regressão, mantendo-se sempre interessado – também como Ferenczi – no alcance da cura; neste sentido, publica com sua esposa, Enid Balint, em 1959, “*Les voies de la régression*”<sup>104</sup>. Neste, ele assinala que Freud não se interessa o bastante por analisandos profundamente regredidos e adverte para a importância das elaborações ferenczianas formuladas em “Thalassa” (1924), buscando compreender o que se passa no âmbito do que define como “espaços amigos indiferenciados”, ou seja, espaços onde a vida tem origem e encontra condições favoráveis a seu desenvolvimento (cf. BALINT, 1959, p. 96). Esta metáfora da origem da vida situada em espaços amigos indiferenciados é bastante interessante, ao levar-se em conta o tema a que esta pesquisa se propõe.

O trabalho do analista com suas próprias emoções e as do analisando, no intuito de empreender “desta vez [algo] diferente do que se passou primitivamente” (FERENCZI, 1933d, p. 277-278), implica, justamente, a compreensão de que cabe ao analista experimentar a “compreensão amistosa, o dar ‘livre curso’ e tranqüilizar mediante o encorajamento e o apaziguamento” (FERENCZI, *loc. cit.*). Esta dupla via de estratégias terapêuticas, em que são contemplados o encorajar (ativar) e o apaziguar (relaxar) algo no analisando, colocam em cena, por sua vez, a contratransferência e a identificação, processos dinâmicos que ocorrem no analista e que Ferenczi considera indispensáveis à obtenção da cura.

### 3.2 Contratransferência e identificação

A contratransferência se constitui num fenômeno de natureza intersubjetivo suscitado no curso do processo psicoterapêutico. A reflexão sobre este fenômeno leva Ferenczi a fazer considerações de natureza teórico-clínicas e experimentações no âmbito da técnica que são bastante decisivas para o desenvolvimento de suas elaborações teóricas. Suas anotações de fragmentos clínicos e considerações relativas a afetos experimentados

<sup>104</sup> A edição publicada em 1959 é em língua inglesa, com o título “*Thrills and regressions*”. Aqui está sendo citado o título da edição francesa, que é a consultada por este autor.

na prática clínica, em que também são assinalados os envolvidos nas experiências vividas como analisando de Freud, publicadas em “Diário clínico”, se destacam por conter revelações pessoais e indicações de problemas relacionados à clínica que merecem um exame bastante cuidadoso. No presente contexto interessa, sobretudo, relacionar as questões teórico-técnicas apontadas por Ferenczi nessas anotações, tendo em vista o tema da amizade, cabendo considerar que são justamente os afetos envolvidos na amizade desenvolvida entre ele e Freud que resultam no alicerce emocional desencadeador de sua redação. O exame dessas anotações possibilita a elucidação de algumas questões importantes, dentre os quais se destaca o problema da ação da contratransferência no analista, conforme Ferenczi o reflete mais ao final de sua obra.

As notas redigidas por Ferenczi, e que resultam nesta publicação, tornam possível o acompanhamento do entrelaçamento entre transferências e contratransferências experimentadas em sua prática clínica, em seus últimos anos de vida, assim como um conjunto de questões relacionadas à experiência clínica vivida com Freud. O conjunto das notas também possibilita uma clara noção do método de trabalho de Ferenczi, sobretudo no que concerne a questões que o levam a empreender uma ‘ruptura relativa’ com relação a certos fundamentos conceituais da psicanálise, tal qual estabelecidos por Freud, sem, contudo, afastar-se efetivamente do método psicanalítico.

Pode-se considerar que o tratamento concedido por Ferenczi ao fenômeno da contratransferência envolve um papel de destaque na ‘ruptura relativa’ ocorrida com Freud, a ponto de implicar, em certo sentido, uma nova teorização da técnica psicanalítica, algo que já se inicia quando de sua articulação entre os conceitos de transferência e introjeção (FERENCZI, 1909). Esta teorização compreende algumas considerações relativas ao processo de identificação, que importam serem elucidadas no momento, e que são não apenas formuladas por Ferenczi, mas também por Helene Deutsch, uma das quatro primeiras mulheres candidatas à análise com Freud<sup>105</sup>. A abordagem deste tema desde o viés de considerações formuladas por Deutsch promete ser bastante interessante, considerando-se o fato de se tratar de uma ótica feminina, e que por isso pode contribuir sobremaneira na elucidação de seu entendimento. À medida que se trata de uma ótica singular, pode-se acreditar que se pode compreender o objeto de interesse de forma mais consistente, sendo assim evidenciado o conjunto de forças que se desenrolam na prática

---

<sup>105</sup> Formada em medicina em 1912, em Viena, e especialista em neurologia e psiquiatria, Deutsch é uma das primeiras psicanalistas a dedicar-se à reflexão sobre a vida emocional da mulher. Faz análise com Freud pelo período de um ano (1918-1919) e com Karl Abraham, em 1923 (ALEXANDER *et al.*, 1981, p. 322-323).

clínica. Dentre os diversos aspectos envolvidos neste conjunto de forças envolvidas no fenômeno da contratransferência, é importante destacar o relativo à ressonância afetiva no analista, que, assim, é capaz de se tornar positivamente afetado na situação analítica.

A contratransferência é abordada por Freud, pela primeira vez, em conferência proferida na abertura do II Congresso de Psicanálise, realizado em Nuremberg, em 30 e 31 de março de 1910, sob o título “As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica”. Mais adiante, em “Observações sobre o amor transferencial” (1915[1914]), Freud volta a tratar deste tema de maneira restrita, e isto pela última vez, o que evidencia a pouca importância a ele concedida. Isto se explica, ao que parece, devido ao fato de Freud considerá-la uma manifestação fundamentalmente negativa, derivada de problemas que demandariam um aprimoramento da análise do analista. Esta manifestação negativa implicaria o risco da subversão da regra técnica da neutralidade, considerada indispensável ao analista, e de sua concomitante, a abstinência, aplicada ao paciente, de forma que tanto a análise do analista quanto a padronização da técnica se constituem em questões de princípio, para Freud. Apesar de manifestar a convicção de que patologias diversas podem requerer a aplicação de técnicas diversas por parte do psicanalista (*cf.* FREUD, 1915, p. 130), Freud não se interessa por discutir a contratransferência, porque, ao que parece, está claro para ele que se trata de um problema que deve ser equacionado em outro espaço: o da análise pessoal do analista. Neste sentido, é notória a posição de Freud relativa à contratransferência na experiência clínica, ou seja, ele a relaciona à regra da auto-análise ou da retomada da análise pelo analista.

Cabe registrar que o destino da contratransferência, tal como concebido por Freud, só pode mesmo resultar numa postura rígida no que tange à prática clínica, devido a dois aspectos, pelo menos. Em primeiro lugar, as análises dos analistas da primeira geração sofrem limitações por serem muito curtas e, portanto, resultam facilmente em atuações contratransferenciais, já que envolvem, dentre outras coisas, o interesse de Freud em relação à conquista de adeptos para a causa analítica<sup>106</sup>. Em segundo lugar, devido à íntima associação existente na época entre a pesquisa teórica – pois a teoria é ainda muito incipiente em certa ocasião – e a terapêutica aplicada, condição esta que implica a constituição de uma disponibilidade inusitada em relação ao paciente, por parte do analista, o que suscita, por sua vez, a necessidade do estabelecimento de uma grande tolerância neste último, mas também pouca compreensão analítica para com manifestações

---

<sup>106</sup> Tratar-se-ia aí, então, de se considerar a questão de uma contratransferência em Freud, atuando desfavoravelmente nas análises de seus pacientes.

transferenciais de natureza agressiva; ao mesmo tempo, nota-se haver uma grande desconfiança do analista Freud para com a transferência amorosa<sup>107</sup>. Neste sentido, o uso da sugestão e uma considerável (in)tolerância, manifestas de maneira significativa na prática clínica de Freud, podem ser entendidos como elementos resultantes de manifestações contratransferenciais derivadas da insuficiência de sua auto-análise (*cf.* HAYNAL, 1987, p. 13-29), mas também de problemas inerentes ao próprio fato de ser Freud um precursor e insistir em garantir a pureza da psicanálise, de modo a lhe conferir um caráter totalmente singular, de forma que este diferencial prevalece sobre o laço identificatório com o outro. O que aqui se coloca, então, é o liame existente entre a transferência e a contratransferência, tornado possível pela via da identificação.

As considerações que se seguem, acrescidas dos argumentos anteriormente apresentados, possibilitam uma compreensão sobre uma brecha deixada por Freud, e que aponta para a conveniência de se elaborar uma complexidade envolvida no conceito contratransferência, tendo em vista a necessidade de se considerar a importância deste fenômeno na condução da prática clínica, tal como se verifica em Ferenczi. Há que se considerar que mesmo Freud não deixa de reconhecer uma positividade implicada no envolvimento do analista na situação analítica, de tal maneira que chega a representar, em “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”, o inconsciente do analista como um “receptor telefônico” (FREUD, 1912, p. 154). Assim, é possível considerar que Freud sugere que o analista deve utilizar seu inconsciente em favor do estabelecimento de uma dinâmica com o paciente, para que sejam evidenciados todos os elementos constitutivos do sofrimento experimentado. Suas considerações evoluem no sentido da concepção de que a prática clínica deve implicar uma postura analítica suficientemente flexível, compatível com o estabelecimento de uma comunicação entre inconscientes. Neste sentido, Freud argumenta que deve haver uma “purificação psicanalítica” (FREUD, *loc. cit.*), e a relaciona à análise do analista, em face do risco de se manifestarem indesejáveis resistências no mesmo. Esta proposição é feita em prol do estabelecimento de uma receptividade ‘telefônica’ que não faça ruído ao que emerge do inconsciente do analisando. Esta é a compreensão fundamental de Freud, relativa à função do inconsciente do analista na situação analítica, sendo o êxito no alcance desta função relacionado por ele à

---

<sup>107</sup> Considerar, também, a questão apontada por Haynal (1987, p. 15 e sgs.), relativa à herança freudiana do romantismo alemão. Este autor considera que a perspectiva romântica não evoluiu em direção a uma proposta de pesquisa e reflexão psicanalítica, mais comprometida com a medicina vitalista, porque implicaria um envolvimento maior da pessoa do analista na tentativa de cura. Ver também Andrade (2000), em que são trabalhadas questões relacionadas ao berço filosófico de Freud – o romantismo – e seus esforços no sentido de dele livrar-se, em favor da “luz matinal”, originada no fisicalismo das ciências naturais.

‘normalidade’. Freud adverte para o requisito da análise do analista, justificando-o da seguinte forma: “Não basta para isto [para o exercício da análise] que (...) seja uma pessoa aproximadamente normal” (FREUD, 1912, p. 154). A verdade, porém, é que a situação analítica não pode ser comparável a qualquer normalidade corrente em outras relações, uma vez que visa ao desconhecido e enigmático, ou seja, ao que jaz inconsciente, o que implica, por sua vez, considerá-la em certa medida sem garantias, mesmo no caso de o analista ter sido analisado. É desde esta perspectiva, portanto, que se coloca a questão da ‘comunicação entre inconscientes’ como uma abertura para o novo e enigmático, compreendendo-a como uma das variantes importantes que influem no fenômeno da contratransferência, sendo que é a partir desta consideração que Ferenczi passa a tomá-la como uma referência em sua prática clínica.

O tema da comunicação entre inconscientes é abordado por Freud e alguns de seus pares – dentre os quais Ferenczi – como relacionado à transmissão (ou transferência) de pensamento e à telepatia, principalmente entre os anos 20 e 30. No entanto, é importante notar que Freud elabora “Psicanálise e telepatia” em 1921, mas a publicação deste artigo só ocorre após sua morte. Isto se deve ao fato de haver muita resistência a este tema, entre seus pares, derivada de esforços no sentido de vincular a psicanálise aos paradigmas da ciência moderna. Estes esforços levam a que seja exigido silêncio sobre as idéias trabalhadas neste texto, de forma que sua publicação é adiada<sup>108</sup>. No entanto, cabe destacar que Freud ainda aborda este tema pela última vez, em uma das conferências introdutórias sobre a psicanálise. Na conferência XXX, intitulada “Sonho e ocultismo” (1933[1932]), ele assinala a possibilidade de a psicanálise e a telepatia, ou transmissão de pensamento, serem aproximadas, se for relacionado o desenvolvimento da espécie humana (filogênese) com a existência de um nível primitivo de comunicação entre a mãe e seu bebê (*cf.* FREUD, (1933[1932]a), p. 72-74), o que lembra claramente o desenvolvimento de algumas pesquisas realizadas por Ferenczi.

Se há em Freud uma preocupação com relação à elaboração da teoria psicanalítica de maneira consentânea com os paradigmas da ciência moderna, isso contribui, certamente, para seu afastamento de certos desafios colocados pela clínica, como no que diz respeito ao interjogo transferência/contratransferência e à questão da interpenetração possível entre discurso e acontecimento, ou entre transferência, interpretação e compreensão, o que o

---

<sup>108</sup> Um capítulo sobre a questão do ocultismo, em Jones (1969, p. 425-460), evidencia as críticas dirigidas a este tema, então correntes, sendo que Freud é apontado por este autor como inclinado à credulidade, por interessar-se por aquele.

afasta da perspectiva de se considerar indispensável que o analista se esforce no sentido de ir ao encontro do que jaz no inconsciente do paciente. É importante ressaltar que tais resistências, originadas numa formação superegíca característica em Freud, não impedem de todo que ele formule algumas considerações que servem de estímulo a alguns de seus contemporâneos<sup>109</sup>. De fato, tal coisa ocorre com Ferenczi e alguns outros psicanalistas, que, diversamente do mestre, tornam-se terapeutas entusiasmados diante dos desafios suscitados pela prática clínica<sup>110</sup>.

Helene Deutsch<sup>111</sup>, psicanalista polonesa e uma das quatro primeiras mulheres analisadas por Freud<sup>112</sup>, escreve “Processo ocultos durante a análise”, em 1926, onde se encontra a seguinte afirmação: “As condições nas quais a segunda pessoa (sobre a qual é feita a transferência) recebe o complexo de representação afetiva, irrompido do inconsciente, não são discutidas significativamente por Freud” (DEUTSCH, 1983, p. 29). Neste texto, a contratransferência é conceituada como uma manifestação inconsciente no analista, que se relaciona à formação de uma junção entre as “aspirações infantis” presentes em ambos os protagonistas da experiência analítica, e que se atualizam no analista pela via da identificação, graças ao desenvolvimento da intuição, nele processada. Deutsch atribui a expressão “empatia intuitiva” à realização bem-sucedida deste processo, correlacionando-a a uma “percepção íntima” transmitida à consciência do analista, e que não se restringe à “disposição intuitiva” presente na regra da atenção flutuante (*ibidem*, p. 30).

Ao considerar tanto o afeto implicado na identificação que ocorre no analista quanto sua percepção do que suscita este processo, pode-se considerar que Deutsch sugere ser indispensável que o analista nele se implique de maneira integral, ou seja, como um todo indissociável composto por mente/corpo ou pensamento/afeto, a partir de uma identificação com aspectos muito primitivos envolvidos no sofrimento experimentado pelo paciente. Em sua compreensão, “o processo de identificação na análise tornou-se possível

<sup>109</sup> Nesta altura, cabe considerar a tese defendida por Plastino (2001) de que Freud faz uma ruptura com o cientificismo positivista, mas, ao que parece, tal hipótese apresenta-se problemática, ao se levar em conta a influência do legado freudiano no sentido do estabelecimento de regras técnicas padronizadas que por isso suscitam a transformação da situação analítica num laboratório.

<sup>110</sup> Veja-se, por exemplo, a afirmação de Freud: “Talvez os senhores saibam que nunca fui um terapeuta entusiasta” (FREUD, 1933[1932]b, p. 185). É verdade que é clara sua intenção, no contexto desta afirmação, de que a psicanálise fosse assimilada como modesta, apenas como um método psicoterapêutico, dentre outros. Mas, a esta afirmação somam-se outras que indicam ter progredido uma certa intolerância ou ceticismo em Freud, com relação à clínica psicanalítica.

<sup>111</sup> O interesse de Deutsch com relação à sexualidade feminina pode ser compreendido como uma ousada incursão numa temática bastante obscura, tal como Freud chega a reconhecer não poucas vezes.

<sup>112</sup> A análise de Deutsch com Freud transcorre entre 1918 e 1919, por um ano, e é retomada com Karl Abraham em 1923, também pelo período de um ano (*cf.* ALEXANDER *et al.*, 1981, p. 325).

devido ao fato de a estrutura psíquica do analista derivar de trilhas de desenvolvimento análogas às do paciente” (DEUTSCH, *loc. cit.*), o que implica a consideração de que a comunicação afetiva inconsciente, eventualmente estabelecida entre analista e paciente, no campo transferencial, possa influenciar a percepção de ambos os protagonistas, pois isto se dá a partir da existência de complexos comuns, ativos em ambos. A diferença entre os protagonistas da situação transferencial, argumenta Deutsch, é que o analista deve ser capaz de experimentar uma “liberdade de movimento” (*ibidem*, p. 31), e isso porque, além da possibilidade de identificar-se de maneira inconsciente com o paciente, há nele outras disposições inconscientes, nomeadas disposições complementares. Essas disposições complementares se diferenciam da identificação com o ego infantil do paciente porque remetem às imagos parentais também constituídas na origem do inconsciente do analista, sendo então, desta forma, que podem ser compreendidas a possibilidade do desenvolvimento da simbolização no analista e a eventual comunicação ao paciente de uma interpretação bem fundamentada. Neste sentido, por não se encontrar severamente submetido a resistências suscitadas pela repressão originada de uma identificação superegógica com uma potência superior, como ocorre no caso do paciente, espera-se que o analista seja capaz de experimentar uma “*elaboração intelectual sublimatória (...) que desliza entre o desejo e a ação*” (DEUTSCH, *loc. cit.*, grifos deste autor). A noção de que a condução do processo analítico envolve identificação, percepção, desejo, ação e sublimação, no que tange ao que se desenvolve no analista implicado na condução da cura, aproxima bastante o pensamento de Deutsch do de Ferenczi.

Neste texto há uma analogia entre os processos psíquicos inconscientes no analista e os processos ocultos implicados em fenômenos telepáticos derivados de percepções aguçadas e desenvolvidas no analista, passíveis de serem objeto de comunicação entre os inconscientes envolvidos na situação analítica. A reflexão de Deutsch se desenvolve, evidentemente, com base no princípio de que há um forte componente erótico presente na situação analítica, que requer, para sua boa resolução, a “livre mobilidade da libido” no analista (DEUTSCH, *loc. cit.*). Considerações desta natureza são encontradas no “Diário clínico”, como é assinalado a seguir, de forma a elucidar, então, como o componente afetivo envolvido na situação analítica é levado em conta por Ferenczi, de maneira acentuada e singular.

Ao que tudo indica, as anotações que resultam no “Diário clínico” são escritas sob o impacto da crítica de Freud ao que este denomina “técnica do beijo” – que se encontra na

carta escrita por ele para Ferenczi, de 13/12/1931<sup>113</sup> –, pois o relato do fato de Ferenczi deixar-se beijar por certa analisanda se encontra logo no início das mesmas, ou seja, na terceira página do livro (edição brasileira). O acontecimento que motiva a recriminação de Freud conta com a participação de Clara Mabel Thompson, uma norte-americana candidata a tornar-se psicanalista e que se encontra em análise didática com Ferenczi, o que permite a suposição de que este episódio se constitui num fator bastante importante, envolvido na decisão de Ferenczi de registrar suas experiências clínicas, idéias e sentimentos, possibilitando, assim, que estas fiquem para a posteridade e se tornem algo que pode ser considerado um dos documentos clínicos mais importantes da história da produção psicanalítica.

A análise do episódio, desenvolvida por Ferenczi, inclui fundamentalmente os três temas principais abordados neste livro: os fenômenos psíquicos implicados no trauma, a experiência da análise mútua e as divergências entre ele e Freud. Estes dois últimos temas envolvem um questionamento sistemático e incisivo, focado na questão do dispositivo analítico, tal como estabelecido por Freud, e compreendem, dentre outros aspectos, uma crítica severa ao que Ferenczi considera se constituir em dois sérios problemas, freqüentemente apontados em sua insistente busca da condução da cura de seus pacientes: a falta de sinceridade (“hipocrisia”) e o distanciamento do analista (“insensibilidade”). Essas críticas remetem a pensar, obviamente, nos diversos procedimentos técnicos pouco a pouco elaborados por Ferenczi, em certa medida divergentes das recomendações técnicas formuladas por Freud. Ao que parece, todas as experimentações técnicas decorrem da perspectiva positiva atribuída por Ferenczi à contratransferência.

Em carta datada de 25/12/1929, dirigida a Freud, Ferenczi comenta extensamente seu interesse em distanciar-se da política da psicanálise, para seguir elaborando suas reflexões de forma independente e sem medo. Nesta carta, ele reitera a importância de suas decisões no sentido da renúncia a ocupar posições institucionais de destaque, afirmando ainda que, apesar de esta ser uma decisão dolorosa, lhe possibilitará dedicar-se com “redobrada curiosidade ao estudo dos meus casos” (FALZEDER *et al.*, 2000, p. 375). Já nesta época, torna-se clara a decepção experimentada por Ferenczi com relação às dificuldades encontradas na troca com os pares, no contexto do movimento psicanalítico então efervescente, já que este se dissemina por vários países, ao mesmo tempo em que é firmada sua opção por privilegiar a ‘troca’ com os pacientes. Em carta de 21/08/1932, ou

---

<sup>113</sup> FALZEDER *et al.*, 2000, p. 423.

seja, mais de seis meses após a data do primeiro registro clínico – 7/01/1932 –, que resulta no “Diário clínico”, Ferenczi declara mais uma vez estar decidido, diante da insistência de Freud para que assuma a presidência da API, posicionando-se não só no sentido da renúncia a este posto como também a disposição a “fazer correções de nossa prática e, em parte, também de nossos pontos de vista teóricos” (*ibidem*, p. 441). Nesta época, o trabalho “Confusão de línguas entre os adultos e a criança” já está preparado para ser apresentado no XII Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Wiesbaden, entre 4 e 7 de setembro. A caminho do evento, em visita a Freud em Viena, Ferenczi lhe apresenta a comunicação que tem a intenção de fazer no Congresso, em que não passa despercebida, certamente, uma elaboração teórica que contraria postulados estabelecidos pelo mestre.

Esta comunicação questiona a tese freudiana da fantasia infantil de sedução motivada por conflitos pulsionais suscitados no âmbito da vivência do complexo de Édipo, considerado como um complexo universal e decisivo com relação ao destino da subjetividade de todo indivíduo – ou seja, que considera que a trama pulsional envolvida na experiência do complexo do Édipo estabeleceria uma matriz, na subjetividade, que decide o destino do indivíduo, unilateralmente e de maneira indelével, portanto, desde o período da infância –, para propor a responsabilidade dos adultos na formação desta ‘trama traumática’ e a possibilidade de sua reversão mediante a experiência psicanalítica. Ou seja, Ferenczi propõe que o complexo de Édipo se forma na criança desde o modo apaixonado como as pulsões sexuais influem nas atitudes dos adultos, desde o que pode ser gerado o trauma que adquire, então, o significado de uma confusão refletida na subjetividade da criança, tornando-a vítima de uma clivagem narcísica que a afeta de modo a implicar uma espécie de des-subjetivação. Esta clivagem, provocada por um desmentido feito por um dos adultos, quanto ao acontecimento de uma sedução praticada por um outro, e que Ferenczi correlaciona à linguagem da paixão que seria própria dos adultos, gera uma dificuldade relativa à consolidação de um saber, na criança, sobre a diferença existente entre suas próprias demandas de afeto e as provenientes dos adultos, tornando-a propensa a manter-se passiva diante de demandas subseqüentes.

Freud manifesta sentir-se chocado na ocasião em que Ferenczi lhe apresenta o conteúdo de sua comunicação, considerando que a mesma significa “afastar-se fundamentalmente dos costumes e técnicas tradicionais da psicanálise” (*ibidem*, p. 443), mas silencia com relação ao proposto quanto à teoria. Este silêncio não é pouco significativo, se dele for extraída a hipótese, de resto bastante plausível, de que Freud ainda experimenta um sentimento de respeito em relação a Ferenczi, neste momento, devido à

força e à lógica da construção das teses defendidas por ele. Além disso, Ferenczi posiciona-se, como sempre, tratando Freud de maneira bastante respeitosa, ou seja, como um amigo a quem espera poder tudo dizer e dele escutar toda e qualquer verdade, numa condição ética formada com base no princípio de que deve prevalecer entre pesquisadores psicanalistas uma franqueza absoluta com relação a tudo que pensem, fazendo-o em prol do avanço e da consolidação do conhecimento psicanalítico. Assim, ele pretende que a prática estabelecida entre pares psicanalistas se desenvolva de maneira consentânea com o princípio da luta contra a repressão originada na cultura. No entanto, cabe aqui uma interrogação: haveria neste silêncio, da parte de Freud, quanto à questão teórica relativa à influência de fatores traumáticos na formação de patologias psíquicas, a manifestação de uma certa aquiescência com relação à proposição formulada por Ferenczi?

O fato é que, com base na crença de que alguns pacientes terão sido seduzidos por adultos (violação psíquica) quando crianças, e de que a veracidade do trauma ocorrido implica a formação de um complexo psíquico patológico marcado por clivagens que demandam do analista a radicalização de certos procedimentos no âmbito da técnica, Ferenczi elabora “Confusão de línguas entre os adultos e a criança” (1933), traduzindo com clareza a decisão tomada no sentido de sustentar teoricamente o que observa em sua prática clínica. Neste sentido, pode-se considerar que a compreensão intelectual do funcionamento de certas dinâmicas psíquicas, empreendida por Ferenczi, o leva a elaborar métodos próprios, sucessivamente, no intuito de melhor explorar o psiquismo de alguns pacientes, aos quais se dedica sem reservas e sem medo. Desta forma, Ferenczi não se furta a se expor ao extremo, procurando tolerar ao máximo o desenvolvimento em si próprio da contratransferência, por considerá-la um dispositivo relacionado à sinceridade e compreendê-la como um fator fundamental na produção de algo novo na vida do paciente, e que é por isso indispensável à remodelação de sua subjetividade.

Essa disposição incondicional para com a compreensão dos fatores envolvidos no sofrimento do paciente pode explicar o fato, certamente, de Ferenczi deixar que Clara Thompson o beijasse, ou até mesmo, pode-se considerar, de ele próprio ter a iniciativa de beijá-la, pois seu objetivo inarredável de obtenção da cura se manifesta sempre com muita clareza, ao longo de toda sua vida, desde a época em que começa a atuar na condição de neuropsiquiatra (*cf.* LORIN, 1993). O mesmo pode ser cogitado no que diz respeito à corajosa decisão, de Ferenczi, no sentido de se expor da maneira como o faz, ao registrar a intimidade dos pensamentos e ações suscitados em sua prática clínica.

Como tem sido apontado até aqui, a leitura teórica formulada por Ferenczi, em relação à formação de certas patologias, é estabelecida em estreita consonância com a tese de que o analista deve assumir certas atitudes em alguns momentos ou situações, com base em uma ética norteada pelo amor à vida, que implica, evidentemente, a assunção das emoções intrínsecas à existência de todo ser, apesar de estas serem, por vezes, difíceis de serem assumidas. Isto, no intuito de que possa ser efetivamente imprimida uma nova marca na subjetividade do paciente, forte o suficiente para contrapor-se à formação patológica originada desde a clivagem produzida em sua subjetividade. Para que esse objetivo possa ser alcançado, Ferenczi indica serem indispensáveis duas condições. Primeiramente, que o analista se identifique em certa medida com o paciente, sendo que essa identificação deve tornar-se possível à medida que ele seja capaz de reconhecer os fatores complexos envolvidos na contratransferência e relacionados também a sua própria subjetividade. Em segundo lugar, que o analista não tema utilizar sua sensibilidade e adotar atitudes que se mostrem ser eventualmente recomendáveis para a obtenção de um avanço do processo analítico.

Ambas as condições convergem para a noção preconizada por Ferenczi, em certo trecho do “Diário clínico”, em que se lê:

(...) nos resolvermos a ir radicalmente ao fundo das coisas, por meio da análise mútua (...) abandonar enfim a passividade e colocarmo-nos à disposição do paciente de uma maneira, diríamos, apaixonadamente ativa. O que é exigido aí é, na verdade, inabitual: a combinação aparentemente improvável do arrebatamento de um amor apaixonado, que só é comparável à abnegação de uma mãe, com uma ponderada superioridade e autocontrole, sem dúvida também a segurança de não ir longe demais e a sabedoria de ajudar o paciente, agora confiante, a reutilizar suas energias intelectuais unificadoras e chegar assim a conhecimentos (...) (FERENCZI, 1990, p. 171).

O referencial teórico-clínico psicanalítico centrado na transferência de afetos experimentados nos primórdios da infância, em relação aos pais, faz com que Ferenczi se identifique com a figura materna, preferencialmente, no lugar da paterna, como costuma ocorrer com Freud. No entanto, deve-se levar em conta que ele considera ser importante que o analista se posicione de maneira benevolente e simpática, sem, no entanto, abster-se de ser sincero, de forma que aí se encontra incluído o plano da realidade e a evocação eventual da figura paterna, mas não apenas. Um trecho de suas anotações clínicas indica com clareza o que está implicado na compreensão da sinceridade no analista, entendendo-a como um fator indispensável ao bom exercício da clínica e em articulação com o plano de realidade, de forma que o analisando seja conectado o mais possível com tudo o que lhe

acontece, ainda que isto possa causar-lhe eventualmente desprazer. A sinceridade, na prática clínica ferencziana, compreende a tentativa de levar o analisando a reconhecer os fatores envolvidos no plano da atualidade, o que implica, por sua vez, tudo o que diz respeito à presença do analista. Assim, Ferenczi conclui afirmando: “(...) alívio e capacidade de sentir as coisas independentemente do fato de que elas sejam agradáveis ou não. É assim introduzido o fim da identificação” (*ibidem*, p. 254). Ou seja, o processo analítico deve avançar no sentido da diferenciação e separação das partes envolvidas no mesmo, em respeito à verdade e a sua companheira, a sinceridade, de forma que analista e analisando não mais se identifiquem um com o outro. Obviamente, um processo analítico desta natureza implica a necessidade de que a confiança do analisando seja conquistada, de forma que o primeiro requisito, sugerido por Ferenczi, é o de haver uma identificação do analista com o analisando. Esta identificação se consubstancia, por exemplo, na técnica da ‘análise pelo jogo’, o que envolve, por sua vez, uma certa simetria entre analista e analisando.

Como vem sendo apontado, no entender de Ferenczi o processo analítico não pode deixar de incluir uma modalidade de abordagem que alcance as experiências muito primitivas enraizadas na constituição da subjetividade. No entanto, o que pode significar um deslocar-se em direção a um tal tempo, na verdade indiscernível? Ora, pode-se considerar que o fim da identificação, então assinalado, não se refere apenas a considerações relativas à prática clínica de Ferenczi, mas também a seu posicionamento em relação a Freud. Deve-se levar em consideração que Ferenczi manifesta, na ocasião em que decide escrever suas anotações, encontrar-se sensível a questões que o levam a fazer críticas duras a um outro, seu mestre respeitado e interlocutor permanente. Há uma oportunidade em que Ferenczi chega a afirmar, por exemplo, que Freud sofre de “inibição da ação” e de “impotência relativa” (*ibidem*, p.172)<sup>114</sup>. Afirmações como estas remetem à reiterada consideração, muitas vezes assinalada por Ferenczi, de que o analista deve estar implicado na análise de maneira tão plena quanto confiante, em função de seu compromisso com a cura, e que, para tanto, não pode deixar de posicionar-se da forma que as associações livres – e ações – do analisando o recomendarem. Neste contexto de considerações, pode-se considerar que há uma insuficiência da análise de Ferenczi, e um ressentimento não dissimulado, e que ambos os fatores se misturam, tornando suas

---

<sup>114</sup> Vide um outro texto de Kupermann (2003b), a este respeito, por sua sugestiva abordagem de considerações de Ferenczi, relativas à importância da ‘libido do analista’ na condução da cura. Kupermann articula a questão da “libido do analista” às dificuldades encontradas pela clínica psicanalítica, na contemporaneidade, o que vem ao encontro de preocupações que são também deste autor.

conclusões não confiáveis. No entanto, pode-se também considerar que Ferenczi experimenta uma liberdade admirável, e que esta influi, certamente, nas sucessivas experimentações técnicas realizadas por ele, até mesmo repercutindo, por exemplo, na elaboração da análise mútua, um método que ele chega a reconhecer como problemático, devido ao fato de o analista posicionar-se de maneira demasiadamente simétrica na relação com o analisando.

Se as experiências de algumas análises mútuas levadas a cabo por Ferenczi dão algum resultado, isso pode ser verificado mediante a leitura do relato do processo analítico experimentado com uma dessas analisandas, identificada como R.N., que é justamente quem tem a iniciativa de propor a aplicação desta técnica. Em um fragmento da descrição desta análise pode ser encontrado, também, um dos sentidos atribuídos por Ferenczi à experiência da amizade na clínica. Desde seu exame, esta pesquisa propõe que a amizade, para Ferenczi, está associada ao que se encontra na origem do reconhecimento da importância da benevolência materna; ou seja, o que aqui se cogita é que se trata da produção no analista de uma disposição a representar algo mais para o analisando, do que uma autoridade parental tanto acolhedora (materna) quanto distante (paterna). A percepção da criança (no paciente adulto), de haver uma autoridade parental (analista) desta natureza, possibilita que seja processado um complexo afetivo que pode ser relacionado à amizade, pois a constituição de um vínculo afetivo como a amizade envolve um estímulo assegurador à repetição da trama transferencial relacionada a sua história. Isto porque, como já foi indicado, a transferência não é compreendida por Ferenczi como restrita apenas a um passado que a situação analítica deve elucidar. Em seu ponto de vista:

(...) não se pode negar que o trabalho paciente de oito anos merece ser reconhecido e que uma criança martirizada quase até a morte tem que ser tratada com ternura. Mas quando deve, pois, começar a adaptação à realidade? Será possível levar a doente a renunciar a suas fantasias irrealizáveis? Por vezes, quase me desespero, mas a perseverança até aqui tem sido sempre gratificante. Hoje, por exemplo, ela sonhou com um touro que a ataca, sente já o contato do chifre com sua pele, e se entrega. Isso lhe salva a vida, porque o animal perde todo o interesse pela criatura que não se defende mais e parece morta, e a deixa em paz. Entretanto, a paciente não me acha ainda suficientemente arrependido, mas, por outro lado, como esse sonho mostra, ela talvez esteja atualmente disposta a respeitar o fato de que eu a reconheço e lhe demonstro *amizade*, e pronto a renunciar a muitas coisas. Até aqui, valia a pena, portanto, controlar com energia os eventuais impulsos de impaciência e assumir uma grande parte da responsabilidade por essa impaciência. O analista não tem que se irritar, mas compreender e ajudar. Quando a aptidão para fazer isso é bloqueada, ele deve procurar as falhas em si mesmo (*ibidem*, p. 199-200, grifo deste autor).

A utilização de um vocabulário claramente relacionado a afetos, como “ternura”, “desespero”, “touro que ataca”, “se entrega”, “arrependido”, “impaciência”, “se irritar” e, finalmente, “amizade”, deriva do posicionamento de Ferenczi contra o que “existe de artificial nos comportamentos do analista” (*ibidem*, p. 42), coisa que tanto o incomoda em sua análise e relacionamento mantido com Freud, e que o leva a fazer críticas à prática clínica então usual. Assim, em lugar de sentir com a cabeça, Ferenczi assinala que o psicanalista deve “sentir com o coração” (*ibidem*, p. 123), enfatizando, desta forma, a importância da dimensão econômica implicada nos afetos envolvidos no encontro analítico. Além disso, observa-se neste trecho citado, que a amizade é relacionada ao analista “renunciar a muitas coisas”. A dimensão econômica das trocas estabelecidas entre o analista e o analisando não prescinde, evidentemente, da competência interpretativa direcionada para a elucidação dos conteúdos psíquicos intrínsecos aos movimentos psíquicos, mas Ferenczi considera ser imprescindível que se torne possível um acontecimento significativo na análise, o que, em seu entender, é não raramente negligenciado por Freud. Neste sentido, pode-se compreender que a amplitude afetiva e a sensibilidade, geradas pelas disposições amistosa e analítica propostas por Ferenczi, podem ser consideradas elementos centrais constitutivos da ‘elasticidade’ que caracteriza sua prática clínica, e que é firmada nos últimos anos de sua vida. É importante notar que não se pode dissociá-la das outras experiências bastante significativas, ocorridas em sua vida, como no caso do que se desenvolve entre ele e Freud. É desde este complexo de fatores, então, relacionados ao interjogo estabelecido entre transferências e contratransferências, que se pode entender a proposta de Ferenczi de lograr na análise “uma espécie de desconstrução do superego [que possa] levar a uma cura radical” (FERENCZI, 1928, p. 34). Há que se considerar, portanto, desde as considerações notadamente formuladas nos últimos anos de sua vida, que são muitos os superegos então visados por ele.

Há fortes indícios de que a narrativa da luta empreendida por Ferenczi em sua prática clínica deriva de laços de amizade estabelecidos a partir de uma compreensão bastante singular do que seja amizade. É possível notar que a importância deste laço afetivo é suscitada a partir de experiências ocorridas ao longo de sua vida, nas quais influem, ao mesmo tempo, desprazeres e satisfações proporcionadas por interlocuções tornadas possíveis devido a uma compreensão singular do que seja uma amizade. Neste sentido, no que concerne à compreensão de Ferenczi quanto ao que deve se constituir num alicerce de sustentação da experiência psicanalítica, cabe concluir que a identificação do analista com o analisando, em sua condição infantil, implica a condição de possibilidade de

aquele utilizar a contratransferência de forma dinâmica, como num jogo, desde o qual é elaborada a atitude dita materna benevolente, que deriva de uma síntese estabelecida entre a identificação do analista com a criança de outrora – que se encontra bastante viva no analisando – e a ação elaborada do acolhimento dito materno. É importante notar, no entanto, que se o analista deve estar atento e próximo. Agindo como uma mãe, ele deve ser capaz de propiciar a regressão, mas deve ao mesmo tempo ocupar um lugar diferenciado, posicionando-se tão somente enquanto uma pessoa interessada em conceder um suporte, o que implica também se posicionar de forma distante e diferenciada.

Esta duplicidade de atitudes implica que o analista se apresente como um amigo, em certa medida, no intuito de poder ajudar de modo efetivamente conveniente. A confiança conquistada pelo analista junto ao analisando, uma vez verificada a possibilidade inicial da identificação, consiste em algo fundamental para o encaminhamento da cura, mas só pode ser estabelecida à medida que for associada à geração de “um novo começo”; este, por sua vez, só pode ser propiciado por um laço de amizade analítica formado. Nesta perspectiva, pode-se compreender que o analista seja até mesmo figurado como “um touro que [a] ataca”, conforme relatado na citação aposta na página anterior, o que lembra a figura do agonismo apontada em algumas reflexões de Foucault.

O analista, ao posicionar-se como um outro eu – ou como um alterego – que não se furta a experimentar procedimentos técnicos os mais variados, à medida do que se mostrar necessário, e que também não se furta a expressar seus afetos e pensamentos com sinceridade, à medida do que se mostrar conveniente, torna-se então um novo ‘outro’ para o analisando. Um dos requisitos para que isto ocorra diz respeito à influência da contratransferência na elaboração da transferência, sendo desde este ‘jogo’ inicial que é criada a condição de possibilidade de o analista ser desvelado como um outro ser, para que ele possa ser reconhecido como uma parte significativa da realidade e da atualidade do analisando. Assim, pode-se esperar que este possa conseguir estabelecer uma diferenciação entre o si próprio e as imagos parentais formadas outrora, para que seja tornada efetivamente possível a alegria de um ‘novo começo’.

---

**CONCLUSÃO**

Uma pesquisa dessa natureza, que se propõe a uma reflexão acerca de um tema correntemente mencionado por um autor, sem que o mesmo tenha, na verdade, se dedicado a uma elaboração consistente do mesmo, sofre a influência, ao menos em certa medida, de variantes relacionadas à subjetividade do pesquisador. Neste sentido, não se pretende propor um juízo cabal sobre a intenção de Ferenczi ao utilizar expressões como “amistosa benevolência”, “amizade tácita” ou, simplesmente, a palavra “amizade”. No que tange a suas concepções sobre a clínica psicanalítica, a utilização de expressões que têm estreita afinidade com a questão da amizade – e com a dimensão do afeto na clínica – evidencia a importância dada por Ferenczi à identificação do analista com os inúmeros aspectos envolvidos no sofrimento do analisando, de forma a repercutir nas experimentações técnicas realizadas. Assim, esta pesquisa destacou o compromisso de Ferenczi com a cura do paciente e, neste sentido, a atenção dada à dinâmica dos afetos gerados na situação analítica, e também chamou atenção para a importância dada, por ele, para a formação de parcerias no campo psicanalítico, em prol da elaboração de um saber interessado no desvendamento dos mistérios da mente humana e, até mesmo, da vida como um todo.

Em respeito a considerações desta natureza, que apontam a existência de uma parcela de elementos subjetivos envolvidos na produção desta pesquisa, foi destacada a preocupação com a franqueza e a sinceridade, sempre presentes em Ferenczi. Estas virtudes são consideradas indispensáveis também por este autor, tendo em vista o objetivo terapêutico da psicanálise, e a convicção de que este objetivo implica a necessidade de que sejam debatidas, permanentemente, questões que envolvem a complexidade com a qual a clínica psicanalítica está comprometida, mesmo que não se tenha a pretensão de poder obter-se uma absoluta eliminação de sintomas, no campo dos distúrbios psiconeuróticos. Espera-se, no entanto, que um debate sincero e franco suscitado por esta pesquisa possa possibilitar um estímulo à criatividade na prática psicanalítica.

Por não estar comprometido com a invenção da psicanálise e preocupado demasiadamente em preservar verdades estabelecidas e formuladas desde parâmetros bastante diferenciados dos de outros saberes, como ocorreu no caso de Freud, Ferenczi viu-se na possibilidade de poder oscilar entre as posições de aluno e de mestre, conforme ele mesmo o afirmou em certo momento, desfrutando de uma liberdade que se constituiu, sem dúvida, num fator importante de sustentação de intercâmbios que o auxiliaram a prosseguir em sua trajetória pessoal e profissional. Da mesma forma, este autor se outorga uma certa liberdade, ao fazer interpretações voltadas para o sentido dado à amizade na situação

analítica, por Ferenczi, mas, obviamente, procurando elaborar uma sustentação para suas interpretações mediante a realização de uma pesquisa da vida e da obra deste grande psicanalista.

A continuidade de uma trajetória pessoal, em que se destaca a referência ao laço de amizade como um vínculo comprometido com descobertas de verdades e com o desvendamento dos mistérios envolvidos na constituição da subjetividade, está ligada, compreensivelmente, às matrizes familiar e cultural que marcaram a subjetividade de Ferenczi, como ficou demonstrado. A conjugação de variantes relacionadas à esfera de sua subjetividade, de tal maneira favoráveis a um interesse acentuado por trocar idéias e dialogar, mesmo que suscitando conflitos, sem que estes resultem necessariamente em rupturas – seja no âmbito intrasubjetivo seja no intersubjetivo –, denota que Ferenczi foi dotado de um elevado grau de sociabilidade. Este elevado grau de sociabilidade, demonstrado através da descrição do relacionamento mantido com Freud, Rank e Groddeck, tornou clara a influência exercida por vínculos de amizade, que terão influenciado, por conseguinte, na evolução das idéias e práticas terapêuticas elaboradas por Ferenczi.

A pesquisa realizada apresentou indícios significativos de que o vínculo de amizade diz respeito a um modo de vida praticado por Ferenczi; no seu caso, diversamente do que ocorreu com Freud, o vínculo com o outro foi de muita importância. Ou seja, a vida e a obra de Ferenczi demonstram que este considerava o vínculo com o outro como algo fundamental no processo de autoconstituição ética de si próprio, e na condução da prática terapêutica voltada para o reconhecimento do outro em suas aflições, de forma a ajudá-lo a libertar-se dos prejuízos causados por traumas psíquicos. O confronto realizado nesta pesquisa, com relação ao modo diferenciado de Freud e de Ferenczi conceberem a amizade, possibilitou a percepção da importância que este afeto tinha para este último.

A presente pesquisa apresentou perspectivas diversas, no intuito de esclarecer a importância do vínculo de amizade no âmbito da clínica, conforme Ferenczi o propôs em vários momentos de sua vida e obra. O sentido dado por Ferenczi a este laço afetivo e a suas implicações na prática clínica pôde ser esclarecido a partir da aproximação realizada das reflexões filosóficas a ele relacionadas. Tendo clareza, então, da importância de se formar um vínculo de amizade entre analista e analisando, tal como se revela presente na clínica ferencziana e na vida pessoal deste grande psicanalista, cabe agora destacar, de forma resumida, os elementos extraídos das reflexões filosóficas que auxiliaram na argumentação conclusiva desta pesquisa.

Conforme foi apontado, Ortega desenvolveu sua pesquisa a partir da preocupação com o fenômeno do esvaziamento da vida política, processado desde a Modernidade, tendo este sido acompanhado pelo declínio dos laços de amizade. Ao mesmo tempo, segundo este filósofo, deu-se a hegemonia de parâmetros conceituais que fundaram a família nuclear, na cultura, fazendo com que o laço de amizade passasse a ser compreendido, pouco a pouco, apenas num certo sentido. Ao problematizar o sentido familiarista atribuído historicamente à amizade, Ortega colocou em foco os problemas do individualismo e da privatização dos afetos, gerados a partir de certo momento histórico, e que foram acompanhados pelo isolamento do indivíduo em relação à vida coletiva, constituindo-se estas variantes, então, em determinantes importantes na formação das subjetividades. Estas variantes contribuem na formação de subjetividades que se constituem em verdadeiros desafios para a prática psicanalítica na contemporaneidade, tendo em vista uma das características principais desta última, ou seja, a de operar pela via do diálogo estabelecido entre analista e analisando. Essas formações de subjetividades, pouco suscetíveis a interagir com o estranho ou diferente, caracterizam-se também por uma redução do senso de responsabilidade em relação a escolhas e ao próprio destino, e pelo esvanecimento da dimensão do outro e do interesse do indivíduo por sua própria autotransformação, o que agrava o grau de dificuldade para o encaminhamento da prática psicanalítica, uma vez que esta se sustenta no diálogo e na relação estabelecida entre o analista e o analisando.

Primeiramente, tomando por base a Grécia antiga, Ortega assinalou a associação, então existente, entre a elaboração ética de si e a da vida em comunidade. Considerados como elementos formadores da elaboração ética de si, o conhecimento e as práticas de si, àquela relacionadas, constituíam-se em objetivos de todo o indivíduo livre, pois se acreditava que somente através destes a liberdade poderia ser alcançada. Assim, tornar-se livre implicava o responsabilizar-se, e a responsabilidade implicava, por sua vez, um esforço por aproximar-se da Verdade e do Bem; no entanto, tal esforço incluía o diálogo com o outro. Como esta elaboração ética de si deveria estar associada ao diálogo com o outro, por compreender-se que somente este poderia dissipar a ignorância e suscitar a felicidade, a relação do indivíduo com tudo o que se encontrava na exterioridade constituía-se numa lei. Observa-se, então, que o desenvolvimento do indivíduo da Antiguidade estava intimamente associado ao da comunidade, de forma que, na Grécia antiga, a figura do amigo era mais privilegiada do que as figuras relacionadas à família.

Como Ortega advertiu, com o decorrer do tempo a família nuclear passou a gozar de um *status* substancial na vida política, e o vínculo de amizade passou a ser associado à

fraternidade, contribuindo para o esvaziamento da vida política e a abertura de brechas para a produção de totalitarismos, segmentações e isolamentos, já que discriminações e exclusões são agravadas a partir da perda de importância dos espaços públicos, ocasionada pela crescente importância dada aos vínculos cultivados no espaço privado da família. Par e passo, o imaginário relacionado à amizade passou a contemplar elementos bastante questionáveis, de natureza narcísica, de forma que foi dissipada a associação da amizade com o processo de autotransformação e reiterada a conservação do Mesmo. Alguns dos traços narcísicos característicos da estrutura de vínculos de amizade modernos (familialistas) são a rejeição ao que é considerado estranho – a partir da identificação do que não é familiar –, a perda do interesse pela vida pública, a inflação de interesses egoístas e imediatos, e ainda, a atribuição de um poder incomensurável ao amor, como uma estratégia para ser obtido o total apaziguamento do sofrimento. Daí a importância do que Jurandir Freire apontou, ou seja, no sentido de que se deve desvincular amizade de amor e de sexo, ao pretender-se pensar aquele vínculo como relacionado à possibilidade da produção efetiva do novo e de transformações, no âmbito das subjetividades.

Com o incremento do valor dado ao amor, ocorrido desde o período histórico do romantismo, e com a ascendência da família enquanto instituição, os indivíduos passaram a considerar o outro amado/desejado como um objeto que deve se encontrado/criado, para em seguida permanecer à disposição para o apaziguamento de todo e qualquer sofrimento. Neste sentido, amizade e amor foram compreendidos como afetos distintos. Além disso, a distância e as diferenças implicadas na existência do outro estrangeiro passaram a ser consideradas inconvenientes, por poderem provocar sofrimento. O caráter de utilidade/meio do objeto amoroso passou a destacar-se, então, prevalecendo sobre a condição de fim em si mesmo. Uma vez consumada a natureza narcísica implicada num vínculo amoroso assim concebido, devido a sustentar-se na exaltação do amor como forma de apaziguamento do sofrimento, foi-lhe subtraída qualquer experiência agonística, o que envolveu o esvaziamento da luta necessária a todo processo de autotransformação possibilitada por relações, quando permeadas por uma intensidade afetiva.

No que se refere a relações de amizade, verificou-se que uma perspectiva agonística compreende a possibilidade de haver conflito entre as partes – como também uma incitação recíproca com vistas à autotransformação dos parceiros – e a própria impermanência da relação, diversamente do que é definido desde as esferas de laços sanguíneos ou de vínculos amorosos firmados sob as égides da dominação e da segurança, uma vez que estas condições estão implicadas no interesse do indivíduo pelo

apaziguamento absoluto do sofrimento. Trata-se, portanto, como advertiu Jurandir Freire, da conveniência de se elaborar uma ética da amizade, em que não sejam encontrados traços característicos da ética do amor-romântico; ao menos exclusivamente, pode-se acrescentar, e onde se verifiquem, também, as possibilidades da distância, da assimetria, da irreciprocidade e do esquecimento.

Desde uma perspectiva reflexiva, em que o indivíduo e seu meio social são compreendidos de forma tanto em conflito quanto integrada – portanto, de forma análoga à de Ferenczi pensar –, e ainda, considerando aquele como um ser que se constitui desde um corpo e uma mente indissociados entre si, Ortega voltou-se, com acuidade, para as reflexões de alguns filósofos interessados em processos de subjetivação – ou seja, interessados no modo como se constitui o sujeito-indivíduo –, sem que se perca de vista a preocupação com o (con)viver democrático. Neste contexto de interesse, destacou a atenção dada ao vínculo de amizade e a sua história, pela filosofia. O foco sobre o indivíduo, considerado num campo intersubjetivo e na cultura, colocou em pauta a compreensão de que é inevitável que sejam experimentadas tensões, e mesmo crises, pois que as transformações necessárias na esfera da subjetividade somente se tornam possíveis à medida que se tornam possíveis os encontros realizados com o outro em sua diferença, ainda que tal coisa se dê, eventualmente, no contexto de uma radicalidade. No que tange à diferenciação entre a amizade e o amor, a pesquisa da obra de Ferenczi revelou que este autor fazia uma diferenciação importante entre amizade e amor, tantos são os momentos em que se refere àquela. Neste sentido, verificou-se que seja em alguns filósofos contemporâneos seja em Ferenczi, o vínculo de amizade tem tanta importância quanto o amoroso.

Os questionamentos apresentados por Derrida, por exemplo, constituem-se num dos índices de importância dada ao laço de amizade na contemporaneidade. Chamou a atenção deste autor o fato de este filósofo ter buscado desconstruir as condicionantes emocionais envolvidas no vínculo de amizade, dando destaque a problemas que costumam se produzir desde os vínculos primários estabelecidos na esfera do núcleo familiar. Assim, trata-se de pensar a amizade, com Derrida, não mais desde uma busca de confirmação das insígnias do eu, elaboradas apenas ao nível do discurso e do pensamento, mas desde as ações e os acontecimentos nos quais os indivíduos se engajam, quando verdadeiramente interessados em dar curso a um processo de autotransformação que se impõe permanentemente, e que envolve a realização de lutas, tanto pelo próprio bem-estar quanto pela construção da democracia e da boa convivência em comunidade.

A desconstrução derridiana do familialismo implicado na forma como é considerada a amizade, habitualmente, colocou em destaque a importância do outro estrangeiro – a diferença –, na constituição de uma subjetividade que experimenta, sobretudo na contemporaneidade, a necessidade de processar sua autotransformação num campo de tensões acentuadas, tanto pessoais quanto comunais. Neste sentido, a presente pesquisa confirmou a importância da advertência feita por Derrida, para a reiterada insistência, de resto bastante problemática, observada em diversos discursos sobre a amizade, como o de Schmitt, em que é afirmada a conveniência de o indivíduo proteger-se de inimigos, levando-o a encerrar-se em trincheiras formadas com os que lhe são familiares. A partir deste tipo de proposição são planejadas estratégias e executados ataques ao que se apresenta como diferente, sendo enfatizados o amor ao próximo e a hostilidade ao estrangeiro e ao distante, e também cultivados o medo, a obediência e a culpa, o que contribui para o surgimento de propostas políticas e sociais tanto messiânicas quanto totalitárias, assim como para a produção de distúrbios emocionais.

Contrariando esta tendência, manifesta na forma como é concebida tradicionalmente a amizade, Derrida procurou despi-la de idealizações e dissipar as oposições estabelecidas entre o Bem e o Mal, ou entre o bom e o mau amigo, ou ainda, entre o amigo e o inimigo. Também questionou as dissimetrias excessivas ou não cambiáveis, cuja finalidade principal é a promoção da segurança do indivíduo. A questão da segurança, por sua vez, via de regra considerada como uma conveniência, remeteu à do aprisionamento do indivíduo em sua origem e raízes, e à tendência deste a conformar-se e a manter-se recusando o que é estranho ou desconhecido. Em suas reflexões, Derrida enfatizou, com propriedade, a importância da distância e de dissimetrias que sejam intercambiáveis, assinalando que a possibilidade da análise – e do conhecimento de verdades, portanto – está relacionada à existência de uma autonomia entre partes que são necessariamente constituintes do que é produzido (no caso, o saber), o que depende de as relações serem pensadas como sempre móveis. Quis Derrida, com isso, evitar as sínteses que são produzidas no âmbito de relações rigidamente dissimétricas e hierarquizadas, e que resultam, por conseguinte, em totalizações e totalitarismos. Esta formação desejante de sínteses reflete, por sua vez, a dominância de uma cultura conceituada pelo filósofo como familiarista e androcêntrica. O androcentrismo – ou o falocentrismo – implica a exclusão do feminino, cuja diferença questiona a primazia da virilidade masculina, assim como a primazia da relação dos homens entre si, em prol da elaboração dos saberes e do monopólio por aqueles detido, da descoberta e produção de verdades.

Similarmente, verificou-se que Ferenczi, divergindo de Freud, concedeu destaque à importância da mãe (ente feminino) na constituição da subjetividade e também chamou atenção para a identificação do analista com a função materna, caracterizando-a primordialmente como uma função passiva, mas ao mesmo tempo acolhedora, o que o levou a concebê-la como um elemento ativo na atualidade do analisando, pois que fundamental na geração de uma “nova partida” (FERENCZI). Como esta pesquisa apontou, por também pensar a função do analista incluindo a atividade e a elasticidade – ou passividade elástica, como Balint propôs –, de forma a poder contribuir na produção de um “novo começo” (cf. BALINT) no âmbito da subjetividade do analisando, Ferenczi também representou por vezes o analista como um amigo. No caso das considerações de Derrida sobre a idealização de Ferenczi em relação a Freud, pode-se com ele concordar, e ainda reconhecer que havia em Ferenczi uma inclinação, manifesta sobretudo em certa ocasião de sua vida, no sentido de uma elaboração idealizada do vínculo de amizade, de forma a concebê-lo pouco propenso ao acolhimento de diferenças. Esta postura de Ferenczi pode ser percebida, por exemplo, nas circunstâncias em que se desenrolaram os conflitos de Freud com Jung, sendo que Ferenczi posicionou-se decididamente ao lado de Freud.

A questão da não-masculinidade, ou de formas de subjetividade que problematizam a primazia da virilidade sobre o vazio (ausência), é uma das que foi destacada no pensamento de Foucault, por esta pesquisa, uma vez que se trata de um outro filósofo interessado no tema da amizade, cujo pensamento vai ao encontro de preocupações encontradas em Ferenczi, e que são observadas sobretudo nos anos que se seguiram ao episódio citado acima. No contexto da problematização foucaultiana do tema da amizade destacou-se o deslizamento operado da questão do poder para a do sujeito, tendo sido este último cada vez mais considerado em suas singularidades históricas e contingenciais, de tal forma que os processos de subjetivação passaram a se constituir nos objetos principais das pesquisas realizadas por Foucault. A visibilidade dada a processos de subjetivação e às singularidades históricas implicadas nos mesmos envolveu os esforços deste filósofo por desvendar uma inflexão libertária presente nas subjetividades de todos os tempos e, como esta pesquisa indicou, a questão da liberdade é também importante no pensamento ferencziano. O acentuado interesse de Foucault por pensar práticas libertárias está refletido, inclusive, em suas práticas de vida, estas também libertárias, o que apresenta uma coincidência relevante como o modo de Ferenczi viver. O interesse de Foucault por práticas libertárias reflete seu engajamento na formulação de propostas políticas que contemplem os problemas enfrentados na esfera de processos de subjetivação

contemporâneos, de forma que se pode estabelecer, com Foucault, uma contigüidade entre o individual e o social, importante também para se pensar uma psicanálise que se requer sempre criativa para poder operar terapêuticamente, como Ferenczi pensava.

Assim, na companhia de Foucault, e na de Derrida e Ortega, esta pesquisa se propôs a examinar o sentido da amizade em Ferenczi, considerando os elementos nela implicados como uma proposta de luta contra o esvaziamento da esfera do político (espaço da exterioridade do sujeito, em relação à fantasia) na clínica psicanalítica, e também contra a hegemonia do saber sobre a prática clínica, de forma a oferecer um subsídio que habilite o analista a resistir às freqüentes frustrações experimentadas na clínica. Essas questões, relativas ao indivíduo e à cultura, e ainda, à micropolítica da vida cotidiana, na contemporaneidade, são discutidas notadamente no último período da obra de Foucault, em que a amizade é algumas vezes apontada como um tema importante, sendo relacionada, significativamente, a um dos modos de vida que implicam a elaboração de uma 'arte da existência', o que também aproxima seu pensamento do de Ferenczi.

À medida que se conceba a prática analítica como um jogo que compreenda uma parcela de tensão – como o propôs Ferenczi –, que pode então ser relacionado à arte, é possível concluir que os argumentos arrolados nesta pesquisa foram bastante enriquecidos pelas contribuições dos citados filósofos. Essas contribuições ao tema proposto auxiliaram, indubitavelmente, no esclarecimento do sentido atribuído por Ferenczi à amizade. Ou seja, a consideração de haver uma espécie de jogo na situação analítica permite associá-la a uma forma de amizade, como a que os filósofos têm procurado pensar. Portanto, trata-se aqui, desde a ótica proposta por Ferenczi, de pensar o analista como um amigo do analisando, ao mesmo tempo próximo e distante. Trata-se ainda, de sugerir a importância de o analista fazer operar, na direção da cura, uma variante afetiva que possa 'tocar' o analisando com tato, evidentemente, o que implica, inclusive, que ele resista à tendência, geralmente verificada, de utilização da leitura psicanalítica que foca apenas o campo restrito da intimidade formada na história pessoal do analisando (intrasubjetiva), ou seja, voltada apenas para o seu passado. Na vertente terapêutica ora questionada, o processo analítico é pensado como restrito ao exame das energias intrapsíquicas, firmadas unicamente desde a infância, e desde os padrões econômico-libidinais estabelecidos outrora. Num sentido diverso, propõe-se que o processo analítico conceda também atenção ao que é engendrado desde a atualidade, e que não se atenha apenas ao âmbito estrito do encontro analítico realizado por duas pessoas que se posicionem isoladas do mundo. Desta forma, pode-se contribuir para que sejam pensados alguns parâmetros teórico-técnicos, que auxiliem num

combate à “tirania da intimidade” (SENNET, *apud* ORTEGA), geralmente processada nas análises tradicionais.

A pesquisa dirigida por Foucault, ao focar o cuidado de si característico da Antiguidade, em que o outro é necessariamente considerado, ao lado das de outros filósofos, suscitou elaborações que são do interesse da atualidade, como a relacionada ao tema amizade, suscitando um universo de considerações que interessam aos psicanalistas. Neste contexto de reflexão, constatou-se que trabalho, responsabilidade e prazer podem – e devem – ser articulados entre si, uma vez que se considere ser imprescindível que se resista às forças homogeneizantes desenvolvidas na contemporaneidade. No interesse de processar o oposto, o pensamento de Foucault chamou a atenção para uma questão que mantém afinidade com a psicanálise: a da relação do indivíduo com o mestre na Antiguidade, quando aquele se lança em busca do conhecimento de verdades – a *parrhêsia* –, e se insere num contexto no qual a franqueza deve ser cultivada. Aí também se insere a *therapeuein*, uma prática que envolvia a terapia da alma, considerada como sendo uma das modalidades de cuidado de si bastante importante na Antiguidade. O destaque dado por Foucault a essas práticas de vida, na Antiguidade, envolve preocupações que lembram algumas das que movem a elaboração do saber psicanalítico e, particularmente, temas propostos por Ferenczi.

Assim, auxiliada pelo saber originado no campo da filosofia, acredita-se que esta pesquisa pôde obter esclarecimentos consistentes para se pensar algumas condições éticas que orientem os processos que influem na autotransformação do sujeito, como por exemplo, os que envolvem a promoção do bem-estar individual conjugado à esfera do social, sem que isso envolva qualquer discriminação à pluralidade de formas subjetivas encontradas na natureza humana. Afinal, uma postura ética desta natureza terá certamente influenciado na atenção dada por Ferenczi ao acontecimento real, elucidando inclusive a participação do analista na repetição do trauma psíquico, de forma a poder finalmente considerar o evento traumático como uma eventual incompatibilidade entre a linguagem dos adultos/analista (paixão) e a da criança (ternura).

Como foi apontado, ao focar o vínculo de amizade, compreendendo-o em íntima associação com as relações estabelecidas pelo indivíduo tanto com a verdade quanto com o mestre, e também referido à prática do cuidado de si – que não envolve apenas o conhecer a si mesmo –, e conceder importância à elaboração de práticas de vida consideradas como arte ou estilo de existência, Foucault advertiu para as condições mediante as quais é formada a cultura de si. É legítimo pensar, vale notar, que Foucault encontrava-se aí

implicado, nesta cultura de si, tanto quanto Freud e Ferenczi em sua época, a ponto de levá-los à elaboração do saber psicanalítico. Como se procurou evidenciar, o pensamento e a postura de filósofos que exercem uma crítica rigorosa em prol da liberdade do indivíduo os aproxima de questões notadamente presentes em Ferenczi. Dada a preocupação de Ferenczi em articular saber psicanalítico e prática clínica, efetivamente, considerando tanto a importância da busca da cura quanto da liberdade dos indivíduos, e levando em conta as condições reais de desenvolvimento e de existência dos mesmos, nota-se que seu pensamento é norteado por um sentido ético que o aproxima das reflexões filosóficas.

A cura envolve a realização de um trabalho psíquico que é notoriamente difícil, e no qual o analista deve estar implicado sem medo, como o postulou Ferenczi, advertindo para o fato de que o analista não pode ter medo ao buscar a desconstrução de superegos. Assim, pode-se concluir que, segundo Ferenczi, o analista não deve temer ser confundido com um amigo, pelo analisando, e tampouco deve temer o ‘agonismo’ implicado em lutas eventualmente observadas no processo analítico. O problema maior reside, ao que parece, na tendência a se considerar, no campo psicanalítico, e de forma superegógica, as condições mediante as quais o processo analítico deve ser conduzido a seu êxito, na perspectiva de que o analista deve procurar evitar que ocorram interrupções intempestivas do processo, por exemplo, utilizando-se de recursos que acredita servirem de garantias, como o silêncio e a ‘neutralidade’. Uma acentuada preocupação desta natureza faz com que o analista se mantenha relativamente imobilizado na situação analítica. Com isso, ele procura evitar que ocorram situações no *setting* analítico que possam levar ao que possa ser considerado um fracasso terapêutico. Atuando em outra direção, posto que preocupado com o fato de que a psicanálise elabore metodologias direcionadas para a obtenção de sucessos terapêuticos, Ferenczi, como se procurou demonstrar, não se furtou a elaborar teorizações diversas das de Freud, a partir de sua escuta e observação, concluindo ser necessário questionar a ortodoxia psicanalítica e sobretudo sua prática. Neste sentido, empreendeu sucessivas experimentações técnicas que podem ser consideradas verdadeiros acontecimentos clínicos, tal como se pôde evidenciar quando do exame do que resultou no “Diário clínico”.

Uma das propostas por Ferenczi, como por exemplo, a relativa à importância de se pensar uma metapsicologia dos processos psíquicos do analista – em que o narcisismo deste é apontado como uma variante problemática para a condução da cura –, pode ser associada à importância de a escuta analítica ser acompanhada por uma considerável implicação do analista na situação analítica, o que não diz respeito necessariamente a dar

continuidade a seus próprios interesses. Por isso, Ferenczi concedeu atenção privilegiada ao interjogo transferência/contratransferência, significando-o como também relacionado ao investimento libidinal do analista num analisando que demanda mudanças. Daí utilizar um vocabulário bastante significativo, ao descrever a participação do analista neste interjogo: coragem, benevolência, amabilidade e sinceridade. Ou seja, Ferenczi entendeu que a situação analítica deve ser regida por uma atmosfera amistosa e afetiva, o que implica que o analista deva também se apresentar, diante do analisando, como uma figura da atualidade, que persiste e insiste na desconstrução de superegos, e que, para tanto, necessita ser capaz de correr riscos, abstendo-se então de seus interesses narcísicos.

Ao refletir sobre diversos aspectos envolvidos na compulsão à repetição e destacar a importância terapêutica da regressão, comprometendo o analista com a produção de um “novo começo” (BALINT), Ferenczi encontrava-se motivado pela crença na possibilidade de o analisando elaborar novos estilos de ser e novos modos de vida. É importante ressaltar, que a ênfase concedida ao fato de o analista precisar dispor-se a correr riscos não implica a proposição de que ele deva fazer um vôo cego num processo analítico, pois é desde a escuta e a observação do que é apresentado pelo analisando que se concebe que aquele se posicione de forma transformadora; isto é o que Ferenczi sugeriu, por exemplo, ao introduzir a técnica da ‘análise pelo jogo’, em “Análise de crianças com adultos” (1931). Neste sentido, pode-se considerar que o afeto amizade, na prática clínica, tal como o exame da vida e obra de Ferenczi sugere, implica a proposição de que o analista participe da situação analítica como se esta fosse um jogo ou uma encenação. Este jogo compreende tanto a produção de regressões quanto de progressões no analisando, sendo necessário que estas sejam vivenciadas de forma dinâmica. No curso de uma dinâmica desta natureza são processadas, por exemplo, comunicações entre inconscientes e identificações, transferências e contratransferências, e, obviamente, interpretações. Também são processadas neocatarses, já que Ferenczi considerava que os distúrbios psiconeuróticos são originados em traumas ocorridos em alguma medida no plano da realidade, o que envolve a perspectiva de que o processo analítico possa tornar-se agonístico. Esta perspectiva agonística na relação analítica, aqui sugerida, sustenta-se na consideração de haver uma dimensão agonística necessária no campo intersubjetivo implicado na situação analítica que se pretenda ser transformadora – já que esta só pode ser concebida como relacionada à transformação requerida a pelo menos um dos parceiros participantes –, em vista do que o analista deve empreender uma espécie de luta, necessariamente. Neste sentido, torna-se plausível considerar que o analista possa não

oferecer garantias para a continuidade da cura, em relação à qual se compromete junto ao analisando, inicialmente, pois há que se levar em conta que suscitar uma análise implica estar suscetível a ser afetado por surpresas até então silenciadas no inconsciente do analisando. Por outro lado, devido ao fato de oferecer-se como um modelo, ao assumir em certa medida alguma responsabilidade, ao dedicar-se à escuta, observação e interrogação do analisando, e ainda, por encontrar-se norteado pelo empenho na obtenção da cura, associada à libertação caracterizada como um “novo começo” (*cf.* BALINT), o analista precisa dispor-se a correr riscos, e a não ter muito medo dos mesmos. Se assim é conduzida a análise, pode-se acreditar que se torne mais possível que o analisando seja compelido a dar curso a um processo de introspecção, e que se responsabilize por uma existência que se torna cada vez mais complexa, na contemporaneidade. Tal objetivo resulta, sem dúvida, num grande desafio para o ofício analítico, sobretudo no que se refere a seu exercício na contemporaneidade. Neste sentido, é preciso que o analista se disponha, então, e em certa medida, a oferecer-se ao analisando como um ideal de eu, ou seja, como um amigo, no interesse da elaboração de um outro futuro, ou, na expressão de Derrida, de um “por vir”, mesmo que não se possa ter certeza de sua possibilidade.

Ao apresentar-se como um elemento da realidade, passível de ser afetado pela transferência, e, desde aí, procurando elaborar – e também sublimar – na esfera psíquica o que estiver em jogo na contratransferência experimentada, o analista porta uma “liberdade de movimento” indispensável, como sugere Deutsch. Esta mobilidade no analista sustenta-se, então, na oscilação entre desejo e ação, que se processa de forma permanente, de modo a influir sobretudo em sua expressividade, algo fundamental à tentativa de fazer contato com o analisando. Nesta perspectiva, a amizade do analista, aqui proposta, adquire o sentido de uma mescla formada por desejo, ação e sublimação, em que também estão implicadas distância, irreprociabilidade e assimetria, condições comumente preconizadas como devendo ser adotadas. É sabido que a tarefa analítica implica, fundamentalmente, que o analista disponha da possibilidade de sublimar suas pulsões, o que sugere, por sua vez, a necessidade de ele ser capaz de experimentar e tolerar uma sempre irrevogável angústia de perda, ou de fracasso, a despeito de todos os seus esforços identificatórios e intelectual. A única garantia de sucesso, que se pode ter, então, deve se sustentar na “livre mobilidade da libido” do analista (*cf.* DEUTSCH), ou seja, na possibilidade de que esta não opere apenas ligada a seu narcisismo.

O vocabulário utilizado por Ferenczi, em que a palavra amizade e outras correlatas são inúmeras vezes utilizadas – muito mais vezes do que as citadas nesta

pesquisa –, chamou a atenção deste autor, portanto, com bastante propriedade. Pôde-se verificar, ao longo desta pesquisa, haver não poucas evidências de que a forma de Ferenczi pensar e praticar a psicanálise incluiu a disposição afetiva para o estabelecimento de uma espécie de amizade com o analisando, cuja radicalização, inclusive, adquiriu a forma técnica da análise mútua. A importância dada por Ferenczi à amizade ganhou relevo, quando foram feitos contrapontos às idéias de Freud, ou mesmo, a suas características pessoais. O *modus operandi* característico da clínica ferencziana, como ficou demonstrado, possibilita situar seu autor como comprometido com algo mais do que a tão conhecida escuta, interessada apenas no que é comunicado verbalmente, ou mediante associações livres.

Pode-se então considerar, que dar um direcionamento à demanda de psicoterapia – não necessariamente de análise – implica, dentre outras possibilidades estratégicas, a de que se conjugue, quando necessário, diversos recursos terapêuticos. O que aqui se cogita, enfim, é que é preciso considerar a eficácia – simbólica ou não – eventualmente favorecida por inúmeras possibilidades de cuidados de si, sendo o ‘cuidado’ proporcionado por um analista amigo, ele próprio terapêutico, por constituir-se numa forma de respeito ao sofrimento do analisando. Neste sentido, espera-se do analista que ele se posicione de formas diversas na direção da cura, sendo a da amizade agonística uma delas.

Considerar a influência exercida na subjetividade do analisando por um certo modo de o analista ser amigo envolve considerar a prática analítica como voltada também para a dimensão do político, da exterioridade e da atualidade. A exterioridade e a atualidade podem ser introduzidas na situação analítica, por exemplo, sob a forma de considerações que levem a esfera pública em conta, ou ainda, mediante uma certa maneira de proceder do analista, como num jogo, que evolua de forma amigável, verdadeira e sincera, sem uma preocupação demasiada com a eventual produção de tensão. Esta sinceridade pode implicar, por exemplo, que o analista manifeste ter dúvidas, por vezes, em relação ao que tem a dizer ao analisando, explicitando, então, os fatores envolvidos na dúvida. Assim, sentindo-se talvez motivado, ao perceber a possibilidade de ser instaurada uma simetria com o analista, em certa medida, é possível que o analisando sinta-se mais estimulado a se expor, fazendo um trabalho psíquico, de forma ao mesmo tempo lúdica e responsável. Uma forma amigável, alternadamente simétrica e assimétrica, convém destacar, implica a possibilidade de o trabalho analítico ser processado com base numa nova política da clínica psicanalítica.

### *Bibliografia citada*

**ANDRADE, Ricardo.** *A face noturna do pensamento freudiano: Freud e o romantismo alemão.* Niterói: EdUFF, 2000.

**AZOURI, Chawki.** “*J’ai réussi là où le paranoïaque échoue*”: l’a théorie a-t-elle un père? Paris: Éditions Denoël, 1991.

**BALINT, Michael** (1932). Character analysis and new beginning. In: *Primary love and psycho-analytic technique.* London: Tavistock Publications, 1965. p. 151-164.

\_\_\_\_\_. (1933). On transference of emotions. In: *Primary love and psycho-analytic technique.* London: Tavistock Publications, 1965. p. 165-177.

\_\_\_\_\_. (1959). *Les voies de la régression.* Paris: Éditions Payot & Rivages, 2000.

\_\_\_\_\_. (1968). *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

**BIRMAN, Joel.** *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. A servidão na psicanálise (Prefácio). In: FURTADO, Ângela P. *et al.* (Org.). *Fascínio e servidão.* Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 7- 20.

**BOKANOWSKI, Thierry.** *Sándor Ferenczi.* São Paulo: Via Lettera, 2000.

**BRABANT, Eva.** O pano de fundo da história (Prefácio). In: FALZEDER *et al.* (Org.). *Sigmund Freud & Sándor Ferenczi: correspondência.* Rio de Janeiro: Imago. v. I/tomo1. 1908-1911. 1994. p. 17-27.

**BREUER, Josef; FREUD, Sigmund** (1893). *Estudos sobre a histeria.* Fraülein Anna O. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 63-90. (ESB, 2).

**CANGUILHEM, Georges.** *O normal e o patológico.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

**COSTA, Jurandir Freire.** *Violência e psicanálise.* Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

\_\_\_\_\_. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

**DEUTSCH, Helene** (1926). Processus occultes em cours d’analyse. *Cahiers Confrontation*, Paris, n. 10, p. 27-38, automne 1983.

**DELEUZE, Gilles.** *Conversações: 1972-1990.* Rio de Janeiro: 34, 1996.

**DERRIDA, Jacques.** *Politiques de l’amitié.* Paris: Éditions Galilée, 1994.

\_\_\_\_\_. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

**DERRIDA, Jacques; FOUCAULT, Michel.** *Três tempos sobre a história da loucura.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

**DUPONT, Judith et al. (Ed.).** *Ferenczi & Groddeck. Correspondance (1921-1933)*. Paris: Payot, 1982.

\_\_\_\_\_. Les sources des inventions. In: \_\_\_\_\_. *Ferenczi & Groddeck. Correspondance (1921-1933)*. Paris: Payot, 1982. p. 11-37.

**ERIBON, Didier.** *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

**FALZEDER, Ernst; BRABANT, Eva; GIAMPIERI-DEUTSCH, Patrizia (Org.).** *Sigmund Freud & Sándor Ferenczi: correspondência, 1908-1911*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v. 1 / t. 1.

\_\_\_\_\_. *Sigmund Freud & Sándor Ferenczi: correspondência, 1912-1914*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. 1/2, t. 2.

\_\_\_\_\_. *Sigmund Freud & Sándor Ferenczi: correspondência, 1914-1919*. Paris: Calman-Lévy, 1996. t. 2.

\_\_\_\_\_. *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi. 1920-1933*. Cambridge, Massachusetts/London, England: The Belknap Press of Harvard University Press, 2000. v. 3.

**FÉDIDA, Pierre.** *Dos benefícios da depressão: elogio da psicoterapia*. São Paulo: Escuta, 2002.

**FERENCZI, Sándor (1900).** Conscience et développement. In: LORIN, C. (Org.). *Sándor Ferenczi: les écrits de Budapest*. Paris: E.P.E.L., 1994. p. 63-70.

\_\_\_\_\_. (1902). L'homossexualité féminine. In: LORIN, C. (Org.). *Sándor Ferenczi: les écrits de Budapest*. Paris: E.P.E.L., 1994. p. 151-156.

\_\_\_\_\_. (1909). Transferência e introjeção. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes. p. 77-108.

\_\_\_\_\_. (1910). Sobre a história do movimento psicanalítico. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 145-154.

\_\_\_\_\_. (1911). O papel da homossexualidade na patogênese da paranóia. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 155-171.

\_\_\_\_\_. (1912). O conceito de introjeção. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 181-183.

\_\_\_\_\_. (1914). O homoerotismo: nosologia da homossexualidade masculina. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 117-129.

\_\_\_\_\_. (1917). Minha amizade com Miksa Schächter. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 313-317.

\_\_\_\_\_. (1919). A técnica psicanalítica. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 357-367.

\_\_\_\_\_. (1921). Georg Groddeck: o explorador de almas. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 131-135.

\_\_\_\_\_. (1922a). Psicanálise e política social. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 167-170.

\_\_\_\_\_. (1922b). A metapsicologia de Freud. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 223-234.

\_\_\_\_\_. (1924a). Perspectivas da psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 225-240.

\_\_\_\_\_. (1924b). As fantasias provocadas. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 241-248.

\_\_\_\_\_. (1924c). Thalassa, ensaio sobre a teoria da genitalidade. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 255-325.

\_\_\_\_\_. (1925). Psicanálise dos hábitos sexuais. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 327-359.

\_\_\_\_\_. (1926a). Contra-indicações da técnica ativa. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 365-375.

\_\_\_\_\_. (1926b) Crítica do livro de Rank: 'Técnica da psicanálise'. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 405-413.

\_\_\_\_\_. (1928). Elasticidade da técnica psicanalítica. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 25-36.

\_\_\_\_\_. (1930a). Princípio de relaxamento e neocatarse. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 53-68.

\_\_\_\_\_. (1930b). O tratamento psicanalítico do caráter. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 215-221.

\_\_\_\_\_. (1931). Análise de crianças com adultos. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 69-83.

\_\_\_\_\_. (1933b). Confusão de língua entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 97-106.

\_\_\_\_\_. (1933c). Reflexões sobre o 'prazer da passividade' (Notas e fragmentos). In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 242-245.

\_\_\_\_\_. (1933d). Integration and splitting (Notas e fragmentos). In \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-278.

\_\_\_\_\_. *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

**FIGUEIREDO, Luis Claudio**. A tradição ferencziana de Donald Winnicott: apontamentos sobre regressão e regressão terapêutica. *Revista Brasileira de Psicanálise, ABP*, v. 36, n. 4, p. 909-927, 2002.

**FOUCAULT, Michel**. *Dits e écrits*. Paris: Gallimard, 1994. v. 4.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.

\_\_\_\_\_. *L'herméneutique du sujet: cours au Collège de France, 1981-1982*. Paris: Seuil/Gallimard, 2001.

**FREUD, Sigmund** (1900). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, 5).

\_\_\_\_\_. (1910[1909]). *Cinco lições de Psicanálise*. (ESB, 11).

\_\_\_\_\_. (1910). *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*. (ESB, 11).

\_\_\_\_\_. (1911). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)*. (ESB, 12).

\_\_\_\_\_. (1912). *Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise*. (ESB, 12).

\_\_\_\_\_. (1913 [1912-13]). *Totem e tabu*. (ESB, 13).

\_\_\_\_\_. (1914a). *Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)*. (ESB, 12).

\_\_\_\_\_. (1914b). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. (ESB, 14).

\_\_\_\_\_. (1914c). *A história do movimento psicanalítico*. (ESB, 14).

\_\_\_\_\_. (1915[1914]). *Observações sobre o amor transferencial*. (ESB, 14).

\_\_\_\_\_. (1915). *Reflexões sobre os tempos de guerra e morte*. (ESB, 14).

\_\_\_\_\_. (1922). *Sonhos e telepatia*. (ESB, 18).

\_\_\_\_\_. (1923). *Dr. Sándor Ferenczi (em seu 50º aniversário)*. (ESB, 19).

\_\_\_\_\_. (1933[1932]a). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Conferência 30: sonhos e ocultismo. (ESB, 22).

\_\_\_\_\_. (1933[1932]b). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Conferência 34: explicações, aplicações e orientações. (ESB, 22).

\_\_\_\_\_. (1937). *Análise terminável e interminável*. (ESB, 23).

**GAARDER, Jostein.** *O mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

**GAMA, Jairo Roberto de Almeida.** *Amizade e sociabilidade: um estudo do vínculo amistoso na constituição da subjetividade*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva)-Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2001.

**GAY, Peter.** *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989.

**GROTJAN, Martin.** Georg Groddeck, 1866-1934: o analista indômito. In: ALEXANDER, Franz *et al.* (Org.). *A história da psicanálise através dos seus pioneiros*. Rio de Janeiro: Imago, 1981. p. 351-363. v.1.

**HAYNAL, André.** *La technique em question: controverses em psychanalyse*. Paris: Payot, 1987.

\_\_\_\_\_. Michael Balint. Continueur de l'œuvre de Ferenczi. *Le Coq-Héron*, Paris, n. 155, t. 2. p. 5-13, avril 1999.

**HONNETH, Axel.** *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.

**JONES, Ernest.** *La vie et l'œuvre de Sigmund Freud*. Paris: Presses Universitaires de France, 1970. t. 1.

\_\_\_\_\_. *La vie et l'œuvre de Sigmund Freud*. Paris: Presses Universitaires de France, 1972. t. 2.

\_\_\_\_\_. *La vie et l'œuvre de Sigmund Freud*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969. t. 3.

**KUPERMANN, Daniel.** *Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições*. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

\_\_\_\_\_. *Ousar rir: humor e sublimação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a.

\_\_\_\_\_. A libido e o álbi do psicanalista. Uma incursão pelo *Diário clínico* de Ferenczi. *Pulsional. Revista de Psicanálise*, ano XVI, n. 68, p. 47-57, abr./2003b.

**LANDA, Fabio**. *Ensaio sobre a criação teórica em Psicanálise: de Ferenczi a Nicolas Abraham e Maria Torok*. São Paulo: UNESP / FAPESP, 1999.

**LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand**. *Vocabulaire de psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

**LIEBERMAN, Ernest James**. *La volonté en acte: la vie e l'œuvre d'Otto Rank*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

**LORIN, Claude**. *Sándor Ferenczi: de la médecine à la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

**McGUIRE, William (Org.)**. *Freud/Jung: correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

**MEZAN, Renato**. Do auto-erotismo ao objeto: a simbolização segundo Ferenczi. *Percursos*, v. 6, n. 10, p. 19-30. 1993.

**NASCIMENTO, Evando**. Ética, política e violência original: amizade, hospitalidade e soberana crueldade, segundo Derrida. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO DOS ESTADOS GERAIS DA PSICANÁLISE, 2001, São Paulo, SP. Disponível em: [http://www.estadosgerais.org/encontro/etica-politica-violencia\\_original.shtml](http://www.estadosgerais.org/encontro/etica-politica-violencia_original.shtml). Acesso em: 15/08/2004.

**NETTO, José Teixeira Coelho**. O fuçador das almas. In: GRODDECK, G. *O livro dl'sso*. São Paulo: Perspectiva. 1984.

**NIETZSCHE, Friedrich**. (1888). Ecce homo. Como tornar-se o que se é. In: \_\_\_\_\_. *Friedrich Nietzsche: obras completas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 411-413. (Os Pensadores).

**OLIVEIRA, Luiz Eduardo Prado de**. L'invention de Schreber. In: \_\_\_\_\_. *Le cas Schreber*. Paris: Presses Universitaires de France, 1979. p. 15-43.

**OLIVEIRA, Luiz Ricardo Prado de**. O poder da/na psicanálise. In: CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE, 10. FÓRUM BRASILEIRO DE PSICANÁLISE, 3., 1994, Belo Horizonte/MG. p. 362-367.

\_\_\_\_\_. Novas subjetividades: um desafio à psicanálise. In: FÓRUM BRASILEIRO DE PSICANÁLISE, 6., 2001, São Leopoldo/RS.

**ORTEGA, Francisco**. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida e Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

**PLASTINO, Carlos Alberto**. *O primado da afetividade: a crítica freudiana ao paradigma moderno*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

**PLATÃO**. Banquete. In: CLARET, M. (Ed.). *Apologia de Sócrates / Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2001. p. 87-174.

- PONTALIS, Jean-Bertrand.** *A força de atração.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- RICAUD, Michelle Moreau.** Balint entre Freud et Ferenczi. La régression comme exemple de double filiation théorique. *Le Coq-Héron*, Paris, n. 154, t. 1, p. 94-102. février 1999.
- ROAZEN, Paul.** *La saga freudienne.* Paris: Presses Universitaires de France, 1986.
- ROUDINESCO, Elisabeth.** *História da psicanálise na França. A batalha dos cem anos, 1885-1939.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. v. 1.
- SENNETT, Richard.** *Autoridade.* Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SCHMITT, Carl.** (1922). *Théologie politique.* Paris: Gallimard, 1988.
- \_\_\_\_\_. (1932/1963). *La notion de politique/Théorie du partisan.* Paris: Flammarion, 1992.
- THIS, Bernard.** Introdução à obra de Ferenczi. In: NASIO, J. D. (Dir.) *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 59-101.
- VAGUERÈSE, Laurent Le.** Introdução à obra de Groddeck. In: NASIO, J. D. (Dir.) *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p. 103-131.

### ***Bibliografia consultada***

- ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria.** *A casca e o núcleo.* São Paulo: Escuta, 1995.
- ALEXANDER, Franz; EISENSTEIN, Samuel; GROTJAN, Martin (Org.).** *A história da psicanálise através dos seus pioneiros.* Rio de Janeiro: Imago, 1981. 2 v.
- ARENDT, Hannah.** *A dignidade da política: ensaios e conferências.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- BALINT, Michael.** (1956). *Problems of human pleasure and behavior.* USA: Liveright Paperbound Edition, 1973.
- BARANDE, Ilse.** *Sandor Ferenczi.* Paris: Éditions Payot & Rivages, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt.** *O mal-estar da pós-modernidade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e ambivalência.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BIRMAN, Joel.** Freud e Ferenczi: confrontos, continuidades e impasses. In: KATZ, C. S. (Org.). *Ferenczi: história, teoria e técnica.* São Paulo: 34, 1996. p. 65-90.
- FERENCZI, Sándor.** (1913). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise II.* São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.39-53.
- \_\_\_\_\_. (1933a). Influência de Freud sobre a medicina. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise IV.* São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 85-96.
- \_\_\_\_\_. (1936). Apresentação sumária da psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Psicanálise IV.* São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 119-163.
- FIGUEIRA, Sérvulo Augusto.** *Contratransferência: de Freud aos contemporâneos.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

- FIGUEIREDO, Luís Claudio.** *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta, 1999.
- FOUCAULT, Michel.** *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.
- FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de.** *As identificações na obra de Freud*. Rio de Janeiro: Biblioteca de Psicanálise/Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle. [1980 ?].
- FREUD, Sigmund.** (1927) O futuro de uma ilusão. (ESB v. 21).  
 \_\_\_\_\_. (1930 [1929]). O mal-estar na cultura. (ESB, 21).  
 \_\_\_\_\_. (1933[1932]c) Por que a guerra? (ESB, 22).  
 \_\_\_\_\_. (1939[1934-38]). Moisés e o monoteísmo. (ESB, 23).
- HOFFER, Axel.** Asymétrie et mutualité dans la relation analytique; leçons actuelles à tirer de la relation Freud-Ferenczi. *Le Coq-Héron*, Paris, n. 125, p. 3-9, juillet 1992.
- KATZ, Chaim Samuel.** A clínica e o sofrimento; familiar e infamiliar. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Ferenczi: história, teoria e técnica*. São Paulo: 34, 1996. p. 121-148.
- KEHL, Maria Rita.** Existe a função fraterna? In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000. p. 31-47.
- LORIN, Claude (Org.)** *Sándor Ferenczi: les écrits de Budapest*. Paris: E.P.E.L.. 1994.
- MCDOUGALL, Joyce.** *Teatros do eu*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.  
 \_\_\_\_\_. *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MEZAN, Renato.** O símbolo e o objeto em Ferenczi. In: KATZ, C. S. (Org.). *Ferenczi: história, teoria e técnica*. São Paulo: 34, 1996. p. 91-120.
- ORTEGA, Francisco.** *Amizade e experimentos de sociabilidade: algumas reflexões a partir de Derrida e Foucault*. Apostila.
- PINHEIRO, Maria Teresa.** *Ferenczi: do grito à palavra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/UFRJ, 1995.  
 \_\_\_\_\_. Trauma e melancolia. In: KATZ, C. S. (Org.). *Ferenczi: história, teoria e técnica*. São Paulo: 34, 1996. p. 43-64.
- PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme. (Org.)**. *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.
- ROUDINESCO, Elisabeth.** *História da psicanálise na França: A batalha dos cem anos, 1925-1985*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. v. 2.  
 \_\_\_\_\_. *Genealogias*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.  
 \_\_\_\_\_. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ROUSTANG, François.** *Um destin si funeste*. Paris: Les Editions de Minuit, 1976.
- SABOURIN, Pierre.** *Ferenczi: paladino e grão-vizir secreto*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- SONTAG, Susan.** *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SCHUR, Max.** *Freud: vida e agonia*. Rio de Janeiro: Imago, 1981. 3v.
- WINNICOTT, Donald Woodrow.** *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.